

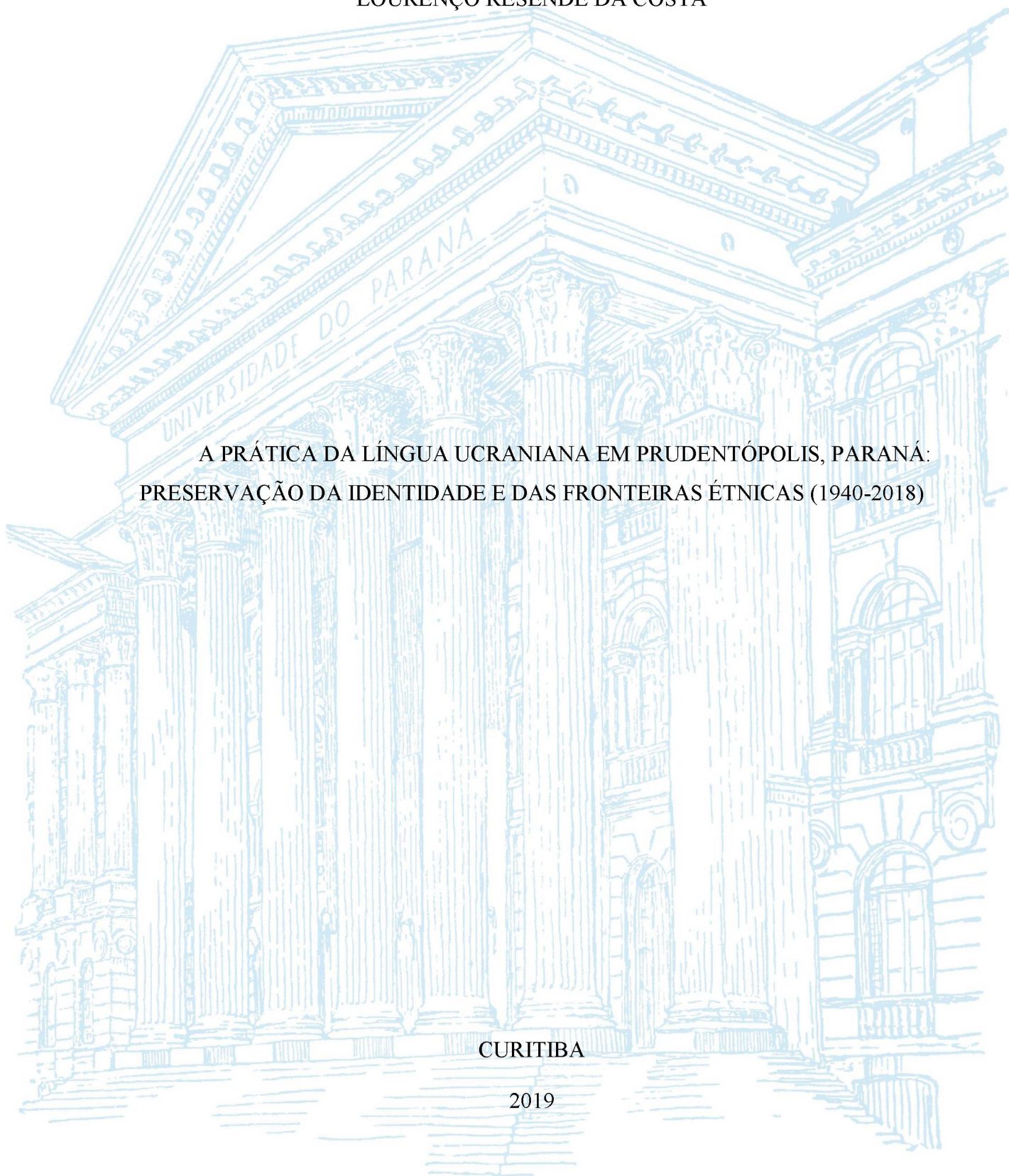
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LOURENÇO RESENDE DA COSTA

A PRÁTICA DA LÍNGUA UCRANIANA EM PRUDENTÓPOLIS, PARANÁ:  
PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE E DAS FRONTEIRAS ÉTNICAS (1940-2018)

CURITIBA

2019



LOURENÇO RESENDE DA COSTA

A PRÁTICA DA LÍNGUA UCRANIANA EM PRUDENTÓPOLIS:  
PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE E DAS FRONTEIRAS ÉTNICAS (1940-2018)

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História. Linha de pesquisa Espaço e Sociabilidades.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Odilon Nadalin

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Costa, Lourenço Resende da

A prática da língua ucraniana em Prudentópolis, Paraná : preservação da identidade e das fronteiras étnicas (1940-2018) . / Lourenço Resende da Costa. – Curitiba, 2019.

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Sérgio Odilon Nadalin

1. Língua ucraniana – História - Prudentópolis (PR). 2. Imigrantes ucranianos – Identidade étnica. 3. História oral. I. Nadalin, Sérgio Odilon.  
II. Título.

CDD – 491.7909

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **LOURENÇO RESENDE DA COSTA**, intitulada: **A PRÁTICA DA LINGUA UCRANIANA EM PRUDENTÓPOLIS, PARANÁ: PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE E DAS FRONTEIRAS ÉTNICAS (1940-2018)**., sob orientação do Prof. Dr. SERGIO ODILON NADALIN, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 23 de Agosto de 2019.



SERGIO ODILON NADALIN

Presidente da Banca Examinadora



ROSELI TEREZINHA BOSCHILIA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
PARANÁ)



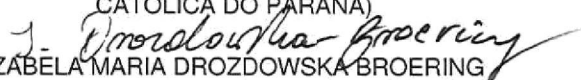
JAIR ANTUNES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
CENTRO-OESTE)



VALQUIRIA ELITA RENK

Avaliador Externo (PONTIFICA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DO PARANÁ)



IZABELA MARIA DROZDOWSKA BROERING

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA)





*Dedico essa Tese aos meus pais,*

*Pessoas que não tiveram as mesmas oportunidades que eu.*

*Também dedico aos milhões de brasileiros que não tiveram e não terão acesso à Universidade pública.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço...

Primeiramente a Deus pela vida.

Aos meus pais pelo amor e pelos exemplos.

Aos meus irmãos pelo apoio.

Ao professor Dr Sergio Odilon Nadalin, meu orientador, pela orientação exigente. O conhecimento teórico e empírico demonstrado em suas observações não apenas mostraram um conhecedor de seu ofício, mas também demonstraram uma pessoa disposta a compartilhar o conhecimento e ensinar.

À Lucimara Koss com quem dividi angústias e alegrias. Agradeço pelo seu companheirismo não apenas em viagens e trabalhos acadêmicos, mas por sempre me mostrar que é possível pensar diferente. Pela sua presença e pelo seu carinho.

À amizade de José Junio, parceiro de publicações, de cursos e de desafios.

Aos colegas da Pós-graduação pelas contribuições nos debates, pelas experiências compartilhadas nas aulas e principalmente pelos momentos de alegria que compartilhamos: Franciele, Daniel, Lara, Andrea e Ana. Vocês fizeram valer a pena.

Agradeço...

À Maria Cristina, secretária do Programa, pela atenção dispensada em tantos momentos.

À Marcely Antonio por me auxiliar em minhas primeiras entrevistas em Linha Ligação. Sua ajuda foi fundamental. Também agradeço pela elaboração do mapa de Prudentópolis no final da introdução, trabalho realizado especialmente para esta Tese a partir da junção de informações de mapas e imagens existentes. Gratidão imensa.

À Maria Elaine Mikos que gentilmente revisou a variação percentual da populacional do município, algo simples para uma Contadora. Mas, algo que traz insegurança para um historiador sem muitas habilidades com os números.

À professora Claudete Maria Petriw pelo auxílio na realização de diversas entrevistas e por me esclarecer muitas dúvidas a respeito da *ucraneidade*.

Às professoras Maria Inêz Antonio Skavronski e Eliane Crestiane Lupepsa Costenaro pelas conversas e esclarecimentos sobre Prudentópolis e os ucranianos.

À professora Marta Belo pela tradução de textos do ucraniano para o português e vice-versa.

À professora Mariluci Dias Cambui de Melo e André Akamine Ribas pela revisão final da Tese.

Ao professor Josafat Koltun pela ajuda na elaboração de tabela com palavras em língua portuguesa adaptadas pelos descendentes de ucranianos.

Ao professor Elison Pontarolo pelo auxílio com o Diagrama. Eu não teria conseguido fazer sozinho.

À todas as pessoas que cederam suas entrevistadas, por reservarem parte do seu tempo para as conversas gravadas. Essa Tese não teria sido possível sem a colaboração de vocês.

As(aos) professores(as), funcionários(as) e diretores(as) das escolas estaduais em que realizei levantamento empírico para esta Tese, sobretudo os gráficos e tabelas dos anexos. Especialmente agradeço à direção, equipe pedagógica, funcionários e colegas professores do Colégio Imaculada Conceição pelo Apoio.

À banca de qualificação composta pelas Doutoradas Roseli Terezinha Boschilia (UFPR) e Izabela Maria Drozdowska Broering (UFSC) pelas críticas, sugestões e leitura atenta que contribuíram para que o texto fosse melhorado e pudesse ter condições de alcançar o objetivo.

À banca final pela seriedade da avaliação, pelas críticas e também generosidade nos elogios e sugestões, bem como pela exigência em pontos fundamentais. Banca presidida pelo meu orientador, Doutor Sergio Odilon Nadalin (UFPR), e composta pelas Doutoradas Roseli Terezinha Boschilia (UFPR), Izabela Maria Drozdowska Broering (UFSC), Valquíria Elita Renk (PUC-PR) e pelo Doutor Jair Antunes (UNICENTRO).

Por fim agradeço aos milhões de brasileiros que pagaram impostos e assim possibilitaram que a CAPES me concedesse uma bolsa de estudos ao longo de quatro anos; Milhões de brasileiros que financiam a Universidade, mas que nunca tiveram e não terão a oportunidade de estudar e concluir o ensino superior. O que aumenta a minha responsabilidade social...

*Parar. Para não paro.*

*Esquecer. Esquecer não esqueço.*

*Se caráter custa caro pago o preço.*

*Pago embora raro.*

*Mas homem não tem avesso e o peso da pedra eu comparo à força do arremesso.*

*Um rio, só se for claro.*

*Correr sim, mas sem tropeço.*

*Mas se tropeçar não paro, não paro nem mereço.*

*E que ninguém me dê amparo nem me pergunte se padeço.*

*Não sou nem serei avaro, se caráter custa caro pago o preço.*

*(Sidónio Muralha)*



## RESUMO

O objetivo nesse estudo foi compreender como a língua ucraniana, falada pelos descendentes de ucranianos no município paranaense de Prudentópolis entre 1940 e 2018, teria sido fundamental na preservação da identidade e/ou na construção das fronteiras étnicas do grupo. Instalados a partir da última década do século XIX, ainda recentemente o idioma era aprendido no contexto familiar antes do português. O recorte temporal justifica-se em função da utilização de fontes orais. Quarenta pessoas entrevistadas foram distribuídas em função da idade em quatro gerações ou *coortes*; o intuito foi analisar as mudanças no uso da língua e na percepção das pessoas acerca dessa utilização ao longo dos anos, distinguindo-se as gerações. Em função da reiterada importância atribuída à Igreja no processo de preservação da língua ucraniana foram também realizadas oito entrevistas com religiosos ucraino-brasileiros (padres, catequistas e freiras). Além da metodologia da História Oral, as considerações teórico-metodológicas de Karl Mannheim no que concerne às gerações foram de suma importância, bem como de outros autores que também tratam das implicações do uso deste conceito como categoria de análise. No que diz respeito à identidade étnica e cultural os escritos de Fredrik Barth e Denys Cuche foram utilizados na fundamentação teórica; ambos os autores apregoam que a identidade e suas fronteiras são fruto de relações sociais e culturais. O uso da língua ucraniana ocorre em diferentes ambientes, portanto, a conceituação de lugar e espaço na perspectiva de Michel de Certeau mostrou-se adequada para a pesquisa. Uma vez que as entrevistas são gravadas no presente, mas com o intuito de compreender o passado e suas mudanças ao longo do tempo, é que as definições de memória foram problematizadas, principalmente a partir de Joël Candau. A tese desenvolve-se em cinco capítulos, da seguinte maneira. No capítulo 1 buscou-se compreender a luta histórica dos ucranianos pelo direito de uso do seu próprio idioma tanto na Europa como no Brasil. No capítulo 2 foi analisado como o monolinguismo ucraniano passou-se para o bilinguismo ucraniano-português até atingir-se ou configurar-se uma situação de *diglossia*. Nos capítulos 3 e 4 foram analisadas as diferentes percepções entre as amostragens das quatro gerações acerca da importância e do uso da língua ucraniana e como ela foi/é um fator de preservação da identidade e delimitação das fronteiras étnicas. No capítulo 5 buscou-se analisar o papel da Igreja nesse processo e a visão do clero sobre o tema. O que foi possível concluir ao final da pesquisa é que a língua, ainda que falada cada vez menos pelas gerações mais jovens, representou e continua sendo um elo identitário e um fator fundamental das fronteiras étnicas entre os descendentes de ucranianos.

Palavras-chave: Prudentópolis. Língua ucraniana. Identidade. Fronteiras étnicas. Gerações.

## ABSTRACT

The aim of this study was to understand how the Ukrainian language, spoken by the Ukrainian descendants in the town of Prudentópolis, between 1940 and 2018, was fundamental in the preservation of identity and/or in the construction of the ethnic boundaries of the group. Settled since the last decade of the nineteenth century, still recently the language was learnt in the family context before Portuguese. The time frame is justified on the basis of the use of oral sources. Forty people were interviewed and distributed in four generations or *cohorts*, according to their age. The aim was to analyze the changes in the use of the language and in the people's perception on this use throughout the years, distinguishing the generations. Because of the major importance attributed to the Church in the process of preservation of the Ukrainian language, eight interviews with Ukrainian-Brazilian religious people (priests, catechists and nuns) were also carried out. Apart from the methodology of Oral History, Karl Mannheim's theoretical-methodological considerations regarding the generations were extremely important, as well as other author's considerations that also deal with the implications of the use of this concept as a category of analysis. Concerning the ethnic and cultural identity, Fredrik Barth's and Denys Cuche's writings were used in the theoretical foundation; both authors state that identity and its boundaries are the fruit of social and cultural relationships. The use of the Ukrainian language takes place in different environments; therefore, the conception of place and space from Michel de Certeau's perspective proved to be adequate for the research. Since the interviews are recorded in the present, but with the aim of understanding the past and its changes over time, the definitions of memory were problematized, mainly from Joel Candau. The thesis is developed in five chapters, as follows. In chapter 1, there was an attempt to understand the Ukrainians' historical struggle for the right to use their own language both in Europe and in Brazil. In chapter 2, an analysis was made on how the Ukrainian monolingualism moved to the Ukrainian-Portuguese bilingualism until it reached or configured a situation of *diglossia*. In chapters 3 and 4, an analysis was made on the different perceptions about the importance and the use of the Ukrainian language, among the samples of the four generations, and on how the language was/is a factor of identity preservation and delimitation of ethnic boundaries. In chapter 5, there was an attempt to analyze the role of the Church in this process and the clergy view on the theme. What was possible to conclude at the end of the research is that the language, even if less and less spoken by the younger generations, represented and is still an identity link and a fundamental factor of the ethnic boundaries among the Ukrainian descendants.

Kew words: Prudentópolis. The Ukrainian language. Identity. Ethnic boundaries. Generations.

## РУЗІОМЕ

Метою даного дослідження було зрозуміти, як українська мова, що говорять нащадки українців у муніципалітеті Прудентополіс в роках 1940 / 2018, допомогла зберегти ідентичність та побудову етнічних кордонів групи. Встановлене з останнього десятиліття XIX століття, і навіть останнім часом їх проживання ще у сім'ї вивчали українську мову раніше від португальсько мову. Цей часовий період виправданий використанням усної інформації: було опитано сорок людей, чотирьох поколінь. Цей підрозділ має на меті проаналізувати зміни в ужитку мови та її сприйняття людьми протягом багатьох років між одним та другим поколінням. З уваги на постійну вагу Української Католицької Церкви Східного Обряду в процесі збереження української мови, було проведено вісім інтерв'їв з українсько-бразильськими релігійними (священниками, катехитами та черницями). Крім методології усної історії, беручи до уваги теоретико-методологічні міркування Карла Мангейма щодо поколінь, а також інші автори, які студіюють наслідки використання цієї концепції як категорії аналізу. Що стосується ідентичності етнічності та культурної письма Фредріка Барта та Деніса Куше були використані в теоретичній основі; обидва автори стверджують, що ідентичність та її межі є результатом соціальних та культурних відносин. Використання української мови відбувається в різних середовищах, тому концептуалізація місця та простору з точки зору Мішеля де Серто виявились відповідні для досліджень. Оскільки інтерв'ю записуються в сучасності, але з уваги зрозуміння минулого та його змін з часом, визначення пам'яті було проблематизовано, зокрема, від Джоля Кандау. Дисертація розроблена у п'ять розділах: У першому розділі намагалися зрозуміти історичну боротьбу українців за право використовувати свою мову як в Європі, так і пізніше в Бразилії. Вже У другому розділі проаналізовано, як перейшла мова від українського " монолінгвізм" до українсько-португальського білінгвізму, аж до досягнення або налаштування ситуації диглосії (двомовності). У третьому і четвертому розділах ми проаналізували різні уявлення та сприйняття досліджених чотирьох поколінь щодо важливості та використання української мови та того, як вона була / є фактором збереження ідентичності та розмежування етнічних кордонів. У п'ятому розділі ми намагалися проаналізувати роль Церкви в цьому процесі і погляди духовенства про цю тему. Що можна було залучити в цьому дослідженні це те, що мова, хоч і все менше говорять молодші покоління, представляє і залишається зв'язком ідентичності та фундаментальним фактором етнічних кордонів між нащадками українців.

Ключові слова: Прудентопіль. Українська мова. Ідентичність. етнічні кордони. покоління.

## RESUMEN

El objetivo de este estudio fue comprender cómo el idioma ucraniano, hablado por los descendientes de ucranianos en el municipio paranaense de Prudentópolis entre 1940 y 2018, habría sido fundamental para preservar la identidad y/o construcción de las fronteras étnicas del grupo. Instalados desde la última década del siglo XIX, el idioma, todavía recientemente, era aprendido en el contexto familiar antes del portugués. El corte temporal se justifica debido al uso de fuentes orales. Cuarenta personas entrevistadas fueron distribuidas según la edad en cuatro generaciones o cohortes; el objetivo fue analizar los cambios en el uso del idioma y la percepción de las personas sobre este uso a lo largo de los años, distinguiéndose las generaciones. En función de la reiterada importancia atribuida a la Iglesia en el proceso de preservación del idioma ucraniano, también se realizaron ocho entrevistas con religiosos ucranianos-brasileños (sacerdotes, catequistas y monjas). Además de la metodología de Historia Oral, las consideraciones teórico-metodológicas de Karl Mannheim en lo que concierne a las generaciones fueron de suma importancia, así como otros autores que también se ocupan de las implicaciones de usar este concepto como una categoría de análisis. Con respecto a la identidad étnica y cultural, los escritos de Fredrik Barth y Denys Cuche fueron utilizados en la base teórica; ambos autores afirman que la identidad y sus fronteras son resultado de las relaciones sociales y culturales. El uso del idioma ucraniano ocurre en diferentes entornos, por lo que la conceptualización del lugar y el espacio desde la perspectiva de Michel de Certeau resultó ser apropiada para la investigación. Dado que las entrevistas se registran en el presente, pero con el objetivo de comprender el pasado y sus cambios a lo largo del tiempo, las definiciones de memoria fueron problematizadas, principalmente a partir de Joël Candau. La tesis se desarrolló en cinco capítulos, de la siguiente manera. En el Capítulo 1 se buscó comprender la lucha histórica de los ucranianos por el derecho a usar su propio idioma tanto en Europa como en Brasil. En el capítulo 2 se analizó cómo desde el monolingüismo ucraniano se pasó al bilingüismo ucraniano-portugués hasta que se alcanzó o se configuró una situación de *diglosia*. En los capítulos 3 y 4 fueron analizadas las diferentes percepciones entre los muestreos de las cuatro generaciones acerca de la importancia y del uso del idioma ucraniano y cómo fue/es un factor de preservación de la identidad y delimitaciones de las fronteras étnicas. En el Capítulo 5 se buscó analizar el papel de la Iglesia en este proceso y la visión del clero sobre el tema. Lo que fue posible concluir al final de la investigación es que el idioma, aunque cada vez menos hablado por las generaciones más jóvenes, representó y sigue siendo un vínculo identitario y un factor fundamental de las fronteras étnicas entre los descendientes de ucranianos.

**Palabras-claves:** Prudentópolis. Lengua ucraniana. Identidad. Fronteras étnicas. Generaciones.



## RIASSUNTO

L'obiettivo in questo studio è stato quello di capire come la lingua ucraina, parlata dai discendenti degli ucraini nella comune paranaense di Prudentópolis tra 1940 e 2018, sarebbe stata fondamentale alla preservazione dell'identità e/oppure per la costruzione delle frontiere etniche del gruppo. Immigrati lì dall'ultimo decennio dell'Ottocento, ancora fino a poco tempo la loro lingua era imparata nel contesto familiare prima del portoghese. Lo spazio temporale è giustificato in funzione dell'uso delle fonti orali. Quaranta persone intervistate sono state divise per età in quattro generazioni o *coortes*; il proposito è stato analizzare i cambiamenti nell'uso della lingua e nella percezione delle persone verso questa utilizzazione lungo gli anni, segnalando le generazioni. A causa della grande importanza attribuita alla Chiesa nel processo di preservazione della lingua ucraina sono state anche realizzate otto interviste con religiosi ucraino-brasiliani (preti, catechiste e suore). Oltre la metodologia della Storia Orale, le considerazioni teorico-metodologiche di Karl Mannheim relative alle generazioni sono state molto importanti, così come quelle di altri autori che anche discorrono delle implicazioni dell'uso di questo concetto come categoria di analisi. Per quanto riguarda l'identità etnica e culturale, gli scritti di Fredrik Barth e Denys Cuhe sono stati utilizzati come fondamentazione teorica, ambedue affermano che l'identità e i suoi confini sono il risultato di relazioni sociali e culturali. Come l'uso della lingua ucraina avviene in diversi ambienti, i concetti di luogo e spazio presentati da Michel de Certeau si sono dimostrati appropriati per la ricerca. Poiché le interviste sono state registrate nel presente, ma con l'intento di capire il passato e i suoi cambiamenti nel tempo, anche definizioni di memoria sono state problematizzate, principalmente quelle da Joël Candau. Essendo così, la tesi si sviluppa in cinque capitoli. Nel capitolo 1 si è cercato di comprendere la lotta storica degli ucraini per conquistare il diritto di parlare il suo proprio idioma, tanto in Europa, quando dopo in Brasile. Nel capitolo 2 è stato analizzato come si è passato dal "monolinguismo" ucraino al bilinguismo ucraino-portoghese fino a raggiungersi o configurarsi una situazione di *diglossia*. Nei capitoli 3 e 4 sono state analizzate le differenti percezioni tra le campionature delle quattro generazioni verso l'importanza e l'uso della lingua ucraina e come lei è stata, e si ancora è, un fattore di preservazione dell'identità e delimitazione delle frontiere etniche. E nel capitolo 5 si è cercato di analizzare il ruolo della Chiesa in questo processo e la visione del clero su il tema. Ciò che è stato possibile concludere alla fine della ricerca è che la lingua, sebbene parlata sempre meno dalle generazioni più giovani, ha rappresentato e rimane ancora un legame di identità e un fattore chiave ai confini etnici tra i discendenti ucraini.

Parole-chiavi: Prudentópolis. Lingua ucraina. Identità. Frontiere etniche. Generazioni.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - QUATRO GERAÇÕES DE ENTREVISTADOS (1940-2000) .....	30
TABELA 2 - POPULAÇÃO RURAL E URBANA DE PRUDENTÓPOLIS.....	108
TABELA 3 - TAXA DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO URBANA DE PRUDENTÓPOLIS.....	109
TABELA 4 - CASAMENTOS INTERÉTNICOS EM PRUDENTÓPOLIS – PR (1900–1995) .....	149

## LISTA DE IMAGENS E MAPAS

IMAGEM 1 - DIAGRAMA DA HISTÓRIA DE PRUDENTÓPOLIS EM QUATRO PERÍODOS (1940-2018) .....	178
IMAGEM 2 - FACHADA DO MUSEU DO MILÊNIO – PRUDENTÓPOLIS-PR.....	188
MAPA 1 - PRUDENTÓPOLIS: SEDE URBANA E PRINCIPAIS COMUNIDADES DE RESIDÊNCIA DAS PESSOAS ENTREVISTADAS.....	46
MAPA 2 - IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO – 1848-1914.....	60
MAPA 3 - UCRÂNIA E SEUS LIMITES (2010) .....	64
MAPA 4 - O USO DA LÍNGUA RUSSA NAS MACRORREGIÕES DA UCRÂNIA (2003) .....	65

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>2</b>	<b>A HISTÓRIA DA LÍNGUA UCRANIANA: UM FATOR DE ETNICIDADE.....</b>	<b>47</b>
2.1	A LÍNGUA UCRANIANA: ASPECTOS HISTÓRICOS DO SURGIMENTO E REPRESSÃO DA LÍNGUA NA UCRÂNIA .....	47
2.2	A LÍNGUA COMO FATOR ÉTNICO .....	69
<b>3</b>	<b>A LÍNGUA UCRANIANA EM FACE DO MONOLINGUISMO, DO BILINGUISMO E DA DIGLOSSIA.....</b>	<b>80</b>
3.1.	MONOLINGUISMO, BILINGUISMO E A DIGLOSSIA NOS CONTATOS ENTRE UCRANIANO/PORTUGUÊS – PORTUGUÊS/UCRANIANO .....	80
3.2	O CHOQUE ÉTNICO: DESCENDENTES DE UCRANIANOS E O CONTATO COM A LÍNGUA PORTUGUESA .....	94
<b>4</b>	<b>A LÍNGUA NA TRANSIÇÃO E NA RELAÇÃO INTERGERACIONAL .</b>	<b>103</b>
4.1	AS GERAÇÕES E O USO/MANUTENÇÃO DA LÍNGUA E DA IDENTIDADE ÉTNICA.....	103
4.2	DE 1940 A 1950: A PRIMEIRA <i>COORTE</i> .....	111
4.3	DE 1960 A 1970: A SEGUNDA <i>COORTE</i> .....	140
<b>5</b>	<b>O USO DA LÍNGUA NAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: CONTINUIDADES E RUPTURAS.....</b>	<b>166</b>
<b>5.1</b>	<b>DE 1980 A MEADOS DOS ANOS 1990: A TERCEIRA <i>COORTE</i>.....</b>	<b>166</b>
<b>5.2</b>	<b>FINAL DA DÉCADA DE 1990 AO INÍCIO DOS ANOS 2000: A QUARTA <i>COORTE</i>.....</b>	<b>175</b>
<b>5.3</b>	<b>O CONVÍVIO ENTRE DIFERENTES GERAÇÕES EM UM MESMO ESPAÇO E MESMO RECORTE DE TEMPO: TEMPORALIDADES TRANSVERSAIS .....</b>	<b>177</b>
<b>6</b>	<b>IMPrensa E Religião: Pilares da Língua Ucraniana .....</b>	<b>197</b>
6.1	A IMPrensa UCRANIANA E A MANUTENÇÃO DA LÍNGUA EM PRUDENTÓPOLIS.....	197
6.2	LÍNGUA UCRANIANA E RELIGIÃO: A ATUAÇÃO DOS PADRES UCRANIANOS A RESPEITO DO USO DA LÍNGUA E SUA IMPORTÂNCIA NA MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE.....	206



6.3	A ATUAÇÃO DAS FREIRAS E CATEQUISTAS UCRANIANAS ACERCA DA LÍNGUA E SUA IMPORTÂNCIA NA MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE .....	219
7	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>227</b>
	<b>FONTES ORAIS .....</b>	<b>232</b>
	<b>DEMAIS FONTES (IMPRESSAS E ON-LINE).....</b>	<b>235</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>239</b>
	<b>APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>249</b>
	<b>APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA 2 (MEMBROS DO CLERO).....</b>	<b>251</b>
	<b>APÊNDICE 3 - FORMULÁRIO: COLETA DE DADOS ACERCA DA COMPOSIÇÃO ÉTNICA E USO DA LÍNGUA UCRANIANA ENTRE OS ALUNOS DOS COLÉGIOS ESTADUAIS DE PRUDENTÓPOLIS E SEUS GENITORES.....</b>	<b>252</b>
	<b>APÊNDICE 4 - AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>254</b>
	<b>APÊNDICE 5 - TABELA: PALAVRAS ADAPTADAS PARA A LÍNGUA UCRANIANA EM PRUDENTÓPOLIS .....</b>	<b>255</b>
	<b>APÊNDICE 6 - TABELA: USO DA LÍNGUA UCRANIANA E ASCENDÊNCIA UCRANIANA DOS ALUNOS DOS COLÉGIOS ESTADUAIS DE PRUDENTÓPOLIS .....</b>	<b>256</b>
	<b>APÊNDICE 7 - GRÁFICO: USO DA LÍNGUA UCRANIANA E ASCENDÊNCIA UCRANIANA DOS ALUNOS DOS COLÉGIOS ESTADUAIS DE PRUDENTÓPOLIS .....</b>	<b>257</b>
	<b>APÊNDICE 8 - TABELA: USO DA LÍNGUA UCRANIANA E ASCENDÊNCIA UCRANIANA DOS PAIS DOS ALUNOS DOS COLÉGIOS ESTADUAIS DE PRUDENTÓPOLIS.....</b>	<b>258</b>
	<b>APÊNDICE 9 - GRÁFICO: USO DA LÍNGUA UCRANIANA E ASCENDÊNCIA UCRANIANA DOS PAIS DOS ALUNOS DOS COLÉGIOS ESTADUAIS DE PRUDENTÓPOLIS.....</b>	<b>259</b>
	<b>APÊNDICE 10 - GRÁFICO: USO DA LÍNGUA UCRANIANA E ASCENDÊNCIA UCRANIANA DAS MÃES DOS ALUNOS DOS COLÉGIOS ESTADUAIS DE PRUDENTÓPOLIS.....</b>	<b>260</b>
	<b>APÊNDICE 11 - TABELA: PAIS DOS ALUNOS DOS COLÉGIOS ESTADUAIS DE PRUDENTÓPOLIS QUE NASCERAM NO MUNICÍPIO.....</b>	<b>261</b>

<b>APÊNDICE 12 - GRÁFICO: PORCENTAGEM DE PAIS DOS ALUNOS CONSULTADOS QUE NASCERAM EM PRUDENTÓPOLIS E EM OUTROS MUNICÍPIOS.....</b>	<b>262</b>
<b>APÊNDICE 13 - GRÁFICO: PORCENTAGEM DE MÃES DOS ALUNOS CONSULTADOS QUE NASCERAM EM PRUDENTÓPOLIS E EM OUTROS MUNICÍPIOS.....</b>	<b>263</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A questão que este trabalho tenta demonstrar nos capítulos que se seguirão é como a língua foi/será, para os imigrantes de ascendência ucraniana em Prudentópolis, município do interior do Paraná, uma importante característica na manutenção da identidade e na preservação/reconstrução das fronteiras étnicas. Para tanto, os pressupostos de Fredrik Barth (2011) a respeito do tema serão utilizados para a análise das fontes, com o intuito de verificação da hipótese de que o idioma é um fator fundamental para a etnicidade ucraniana no município.

Com o conjunto de entrevistas explicitado na tabela 1 (pagina 30) o objetivo foi perceber se a língua é ou não um fator de etnicidade para os descendentes de ucranianos, e como seu uso sofreu transformações ao longo das gerações. Dito dessa forma o problema parece simples, mas é preciso compreender que a geração não é apenas o conjunto de pessoas com a mesma faixa etária. Para essa análise, a conceituação de geração feita por Karl Mannheim (1993)<sup>1</sup> foi/será imprescindível.

Mas, para pensarmos a identidade étnica ucraniana ou a construção das fronteiras étnicas a partir da língua em Prudentópolis é fundamental não perdermos de vista a chegada dos ucranianos ao Brasil. As primeiras pessoas com essa origem chegaram ao atual município paranaense na última década do século XIX.

O atual município de Prudentópolis fazia parte do território de Guarapuava e até 1884 era conhecido como São João do Rio Claro. O local onde hoje é o centro urbano recebeu cerca de 40 famílias oriundas, principalmente, de São Paulo e da Lapa, que ali se instalaram diante das promessas de progresso com a construção da linha telegráfica que passaria pela região.

Em 1884 o lugar passou a ser chamado de São João de Capanema, em homenagem ao Barão de Capanema, sendo transformado em distrito em 1886 (OGLIARI, 1999, p. 71-73). Em 1896 a Vilinha, como o distrito também era conhecido, passou a ser chamada de Prudentópolis em homenagem ao presidente Prudente de Moraes.

---

<sup>1</sup> Karl Mannheim trabalha com uma perspectiva de geração em que são privilegiadas as rupturas e as ações de homens. No entanto, a ideia de geração do autor tem sido adaptada e utilizada por diferentes pesquisadores de distintas áreas e pode ser utilizada para o tratamento das fontes consultadas. Além disso, a conceituação de geração utilizada aqui, embora fundamentada no autor alemão, parte do pressuposto que mais que as rupturas o relevante é pensar os contatos e a convivência de pessoas de diferentes faixas etárias em um mesmo espaço.

Essa mudança ocorreu por iniciativa do Dr. Cândido Ferreira de Abreu, após a criação de uma colônia para a recepção de imigrantes. A colonização se deu a partir de dois núcleos coloniais, Senador Correa e Jesuíno Marcondes, que acabaram dando origem a diversas comunidades (SKAVRONSKI, 2015, p. 38)<sup>2</sup>. Em 5 de março de 1906, com a Lei Estadual nº 615, Prudentópolis fazia sua emancipação política de Guarapuava.

Em razão do momento em que os ucranianos chegaram ao Paraná, uma quantidade significativa foi mandada para regiões distantes dos centros urbanos maiores e da capital. Importante ressaltar que na década de 1860 e, principalmente, na década de 1870 muitos imigrantes eram instalados em colônias próximas dos centros urbanos maiores, sobretudo da capital. Por isso o interior continuou “despovoado”. No entanto, no final do século XIX os esforços dos governantes do Paraná eram no sentido de colonizar as vastas áreas longe das cidades. Por isso Prudentópolis foi o destino de milhares de ucranianos. Essa política adotada pelas autoridades paranaenses instalou muitos deles em áreas distantes e de difícil acesso. Isso foi extremamente penoso para pessoas que desconheciam o clima, as terras, a fauna e a flora e que careciam de ajuda para o início de uma nova vida (GUÉRIOS, 2007).

No Paraná, esses imigrantes, acostumados à vida camponesa, continuaram, na maior parte das vezes, desenvolvendo atividades ligadas à agricultura. Os ucranianos que foram trazidos para Prudentópolis se dedicaram quase exclusivamente ao trabalho em pequenas propriedades em que a mão de obra era familiar (HAURESKO, 2015).

A concentração de imigrantes ucranianos nas colônias em regiões com acesso mais difícil, quando comparadas àquelas criadas ao redor de Curitiba, facilitou a formação de comunidades com certa homogeneidade. Nesse sentido, havia entre os ucranianos uma configuração que lhes permitia se identificarem enquanto grupo cultural. No entanto, conforme as interações com brasileiros e outros imigrantes não ucranianos passaram a ocorrer de forma frequente, as fronteiras étnicas foram sendo estabelecidas. Seguindo os pressupostos barthianos, veremos que será justamente nesse contato que a etnicidade será edificada.

Os ucranianos percebiam a necessidade de aprender uma língua diferente (a língua portuguesa) para realizarem atividades cotidianas, mas entre a percepção e o efetivo aprendizado há um hiato, pois em alguns locais algumas pessoas continuaram durante muito tempo sem aprender o vernáculo nacional brasileiro; a convivência com pessoas de costumes

---

<sup>2</sup> A Linha Jesuíno Marcondes, antigo núcleo Jesuíno Marcondes, fica no sul do município, enquanto a Linha Senador Correa, antigo núcleo homônimo, está localizada na região norte de Prudentópolis.



diversos dos seus acentuava o contraste; as diferenças entre o rito da igreja latina e o rito da igreja ucraniana também tornavam mais clara a percepção de que havia um "nós" e um "eles", e dessa maneira estava sendo construída a identidade étnica (BARTH, 2011).

As relações interpessoais (os contatos) ocorrem em um contexto e, para compreender a identidade étnica, Barth (2011) destaca que a ecologia (ambiente) e a demografia são fundamentais. Por essa razão é preciso considerar que Prudentópolis, além da localização geográfica (distante cerca de 200 quilômetros da capital do Estado e com acesso precário a outras cidades maiores), recebeu um número grande de imigrantes ucranianos em um curto espaço de tempo. Milhares de ucranianos foram alocados em lotes rurais nas linhas do futuro município (cerca de 5.000 indivíduos entre 1895 e 1896).

A formação de núcleos coloniais com predominância de um grupo etno-cultural foi significativa nos três estados do sul; no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul não foram raras as colônias que receberam quase que exclusivamente pessoas de uma mesma origem<sup>3</sup>. A legislação e as políticas do Estado brasileiro e/ou das províncias que fomentavam a vinda de imigrantes não possuíam cláusulas que exigissem que apenas pessoas com a mesma procedência fossem instaladas nos núcleos criados, mas na prática alguns desses lugares acabaram recebendo um número maior de indivíduos com determinada ascendência. Em muitos casos as colônias foram criadas e os imigrantes trazidos para elas sem a devida estrutura, permanecendo assim por décadas, até que os próprios colonos realizassem obras de infraestrutura. A relativa homogeneidade encontrada nesses locais permitia a manutenção de características do grupo, entre elas a língua.

Por outro lado, ao sair da Europa, esses homens e mulheres que atravessavam o Atlântico deixavam de ser alemães, italianos, poloneses ou ucranianos para se tornarem simplesmente *emigrantes/imigrantes*. Ao chegar ao Brasil, apesar da tentativa de manter os aspectos culturais de sua terra natal, percebiam a necessidade de adaptações e mudanças devido, entre outras coisas, a aspectos da ecologia (BARTH, 2011, p. 194). A mudança do clima, da vegetação, do relevo, da geografia de um modo geral, já exigia mudanças no modo de vida dessas pessoas.

Assim, os imigrantes acabaram por implantar, em seus locais de fixação, não uma identidade tal qual existia no local de partida. Em terras brasileiras, podemos aventar que há

---

<sup>3</sup> No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina é marcante a presença alemã e italiana, apenas para citar dois grupos imigrantes que possuem registros importantes nesses estados.

uma reconstrução da identidade etno-cultural trazida da Europa e, em alguns casos, especificamente dos ucranianos analisados aqui, passa a haver a construção de uma identidade étnica, pois o contato com o “outro” torna-se cada vez mais frequente<sup>4</sup>. Além disso, os liames étnicos não são fixos e, como se fazem e desfazem de acordo com o contato com interlocutores de origens diferentes, a reconstrução é constante. No caso dos prudentopolitanos com ascendência ucraniana, a década de 1940 é importante para o tema aqui discutido, pois há uma legislação do Estado Novo que acirra as restrições ao uso de línguas estrangeiras, devido ao conflito bélico mundial iniciado em 1939. Evidentemente, as leis de Vargas que restringiam tal uso não atingiram de modo igual todas as línguas e nem todas as pessoas do mesmo modo, mas aquele contexto propiciou condições e até uma certa necessidade de reconstrução da identidade étnica ucraniana, que vinha sendo reconfigurada desde a chegada ao Brasil.

Mesmo possuindo maioria da população de origem ucraniana as colônias não eram ilhas, e inevitavelmente ocorriam interações com indivíduos da sociedade receptora e com sujeitos de outras partes da Europa; aos poucos, a identidade étnica de alguns grupos adquiria condições de se formar nesses espaços (BARTH, 2011, p. 195).

Na ausência do Estado, os imigrantes e seus descendentes buscaram suprir certas carências, entre elas a falta de escolas para milhares de crianças dos recém-chegados. Devido à forma como essas colônias foram povoadas, houve o favorecimento à construção de estabelecimentos de ensino que atendiam especificamente aos alunos de uma determinada origem. As chamadas escolas étnicas (RENK, 2009) foram uma tática, na perspectiva de Michel de Certeau (1994), frente à falta de locais para a alfabetização das crianças. Destacando que para Certeau (1994: 46) a tática, ao contrário da estratégia, é um procedimento, uma ação do “fraco”, ou seja, de quem numa relação de poder está no polo mais frágil.

Na chegada dos ucranianos a Prudentópolis a língua fazia parte de um conjunto cultural trazido pelos imigrantes. O idioma ucraniano poderia ter uma conotação etno-cultural devido aos contatos com as línguas alemã, polonesa e russa na Europa. Mas será no Brasil que o ucraniano vai se constituir num elemento de identificação étnica, pois no município a pressão da língua portuguesa vai aumentar gradativamente ao longo do século XX.

---

<sup>4</sup> A categoria “outro” aqui referenciada é basicamente quem não possui ascendência ucraniana, principalmente imigrantes poloneses e seus descendentes e os brasileiros e/ou luso-brasileiros. Mas, de modo geral em Prudentópolis são aquelas pessoas não ucranianas e que não falam o idioma ucraniano.

A escola étnica, como o próprio termo pré-estabelece, recebia crianças da etnia dos seus mantenedores ou do grupo majoritário. A designação “étnica” está em consonância com a teoria barthiana, pois ucranianos e poloneses, alemães e italianos, por exemplo, não se uniram para erigir um prédio em que todas as crianças pudessem estudar, quando havia proximidade entre eles. O mais comum foi cada grupo construir suas escolas. Além disso, a língua em que as aulas eram ministradas era aquela trazida por cada grupo da Europa (RENK, 2009).

De modo geral, não havia um veto formal à entrada de crianças que não pertencessem ao grupo étnico mantenedor do estabelecimento de ensino. Como muitas dessas escolas não eram formais, ou seja, eram erguidas e mantidas à margem do sistema educacional do país, muitas sequer possuíam estatutos ou documentos que trouxessem algum tipo de restrição<sup>5</sup>. Mas, como a língua utilizada era a do grupo numericamente superior, havia esse entrave; por essa razão, e também porque no Paraná os imigrantes se estabeleceram em colônias com certa homogeneidade, cada grupo formou as suas escolas voltadas, sobretudo, para os seus conterrâneos.

Mas isso não representava isolamento ou ausência total de interação com pessoas de outras origens. Por isso, quando a questão do isolamento for trazida para a análise, ela será uma referência às dificuldades de acesso às comunidades encravadas em áreas distantes de centros urbanos populosos. Por exemplo, certa superioridade numérica de um grupo imigrante no local relaciona-se a uma relativa endogamia em seus matrimônios.

A construção de escolas era uma necessidade dos imigrantes. Mas, quando os ucranianos se defrontavam com outros grupos, optavam por construir as suas próprias escolas ao invés de propor um trabalho conjunto. Também quando resolviam construir uma igreja própria, seja porque o santuário em arquitetura latina não os agradava, seja em razão de desentendimentos com os não ucranianos que também usavam o templo, as fronteiras étnicas estavam sendo demarcadas (ANDREAZZA, 1996, p. 86-87).

O número de imigrantes ucranianos em Prudentópolis e a precariedade do sistema de educação pública no Paraná no final do século XIX e início do XX favoreceram a existência de escolas étnicas ucranianas (PARANÁ, 2008, p. 39). A língua utilizada nessas escolas era a ucraniana e até o hino nacional ensinado era o da Ucrânia (GUÉRIOS, 2007, p. 204), o que

---

<sup>5</sup> Evidente que alguns grupos étnicos, como ucranianos e poloneses, possuíam rivalidades trazidas da Europa e evitariam a escola uns dos outros, por exemplo.

demonstra que os laços com a terra natal, principalmente a língua, continuavam fortes. Tão fortes eram os elos linguísticos com a terra de origem que durante o período Vargas (1930-1945) houve esforços, por parte do governo, para impor o vernáculo nacional aos imigrantes e seus descendentes, principalmente nos estados do Sul, onde o português era pouco usado nas comunidades formadas por ampla maioria de indivíduos de origem europeia e seus descendentes.

Os ucranianos trouxeram para o Brasil seu aparato cultural e, em terras brasileiras, passaram a reproduzir aspectos do mundo deixado do outro lado do Atlântico: continuaram professando a fé católica de rito oriental, trabalhando na agricultura e falando a língua ucraniana. Mesmo em um contexto totalmente diferente, buscaram a manutenção dos aspectos que os identificavam como ucranianos, que eram comuns e decodificados pela maioria. Mas o fato de não ter havido uma mudança completa e imediata não significa que não houve mudança alguma. Ela pode ter começado com a decisão de embarcar para um destino desconhecido, com as experiências na viagem, nos locais de desembarque e na viagem terrestre até a colônia. O ucraniano que embarcou em um navio em um porto europeu não é o mesmo que se instalou em terras prudentopolitanas.

Os imigrantes que chegaram a Prudentópolis começaram a praticar o espaço e a fazer com que ele ganhasse significado para o grupo, deixando de ser um lugar indefinido. Lugar, para Certeau (1994, p. 203)<sup>6</sup>, é *fixo*, enquanto o espaço é *móvel* e recebe significado das pessoas que o vivenciam. Os imigrantes instalados em Prudentópolis solicitaram a vinda de padres da Ucrânia para atenderem às comunidades que estavam se estruturando (GUÉRIOS, 2007; SKAVRONSKI, 2015). Com isso, a Igreja se tornava um espaço em que os imigrantes e seus descendentes podiam se reconhecer como grupo.

Em outra colônia paranaense de maioria ucraniana, Antonio Olyntho, também houve preocupação e esforço dos imigrantes para que padres conterrâneos viessem ao Brasil atender a comunidade (ANDREAZZA, 1996). Em tese, levando em conta que esses imigrantes eram católicos e que em Antonio Olyntho havia igreja e padres católicos latinos, não haveria urgência na vinda de sacerdotes da Ucrânia. Mas nesse ponto surgem alguns aspectos da etnicidade do grupo e da sua formação em contraste com o outro.

---

<sup>6</sup> No decorrer do texto, em função das fontes utilizadas e da pesquisa realizada, as referências ao autor e aos conceitos de *espaço*, lugar, *tática* e *estratégia*, se repetirão. Isso ocorrerá de acordo com a necessidade de retomar a ideia de Michel de Certeau acerca desses conceitos em face das circunstâncias evidenciadas no material empírico analisado.

Os contatos com os poloneses, com quem teriam que dividir uma igreja na referida colônia, traziam à tona velhos problemas originários na Europa. A arquitetura da igreja construída em Antonio Olyntho era de estilo ocidental (o que agradava aos poloneses), o rito era diferente e a língua também. Dessa forma, os limites étnicos com os poloneses tiveram na tradição religiosa um signo de distinção (ANDREAZZA, 1996, p. 86). A animosidade entre ucranianos e poloneses, registrada por Andreazza (1996) em Antonio Olyntho, reproduzia uma rivalidade anterior à emigração para a América. Parte dessa rixa se devia ao fato dos poloneses exercerem certa supremacia econômica e explorarem o campesinato ucraniano em solo europeu, assim como às restrições ao uso da língua ucraniana e à preferência dada à língua polonesa no Império Austro-Húngaro, que dominava as principais áreas de procedência desses dois grupos de imigrantes (HIMKA, 1988).

A presença de imigrantes poloneses em Prudentópolis também ocasionou alguns problemas com os ucranianos, tal qual ocorria na Europa. Mas, no caso prudentopolitano, houve, ao que tudo indica, em contraste com Antonio Olyntho, uma separação espacial maior entre esses grupos. Os poloneses foram instalados no extremo norte do atual município, sendo a Linha Jaciaba<sup>7</sup> seu maior núcleo, enquanto os ucranianos ficaram mais na região sul (RAMOS, 2006, p. 92). Linha Jaciaba, um dos três distritos do município, está localizada no norte e dista cerca de 80 quilômetros da sede urbana, em contraste com Linha Ligação, que fica cerca de 20 quilômetros mais próxima da cidade<sup>8</sup> e possui ampla maioria de descendentes de ucranianos. Linha Vitorino e São Francisquinho, também no extremo norte de Prudentópolis, registram a presença importante de descendentes de poloneses.

Essa delimitação a partir da religião também pode ser traçada em relação a outros grupos de imigrantes. A situação ocorrida em Antonio Olyntho é um exemplo de que os ucranianos possuíam características étnico-culturais das quais não se apartariam com facilidade, estando dispostos a mantê-las no Brasil: “A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas” (CUCHE, 2002, p. 176). Para a identidade

---

<sup>7</sup> O termo “Linha” é usado para identificar comunidades na zona rural de Prudentópolis. Cada comunidade tem seu nome precedido por este termo: Linha Jaciaba, Linha Ligação, etc. Esse procedimento de nomeação das localidades no interior de colônias de imigrantes não foi exclusividade de Prudentópolis e nem mesmo do Paraná, sendo utilizado para os outros estados do Sul. Nas áreas destinadas a receber os imigrantes abria-se uma estrada, uma *linha*, e de cada lado dela os lotes eram demarcados (GUÉRIOS, 2007: 134). Ao longo do tempo, nas linhas no interior de Prudentópolis, formou-se um núcleo com uma Igreja e uma escola; em algumas delas há casas próximas umas das outras.

<sup>8</sup> Em Prudentópolis a expressão “ir para a cidade” significa se descolar das áreas rurais para a área urbana. Dizer que a pessoa “mora na cidade” significa que ela reside na área urbana do município.

cultural é preciso uma tomada de consciência de que se faz parte do grupo e que se possui tal identidade. No caso da identidade étnica, além dessa vinculação é necessário o contraste com o diferente (BARTH, 2011, p. 188).

O pedido de sacerdotes demonstra que esses imigrantes em Prudentópolis tinham a mesma preocupação que os seus compatriotas em Antonio Olyntho. Juntamente com a religião havia o cuidado com a língua, uma vez que esta é fundamental para o rito religioso. A relação com o estranho, com o diferente, será sempre uma baliza para que o grupo se autoidentifique, sendo a etnicidade construída nas interações sociais e não na inexistência dos contatos (BARTH, 2011, p. 188).

Essa ligação da língua com a questão religiosa e com a capacidade de pensar, ler o mundo e se expressar não é exclusividade dos ucranianos. Nas memórias do imigrante alemão Gustav Hermann Strobel há o relato de um conterrâneo que se deslocou da região de Curitiba até Joinville, Santa Catarina, a fim de fazer uma confissão a um padre alemão, mesmo tendo se confessado antes a um sacerdote brasileiro. Para esse homem, a dificuldade de se comunicar em português poderia colocar em risco a validade da confissão, pois, como pensava em alemão, poderia não dizer o que precisava ser dito em outra língua (STROBEL, 2015, p. 115-116).

Nesse cenário, os contatos culturais, desejados ou não, amistosos ou conflituosos, são inevitáveis. Nas décadas subsequentes à chegada dos primeiros imigrantes a Prudentópolis, a língua ucraniana era falada majoritariamente, devido ao grande número de pessoas que a tinham como língua materna. Após a repressão do governo Vargas, e ao longo das gerações, sua utilização passou, aos poucos, a ser uma escolha com significados além do uso diário.

A língua era algo que fazia parte da sua identidade cultural, uma característica *natural*, se *natural* significar que era a língua materna em sua terra natal. Essa ressalva é importante, uma vez que, mesmo na Ucrânia, a língua sofria restrições e pressões frente ao russo, ao alemão e ao polonês. Isso será discutido e explicitado mais adequadamente ao longo do trabalho. Retomando a linha de raciocínio, a cultura é muitas vezes inconsciente, enquanto a identidade é fruto de uma vinculação mais calculada (CUCHE, 2002, p. 176).

Na Europa, em solo pátrio, os ucranianos utilizavam a língua comum e herdada de seus ancestrais de maneira muitas vezes inconsciente; porém, quando chegaram ao Brasil, trouxeram uma cultura da qual a linguagem fazia parte. É importante considerar que a língua

não estava ligada apenas aos aspectos religiosos, que eram fundamentais; ela era importante porque com o ucraniano é que se expressavam e faziam a sua *leitura* do mundo.

Nas entrevistas, algumas pessoas, sobretudo as mais velhas, disseram ter dificuldades para explicar certas coisas em língua portuguesa. Não apenas em função de não saber a tradução de certas palavras, mas porque a concatenação de ideias e a verbalização em ucraniano era mais clara para essas pessoas, tornando mais preciso o sentido da informação.

À medida que os interlocutores mudaram e foi ampliada a sua variedade, e a partir do momento em que falar o ucraniano passou a ser uma escolha e não apenas uma consequência do contexto em que se vivia, a língua tornou-se um fator de diferenciação étnica, podendo ser considerada como um símbolo da identidade étnica ucraniana. Em um contexto de interações cada vez mais frequentes com não ucranianos, os imigrantes e seus descendentes viviam em um ambiente cada vez mais propício ao uso da língua portuguesa, mas muitos continuaram optando por usar o ucraniano, ainda que em locais públicos prevaleça o português.

Dessa forma, a identidade étnica ucraniana não é transplantada da Europa para Prudentópolis como se fosse trazida e reproduzida integralmente em solo brasileiro, mas é construída em face dos interlocutores. Portanto, é dinâmica, pois, uma vez estabelecida, está sujeita a variações e reconfigurações: “No decorrer do tempo as fronteiras étnicas podem manter-se, reforçar-se, apagar-se ou desaparecer” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 154).

De acordo com a “Linguística do Contato Linguístico”, vertente teórica da Linguística que se apoia em um tripé formado por “línguas, usuários e esfera social e cultural de alcance das línguas envolvidas” (OGLIARI, 1999, p. 35)<sup>9</sup>, não se deve estudar a língua como um elemento isolado, pois ela sempre sofrerá a influência das pessoas que a falam, da interação com não falantes e, consequentemente, do meio sociocultural (OGLIARI, 1999, p. 36). Em uma direção parecida, Marcos Bagno (2001, p. 9-10) ressalta a importância de não estudar a língua como uma coisa morta, pois é fundamental considerar os seus usuários, uma vez que a língua é viva e muito mais dinâmica que a gramática.

Para tentar perceber como se deu a construção da etnicidade ucraniana e suas prováveis redefinições ao longo de um recorte temporal e espacial, tendo a língua como foco

---

<sup>9</sup> Os estudos linguísticos tendem a bipolarizar sua área de atuação: alguns privilegiam as tendências formalistas, ou seja, a língua e sua gramática; outros dão ênfase aos aspectos funcionalistas, as funções sociais, usos diários e hibridação. A esse respeito, ver Ogliari (1999, p. 33).

principal, as fontes utilizadas foram basicamente entrevistas com descendentes de ucranianos residentes em Prudentópolis. Também foram realizadas entrevistas com membros do clero ucraniano-brasileiro (padres, freiras e catequistas<sup>10</sup>). Nesse sentido, tentamos perceber como, no recorte temporal analisado, da década de 1940 até o ano de 2018, a língua foi/é usada para a auto identificação e para se diferenciar dos não ucranianos.

A História Oral, portanto, foi fundamental no trabalho, uma vez que a língua permanece viva no município paranaense e as percepções acerca do tema não são unívocas. O uso de entrevistas como fontes para o trabalho do historiador já suscitou debates acerca do modo de tratar e definir o manejo de tal material empírico. Pelo menos três formas de pautar as conversas gravadas tiveram espaço nas discussões: “A primeira advoga ser a história oral uma técnica; a segunda, uma disciplina; e a terceira uma metodologia” (AMADO, FERREIRA, 2006, p. XII).

A concepção da História Oral entendida como metodologia ultrapassa as técnicas de gravação, armazenamento do áudio e transcrição. Ela tampouco se resume a uma disciplina, pois pesquisas de diferentes temáticas podem utilizar a entrevista como documento, com o mesmo recorte cronológico ou não. Portanto, a História Oral aqui será entendida e tratada como metodologia.

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos do trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho -, funcionando como ponte entre teoria e prática. (AMADO; FERREIRA, 2006. p. XVI).

Mas a História Oral, nessa perspectiva, somente suscita as questões ao pesquisador, sem lhe dar as respostas ou fornecer os conceitos para isso. Então onde buscar as respostas? De acordo com as autoras, as respostas estão na Teoria da História, pois esta possui conceitos para todos os tipos de fontes.

---

<sup>10</sup>As catequistas são mulheres consagradas que fazem votos semelhantes aos das freiras das diferentes Ordens/Congregações católicas. Elas se dedicam a diferentes atividades profissionais além do trabalho pastoral. A diferença visível é a ausência de um hábito como o usado pelas freiras. Portanto, em situações da vida cotidiana, é mais difícil identificar as catequistas. O Instituto das Catequistas foi criado em 1940 pelo padre Cristóforo Miskiv (OSBM), em pleno Estado Novo, e tinha entre seus objetivos preservar a língua e a cultura dos descendentes de ucranianos. Portanto, quando fizermos referência a elas estaremos nos referindo as integrantes do citado Instituto.



A interdependência entre prática, metodologia e teoria produz o conhecimento histórico; mas é a teoria que oferece os meios para refletir sobre esse conhecimento, embasando e orientando o trabalho dos historiadores, aí incluídos os que trabalham com fontes orais. Exatamente o mesmo ocorre com outras metodologias: a demografia histórica, por exemplo, está apta a elaborar tabelas e séries relativas às populações, construir metodologias de trabalho para esse material e formular questões importantes sobre tais dados, mas deve procurar fora dela própria – na teoria – subsídios para compreender as questões que suscita. (AMADO, FERREIRA, 2006, p. XVII).

A metodologia da História Oral é relevante, mas o recorte temporal da pesquisa se limita a um período de tempo mais restrito, uma vez que precisa respeitar a temporalidade das “testemunhas oculares da história”; a expectativa de vida média é importante no balizamento cronológico dos estudos com esse tipo de metodologia. A partir disso é que foi estabelecido o recorte temporal da pesquisa, pois recuar o seu princípio para antes da década de 1940 seria reduzir o número de pessoas aptas para serem entrevistadas. Evidentemente existem pessoas acima dos 80 anos no município, mas em número mais reduzido, o que poderia dificultar a coleta do número almejado para as amostragens.

A metodologia da História Oral também permite que a baliza temporal seja dilatada ainda mais para o passado, uma vez que as pessoas não trazem apenas a sua memória; elas incorporam, inconscientemente na maioria das vezes, em suas narrativas as reminiscências de pais e avós, aumentando ainda mais a possibilidade do historiador recuar no tempo: “Para conservar a lembrança e, de maneira mais ampla, para pensar, é necessário memorizar um mundo previamente ordenado” (CANDAU, 2016, p. 83).

Exemplo dessa situação pode ser percebido nas *Memórias* escritas por Gustav Hermann Strobel. A história narrada por Gustav traz as suas lembranças, mas também as memórias ouvidas da boca do pai, da mãe e de pessoas mais velhas. Dessa maneira, o autor pode recuar no tempo até períodos da vida de que normalmente uma criança não se lembraria (STROBEL, 2015). Mas, no caso empírico desta tese, a análise se restringe, de certo modo, ao recorte temporal do seu balizamento: 1940-2018.

Portanto, a História Oral é uma forma privilegiada de percepção de mudanças sócio-históricas em estudos que buscam apreender as constantes transformações da sociedade, pois, ao conversarmos com pessoas nascidas nas décadas de 1940-1950, 1960-1970, 1980-1990 e 1995-2018, que correspondem às quatro *coortes* utilizadas aqui, percebemos, a partir dos relatos, como as interações sociais mudam ao longo do tempo e, conseqüentemente, vão alterando a relação com o diferente. A identidade étnica sofre modificações e adaptações de

forma recorrente, uma vez que ela se forma e se dilui na interface com o outro. Portanto, a etnicidade não é forjada e mantida inalterada ao longo do tempo e do espaço. Além disso, se autoidentificar como pertencente a um ou outro grupo étnico, na teoria barthiana, está também ligado à possibilidade de ganhos e perdas (VILLAR, 2004, p. 181).

Essa metodologia permite que as conversas gravadas sejam utilizadas como fontes para o estudo de temas e períodos como o aqui analisado, pois, ao dar voz aos entrevistados, estamos nos inserindo diretamente no contexto sociocultural vivido e nos *espaços praticados* por esses indivíduos (CERTEAU, 1994, p. 202). Como a etnicidade não está atrelada unicamente aos critérios materiais, havendo espaço para subjetividades, a gravação de entrevistas possibilita vislumbrar nas narrativas como a identidade étnica acontece (DELGADO, 2006, p. 44). A etnicidade construída e renegociada ao longo de pouco mais de 100 anos de presença ucraniana em Prudentópolis está viva e mantém seu processo contínuo de atualização, algo passível de ser verificado nas conversas com pessoas de diferentes faixas etárias.

TABELA 1: QUATRO COORTES OU GERAÇÕES DE ENTREVISTADOS (1940-2018)

Primeira geração (décadas 1940-1950)	Segunda geração (décadas 1960-1970)	Terceira geração (décadas 1980-1990)	Quarta geração (final da década de 1995 e início dos anos 2018)
Olga (1941)	Terezinha (1961)	Claudete (1980)	Edimar (1998)
Antônia (1942)	Filomena (1963)	Márcia (1980)	Selene (2000)
Cecília (1942)	Lúcia (1964)	Hallysson (1982)	Anderson (2000)
Angelina (1943)	Doroteia (1969)	Carlos (1985)	Jeferson (2000)
José (1946)	Genésio (1970)	Adriane (1986)	Daniela (2000)
Lúcia (1946)	Ana (1970)	Maria (1986)	Luiz Miguel (2001)
Sônia (1949)	Nicolau (1973)	Solange (1986)	Isabela (2001)
Rafael (1950)	Basílio (1973)	Luana (1991)	Lucas (2001)
Sofia (1952)	Joana (1973)	Cleber (1992)	Jonas (2001)
Emiliano (1954)	Tadeu (1976)	Anatolia (1993)	Adriano (2001)

Fonte: elaborada pelo autor.

Foram realizadas quarenta entrevistas reunidas em quatro *coortes* ou gerações, conforme a Tabela 1. As pessoas que colaboraram são todas descendentes de ucranianos e residentes em diversas localidades do município, tanto na área rural como na zona urbana. As entrevistas foram feitas ao longo dos anos de 2017 e 2018, a partir de roteiro com 29

perguntas pré-fixadas que, evidentemente, poderiam se desdobrar em outras questões. Dependendo da idade do entrevistado, alguns questionamentos não se aplicavam. As questões estão no Apêndice 1.

A realização das entrevistas só foi possível graças a ajuda de moradores das comunidades e por indicações, pois não é simplesmente chegar na residência da pessoa entrevistada, se apresentar e partir para a gravação da conversa propriamente dita. A duração das entrevistas gravadas variou muito, algumas duraram 5 minutos (ou até menos), outras passaram de 30 minutos. Os indivíduos pertencentes às gerações mais velhas falam mais, pois já possuem uma história longa em que as memórias são mais comuns. Os adolescentes falaram muito pouco e em muitas perguntas responderam apenas “sim” ou “não”. Mas, cada entrevista gravada se insere em um diálogo pré e pós gravação que geralmente ultrapassou uma hora. Geralmente acompanhado por uma pessoa que conhecia quem seria visitado(a), a conversa se estendia por assuntos cotidianos até o momento adequado para o início da gravação. O processo de transcrição também apresentou desafios, pois alguns áudios possuem interferência de pessoas da família, latido de cães no pátio da residência, etc. Além disso, as pessoas mais velhas possuem uma dicção mais difícil de ser compreendida e é sempre mais difícil transcrever o que foi verbalizado (principalmente por conta do sotaque em função do uso da língua ucraniana).

Ao longo das conversas com as pessoas listadas na Tabela 1, foi ficando evidente o papel da Igreja Greco-Católica Ucraniana de Rito Bizantino na manutenção da língua ucraniana em Prudentópolis e, conseqüentemente, sua influência na vida dos prudentopolitanos com ascendência ucraniana. O trabalho do clero na preservação da língua se deu principalmente através de três ordens religiosas: os padres da Ordem de São Basílio Magno (OSBM), as irmãs/freiras da Congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada (ISMI) e as catequistas do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus (ISCSCJ).

Por essa razão, foram realizadas entrevistas com membros dessas instituições religiosas: três padres, Pe. Antônio (1979)<sup>11</sup>, Pe. Tarcísio (1938) e Pe. Adalton; três catequistas, Nádia, Verônica (1963) e Marta (1986); duas irmãs, Ir<sup>a</sup> Teodósia (1963) e Ir<sup>a</sup>

---

<sup>11</sup> Entre parênteses está o ano de nascimento da pessoa entrevistada. Usaremos esse modo de referência ao longo do trabalho. A data de cada entrevista está na lista das fontes orais no final do trabalho

Inês<sup>12</sup>. As entrevistas foram feitas com um roteiro com 22 perguntas que também permitiam, conforme o desenrolar do diálogo, dar origem a outras questões (Apêndice 2).

O recorte temporal proposto nesta tese não dá conta de todo o período em que a presença ucraniana é registrada em Prudentópolis, pois privilegia a década de 1940 como marco inicial. As famílias pioneiras chegaram na última década do século XIX, mas, devido à metodologia da história oral, não seria possível entrevistar imigrantes que se instalaram há mais de 120 anos no município. Evidentemente, as memórias dos entrevistados não se restringem ao tempo vivido por eles: as reminiscências compartilhadas trazem muitas lembranças herdadas e o tempo vivido é diferente do tempo (re)lembrado (CANDAU, 2016, p. 66). Mas, como a pesquisa histórica precisa ser localizada espacial e temporalmente, e devido ao uso de fontes orais, foram delineadas as balizas cronológicas 1940-2018. Contudo, não partimos do pressuposto de que somente nos anos 1940 começaram a haver contatos interétnicos entre falantes e não falantes do ucraniano, mas será a partir daquela década que buscaremos perceber a (re)construção da identidade étnica.

Tendo em vista que a etnicidade se constrói em face do *outro* e que ela não possui uma origem apenas metafísica e/ou subjetiva, sendo construída e reconstruída, é que a análise a partir de entrevistas com pessoas reunidas em *coortes*, cada uma formando um grupo geracional, foi proposta. A respeito da historicidade, podemos pensar na crítica que Michel Foucault (1979, p. 16) faz à ideia de que questões humanas possuam uma origem, um início que possa ser datado de forma exata. A origem metafísica ou *Ursprung* desconsidera o processo da construção histórica. No caso da identidade étnica ucraniana, não há como estabelecer um ponto exato; quando muito, é possível analisar sua formação e reelaboração ao longo do tempo.

A sociedade prudentopolitana sofreu mudanças ao longo de diferentes gerações, e essas mudanças influenciam diretamente as memórias e sentimentos de pertencimento étnico. Ainda que de forma mais lenta que as áreas urbanas maiores, Prudentópolis não permaneceu incólume à passagem temporal e à ampliação dos contatos culturais, bem como à mudança do modo como esses contatos ocorrem.

Mannheim (1993) trabalha numa perspectiva em que a geração não é apenas a reunião de pessoas com a mesma faixa etária, embora a idade seja elemento importante para a

---

<sup>12</sup> O Pe. Adalton e a catequista Nádia não forneceram a data de nascimento. A Ir<sup>a</sup> Inês, nome fictício a pedido da entrevistada, também não revelou sua data de nascimento.

discussão do tema. Mannheim procura estabelecer a *posición geracional* e a *conexão geracional*, para daí estabelecer uma unidade:

Para estar incluído en una **posición generacional**, para soportar pasivamente los frenos y las oportunidades de esa posición, pero también para poder utilizarlos activamente, tiene uno que haber nacido en el mismo ámbito histórico-social – en la misma comunidad de vida histórica – y dentro del mismo período. (MANNHEIM, 1993, p. 221. Grifo nosso).<sup>13</sup>

A posição geracional é marcada pelo nascimento em um intervalo de tempo e pela convivência em um mesmo ambiente sócio-histórico. No entanto, essa posição terá maior alcance se houver uma conexão geracional, ou seja, tão ou até mais importante do que definir as balizas de início e término de uma geração é perceber as conexões entre grupos distintos e compreender o que une os indivíduos em uma formação comum:

Sólo hablaremos, por lo tanto, de una **conexión geracional** cuando los contenidos sociales reales y los contenidos espirituales establecen – precisamente en los terrenos de lo que se ha desestabilizado y de lo que está en renovación – un vínculo real entre los individuos que se encuentran en la misma posición generacional. (MANNHEIM, 1993, p. 222. Grifo no original).<sup>14</sup>

Mas, em última instância, a unidade geracional depende de uma adesão, e esta vinculação depende de critérios que são muitas vezes subjetivos/abstratos: “La unidad generacional es, por tanto, una adhesión mucho más concreta que la que establece la mera conexión generacional” (MANNHEIM, 1993, p. 223)<sup>15</sup>. Por exemplo, por mais que existam situações reais que vinculem as pessoas, como uma crise econômica, o modo como diferentes grupos vão reagir é que dará certa unidade geracional. Por isso se diz que a unidade de uma geração resulta de uma adesão.

A questão geracional também está ligada à relação dialética entre o individual e o coletivo, pois, para que o pesquisador considere que um conjunto de pessoas forma uma

---

<sup>13</sup> Tradução livre: “Para ser incluído em uma posição geracional, para suportar passivamente os freios e oportunidades dessa posição, mas também para poder usá-los ativamente, deve-se ter nascido na mesma esfera histórico-social - na mesma comunidade da vida histórica - e dentro do mesmo período”.

<sup>14</sup> Tradução livre: “Só falaremos, portanto, de uma conexão geracional quando os conteúdos sociais reais e os conteúdos espirituais estabelecem - precisamente nos terrenos do que foi desestabilizado e do que está em renovação - um elo real entre os indivíduos que estão na mesma posição geracional”.

<sup>15</sup> Tradução livre: “A unidade geracional é, portanto, uma adesão muito mais concreta do que aquela que estabelece a mera conexão geracional”.

geração, é necessário que as vivências singulares sejam de algum modo identificadas com as de outros indivíduos, de modo a formarem um conjunto. As pessoas, da mesma maneira que sofrem a influência da sociedade, também promovem alterações nela (SIMMEL, 2006, p. 60).

Dois indivíduos que tiveram como língua materna o ucraniano, que não conviviam com muitos vizinhos não ucranianos, que tiveram contato com a língua portuguesa apenas na escola, podem divergir sobre o papel da língua ucraniana na construção da identidade. Porém, mesmo essa disparidade nasce de um ambiente comum que obrigou ambos a pensar a respeito, ainda que para tirarem conclusões opostas. A geração, portanto, não se restringe à idade, da mesma forma que não se rompe uma para dar lugar a outra em razão da divergência de opiniões acerca de traumas ou alegrias vivenciadas.

O importante é destacar que o foco da análise está muito mais na apreensão das relações nos limites das gerações, embora estes sejam difíceis de definir de modo incontestado, do que em estabelecer o núcleo de cada geração: “No caso das relações geracionais, o foco de análise é deslocado dos fatores internos a cada grupo geracional e sua história, para processos relativos às fronteiras geracionais” (COLOGNESE, 2011, p. 140).

Portanto, mais do que estabelecer o que é uma geração de modo estanque, ou seja, mais do que determinar onde uma começa e outra termina, o uso metodológico de tal conceito será para perceber as mudanças a partir dos limites entre elas, os pontos de contato. Além disso, as fronteiras geracionais não são fixas: uma geração não acaba para dar lugar a outra, elas se sucedem e indivíduos de grupos distintos convivem (MOTTA, 2004, p. 351).

As relações sociais entre pessoas da mesma geração e entre indivíduos de gerações diferentes, bem como com sujeitos externos ao grupo, permitem renegociações e redefinições da identidade étnica, estando sempre amparadas em memórias individuais e/ou coletivas. Portanto, o conceito de memória será fundamental nessa análise dos intensos contatos entre descendentes de ucranianos e não ucranianos.

A memória é a capacidade que os indivíduos possuem de atualizar as impressões tidas de fatos passados; ela se desenvolve a partir de funções psíquicas que permitem ao ser humano conservar certo conjunto de dados; a partir dessas informações, a memória promove a reconstrução do passado no presente (LE GOFF, 2003, p. 460). A memória não se resume unicamente a uma questão psicológica ou neurológica, mas sofre interferência do meio social. Ela pode ser coletiva, um fenômeno social, auxiliando o indivíduo no presente a reviver as suas reminiscências (HALBWACHS, 2006). Mas, conforme salientou Joël Candau (2016, p.

21-23), a memória pode ser dividida em níveis: não raras vezes as pessoas podem se limitar ao nível da “protomemória”, ou seja, não tomam consciência da sua posição dentro do grupo social, não refletem a respeito das transformações em seu meio e, portanto, não produzem narrativas de suas memórias.

Antes de analisar os dados empíricos coletados com as entrevistas, foi necessário realizar uma digressão sobre alguns aspectos da história da língua ucraniana. Ainda em solo europeu, buscamos indícios, motivações e argumentos para que os ucranianos, e posteriormente seus descendentes no Brasil, dessem tanta ênfase à língua.

O primeiro capítulo, “A História da língua ucraniana: um fator de etnicidade”, foi dividido em duas partes. Na primeira delas, “2.1. A língua ucraniana: aspectos históricos do surgimento e repressão da língua na Ucrânia”, são discutidos alguns aspectos históricos da formação da língua ucraniana e a repressão que seus falantes sofreram por parte das potências que dividiram o território ucraniano durante séculos. Podemos dizer que essa *história da língua ucraniana* é construída na longa duração braudeliana (NADALIN, 2007a, p. 14). Compreender a “origem” da língua em meio a uma tradição religiosa ajuda a explicar a importância da Igreja ucraniana na difusão, manutenção e defesa desta. Assim, tanto na Europa, durante as lutas e tentativas de emancipação e/ou de livre utilização do ucraniano, como na sua preservação no Brasil após a travessia do oceano, religião e língua andaram juntas.

No final do século XIX, momento em que levas emigratórias de ucranianos se dirigiram para a América, os territórios ocupados por seus ancestrais na Ucrânia estavam divididos entre os impérios Russo e Austro-Húngaro; as línguas russa e alemã, respectivamente, monopolizavam praticamente toda a burocracia desses governos. Nesse contexto, era importante para as potências que governavam aquelas regiões manter a língua ucraniana desprestigiada, pois assim conseguiam minimizar a propagação de ideias de cunho emancipacionista (HIMKA, 1988).

Nesse item, o intuito foi analisar como, mesmo na Ucrânia, os ucranianos precisavam defender o direito de uso de sua língua, conferindo a ela uma importância ímpar. Até porque a história daquele povo no século XIX (sobretudo em seu final, que “coincide” com a emigração para a América) foi marcada por tentativas de emancipação e pela consequente repressão por parte das potências locais. Conforme o Mapa 4, as disputas entre ucranianos e russos ainda geram atritos na atualidade e a língua continua sendo usada para justificar pretensões russas sobre territórios ucranianos (ADAM, 2008). Além disso, nessa primeira

parte do capítulo 1 demonstramos que o clero era um dos poucos setores da sociedade ucraniana que dominava a escrita; não raro, ele acabava se envolvendo nos debates de caráter nacionalista (HIMKA, 1988).

O ucraniano, ao chegar ao Brasil, quando comparado com pessoas vindas de outras partes da Europa, já possuía uma relação diferenciada com a língua de seu país natal, haja vista que mesmo em solo pátrio precisava lutar para utilizá-la. Mas no Brasil também houve problemas relacionados ao uso do ucraniano, principalmente durante o Estado Novo (1937-1945), quando a desobediência civil, segundo Guérios (2007, p. 218), passou a ser praticada em Prudentópolis. No governo Vargas (1930-1945) o fechamento de escolas dos grupos imigrantes, entre elas as dos ucranianos, se intensificou (RENK, 2009; SOUSA, 2011).

Outros espaços, assim como os estabelecimentos escolares, em que a fala e a escrita tinham visibilidade, sofreram interferência. A Igreja e a prática religiosa dos ucranianos, inseparáveis da língua, foram afetadas (GUÉRIOS, 2007). Do mesmo modo, os jornais ucranianos editados no Brasil basicamente pelos padres da Ordem de São Basílio Magno (OSBM) foram reprimidos durante o Estado Novo. Em Prudentópolis, o jornal *Prácia* (Trabalho) deixou de ser publicado na primeira metade da década de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial (PRADO; ANTUNES, 2016, p. 24). Lembremos que a atuação da Igreja na coordenação da vida das pessoas já era importante na Ucrânia e também o seria no Brasil. A partir da solicitação dos imigrantes da vinda de membros do clero para atendê-los, a Igreja em Prudentópolis se tornou um mecanismo de perpetuação da língua e dos liames étnicos ucranianos.

No item “2.2. A língua como fator étnico”, a discussão é centrada no processo histórico em que a língua passa a ser um fator de distinção étnica, transformando o ato da comunicação em um aspecto de identificação de um grupo. A fala, embora pareça algo “natural”, traz em si significados construídos ao longo do tempo e das interações.

Na Ucrânia a relação dos falantes do ucraniano era conflituosa, devido à supremacia política das línguas alemã e russa. Lá, a língua ucraniana podia há séculos ser considerada "original" da região. Em Prudentópolis estava distante da sua área de origem, portanto era, de forma inequívoca, um idioma estrangeiro. Nessa condição de contato com interlocutores diferentes e fora de seus locais históricos de utilização, o idioma continuou sendo, ainda que de maneira diferente, um modo de auto identificação e identificação externa.



Ainda nesse item é discutido como o idioma passou a ter relevância como elemento a ser considerado no processo de formação dos nacionalismos do século XIX. A língua não era o critério principal para o desenho dos mapas dos países na Europa, em constante reorganização naquele século, mas cada vez mais ela se tornava importante para os poderes estatais que objetivavam estabelecer domínio sobre múltiplos povos, pois se fazer entender era primordial (HOBSBAWM, 1990, p. 116). Em Estados multiétnicos como os Impérios Austro-Húngaro e Russo, não por acaso, a língua poderia ser um fator de desencadeamento de conflitos e violências. Benedict Anderson (2008) destacou que a difusão da imprensa em língua vernácula foi fundamental para o desenvolvimento de nacionalismos na Europa no século XIX, bem como nos processos de independência da América Hispânica.

No segundo capítulo, “A língua ucraniana em face do monolinguismo, do bilinguismo e da diglossia”, o intuito foi discutir como o contato dos imigrantes com a língua portuguesa foi se estreitando ao longo do tempo, e como as transformações decorrentes desse contato podem ser pensadas na construção e/ou reconstrução das fronteiras identitárias. O bilinguismo, devido a necessidades cotidianas, foi utilizado em diferentes casos como uma tática, na perspectiva certoniana (CERTEAU, 1994, p. 46). Mas, ao longo do tempo, o bilinguismo pode ter se transformado em *diglossia* - situação em que a língua de imigração é relegada a segundo plano.

No item “3.1. Monolinguismo, bilinguismo e a *diglossia* nos contatos entre ucraniano/português – português/ucraniano”, é discutida a questão do bilinguismo, ou seja, a capacidade de uso da língua materna e do idioma do país de residência. Ao longo desse item é considerada a situação bilíngue de diferentes grupos imigrantes no Brasil, com ênfase nos ucranianos. Também se discute a utilização de um alfabeto distinto do latino e a religião que, embora cristã e católica, apresenta um rito diferente, tendo na língua uma de suas características básicas (TAMANINI, 2017; SKAVRONSKI, 2015; ANDREAZZA, 1996).

A prática do bilinguismo em um contexto de contatos culturais é relevante, uma vez que os filhos dos imigrantes, devido ao fato de muitas colônias permanecerem relativamente “isoladas”, aprendiam em primeiro lugar a língua dos seus ancestrais. Porém, quando havia a interlocução com indivíduos externos à comunidade e/ou de outras etnias, a tática do bilinguismo era o recurso disponível. Esse ato de falar as duas línguas, ucraniana-portuguesa/portuguesa-ucraniana, é perceptível pelo sotaque e permite às pessoas reconhecerem se quem as interpela é ou não da mesma origem étnica: basta cumprimentar,

perguntar, comentar ou dizer alguma expressão e, se houver resposta adequada, é sinal de que pode ser alguém com ascendência ucraniana.

Mas, à medida que as gerações foram se sucedendo, o contexto bilíngue foi sendo substituído por um estado de *diglossia*, ou seja, a língua portuguesa passou a ser mais falada e, na maior parte dos documentos e situações formais, o português foi gradualmente substituindo a língua ucraniana (mas sem a eliminar). A *diglossia*, segundo Ferguson (*apud* LOPES, 2011, p. 128), ocorre quando há uma língua com variáveis, sendo uma delas dotada de prestígio. Mas a situação *diglóssica* não necessariamente ocorre na comparação entre variantes de uma língua: ela pode ser verificada num contexto de existência de duas línguas distintas (LOPES, 2011, p. 129). O caso de Prudentópolis é da coexistência do ucraniano e do português.

A discussão acerca do bilinguismo e da *diglossia* é fundamental para chegarmos ao segundo item do capítulo, “3.2. O choque étnico: descendentes de ucranianos e o contato com a língua portuguesa”, em que são apresentados os contatos dos descendentes de imigrantes ucranianos com o mundo externo a suas comunidades e com a língua portuguesa.

No terceiro capítulo, “A língua na transição e na relação intergeracional”, no item “4.1. As gerações e o uso/manutenção da língua e da identidade étnica”, antes de analisar detidamente as informações obtidas junto às pessoas entrevistadas, fazemos uma discussão a respeito do conceito de geração e da perspectiva teórico-metodológica seguida em nosso estudo.

Conforme já citado, a definição de Mannheim (1993) foi a referência utilizada nas discussões sobre construção e reconstruções da identidade étnica ucraniana em Prudentópolis quando as diferenças geracionais estiveram em pauta. As considerações de vários autores sobre suas apropriações do conceito de Mannheim são importantes para compreendermos as diferentes possibilidades de análise a partir da perspectiva do referido autor: Feixa & Leccardi (2010), Scott (2010), Motta (2010) e Motta & Weller (2010), Nadalin (2007a, 2007b), entre outros, que possuem trabalhos empíricos e teóricos a respeito das questões geracionais. A *ucraneidade* vai ser construída e reconstruída ao longo do tempo e dos contatos geracionais, o *ser ucraniano* se transforma ao longo do tempo: “Compreende-se a *ucraneidade* aquela maneira de ser que não se resume unicamente à afetação e ao deslumbramento de aspectos materialmente visíveis dos trajes *típicos*, indumentárias, enfeites, comida da etnia ucraniana” (TAMANINI, 2017, p. 28. Grifo no original).

No segundo item do terceiro capítulo, “4.2. De 1940 a 1950: a primeira *coorte*”, é analisada a identidade étnica ucraniana na primeira geração pesquisada, descendentes de ucranianos que nasceram nas décadas de 1940 e 1950. Fazem parte da denominada *primeira geração* ou *primeira coorte*: Emiliano (1954), Sofia (1952), Rafael (1950), Sônia (1949), Lúcia (1946), José (1946), Angelina (1943), Antônia (1942), Cecília (1942) e Olga (1941). Todos possuem idade superior aos 60 anos completos e nasceram e viveram na área rural do município. Apenas Lúcia, entre os entrevistados dessa *coorte*, mudou sua residência para a zona urbana; essa mudança ocorreu após a aposentadoria. Os demais permanecem no ambiente social em que passaram toda a sua vida: a zona rural.

Houve dificuldade em encontrar pessoas que nasceram e viveram a vida toda na área urbana, pois nas décadas de 40 e 50 a porcentagem de população rural de Prudentópolis era de aproximadamente 90% (GUÉRIOS, 2007). Diversas sondagens para seleção de entrevistas foram feitas, mas todas resultaram em pessoas que passaram a residir na cidade depois de uma vida inteira morando na roça e trabalhando na agricultura.

As pessoas dessa geração aprenderam, sem exceção, a língua ucraniana em primeiro lugar; a língua portuguesa passou a ser utilizada basicamente após a idade escolar (a partir dos sete anos aproximadamente). São pessoas que residiam em comunidades majoritariamente ou exclusivamente formadas por descendentes de ucranianos. Nas entrevistas ficou claro que as experiências, o contexto e a faixa etária, entre outros aspectos, os tornam um grupo passível de ser considerado como uma geração, nos moldes propostos por Mannheim (1993).

As entrevistas revelaram que essa geração era bastante coesa, não apenas pelo número de pessoas da etnia ser majoritário, mas pelo modo de vida e pelas relações com o *outro*. Havia, nas décadas de 1940 e 1950, uma situação acentuada de endogamia, tanto pelo fato do “mercado matrimonial” ser restrito, como pelo empenho dos pais, de forma velada ou explícita, ainda que não determinante em última instância, para que os matrimônios se dessem entre jovens da mesma comunidade e, principalmente, da mesma origem étnica.

Os descendentes de ucranianos nascidos nesse período, ancorados em suas memórias, revelaram que ser ucraniano passa pelo uso da língua e que, no “seu tempo”, era normal usar quase que exclusivamente a língua eslava, mesmo após o aprendizado do português. A língua era um fator de diferenciação, pois o seu uso só era deixado de lado em face de alguém que não pertencesse ao grupo. Para essas pessoas era mais fácil se expressar na língua dos seus ancestrais, pois todos a conheciam e dominavam melhor; deixar de falar ucraniano, para várias pessoas dessa geração, é deixar de ser ucraniano. A fronteira é o contato com o *outro* e

com a língua falada por esse *outro*, pois, na interação face a face, a interação verbal revela o pertencimento ou não ao grupo étnico.

No terceiro item do terceiro capítulo, “4.3. De 1960 a 1970: a segunda *coorte*”, são apresentadas as mudanças e continuidades entre os nascidos nas décadas de 1960 e 1970 em relação à geração anterior. Algumas similaridades permanecem entre os indivíduos reunidos nessa *coorte*. A língua ucraniana continua sendo aprendida primeiramente pelas crianças nascidas nesse período e o contato com o português ainda é feito primordialmente na escola.

Fazem parte da segunda geração e/ou *coorte* entrevistada: Teresinha (1961), Filomena (1963), Lúcia (1964) e Doroteia (1969). As duas primeiras moram na Linha Barra Bonita, Lúcia reside na Linha Visconde de Guarapuava e Doroteia na Linha Visconde de Nácar. Nascidos na década de 1970: Genésio (1970), residente na Linha Visconde de Nácar; Ana (1970) mora na área urbana, assim como Basílio (1973); Nicolau (1973) e Joana (1973) são moradores da Linha Ligação; e Tadeu (1976) é morador da Linha Visconde de Guarapuava.

Entre os nascidos em 1960-1970, da mesma forma que entre os nascidos nas duas décadas precedentes, no ambiente doméstico/familiar a língua eslava continuou dominante. Nas conversas com os integrantes desse grupo etário, ficou claro que o português somente era privilegiado nas interações com quem não sabia o ucraniano, neste caso, com quem não era descendente, pois nesse contexto pouquíssimas pessoas com a ascendência étnica não falavam a língua dos antepassados. Embora já existam casamentos mistos, a endogamia ainda permanece grande neste grupo.

Em síntese, as duas gerações analisadas no terceiro capítulo apresentam certas continuidades, sendo que a língua materna de praticamente todos os entrevistados é a ucraniana. Mas já se percebe uma pequena mudança no que diz respeito à endogamia e ao ensino do português como primeira língua aos filhos dos pertencentes à segunda *coorte*. Entretanto, a fronteira com o *outro* continua baseada no idioma, pois para conversar em casa o ucraniano era a regra, sendo o português a norma nas conversações externas ao lar e ao convívio familiar.

Há algumas mudanças perceptíveis entre os nascidos nas décadas de 1980 e meados dos anos 1990 em relação à geração anterior; por essa razão, as duas últimas gerações da Tabela 1 são discutidas no quarto capítulo: “O uso da língua nas relações intergeracionais: continuidades e rupturas”. No item “5.1. De 1980 a meados dos anos 1990: a terceira *coorte*”, verificamos que os nascidos nesse recorte já não apresentam a mesma conformidade em

relação à aquisição da primeira língua: alguns ainda aprenderam a falar o ucraniano antes da língua portuguesa, mas o aprendizado prioritário do português já havia se tornado significativo nos anos 1980 e na década de 1990. Entre as dez pessoas da *coorte*, cinco aprenderam primeiramente o português, sendo que apenas uma delas conseguiu dominar o ucraniano de forma satisfatória posteriormente.

Esse grupo, ainda que numericamente pequeno, traz indícios de mudanças importantes, como o aumento dos casamentos mistos e a busca cada vez maior de trabalho na área urbana. Nas décadas precedentes era comum a maior parte dos filhos permanecerem nas mesmas atividades dos pais e avós, mas essa geração já não se porta dessa forma, seja porque a propriedade rural ficou pequena devido ao número de filhos, seja porque as atividades agrícolas não mais permitem o sustento de todos, ou devido simplesmente ao crescimento das possibilidades de trabalho em núcleos urbanos maiores. Com vagas de trabalho em atividades remuneradas mensalmente, sem a sujeição às intempéries e à oscilação dos preços dos cereais e demais mercadorias produzidas na unidade agrícola, sair de casa para buscar trabalho na cidade passa a ser cada vez mais comum.

Essa *coorte* contou com 6 indivíduos que nasceram e viveram a maior parte da infância e adolescência na zona rural e 4 pessoas que sempre residiram na cidade. Todas as pessoas que nasceram e sempre moraram na área urbana não aprenderam a língua ucraniana, apenas compreendem e falam palavras isoladas. Mas todos, de um modo ou de outro, declararam que a língua é o fator que identifica os ucranianos, ainda que apenas na igreja “usem” a língua dos antepassados.

Márcia (1980) nasceu na Linha Visconde de Guarapuava, residiu na comunidade até o casamento e depois passou a morar na zona urbana de Prudentópolis. Na Linha Barra Bonita, no mesmo ano, nasceu Claudete, que morou com os pais na comunidade até os 10 anos. Após essa idade foi para um colégio interno das ISMI, no município de Apucarana-PR, onde permaneceu por quatro anos. No seu regresso a Prudentópolis ficou pouco mais de um ano como interna no colégio das Irmãs, porém não seguiu a carreira/vocação religiosa. Atualmente reside na área urbana do município.

Hallyssom (1982) nasceu e sempre residiu no perímetro urbano e por curto período morou fora do município, mas retornou e fixou residência na sede urbana. Situação muito similar ocorre com Solange (1986) e Luana (1991): ambas nasceram e sempre viveram na área urbana da cidade; embora tenham contato com parentes na zona rural, não tiveram a experiência de nascer e crescer na roça.

Carlos (1985) nasceu em Prudentópolis por “acidente”, pois os pais, embora naturais do município, moravam em Araucária-PR. Seu nascimento ocorreu em uma viagem de visita aos familiares. Carlos sempre morou na área urbana, tendo residido até aos 12 anos na região metropolitana da capital paranaense, quando então sua família retornou para Prudentópolis. O pai era natural da Linha Rio dos Patos e a mãe da Linha Herval Sede, duas comunidades do interior prudentopolitano.

Adriane (1986) nasceu na Linha Barra Bonita, onde passou boa parte da infância e o início da adolescência. A partir dos 12 ou 13 anos passou a residir na cidade para estudar e trabalhar. Atualmente mora na área urbana de Prudentópolis, mas seus pais continuam residindo em Linha Barra Bonita.

Na Linha Capanema, também em 1986, nasceu Maria, que permaneceu até aos 20 anos de idade na localidade natal com a família; findo esse período, passou a morar na cidade para trabalhar. Os pais continuam residindo na comunidade de nascimento da entrevistada. Anatolia (1993) e Cleber (1992) nasceram em Linha Esperança, onde passaram a infância, a adolescência e, após seus respectivos casamentos, continuam residindo na comunidade natal.

O item “5.2. Final da década de 1990 ao início dos anos 2000: a quarta *coorte*” aprofunda ainda mais as mudanças observadas na geração anterior. Todos os integrantes da quarta geração nasceram entre 1998 e 2001; metade nasceu e sempre morou na área rural e a outra metade na área urbana. Nenhum aprendeu a língua ucraniana em primeiro lugar, nenhum domina de forma plena a língua (verbalmente), todos declararam que o contato com a língua ucraniana se dá na igreja, mas que não compreendem tudo o que é falado pelo sacerdote. Porém, ainda que pareça paradoxal, vislumbram na língua um símbolo da *ucraneidade*.

Jeferson (2000), Luiz Miguel (2001), Isabela (2001), Lucas (2001) e Jonas (2001) nasceram e sempre residiram na área urbana de Prudentópolis. Edimar (1998), Anderson (2000) e Adriano (2001) nasceram na comunidade rural de Linha Pimental; Daniela (2000) e Selene (2000) nasceram em Linha Alto Barra Grande e Linha Ligação, respectivamente. Apenas Selene disse ter aprendido o ucraniano concomitantemente com o português. As outras nove pessoas entrevistadas da amostragem dessa geração não aprenderam em primeiro lugar o ucraniano, tendo todas o português como língua materna.

Após a análise das quatro gerações, duas no terceiro capítulo e duas no quarto, no item “5.3. O convívio entre diferentes gerações em um mesmo espaço e mesmo recorte de tempo:

temporalidades transversais” o intuito é pensar um pouco como as diferentes gerações conviveram em um contexto comum e se influenciaram mutuamente no que diz respeito ao uso da língua ucraniana. As pessoas, para serem consideradas da mesma geração, precisam vivenciar o mesmo contexto sócio-histórico e cultural, mas isso não as isola das demais gerações (MANNHEIM, 1993). Pessoas de diferentes faixas etárias convivem, e esta coexistência é que buscamos aprofundar no último item do capítulo 4.

A *ucraneidade*, o *ser ucraniano*, passa pelo uso da língua, e há locais em que ela possui mais condições de perpetuação/sobrevivência. Para tanto, a definição de *espaço* utilizada será aquela de Michel de Certeau (1994, p. 202), em que o *espaço* não é meramente um lugar físico e/ou delimitado por paredes, cercas e divisas fixas visíveis. Ele é um cruzamento de *móveis* (pessoas, ideias, etc.) e se diferencia do *lugar* (estático) porque as pessoas que o *praticam* lhe dão significado. A família, a igreja e a escola são espaços praticados pelas pessoas tanto das duas primeiras gerações, discutidas no capítulo 3, como pelas pessoas das duas últimas, analisadas no quarto capítulo.

Ao longo das quatro gerações discutidas, sendo o indivíduo mais velho nascido em 1941 e os mais jovens em 2001, partimos de um contexto em que era praticamente absoluta a aquisição do ucraniano como língua materna entre os descendentes de imigrantes para uma realidade em que o oposto é a norma, ou seja, o português é a primeira língua. Mas a atribuição de importância à língua para a identidade étnica ucraniana aparece tanto na visão dos nascidos na década de 40 do século XX como na dos nascidos no início do século XXI; o contato com o ucraniano na igreja também se repete com os entrevistados de todas as *coortes*.

Por essa razão, no quinto capítulo, “Imprensa e religião: pilares da língua ucraniana”, buscamos compreender a atuação da instituição Igreja na manutenção e no apego à língua trazida da Europa para Prudentópolis no final do século XIX. No primeiro item, “6.1. A imprensa ucraniana e a manutenção da língua em Prudentópolis”, trazemos uma discussão a respeito da imprensa, sobretudo da OSBM, pois esses periódicos editados no Brasil eram/são escritos com o alfabeto cirílico. Como muitos desses jornais eram/são propriedades da Igreja e, portanto, editados pelo clero ucraniano, se constituíram em um veículo de manutenção da religião, cultura e identidade e, conseqüentemente, da língua.

O jornal *Prácia* foi fundado no município de Prudentópolis em 1912 pelos padres da Ordem de São Basílio Magno (OSBM) e apenas interrompeu sua circulação durante parte do Estado Novo, no período que coincidiu com o conflito bélico mundial iniciado em 1939. Monolíngue em ucraniano durante décadas, é hoje bilíngue ucraniano/português: “Em 1993

teve sua primeira tiragem com editais da prefeitura municipal e avisos oficiais em português, e, a partir de 1995, são editadas notícias da Ucrânia em português. Por fim, em 1998 todo o jornal é publicado de forma bilíngue” (PRADO; ANTUNES, 2016, p. 24)<sup>16</sup>.

Se o número de leitores não era grande, devido ao analfabetismo, a importância do *Prácia* e do *Micionar* (este também editado pelos padres da OSBM) não deixa de ser relevante, pois serviam para que o clero expusesse suas ideias e, portanto, “conversasse” com a comunidade. Jornais, livros de devoção, de cantos, etc., foram fundamentais para a prática da religiosidade e, conseqüentemente, para a construção da identidade étnica, pois a língua dos fiéis da Paróquia São Josafat<sup>17</sup>, ucraniana de rito bizantino, era um elemento de distinção em relação à outra paróquia católica do município, a São João Batista, de rito latino.

No item “6.2. Língua ucraniana e religião: a atuação dos padres ucranianos a respeito do uso da língua e sua importância na manutenção da identidade”, é evidenciado o papel e, sobretudo, analisada a visão dos padres da Ordem de São Basílio Magno acerca da relevância da língua para a compreensão da identidade étnica ucraniana no município de Prudentópolis. A importância da Igreja Católica Ucraniana de Rito Oriental já é evidenciada desde o início da colonização em Prudentópolis, quando os imigrantes solicitaram que padres de sua terra natal viessem para atendê-los (GUÉRIOS, 2007). Na grande maioria das comunidades rurais ucranianas no município há uma igreja atendida pelos sacerdotes da referida ordem.

No terceiro item do quinto capítulo, “6.3. A atuação das freiras e catequistas ucranianas acerca da língua e sua importância na manutenção da identidade”, discutimos o papel das religiosas ucranianas nesse processo de formação e manutenção da identidade étnica em Prudentópolis, uma vez que a atuação das catequistas do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus (ISCSCJ) e das freiras da Ordem das Irmãs Servas de Maria Imaculada (ISMI) é relevante nessa manutenção da língua. As catequistas são mulheres que se dedicam, além de atividades profissionais diversas, às atividades pastorais.

O trabalho pastoral tanto das catequistas como das irmãs foi fundamental, pois, além do catecismo ensinado durante décadas exclusivamente em língua ucraniana, elas também

---

<sup>16</sup> Os anos 1990 podem ser considerados um ponto de inflexão, pois naquela década a energia elétrica passou a chegar a lugares em que ainda não existia, as transmissões de rádio e televisão exclusivamente em língua portuguesa chegaram com mais frequência às casas dos prudentopolitanos e colégios estaduais foram criados em várias regiões do município.

<sup>17</sup> De acordo com Skavronski (2016, p. 69-79), a Paróquia São Josafat congrega 42 igrejas e/ou capelas. Até 2014 ela pertencia à Eparquia (equivalente à Diocese na Igreja Latina) de São João Batista, sediada em Curitiba. A partir da criação da Eparquia da Imaculada Conceição, em Prudentópolis, em 2014, a Paróquia São Josafat passou à jurisdição eclesial desta.



davam aulas do idioma. Portanto, tiveram papel considerável na formação da etnicidade dos descendentes dos pioneiros.

Dessa forma, tentamos fundamentar, a partir das fontes e amparados pelo referencial teórico e pela metodologia explicitada, a argumentação de que o ucraniano, apesar da diminuição de seu uso, continua sendo um signo da identidade étnica ucraniana em Prudentópolis.

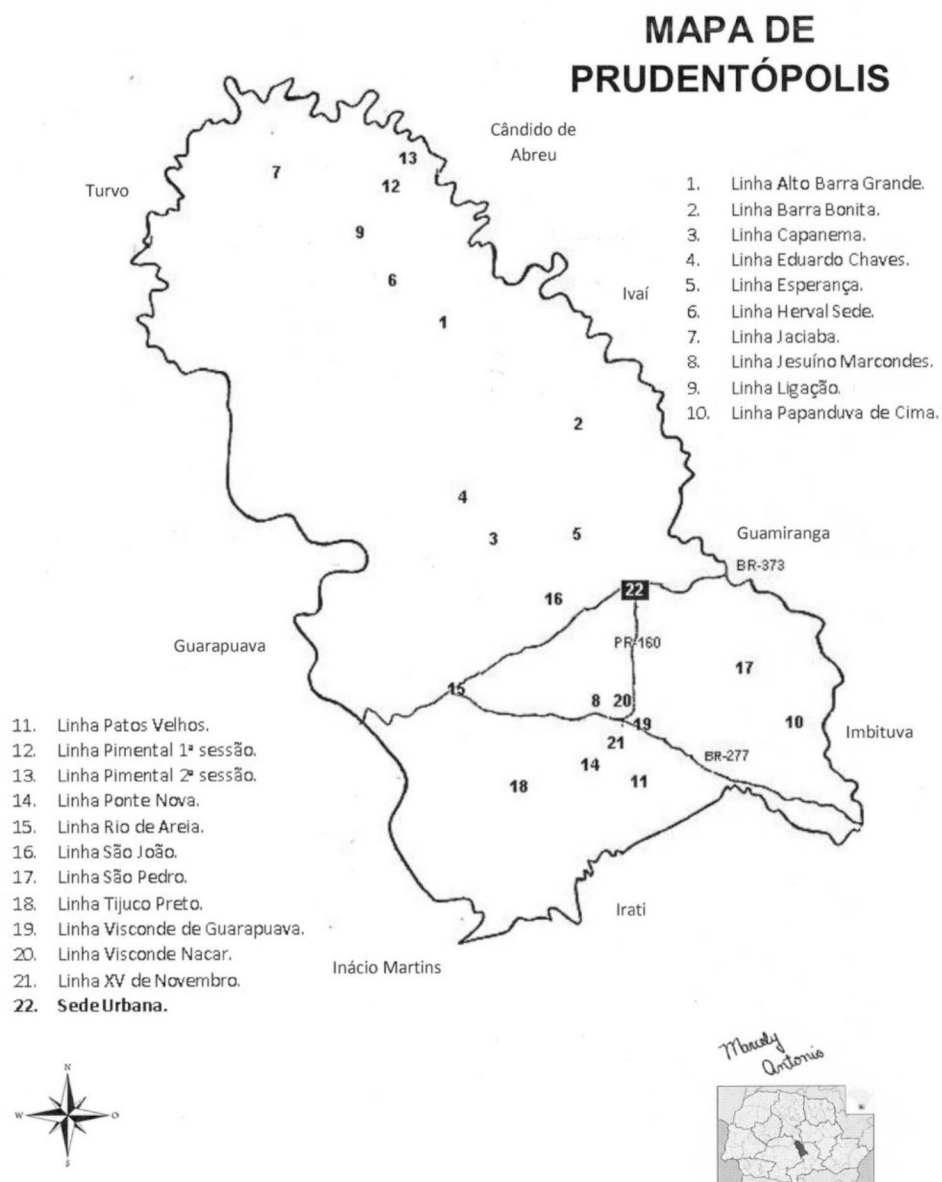
Para tanto, buscamos apresentar aspectos históricos do seu surgimento e da repressão sofrida na Europa, bem como sua condição de fator identitário e do bilinguismo e *diglossia* que vão, a partir dos contatos culturais, torná-lo um marco de diferenciação e propiciar a formação da identidade étnica ucraniana - discussão feita nos dois primeiros capítulos.

Iniciamos o terceiro capítulo debatendo a pertinência das análises com recortes geracionais, pois a identidade étnica, conforme defendido por Barth (2011), não permanece inalterada para todo o sempre. Na sequência, analisamos como, ao longo de duas gerações (1940-1950 e 1960-1970), a língua foi um símbolo da definição grupal.

No quarto capítulo, nos debruçamos sobre duas gerações mais novas (1980 e meados dos anos 1990; segunda metade dos anos 1990 e início dos anos 2000), para perceber as mudanças e permanências. Fechando o capítulo, realiza-se um debate acerca da coexistência de pessoas de diferentes faixas etárias.

Finalmente, no quinto capítulo, verificadas as mudanças e permanências e percebendo que a religião e o uso da língua na igreja é uma constante em todas as gerações abordadas, buscamos compreender o papel dessa instituição para que a língua permaneça viva e delimitando as fronteiras étnicas entre descendentes de ucranianos e não descendentes.

MAPA 1: PRUDENTÓPOLIS: SEDE URBANA E PRINCIPAIS COMUNIDADES DE RESIDÊNCIA DAS PESSOAS ENTREVISTADAS



FONTE: Acervo pessoal de Marcelly Antonio.

## **2 A HISTÓRIA DA LÍNGUA UCRANIANA: UM FATOR DE ETNICIDADE**

### **2.1 A LÍNGUA UCRANIANA: ASPECTOS HISTÓRICOS DO SURGIMENTO E REPRESSÃO DA LÍNGUA NA UCRÂNIA**

Durante a década de 1870, principalmente em sua segunda metade, quando Lamenha Lins foi o presidente da província do Paraná, houve um grande incentivo à imigração e instalação de núcleos coloniais próximos aos centros urbanos. O oposto do que havia ocorrido até então. Dessa forma, com menos recursos e em menor espaço de tempo, milhares de imigrantes, de diferentes origens, fixaram residência em solo paranaense. O sucesso do modelo fez com que as autoridades provinciais abandonassem quase completamente a colonização/ocupação de áreas distantes das maiores cidades. Os presidentes que sucederam Lamenha Lins acreditaram que o problema da colonização havia sido resolvido (NADALIN, 2001; GUÉRIOS, 2007).

No entanto, após o sucesso e a saturação do modelo de instalação de núcleos coloniais próximos dos centros urbanos, o problema dos “vazios demográficos” em áreas distantes voltou à pauta com mais frequência e se tornou um desafio no final do século XIX.

Se, por um lado, a presença de colônias próximas aos centros urbanos havia permitido uma produção maior de alimentos e dado impulso ao comércio, por outro lado paralisou a ocupação de vastas áreas da província (SANTOS, 1995, p. 24). Somente na década de 1890 as autoridades provinciais resolveram, novamente, atacar o problema da baixa densidade demográfica nos sertões paranaenses. Lembrando que as autoridades provinciais desconsideravam as populações nativas e por essa razão empreendiam seus projetos de criação de colônias para imigrantes sem se preocupar com a possibilidade de que determinadas áreas poderiam não ser vazias e sim ocupadas, ainda que por uma população pouco numerosa.

Nesse contexto é que o imigrante ucraniano entra em cena no Brasil, que passa a ser o destino de milhares de pessoas oriundas do leste europeu (BORUSZENKO, 1995). A história do município de Prudentópolis se mistura à própria história da imigração ucraniana.

Foi na década de 1890 que o maior número de imigrantes eslavos chegou a Prudentópolis; entre 1896 e 1897, mais de cinco mil pessoas foram direcionadas para o atual município. Esses imigrantes chegavam aos portos brasileiros sobretudo como austríacos, pois

a Galícia, principal região de origem dos ucranianos, fazia parte do Império Austro-Húngaro no século XIX (GUÉRIOS, 2007, p.117). Até o início da Primeira Guerra Mundial, havia perto de 45 mil ucranianos vivendo no Paraná; na década de 1960, aproximadamente 60 mil pessoas oriundas da Ucrânia haviam se instalado em terras paranaenses (BORUSZENKO, 1969, p. 429).

No final do século XIX e início do XX, o local onde hoje é Prudentópolis estava no caminho por onde deveriam passar os fios do telégrafo; isso atraiu pessoas para a região coberta pelas matas de araucária. Foi nesse momento, muito provavelmente, que os imigrantes ucranianos tiveram o primeiro contato com a língua portuguesa.

Por volta de 1895 foi criada a colônia Prudentópolis e um grande número de rutenos, seduzidos pelas companhias de imigração, chegaram à região fugindo da crise econômica do leste europeu e com a esperança de construir uma vida nova longe das perseguições políticas e religiosas. Andreazza (1996, p. 3) destaca que a designação “ruteno” era a forma como os ucranianos se automeavam no final do século XIX e início do XX. Conforme apontado pela autora, essa forma de identificação étnica era válida para todo o Paraná. De acordo com Guérios (2007, p. 11), essa era a forma como a Igreja Católica Romana e as autoridades de Viena denominavam as massas camponesas de religião greco-católica. A mudança de “rutenos” para “ucranianos” se deu, conforme aponta Guérios (2007, p. 190), no século XX, sobretudo a partir do nascimento e fortalecimento de um sentimento nacional.

Após a chegada ao Brasil os primeiros contatos devem ter sido difíceis, já que a língua portuguesa é muito diversa da ucraniana e, da mesma forma, muito diferente da polonesa e alemã, línguas com as quais os ucranianos tinham contato mais frequente na Europa; também muito diferente da língua russa que, embora possua semelhanças, é distinta do ucraniano (BURKO, 1963, p. 21). A Galícia era uma região de grande diversidade linguística. Os principais vernáculos falados eram “o alemão, o polaco, o ruteno e o ídiche, [que] tinham a companhia das línguas sacras, o latim, o antigo eslavo eclesiástico, o arménio antigo e o hebraico” (DAVIES, 2018, p. 537). No momento da chegada ao Brasil, podemos imaginar que os imigrantes enfrentaram a dificuldade de comunicação e precisaram aprender a nova língua, sem, entretanto, abandonar seu idioma materno.

No contato cultural e linguístico os ucranianos procuraram manter a língua trazida da terra natal. Dessa forma, essas pessoas que chegaram a Prudentópolis no final do século XIX se “fecharam” num enclave étnico onde a língua fornecia uma identidade comum frente aos descendentes de portugueses, afrodescendentes e demais imigrantes. Mas, quando a

comunicação exigiu o aprendizado do português, ambos os idiomas passaram a ser utilizados em Prudentópolis.

Existem várias características que *podem* ser apontadas como “próprias” dos descendentes de ucranianos: vestuário, alimentos, festas, entre outros. Importante frisar que essas características, embora comumente elencadas, na vida cotidiana não distinguem todas as pessoas e nem da mesma maneira. As vestimentas, por exemplo, muitas vezes são reservadas para ocasiões específicas<sup>18</sup>. As festas e alimentos, por sua vez, não são exclusivos para ucranianos.

No Brasil foi comum que as características étnicas desses imigrantes fossem misturadas e/ou confundidas pelas autoridades brasileiras. Muitas vezes eram identificados erroneamente como poloneses (o contrário também ocorria) ou, às vezes, como austríacos, uma vez que muitos viajavam para a América com documentos emitidos pelo Império Austro-Húngaro. Essa indistinção era comum entre aqueles que podiam ser chamados de brasileiros, mas podia também ocorrer com imigrantes não pertencentes ao tronco eslavo. Por exemplo, para um observador externo a alimentação típica pode ser muito semelhante à de outros grupos estrangeiros e, posteriormente, pode ter sido adotada por pessoas de diferentes ascendências. Mas a autodelimitação, entre os diferentes grupos eslavos, não aceita essa generalização.

Difícil identificar uma família como ucraniana simplesmente por estar comendo determinado alimento considerado típico. Alguns alimentos, salvo diferenças quase imperceptíveis para alguém de fora do grupo étnico, são muito similares. Mesmo que poloneses e ucranianos preparem pratos que se assemelham nos ingredientes, no modo de preparo, na forma de servir, a distinção ocorre no nome atribuído ao prato. Exemplo disso pode ser observado em um tipo de pastel de massa cozida. A massa pode ter recheio de batata, batata com requeijão, repolho com requeijão, feijão, entre outras combinações. Para um grupo é “piroque”, polonês, e para o outro é “perohê” ou “varéneke”, ucraniano (TELEGINSKI, 2016, p. 149-150; COSTENARO, 2013, p. 32; ANDREAZZA, 1996, p. 184).

Mas é na língua e na religião, principalmente, que os descendentes de ucranianos no Brasil e em Prudentópolis, recorte espacial desta pesquisa, podem ser identificados como ucranianos. Se o observador externo os confunde com os poloneses (ou confunde o polonês

---

<sup>18</sup> Todos os anos o Grupo Folclórico Vesselka realiza a “Noite Ucraniana”; nesse evento, pessoas vestem as roupas típicas, mas no dia a dia isso não se verifica de forma sistemática.

com o ucraniano), a língua permite a correção dessa imprecisão. A língua ucraniana é muito diversa da polonesa, tanto na sua sonoridade quanto no seu alfabeto.

Os poloneses utilizam o alfabeto latino, enquanto os ucranianos utilizam o cirílico. Para os descendentes de ucranianos a língua está também intimamente ligada à religião, uma vez que a Igreja Católica Ucraniana de Rito Oriental, embora observe as diretrizes do papado, possui um rito diferente (bizantino-oriental) e o idioma da liturgia continue sendo o ucraniano.

No que concerne à religião, é importante destacar que os imigrantes ucranianos que chegaram ao Brasil podiam ser tanto católicos romanos como ortodoxos. Após o Cisma do Oriente, em 1054, a cristandade católica se dividiu, sobretudo, em uma Igreja chefiada pelo Papa, em Roma, e uma Igreja chefiada pelo Patriarca, em Constantinopla. A Ucrânia havia ficado sob a influência ortodoxa, mas no século XVI uma parte do clero ucraniano solicitou ao Papa acolhimento no seio da Igreja Romana; o restante continuou ortodoxo e avesso ao papado (TAMANINI, 2017, p. 36-37).

No início, os padres ucranianos que foram absorvidos por Roma foram alocados em paróquias e dioceses latinas. Apenas no pontificado de Leão XIII, no século XIX, foram criados locais próprios ao clero ucraniano católico de rito oriental (TAMANINI, 2017, p. 38). Em Prudentópolis, ao contrário de Curitiba, não existe paróquia ortodoxa, apenas a católica de rito oriental: a Paróquia São Josafat, criada em 1897 por Dom José Camargo, primeiro bispo de Curitiba (METROPOLIA, a, s/d)<sup>19</sup>.

A língua, tanto falada quanto escrita, é uma condição fundamental no rito da igreja ucraniana no Brasil: orações, cantos, respostas da assembleia, tudo está na língua eslava. Isso acontece tanto na igreja ucraniana católica de rito oriental quanto na ortodoxa.

A Igreja é uma das responsáveis pela manutenção do idioma entre os descendentes dos imigrantes, mesmo passados mais de cem anos da chegada das primeiras famílias ao Brasil. As igrejas católicas de rito oriental do município de Prudentópolis, frequentadas por descendentes de ucranianos, têm na língua um fator comum que as diferencia. Tamanini (2017, p. 40) ressalta que “a coligação entre o catequizar e o ensinar a ler e escrever a língua eslava parecia uma estratégia e método assegurador para manter os ucranianos em seu pertencimento religioso”.

---

<sup>19</sup> S/D ou s/d significa aqui e doravante “sem data”.

Porém, até o século IX não havia um alfabeto familiar aos ucranianos. Quando, em 862, o príncipe Rostislav da Morávia pediu ao imperador bizantino Miguel III que enviasse pessoas capazes de compreender as Escrituras e transmitir seu conteúdo, a necessidade de tradução motivou a criação de um alfabeto, pois as línguas eslavas eram praticamente ágrafas. Coube a Cirilo (827-869) e Metódio (825-885) a tarefa de criação de um alfabeto próprio e da tradução da Bíblia em uma língua que fosse inteligível para os eslavos<sup>20</sup>. As Bíblias trazidas para o Brasil pelos primeiros padres ucranianos eram escritas com esse alfabeto. Apenas posteriormente a Bíblia usada pelos padres basilianos (OSBM) foi traduzida para o ucraniano com a versão “moderna” do cirílico.

A língua ucraniana, portanto, não possuía escrita até o século IX da Era Cristã, existindo apenas sua forma oral. O alfabeto criado por Cirilo e Metódio foi chamado de “eslavônico”, “eslavo antigo” ou, ainda, “eslavo eclesiástico”, pois era comum em traduções da Bíblia e textos religiosos. Os caracteres criados pelos dois, considerados santos da Igreja Católica e Ortodoxa, são considerados a base do alfabeto cirílico, que recebeu essa denominação em homenagem a Cirilo<sup>21</sup>. De acordo com Benedict Anderson, somente em 1819 surgiu uma gramática ucraniana, dezessete anos após a sistematização da primeira gramática oficial russa (ANDERSON, 2008, p. 116). Além disso, na Galícia o vocabulário ucraniano sofreu um “polonismo” e oscilou entre os alfabetos cirílico e latino (DAVIES, 2018, p. 537).

A língua no seu aspecto oral, no entanto, é bem mais antiga. Entre os séculos V e VII teria se formado o grupo eslavo do leste europeu: ucranianos, russos e bielorrussos:

Temos diversas visões quanto à origem da língua ucraniana. A maioria dos autores aceita que a língua ucraniana iniciou sua formação não antes dos séculos VI-VII da nova era. Contudo, dificilmente esta afirmação pode ser aceita sem ressalvas. Torna-se impossível estabelecer a data exata, porque as especificidades léxicas, fonéticas e gramaticais que determinam a língua de algum povo acumulam-se durante séculos.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> Os poloneses, embora também sejam eslavos, adotaram o alfabeto latino, e seu clero segue os ritos latinos.

<sup>21</sup> Informações adicionais sobre o alfabeto cirílico podem ser obtidas no endereço: <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2001166>. Acesso em: 12 maio 2017.

<sup>22</sup> Disponível em: [https://ukrainskamova.com/publ/zagalni\\_dani/istorija\\_ukrajinskoji\\_movi/3](https://ukrainskamova.com/publ/zagalni_dani/istorija_ukrajinskoji_movi/3). Acesso em: 10 abr. 2017. Tradução livre de Marta Belo. No original: *Є різні погляди на походження української мови. Більшість авторів і сходяться на тому, що українська мова почала формуватися не раніше VI—VII ст. н. е. Проте навряд чи з таким твердженням можна беззастережно погодитися. Звичайно, точної дати виникнення мови встановити неможливо, бо фонетичні, лексичні й граматичні особливості, які виокремлюють певну мову з якогось масиву, накопичуються протягом століть.*

De acordo com Boruszenko (1969, p. 424), a Ucrânia surgiu como nação definida historicamente no século IX. No século X, quando Volodemer “O Grande” (ou Volodymyr) governava Russ de Kiev, as tribos ucranianas foram reunidas e, conseqüentemente, houve um incentivo à língua ucraniana. Porém, a unificação durou pouco tempo. Após diversas invasões, o principado se dividiu em vários principados menores e não houve uma nação única e forte para propagar a língua ucraniana.

Quando surgiu a nação ucraniana de Russ de Kiev, ela unia as tribos que usavam língua eslava. Infelizmente este governo, nas fronteiras da Ucrânia atual, existiu pouco tempo: apenas Volodemer, o Grande, no século X, reuniu todas as terras russas. Já na metade do século XI, logo após a morte de Volodemer Monomax, o grande império dividiu-se em vários principados e em 1240 os Tártaros Mongóis o destruíram. Depois disso e até pouco tempo não havia nação que divulgasse e estabilizasse a língua ucraniana em todo o território ucraniano.<sup>23</sup>

A partir dessa época a Ucrânia passará por um longo período de dominação estrangeira:

A Ucrânia, por cerca de 700 anos, foi dividida entre várias nações que, de todas as maneiras, extirpavam (erradicavam) a língua da população autóctone e implantavam a sua. A Russ de Zakarpatia, desde o século XI até meados do século XX, pertencia à Hungria. A Galícia e parte da Volínia na segunda metade do século XIV foram dominadas pela Polónia, que ficou ali até 1939. No resto das terras ucranianas, excluindo o século XIV, os Tartáro-mongóis, dominavam [também] a Lituânia. Depois estas terras passaram para o domínio polonês e, posteriormente, russo.<sup>24</sup>

Estudiosos da Rússia aceitavam que os idiomas ucraniano e russo passaram a ter distinções apenas para períodos posteriores aos séculos XIV e XVI, mas sem um consenso

---

<sup>23</sup> Disponível em: [https://ukrainskamova.com/publ/zagalni\\_dani/istorija\\_ukrajinskoji\\_movi/3](https://ukrainskamova.com/publ/zagalni_dani/istorija_ukrajinskoji_movi/3). Acesso em: 10 abr. 2017. Tradução livre de Marta Belo. No original: *Коли постала відома українська держава Київська Русь, то вона об'єднувала переважно племена чи союзи племен, які вже говорили слов'янською мовою. До того ж ця держава в межах сучасної України проіснувала порівняно недовго: щойно Володимир Великий наприкінці X ст. зібрав до купи всі так звані руські землі, як уже в першій половині XII ст., незабаром після смерті Володимира Мономаха, вона розпалася на низку князівств, а 1240 р. була розгромлена татаро-монголами. Після цього аж до недавнього часу не було держави, яка б поширювала й утверджувала українську мову на всій території України.*

<sup>24</sup> Disponível em: [https://ukrainskamova.com/publ/zagalni\\_dani/istorija\\_ukrajinskoji\\_movi/3](https://ukrainskamova.com/publ/zagalni_dani/istorija_ukrajinskoji_movi/3). Acesso em: 10 abr. 2017. Tradução livre de Marta Belo. Texto original: *Україна близько 700 років була розчленована між різними державами, які всіляко викоринювали мову її автохтонного населення й насаджували свою. Закарпатська Русь від початку XI ст. до середини XX ст. входила до складу Угорщини. Галичину й частину Волині в другій половині XIV ст. загарбала Польща, яка втримувалася тут аж до 1939 р. На решті українських земель, відтіснивши з них у XIV ст. татаро-монголів, до 1569 р. панувала Литва. Потім ці землі перейшли під владу Польщі, а відтак Росії.*



acerca do assunto<sup>25</sup>. Com isso, provavelmente os russos buscavam vincular as duas histórias e as duas línguas no que concernia às suas origens. A falta de independência política da Ucrânia durante muitos séculos submeteu parte de sua história à lente estrangeira. A respeito do idioma, no início do século XX a Enciclopédia Britânica classificava a língua ucraniana como um dialeto russo<sup>26</sup>.

Diante disso, podemos perceber que o ucraniano, mesmo antes de chegar a terras brasileiras, já representava um elemento de identificação, pois era uma característica que os definia enquanto um grupo frente ao “outro”. Ele não era apenas um mecanismo de comunicação, mas sim uma condição que os tornava ucranianos e não russos, bielorrussos ou poloneses, por exemplo. Na Ucrânia<sup>27</sup> o que se falava, como se falava e, principalmente, em que língua se falava era fundamental para a delimitação cultural e étnica. Mesmo no leste europeu temos indícios de que a fronteira étnica, construída no contato com o outro, muito se devia à questão linguística.

Na luta ucraniana contra o czarismo russo e, principalmente, durante a dominação soviética, a língua foi um aspecto étnico-cultural reprimido. Embora a União Soviética não possuísse uma língua oficial, na prática o russo prevalecia sobre as demais línguas das repúblicas em torno de Moscou:

Durante as sete décadas da era soviética, a língua ucraniana, na lei e na teoria, manteve a posição de língua local principal República Socialista Soviética da Ucrânia. No entanto, a realidade mostra muitas vezes uma história diferente: o ucraniano sempre teve de competir com o russo, e as atitudes da liderança soviética têm sido muitas vezes desfavoráveis ao ucraniano.<sup>28</sup>

A incorporação da Ucrânia à URSS trouxe diversas consequências para a língua ucraniana. A principal delas foi a chamada “russificação” da língua ucraniana, mas esse avanço do russo sobre o ucraniano já ocorria desde a época dos czares (ADAM, 2008, p. 71). Esse processo foi facilitado pela subordinação política e econômica de Kiev a Moscou; a

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.101languages.net/ukrainian/history.html>. Acesso em: 04 maio 2017.

<sup>26</sup> Disponível em: <http://www.101languages.net/ukrainian/history.html>. Acesso em: 04 maio 2017.

<sup>27</sup> No período a que estamos nos referindo não existe a Ucrânia enquanto nação politicamente independente. Aqui a menção à Ucrânia diz respeito aos territórios onde posteriormente se formou o país independente.

<sup>28</sup> Disponível em: <http://www.101languages.net/ukrainian/history.html>. Acesso em: 04 maio 2017. Tradução livre de Mariluci Dias Cambui de Melo. Texto original: “During the seven decade long Soviet era, the Ukrainian language, in law and theory, held the position of the principal Local language in the Ukrainian SSR. However, practice was often a different story: Ukrainian always had to compete with Russian, and the attitudes of the Soviet leadership have often been unfavorable to Ukrainian”.

proximidade dos dois idiomas e o fato de ambos utilizarem o alfabeto cirílico também contribuiu para que a língua russa interferisse na fala e nos escritos ucranianos.

O apego das Repúblicas soviéticas a seus idiomas locais poderia ser entendido como uma manifestação de nacionalismo e uma ameaça à unidade política/ideológica do bloco. Por essa razão, nas diversas repúblicas, sobretudo no período em que Stalin esteve à frente do governo soviético, as línguas foram colocadas em condição secundária, ou seja, o russo prevalecia como o idioma do Estado e, portanto, leis, decretos, orientações estatais eram feitas primordialmente em russo.

A era stalinista foi caracterizada por repressões maciças e muitas dificuldades para a língua e o povo ucranianos. Muitos ucranianos muitas vezes enfatizam que as repressões foram aplicadas mais cedo e mais ferozmente na Ucrânia e foram, portanto, anti-ucraniano (sic); Outros afirmam que o objetivo de Stalin era o esmagamento genérico de qualquer dissidência, e não os ucranianos em particular.<sup>29</sup>

Da Galícia<sup>30</sup>, que fazia parte do Império Austro-Húngaro, saiu o maior número de emigrantes ucranianos com destino ao Brasil no final do século XIX. Sob o domínio austríaco os ucranianos possuíam maior autonomia linguística, em comparação com a situação vivida por eles sob o czarismo ou, posteriormente, quando o país compôs a URSS. Mas na Galícia austríaca a língua também era um fator crucial para a determinação do grupo e para as ambições ucranianas de unidade nacional.

Nesse contexto, uma linguagem inteligível a todos era fundamental. As discussões políticas dos nacionalistas precisavam chegar ao povo em geral, principalmente aos camponeses que, proporcionalmente, representavam a maior parte da população ucraniana, uma maioria analfabeta. Se o analfabetismo era um obstáculo, maior obstáculo ainda seria se o pouco material escrito chegasse em língua diversa daquela que oralmente eles dominavam. Na Galícia austríaca os ucranianos mantinham contato maior com russos e poloneses, além dos próprios austríacos. Embora não houvesse proibição do idioma ucraniano nos estabelecimentos de ensino, a estrutura de tais escolas era péssima e a frequência dos alunos

---

<sup>29</sup> Disponível em: <http://www.101languages.net/ukrainian/history.html>. Acesso em: 04 maio 2017. Tradução livre de Mariluci Dias Cambui de Melo. Texto original: “The Stalinist era was characterized by massive repressions and many hardships for Ukrainian language and the people. Many Ukrainians often emphasize that the repressions were applied earlier and more fiercely in Ukraine and were therefore anti-Ukrainian; some others assert that Stalin's goal was the generic crushing of any dissent, rather than targeting the Ukrainians in particular”.

<sup>30</sup> A Galícia, da qual são originários os ucranianos que vieram para o Brasil, é uma região na Europa Central, existindo uma região homônima na Península Ibérica.

era baixa, em comparação com regiões de domínio austríaco em que a maioria não era ucraniana (HIMKA, 1988, p. 61). Se os jornais viessem impressos em vernáculo russo ou alemão isso representaria uma dificuldade a mais nesse contexto. A maioria dos camponeses era analfabeta e era esperado que os poucos letrados lessem ucraniano (HIMKA, 1988, p. 59-60).

No decorrer daquele século o movimento nacional ucraniano tinha como principais agentes professores, líderes de coral e padres. Himka (1988) os chama de *notáveis*. O líder de coral era uma pessoa da própria comuna ou aldeia, que realizava trabalhos na capela. Esses três segmentos se distinguiram pelo fato de saberem ler e escrever. Eram esses grupos, quase que exclusivamente, que traziam informações de “fora” para dentro da aldeia.

Os professores trabalhavam diretamente com as crianças nas vilas (comunas) e muitos tinham origem humilde: “O salário do professor era pago em parte pelo governo comunal (municipal), e em parte pelo distrito e província” (HIMKA, 1988, p. 111)<sup>31</sup>. Os homens que almejavam ser professores precisavam passar por um “seminário” específico para essa finalidade por 4 anos e precisavam saber o alemão. Os docentes ucranianos estudavam ainda o ucraniano e o polonês, e os candidatos ao cargo de docente deveriam frequentar um curso de utraquismo<sup>32</sup> em Lviv, Ternopil ou Stanyslaviv (HIMKA, 1988, p. 113-115).

O líder de coral, por sua vez, não necessitava de uma formação específica: bastava que soubesse ler e escrever. Havia alguns cursos de formação, mas não era obrigatória sua frequência. Eram responsáveis por manter a igreja/capela em ordem e desempenhavam funções litúrgicas, sendo uma delas cantar as respostas nas missas; também podiam exercer outras funções, como secretários de clubes de leitura (HIMKA, 1988, p. 106).

Os padres estudavam por 4 anos na Faculdade de Teologia na Universidade Lviv. Os sacerdotes estudavam as línguas vivas da Galícia (alemão, ucraniano e polonês) e ainda faziam estudos de latim e de “eslavo da velha igreja”. Alguns seminaristas faziam cursos fora da faculdade e até mesmo longe da Galícia, bem como aprendiam línguas diferentes daquelas obrigatórias (HIMKA, 1988, p. 113). A partir da década de 1860 foram implementadas melhorias no sistema educacional na Galícia, mas o número de pessoas beneficiadas ainda era

---

<sup>31</sup> Tradução livre do original: “The teacher’s salary was paid in part by the communal (municipal) government and in part by the district and crownland”.

<sup>32</sup> O utraquismo é uma corrente de pensamento dentro do cristianismo que defende que todos os fiéis devem receber a Eucaristia em “ambas as espécies”, ou seja, o pão e o vinho. Em algumas igrejas apenas os sacerdotes bebem o vinho. Nas igrejas ucranianas é comum o pão ser dado aos fiéis molhado no vinho.

pequeno; no decorrer da segunda metade do século XIX e no início do século XX os ucranianos continuaram tendo poucas escolas em seu próprio idioma. A maior parte dos estabelecimentos escolares e universidades era operada por poloneses. Em 1914 existiam 61 liceus polacos e apenas 6 ucranianos. A própria Universidade de Lviv era polaca (DAVIES, 2018, p. 542)<sup>33</sup>.

Os três segmentos descritos possuíam em comum o fato de serem letrados: os padres com maior grau de estudos e os líderes de coral sendo os menos instruídos. Sua importância residia na capacidade de interpretar e “traduzir” o movimento nacional para a massa camponesa; isso se dava pelo fato de saberem ler e falar o vernáculo dos camponeses. No entanto, a posição desses três grupos não se dava de forma uníssona, visto que cada um interpretava o movimento nacional de forma específica, ainda que todos conseguissem, nas palavras de Himka (1988, p. 123), ter uma compreensão da ideologia do movimento nacional, uma consciência que extrapolava os limites da comuna (aldeia).

Os padres costumavam reinterpretar o movimento nacional, inserindo-o em uma interpretação teológica:

A ideologia dos padres ativistas greco-católicos concebia o movimento nacional como a luta da virtude contra o vício. Particularmente, quatro pares de virtudes e vícios estavam em questão: ignorância-iluminismo, bebedeira-sobriedade, preguiça-diligência e prodigalidade-parcimônia (HIMKA, 1988, p. 125).<sup>34</sup>

Os professores possuíam uma ligação estreita com as ideias do Iluminismo, mas também buscavam prestígio social junto à população. Eles sofriam maior preconceito em razão da sua origem ucraniana, recebiam salários menores e não tinham um seminário exclusivo em língua ucraniana, enquanto, em meados dos anos 1880, em seis estabelecimentos era utilizado exclusivamente o polonês. Nos três seminários bilíngues polonês/ucraniano a língua polonesa sobressaía sobre a ucraniana (HIMKA, 1988, p. 128-129). Os líderes de coral almejavam, entre outras coisas, prestígio social e melhoria nas suas condições materiais, uma vez que eram os menos aquinhoados dos notáveis.

---

<sup>33</sup> A cidade de Lviv foi rebatizada e os austríacos passaram a chamá-la de Lemberg (DAVIES, 2018, p. 525).

<sup>34</sup> Tradução livre do original: “The ideology of the Greek Catholic priest-activist conceived of the national movement as the struggle of virtue against vice. Particularly, four pairs of virtues and vices were at issue: ignorance-enlightenment, drunkenness-sobriety, sloth-diligence and prodigality-thrift”.

Durante o período da dominação austríaca houve relativa tolerância cultural e linguística, o que poderia facilitar os anseios de uma independência ucraniana. Mas essa maior “liberdade” era vigiada: “Durante os primeiros 100 anos, as autoridades austríacas de Lemberg [Lviv] promoveram uma política de germanização linguística constante” (DAVIES, 2018, p. 535). O “Reino da Galícia” foi criado na década de 70 do século XVIII e possuía uma maioria polonesa na parte ocidental e uma maioria ucraniana na parte oriental; tanto uns como outros eram explorados pelo governo de Viena, que considerava que os povos situados na direção oriente eram atrasados e exóticos (DAVIES, 2018, p. 524-528).

As pessoas ligadas ao movimento que ansiava por uma Ucrânia independente eram letradas, viviam em centros urbanos maiores e tinham contato com ideias vindas de outros países, em razão do domínio da leitura. O desafio era fazer com que tais ideias chegassem às pessoas do campo e que estas mensagens fossem decodificadas pelas massas camponesas.

Um veículo importante usado para que informações chegassem aos longínquos vilarejos eram os jornais e, ao longo do século XIX, houve um florescimento da imprensa ucraniana na Galícia. Esses jornais não tinham relevância apenas por trazerem ideias nacionalistas ou informações de interesse dos ucranianos: seu diferencial era o idioma em que vinham impressos. Esse fator era fundamental para que as pessoas conhecessem o que diziam os nacionalistas ucranianos. Em suma, a língua era o fator primordial na construção de uma Ucrânia independente. Anderson (2008, p. 73) destaca que a difusão da imprensa em vernáculo e o declínio do latim foram fundamentais para as discussões acerca da “consciência nacional”.

À dificuldade do analfabetismo somava-se a falta de recursos financeiros dos camponeses: “A agricultura era tradicional, para não dizer primitiva. Os camponeses viviam em cabanas de madeira, teciam suas roupas e trabalhavam nos campos, seguindo uma rotina intemporal” (DAVIES, 2018, p. 529). Nesse cenário, poucas pessoas nas aldeias possuíam condições de assinar uma revista ou um jornal. A criação de clubes de leitura foi uma tática usada para superar essa restrição orçamentária das famílias das aldeias. Nesse contexto, muitas vezes na residência de um camponês, as poucas pessoas letradas podiam fazer leituras em voz alta. O material, em língua ucraniana, era lido por alguém que compartilhava as informações e ajudava na reflexão acerca dos problemas e desafios pelos quais a aldeia passava ou diante do que se colocava além do horizonte local.

Além das dificuldades inerentes aos próprios ucranianos, ou seja, o analfabetismo e a falta de recursos financeiros, existia também a rivalidade com os poloneses. Na Galícia os poloneses também almejavam independência.

Dessa forma, os ucranianos também precisavam disputar com os poloneses, pois, caso o movimento nacional polonês triunfasse, uma nova realidade desfavorável aos ucranianos se apresentaria, uma vez que os poloneses incluíam a Galícia nos seus sonhos emancipatórios. Uma diferença importante entre os movimentos nacionalistas ucraniano e polonês estava na liderança e, por conseguinte, na língua dos líderes: os ucranianos tinham como principal comando membros da Igreja<sup>35</sup>, que usavam a língua ucraniana, enquanto os poloneses não estavam ligados necessariamente à Igreja (HIMKA, 1988, p. 124). Em 1871 a Galícia conquistou uma certa autonomia e o polaco foi o idioma adotado para a administração e o sistema educacional; todos os vice-reis foram poloneses (DAVIES, 2018, p. 548).

A atenção das autoridades com a atividade da imprensa ucraniana era constante. Os percalços eram grandes, pois a nobreza polonesa, que controlava o governo na Galícia, não via com bons olhos a produção de material político destinado aos camponeses ucranianos: “Um terço das edições do *Batkivshchyna*<sup>36</sup> publicado em 1879, um quarto em 1880 e 1881, e mais de 40 por cento em 1882, foram confiscados pelas autoridades” (HIMKA, 1988, p. 71)<sup>37</sup>. Os dados demonstram que material político e em língua inteligível aos camponeses era algo a ser acompanhado com atenção. Em suma, os jornais não sofreriam intervenção alguma se fossem em língua ininteligível para os ucranianos ou se suas informações não fossem de caráter político.

O jornal *Batkivshchyna* surgiu em 1879 e era editado pela *Prosvita* (Iluminação), um movimento nacionalista ucraniano com ideais baseados no Iluminismo (ANDREAZZA, 1996, p. 25). Além dos jornais e revistas, clubes de leitura foram criados em toda a Galícia no século XIX; com essa iniciativa, tanto a *Prosvita* como o clero objetivavam diminuir o analfabetismo e disseminar os ideais de emancipação. Alguns padres, dependendo do contexto, podiam até ir contra os clubes de leitura, mas essa contrariedade normalmente se dava quando havia alguma pressão das autoridades galegas ou das relações do sacerdote com as autoridades austríacas e polonesas. Os clubes de leitura tanto podiam estar instalados em

---

<sup>35</sup> Os poloneses eram católicos romanos, enquanto os ucranianos pertenciam à Igreja católica grega.

<sup>36</sup> O nome do jornal remete às ideias de *patrimônio e pátria*.

<sup>37</sup> Texto original: “A third of the issues of *Batkivshchyna* published in 1879, a quarter in 1880 and 1881, and over 40 per cent in 1882 were confiscated by the authorities”. Tradução livre.

um prédio específico para esse fim como em alguma residência. Como poucas pessoas sabiam ler, a leitura pública era comum nesses locais. O papel de quem sabia ler era fundamental; nessas circunstâncias, os professores, os líderes de coral e os padres se destacavam. Analisado por Himka (1988, p. 74), o “corpo de correspondência”, conjunto de cartas enviadas e recebidas pelos responsáveis pelo *Batkivshchyna*, demonstra as contradições nas aldeias ucranianas da Galícia em torno dos clubes de leitura, bem como da postura dos notáveis.

Seguindo essa senda, se a oralidade ucraniana não era coibida na Galícia no período austríaco, sendo muito mais tolerada quando se compara com a postura dos czares e dos soviéticos, a escrita não era algo tão livre. Os ideais de nacionalidade chegavam com os jornais e com a língua impressa; por essa razão, a escrita acabava sofrendo restrições. Importante destacar que o controle era muito menos do governo central em Viena do que das autoridades locais, cujos postos mais altos eram praticamente inacessíveis aos ucranianos e ocupados por poloneses (DAVIES, 2018, p. 548). Mesmo na parte oriental da Galícia, em que os poloneses eram menos numerosos, eles constituíam a nobreza detentora das terras (ANDREAZZA, 1996, p. 16; DAVIES, 2018, p. 531). No entanto, a massa camponesa, ucraniana e polonesa, tinha na pobreza e exploração algo em comum (DAVIES, 2018, p. 532).

A fronteira étnica, para Barth (2011, p. 195), não se forma no isolamento geográfico e sim na relação social decorrente do atrito, da contiguidade territorial. Na relação entre poloneses e ucranianos, são estes últimos que constantemente precisam de autoafirmação, uma vez que os poloneses possuíam certa supremacia social e política (voltaremos ao tema da fronteira étnica no próximo item).

As dificuldades de sobrevivência dos jornais ucranianos na Galícia não residiam apenas no analfabetismo ou na incapacidade financeira dos camponeses. Acostumadas a uma sociedade praticamente ágrafa, as pessoas mais velhas não viam com bons olhos a penetração de materiais e costumes que não faziam parte do cotidiano da aldeia. A tradição era algo que pesava contra os clubes de leitura (esse embate entre inovações e tradição, entre outros aspectos, será motivo de atritos entre a Igreja e a *Prosvita*). Camponeses mais velhos ou mais aferrados a determinadas ideias eram contrários aos clubes, que consideravam perda de tempo e dinheiro. O valor gasto com a assinatura de revistas e jornais poderia ser usado em outras coisas ou materiais mais urgentes, e o tempo gasto nos clubes poderia ser empregado no descanso ou na realização de um trabalho.







A questão nacionalista e a questão linguística estavam, dessa forma, intimamente ligadas. Sufocar os periódicos com mensagens políticas significava sufocar a língua também, ainda que na sua forma escrita. Liberar de forma irrestrita o idioma e os periódicos era a porta de entrada de ideias políticas consideradas subversivas. Portanto, a linguagem ucraniana não era livre na Galícia: ela era tolerada.

Os ucranianos que estavam sob o domínio russo também não gozavam de liberdade plena referente ao uso de sua língua materna e da palavra impressa. Tarás Chevtchenko foi proibido, em meados do século XIX, de publicar em língua ucraniana, pois seus textos de cunho nacionalista entravam em choque com os ditames do czarismo russo (GUÉRIOS, 2007, p. 193-194).

A Galícia e a Bukovina estavam sob o domínio do Império Austro-Húngaro no final do século XVIII, porém uma parte significativa do território ucraniano havia ficado sob o controle da Rússia czarista. Após mais de um século divididos entre o Império Russo e o Império Austro-Húngaro, em 1917, aproveitando-se da instabilidade política na região, os ucranianos realizaram sua emancipação. A Rússia destroçada pela guerra e pela Revolução de 1917 e o colapso do Império dos Habsburgos com as derrotas no conflito mundial iniciado em 1914 propiciaram aos ucranianos a oportunidade de liberdade. Porém, assim que a Rússia obteve condições militares, invadiu e submeteu novamente os territórios ucranianos mais orientais. A Ucrânia Ocidental (Galícia) buscava garantir sua autonomia política após o final da Primeira Guerra Mundial. Porém, a Polônia foi declarada soberana sobre a região em 1923, o que colocou fim, naquele momento, ao sonho ucraniano de liberdade (BORUSZENKO, 1969, p. 428). A parte oriental dos territórios ucranianos foi incorporada à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), criada em 1922.

No território ucraniano dominado pelos czares da família Romanov (1613-1917), a intolerância era maior. A disputa linguística nos domínios russos era acirrada, pois os dois idiomas possuíam origem comum, tinham sonoridade parecida e usavam o mesmo alfabeto. Ambos os lados reivindicavam para si o status de povo mais antigo, o que consequentemente tornaria a sua língua também a mais longa.

Por razões de ordem econômica, política e militar, a Rússia controlou áreas onde hoje se situa a Ucrânia. Diante desse quadro, o idioma ucraniano era rebaixado à condição de dialeto por Moscou. Esse tipo de discriminação ou restrição residia e era justificada na já citada proximidade dos dois vernáculos.

O governo russo buscava ampliar de todas as maneiras seu domínio, inclusive no campo cultural/linguístico/identitário. Os ucranianos, por sua vez, lançavam mão das táticas que estavam ao seu alcance. Uma delas era, justamente, não se deixar cooptar culturalmente, pois, uma vez naturalizada a dominação, seria mais difícil o nacionalismo triunfar e a Ucrânia se tornar uma nação independente.

Quem defendia a ideia de que a língua ucraniana era um ramo ou dialeto da língua russa acabava construindo um discurso de superioridade de um idioma sobre o outro. Mesmo que os defensores dessa postura não fossem ligados ao governo de Moscou, e que fizessem essa defesa sem um compromisso político partidário, a hierarquização entre as duas linguagens acabava surgindo. Havia nessa discussão um embate de discursos. A hierarquia era construída nas sutilezas. É uma questão simples e clara para quem olha de fora, com o distanciamento temporal: os russos se colocavam como superiores inclusive na língua, uma vez que usavam a "versão original", enquanto os ucranianos falavam apenas uma derivação.

A importância da questão linguística nas querelas entre russos e ucranianos não é algo irrisório ou secundário: ela está conectada à narrativa histórica de cada um dos dois países. A história “oficial” de cada um deles irá reivindicar a antiguidade e relevância de seu idioma. A construção de um discurso sobre a condição genuína da língua e sua antiguidade repousa na necessidade que alguns Estados Nacionais possuem de construir uma História épica, uma epopeia que ressalte os feitos grandiosos e quase imemoriais que praticamente se perdem na passagem do tempo, mas que influenciam questões na contemporaneidade.

Embora não formassem um Estado Nacional, os ucranianos eram postulantes a construir o seu Estado Nação; por isso, mesmo sob o domínio de outros países, buscavam demonstrar como a sua narrativa histórica possuía episódios memoráveis. Tanto sob o domínio da Rússia czarista como do Império Austro-Húngaro pessoas fomentaram o nacionalismo ucraniano. As ideias emancipatórias eram propagadas em vernáculo, e seu uso na transmissão de ideias era fator crucial para o êxito da empreitada.

Os embates a respeito da origem comum e hierarquização entre os dois idiomas alcançaram o século XX e cada um dos lados buscou fundamentar suas posições, recorrendo para isso a estudos universitários. Sendo locais de produção do saber, as universidades poderiam dar um parecer que resolvesse essa questão. Importante frisar que as universidades não são locais neutros, mas os estudos acadêmicos gozavam, no início do século XX, daquele *status* construído ao longo do século XIX de que a Universidade produzia ciência e de que esta era uma “verdade”. Nesse sentido, os resultados de pesquisas que indicassem a não

hierarquização entre as línguas ucraniana e russa, apontando sua diversidade, seriam uma vitória dos ucranianos nesse jogo de poder. Mesmo que essa vitória não se verificasse no campo político, no que se refere à independência da Ucrânia.

Na Galícia, desde o início do século XIX, havia uma luta para que a literatura ucraniana fosse reconhecida e o vernáculo fosse considerado uma língua distinta, o que aconteceu apenas em 1848 (DAVIES, 2018, p. 544). Mas essa questão não ficou definitivamente resolvida. Na primeira década do século XX estudos científicos ainda eram realizados com o intuito de demonstrar a singularidade do ucraniano, atestando sua independência do russo. Sendo ambos do tronco eslavo, um não era matriz - ou, ao contrário, versão simplificada - do outro. A língua ucraniana não era, portanto, um dialeto ou uma simples ramificação do russo: era diferente e com todos os requisitos que lhe garantiam alteridade (BURKO, 1963, p. 21).

A luta aqui não se restringe a uma questão linguística que se encerra em si mesma. Essa é uma face de um embate constante dos ucranianos em busca de autonomia política, econômica e cultural/identitária. O enfrentamento em torno dessa questão, em uma perspectiva foucaultiana, leva a discussões acerca da construção das “verdades”. Na produção dos discursos, o jogo de poder atua de lado a lado (FOUCAULT, 2009).

Na tentativa de estabelecer a “verdade” sobre qual língua seria a matriz, cada lado buscava um apoio institucional para sua “vontade de verdade”. Militar e economicamente mais forte, a Rússia tentava impor uma versão oficial e buscava interditar, proibir, uma “verdade” que não fosse a sua. Para isso, proibia os ucranianos, por exemplo, de usarem seu idioma em jornais. De acordo com Foucault (2009, p. 9):

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (grifos no original).

Na Ucrânia sob domínio soviético houve um trabalho sistemático de *russificação* linguística: a língua oficial em repartições do governo e em documentos importantes era o russo. Por essa razão, após a independência frente à URSS a Constituição ucraniana definiu seu idioma como o único oficial (ADAM, 2008, p. 85). Dessa forma percebemos que a

proibição ou restrição do vernáculo ucraniano na URSS era uma forma de estabelecer uma “verdade” a partir da interdição do discurso (FOUCAULT, 2009, p. 19).

Importante assinalar que a situação linguística na Ucrânia não está resolvida. Aliás, questões culturais e/ou étnicas não são solucionadas a partir de decisões políticas unilaterais. A Rússia czarista ou soviética não conseguiu acabar com o idioma ucraniano. Da mesma forma, o governo da ex-república soviética não conseguiu eliminar o russo dos seus territórios, mesmo tendo oficializado o ucraniano.

MAPA 3: UCRÂNIA E SEUS LIMITES (2010)

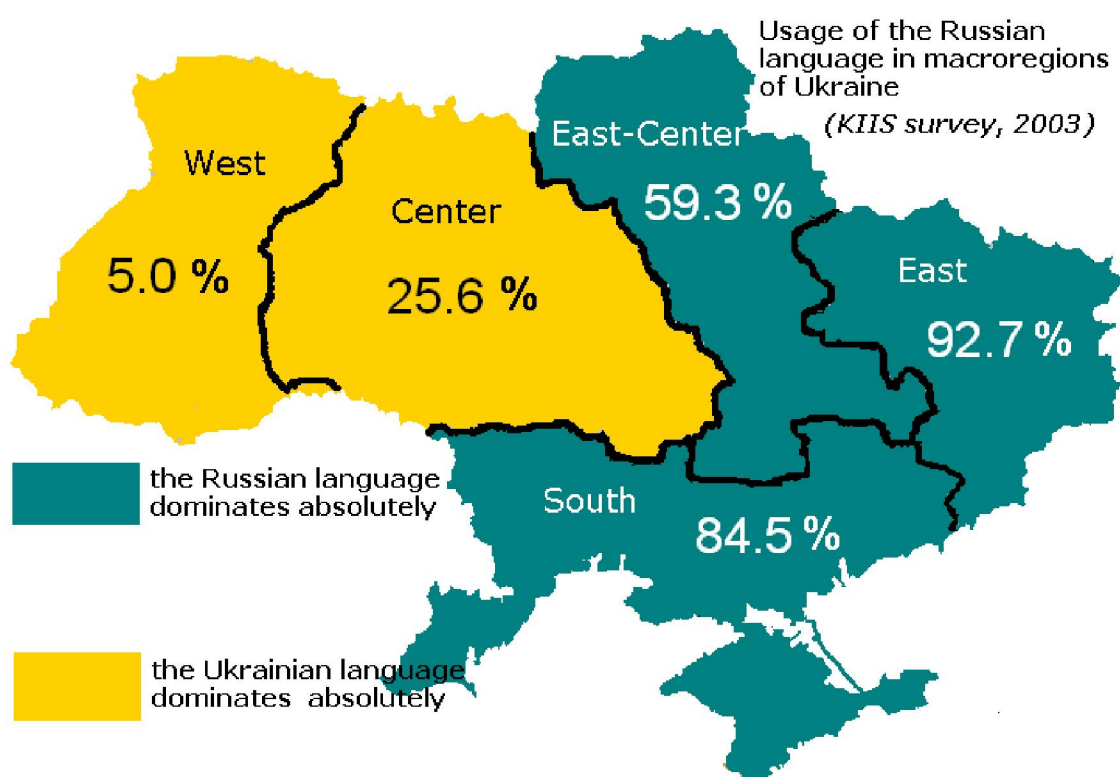


Fonte: <http://www.aereo.jor.br/wp-content/uploads/2014/03/mapa-ucrania.jpg>. Acesso em: 08 fev 2018.

No que se refere ao embate sobre a autonomia da língua ucraniana frente à língua russa, a “vontade de verdade” atua de um e de outro lado. Ucranianos e russos buscam estabelecer a sua verdade em detrimento da posição contrária; ambos os lados procuram fundamentar em suportes institucionais a legitimidade de sua versão. No entanto, as forças em confronto não são equivalentes; por essa razão, a “verdade” russa prevaleceu, pelo menos durante certo tempo, pois apenas os russos podiam pronunciá-la.

Quando o governo czarista proibiu Tarás Chevtchenko de publicar em vernáculo ucraniano, estava interditando um discurso para que apenas a “verdade” russa tivesse “voz”. Junto a essa interdição do conteúdo do discurso, a língua em que ele era proferido também era excluída. A identidade étnica ucraniana também estava sendo tolhida nesse processo. Da mesma forma, quando Himka (1988, p. 71) cita o confisco de jornais ucranianos feito pelo governo austríaco, isso pode ser entendido como uma interdição e exclusão de um discurso dissonante. O confisco se dava pelo conteúdo, mas a língua sofria de forma colateral.

MAPA 4: O USO DA LÍNGUA RUSSA NAS MACRORREGIÕES DA UCRÂNIA (2003)



Fonte: <http://sesiondecontrol.com/actualidad/internacional/rusia/la-lengua-en-ucrania-y-rusia/> Acesso em: 08 fev. 2018.

A própria origem dos dois Estados está envolta em marchas e contramarchas, mas o que há de comum é o esforço em fundamentar sua história em um tempo ancestral, quase mitológico. Os cronistas e historiadores que narram as histórias russa e ucraniana buscaram enraizá-las no tempo recuado, no mais longínquo possível.



Nas versões russas a Rússia tem sua origem em tempos mais remotos, portanto, teria condições de reivindicar certa supremacia cultural, política e linguística. Aceita a tese da maior antiguidade russa, haveria justificativas para sua dominação política, econômica e até cultural. Por outro lado, nas versões ucranianas ocorre o contrário: os ucranianos teriam uma origem mais recuada e, nessa leitura do passado, poderiam ser eles a origem dos russos.

De acordo com Alana Benini Luiz de França (2014, p. 10), existem pelo menos quatro leituras possíveis acerca do passado da Ucrânia: “Russófila”, “Sovietófila”, “Eslava Oriental” e “Ucranófila”. A primeira grade de leitura, a “Russófila”, traz a versão czarista, em que a Rússia é a irmã mais velha da Ucrânia e em que esta só surgiu em tempos mais próximos da contemporaneidade. A segunda leitura, a “Sovietófila”, predominou no século XX. Nessa interpretação, as diferenças regionais, étnicas e linguísticas foram suprimidas em nome da unidade soviética. A visão “Ucranófila” inverteu a lógica estabelecida e buscou demonstrar que a ideia da Rússia ser a irmã mais velha da Ucrânia não se sustentava. De acordo com os ucranianos adeptos dessa grade de leitura, a prova cabal estaria na antiguidade de Moscou e Kiev. Enquanto a capital russa teria pouco mais de 800 anos, tendo comemorado seu 800º aniversário em 1997, Kiev seria duas vezes mais velha, pois teria completado 1500 anos em 1982 (FRANÇA, 2014, p. 16). A “Eslava Oriental” é uma leitura que não favorece nem a supremacia russa nem a antiguidade ucraniana. Ela propõe a interpretação de que as versões ufanistas de lado a lado são exageradas e de que a história da região possui múltiplas facetas. No bojo dessa disputa entre as versões “Russófila” e “Ucranófila”, em que pese a antiguidade de cada uma das cidades (Moscou e Kiev) e, conseqüentemente, a longevidade de um povo e de outro, podemos também pensar a questão da língua. O grupo mais antigo teria condições de ser detentor da língua mãe, enquanto o outro seria portador de uma língua derivada.

Para superar a subordinação econômica e política a que estiveram submetidos durante muitos séculos, os ucranianos buscam/buscaram na História e na tradição sua superioridade. Mas nem sempre tiveram o controle do discurso histórico; aliás, na maior parte do tempo o tinteiro e a pena estiveram sob os cuidados de uma historiografia avessa aos ideais de nacionalidade ucraniana.

Para Marc Ferro (1989, p. 15-16), a história muitas vezes é “vigiada”. As versões históricas, não em raras oportunidades, *podem* ser ou são, na realidade, a visão dos órgãos/instâncias/instituições que controlam o discurso a respeito dos  *fatos* históricos. Por essa razão, a “contra-história”, uma análise a contrapelo das narrativas oficiais, surge em

diferentes contextos, países, temporalidades e temáticas. No entanto, “elas não são mais marcadas pelo selo da verdade que a história oficial” (FERRO, 1989, p. 53).

No caso empírico estudado aqui, a história oficial e a “contra-história” estão presentes, pois o passado ucraniano muda de conotação conforme a lente utilizada para vislumbrá-lo. Os autores dessas diferentes narrativas do passado, tanto russas como ucranianas, tentam/tentaram embasar cientificamente suas versões. Eles buscam estabelecer uma “verdade” a partir de uma origem, de uma genealogia. No entanto, o estabelecimento da origem pode engessar a história e torná-la mito.

A existência dessas diferentes interpretações reforça o postulado de Foucault (1999, p. 14): “É exatamente contra os efeitos de poder próprios de um discurso científico que a genealogia deve travar o combate”. O combate travado pelo historiador genealogista, conforme teoriza o filósofo francês, se dá na problematização das diferentes visões acerca do passado. Na história ucraniana, na história do idioma ucraniano e da repressão à fala ucraniana, uma origem estática e/ou um começo harmonioso não existem. Essa história não possui um “começo”, ela é fruto de um longo processo histórico. A crítica foucaultiana à busca dos “inícios” já havia sido feita por Marc Bloch (2002, p. 58), para quem as origens são um ídolo que confunde os historiadores, pois, por mais estável que possa ser uma tradição, há sempre que considerar os porquês da manutenção de tal ou tais características. As justificativas não estarão na origem e sim na historicidade.

Durante muito tempo os ucranianos, dominados política e economicamente por austríacos e russos, principalmente, tiveram sua história contada a partir de um olhar “estrangeiro”. Além de uma visão externa, essa versão escrita pelo “outro” foi, principalmente no caso em que os soviéticos empunharam a “caneta”, uma narrativa institucional. A “história institucional é um *discurso ativo sobre a história* que está se fazendo” (FERRO, 1989, p. 23. Grifo nosso). Na história oficial/institucional, a pretensa isenção, se é que podemos constatar sua presença, fica ainda mais comprometida. Por vezes, se os ditos são tendenciosos, os “não ditos”, os silêncios, dizem muita coisa ao historiador. A ausência de escritos sobre determinado tema pode ser/é uma escolha deliberada ou forçada (FERRO, 1989, p. 34-39).

A história “recontada” permite a percepção de diferentes nuances e demonstra conflitos imperceptíveis, aspectos não problematizados. A naturalização do uso da língua russa em partes da Ucrânia soviética, a chamada *russificação*, pode esconder o conflito e as contradições. As narrativas soviéticas tendiam a esconder o conflito, procurando passar a imagem de que na URSS não existia língua oficial e de que, portanto, todas as línguas eram

importantes e respeitadas. Porém, à medida que o russo era privilegiado em toda a máquina estatal, a neutralidade caía por terra.

Por outro lado, a história contada pelo viés ucraniano também não é imparcial, e produz sua própria “vontade de verdade”. O que é relevante reter é o esforço de ambos os lados em legitimar sua origem e sua língua. Mesmo do lado mais fraco, os historiadores e linguistas ucranianos produziram narrativas com objetivos semelhantes: determinar uma origem, demarcar a antiguidade e atestar a singularidade de sua língua.

A busca desses “inícios” pode levar os estudos a estabelecerem uma “origem metafísica” (*Ursprung*), em detrimento de uma origem histórica (*Herkunft/Entstehung*). No texto “Nietzsche, a genealogia e a história”, Foucault (1979) faz uma diferenciação, extraída das obras de Nietzsche, entre “origem metafísica” (*Ursprung*) e “origem histórica” (*Herkunft/Entstehung*):

Encontram-se em Nietzsche dois empregos da palavra *Ursprung*. Um não é marcado: é encontrado em alternância com o termo *Entstehung, Herkunft, Abkunft, Geburt*. Para *Genealogia da Moral*, por exemplo, fala, a propósito do dever moral ou do sentimento da falta, de *Entstehung* ou de *Ursprung*. Em *A Gaia Ciência* se trata, a propósito da lógica e do conhecimento, de *Ursprung*, de *Entstehung*, ou de *Herkunft* (FOUCAULT, 1979, p. 16).

É contra essa *Ursprung* não histórica que a genealogia se volta. A genealogia é o método foucaultiano que privilegia a análise histórica em detrimento do atemporal; em um estudo genealógico, a atenção deve ser centrada no processo e não no fato consumado: “Em suma, nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento” (BLOCH, 2002, p. 60).

Quando os imigrantes ucranianos chegaram ao Brasil e se estabeleceram em Prudentópolis, no final do século XIX, todas essas questões relativas ao uso da língua estavam embutidas em suas vivências. Se ao chegarem aqui as tensões não eram as mesmas, elas passaram a ocorrer por outros motivos.

Entre estes podemos elencar o desconhecimento do português, muito diferente do ucraniano, russo ou polonês, línguas conhecidas em maior ou menor medida por eles na Europa. Mas o desconhecimento não justifica por si só o apego dos ucranianos à língua materna. No caso dos imigrantes que se instalaram em Prudentópolis, o uso religioso do



idioma foi de fundamental importância para que seus descendentes continuassem a utilizá-lo e a se identificar a partir dele.

Não se pode também esquecer que os imigrantes trouxeram consigo valores culturais e religiosos passados de pais para filhos e que tal repasse continuou sendo feito, mesmo que sob circunstâncias diversas. A bagagem etno-cultural continuou exercendo influência no momento da fixação na colônia; a travessia do Atlântico não representou o apagamento de tradições arraigadas em populações dedicadas ao trabalho na agricultura.

## 2.2 A LÍNGUA COMO FATOR ÉTNICO

Nas páginas seguintes empreenderemos uma tentativa de delimitar/definir o conceito de “identidade étnica”. Primeiramente serão apontadas discussões a respeito do conceito de “identidade”, sem entrarmos nas suas diferentes “modalidades” (identidade de classe, gênero, etc.), para posteriormente enfatizar a “identidade étnica” propriamente dita. Importante destacar que a cultura, ao contrário da identidade cultural, é fruto de processos inconscientes (CUCHE, 2002, p. 176).

Conforme exposto no item anterior, o vernáculo ucraniano, na Europa, fazia parte de uma cultura que, em contato com culturas de outros grupos, já se mostrava como um fator de etnicidade. Parte da fronteira “nós” e “eles” é justificada, à medida que austríacos, poloneses e russos buscavam sufocar a autonomia política ucraniana; juntamente com essa repressão estatal, a língua também sofria interdições. Os ucranianos, por sua vez, não abriam mão de sua língua materna e reivindicavam o direito de usá-la e de se reconhecer a partir dela.

Na Galícia, o processo de etnicização ocorria principalmente em relação aos poloneses, em razão da contiguidade espacial e da disputa por autonomia política. Os ucranianos constantemente precisavam se autoafirmar, pois, fossem dominados por russos ou austríacos, ainda precisavam lutar contra a subordinação aos potentados poloneses, que ocupavam a administração pública e detinham a propriedade fundiária (ANDREAZZA, 1996, p. 16); DAVIES, 2018, p. 531-548).

Portanto, os ucranianos trouxeram para o Brasil uma carga étnica construída em contraste com outros povos, que os dominavam política ou economicamente e ameaçavam sua existência enquanto grupo e portadores de uma língua que os diferenciava. Por isso a fronteira linguística é algo caro para esses imigrantes e seus descendentes. No país receptor esses

limites serão adaptados às novas condições; por isso podemos dizer que o que ocorre em Prudentópolis é a releitura de um processo histórico que, conseqüentemente, gera novas ressignificações.

Diante disso, temos argumentos para considerar que, mesmo na terra natal, os ucranianos já construíam sua alteridade, sua identidade étnica no contato com o “outro”, tendo na língua uma característica de diferenciação. De forma especial, no contato com as línguas russa, polonesa e alemã, principalmente, o liame étnico era estabelecido. Evidentemente, na Ucrânia havia questões diferentes daquelas encontradas no Brasil, no que se refere à fala. Lá a língua ucraniana era majoritária em algumas regiões e comunas (aldeias). Mas, sob a dominação estrangeira, o ucraniano precisava lutar constantemente para subsistir.

Ao chegar ao Brasil os ucranianos não sofreriam as restrições impostas ao uso da língua pelos dominadores da Ucrânia. Aqui, o choque linguístico se daria de modo totalmente inédito. Portanto, aquilo que ocorria em solo europeu, no que tange à linguagem, ganhará novos contornos em Prudentópolis. Se na Europa a identidade era formada a partir do contato com “um outro”, em terras paranaenses esse “outro” será diferente de tudo aquilo que era conhecido por eles.

A partir do século XX o conceito de “identidade” passou a ser cada vez mais discutido e problematizado em diferentes disciplinas, principalmente quando o objeto de estudo envolvia questões culturais. O sociólogo Stuart Hall (2003, p. 13-14) chama atenção para a explosão discursiva em torno do tema no século XX. “Identidade” tornou-se um conceito-chave para a análise de diversos objetos empíricos, pela “popularidade” do conceito e pelo aumento significativo das pesquisas que tratam das identificações.

Identidade cultural, identidade de gênero, identidade de classe, identidade étnica, cada uma dessas identidades é relevante no estudo da História. Embora a palavra *identidade* funcione como uma espécie de “prefixo” em todas elas, os significados não são iguais e é fundamental distinguir a *identidade* da *identificação*. O indivíduo pode não possuir uma identidade étnica, por exemplo, mas pode se identificar com determinados aspectos do grupo (HALL, 2003, p. 14).

A identidade pode ser reivindicada individualmente, mas ela se configura sobretudo na interação entre o grupo e interlocutores externos, sendo que a construção de um grupo está em relação dialética entre o individual e o coletivo:

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade — mais exatamente, uma “sociedade”. (SIMMEL, 2006, p. 59-60).

A identidade não possui uma essência atemporal que atravesse o tempo e o espaço de forma inalterada; por essa razão, a discussão acerca dela não pode deixar de considerar sua construção ao longo do tempo e as relações de poder na sua constituição a partir da relação de forças envolvidas: “Se a identidade é de certo modo constituída pela modernidade e é, por sua vez, constitutiva desta, os discursos identitários atuais omitem questionar sua própria localização dentro das formações do poder moderno e sua implicação com eles” (GROSSBERG, 2003, p. 151)<sup>39</sup>.

A identidade ucraniana na Europa é formada a partir do confronto com forças externas, com outros grupos que disputam territórios, memórias e tradições com os ucranianos. As identidades de grupos minoritários não devem ser estudadas de forma isolada, pois a sua construção é muitas vezes realizada através da contestação ao domínio do grupo majoritário (GROSSBERG, 2003, p. 153).

Os ucranianos não formavam, na Europa, um grupo minoritário, se se levar em conta o número de pessoas e a área de abrangência em que possuíam presença registrada. Mas, do ponto de vista político, poderiam ser considerados marginais, uma vez que sua autonomia política e, por conta dela, sua autonomia social/econômica estava submetida a potências estrangeiras.

Os imigrantes ucranianos ao chegarem ao Brasil precisaram redefinir sua identidade, pois em solo brasileiro o “outro” não é mais o mesmo. Nesse aspecto, é importante lembrar que a identidade é fruto do jogo de poder entre grupos em contato (GROSSBERG, 2003, p. 153). A identidade ucraniana não é simplesmente transportada para o Novo Mundo tal qual existia na Europa. Em Prudentópolis haverá todo um processo de reconstrução dessa identidade, e esse processo não resultará numa reprodução fiel daquilo que existia no velho continente. Vale ressaltar que aqui os ucranianos continuaram tendo na língua um elemento

---

<sup>39</sup> No original: “Si la identidad es en cierto modo constituida por la modernidad y a la vez es constitutiva de esta, los discursos identitarios actuales omiten cuestionar su propia ubicación dentro de las formaciones del poder moderno y su implicación con ellas” (GROSSBERG, 2003, p. 151). Tradução livre nossa.

que os identificava frente aos poloneses, tal como ocorria na Galícia.

Em terras prudentopolitanas a identidade passará a ser objeto de pauta para os imigrantes ucranianos, pois a nova realidade colocará em contraste o que foi trazido e o que foi encontrado, ainda que essa questão seja apenas formulada e resolvida de forma inconsciente. Aquilo que era “natural” na Ucrânia passa a não ser mais e, dessa maneira, os modos de agir, de se portar, os grupos sociais com quem se pode travar relações sociais e como elas serão (haverá hierarquização?), tudo passa a determinar a reconstrução da identidade do grupo no novo contexto social. As incertezas dos destinos do grupo na nova realidade podem trazer à tona a preocupação com a identidade.

De acordo com Zygmunt Bauman (2003: 41), as questões identitárias surgem quando algo incomoda os indivíduos, quando há indefinições quanto ao local social ocupado, quando existe dificuldade de definir o “nós” e o “eles”. No momento em que os ucranianos chegaram ao Brasil os grupos sociais eram outros e o papel social que eles, ucranianos, ocupariam era diferente daquilo que conheciam.

Na Ucrânia dividida entre o Império Russo e o Império Austro-Húngaro os ucranianos sabiam do seu papel, da sua condição, sabiam quem eles eram e quem eram os “outros”; no momento de emigrar, já assumem novas identidades. No Brasil o ucraniano não era *apenas* um ucraniano. Em terras brasileiras ele passa a ser um imigrante, um estrangeiro, um forasteiro. Na viagem sobre as águas do Atlântico a identidade ucraniana também ficava para trás, mas a bagagem etno-cultural viajava junto e, em terras brasileiras, ajudaria na (re)construção da identidade em face de novos interlocutores e de possíveis incertezas.

Pensamos na identidade quando não estamos seguros do lugar ao qual pertencemos; ou seja, quando não estamos seguros de como nos situar na evidente variedade de estilos e padrões de comportamento e haver pessoas ao nosso redor que aceitem essa situação como correta e apropriada, a fim de que ambas as partes saibam como atuar na presença da outra. (BAUMAN, 2003, p. 41)<sup>40</sup>.

A incerteza em relação à identidade surge também na hora de estabelecer o que é um *grupo étnico*. Na forma inglesa, na década de 1940, o termo “grupo étnico” era utilizado para definir simplesmente o indivíduo que não pertencia ao conjunto majoritário. Portanto, quem era anglo-americano não era considerado pertencente a uma etnia (POUTIGNAT; STREIFF-

---

<sup>40</sup> No original: “Pensamos en la identidad cuando no estamos seguros del lugar al que pertenecemos; es decir, cuando no estamos seguros de cómo situarnos en la evidente variedad de estilos y pautas de comportamiento y haver que la gente que nos rodea acepte esa situación como correcta y apropiada, a fin de que ambas partes sepan cómo actuar en presencia de la otra” (BAUMAN, 2003, p. 41). Tradução livre nossa.

FENART, 2011, p. 22). Essa questão se liga ao poder que os grupos têm de se autoidentificar e identificar os demais; o grupo WASP (branco, anglo-saxão e protestante) escapou de qualquer classificação porque ocupava um lugar de poder que lhe permitia/permite se autoclassificar e classificar os demais (CUCHE, 2002, p. 186).

O conceito foi usado muitas vezes no estudo empírico de grupos menores e marginalizados, bem como esteve associado à ideia de que a etnia era caracterizada pelo isolamento e pela imobilidade dos indivíduos:

Quando se pensa na possibilidade de identificação étnica, corre-se o risco de buscar grupos culturais fechados e estáticos, de buscar uma filiação, um nome, um recorte geográfico. No entanto, a questão não é tão simples. Mesmo que os registros históricos fornecessem as pistas necessárias para esse tipo de identificação, ou de qualquer outra natureza de fonte acadêmica, esses dados não teriam, por si sós, autoridade para desenhar um mapa desse percurso, na medida em que os grupos humanos e a construção da identidade étnica são extremamente dinâmicos e flexíveis. (LUVIZOTTO, 2009, p. 29).

Por vezes o conceito também foi confundido com a ideia de *raça*: “O que distingue a pertença racial da pertença étnica é que a primeira é ‘realmente’ fundada na comunidade de origem, ao passo que o que funda o grupo étnico é a crença subjetiva na comunidade de origem” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 37). No século XIX e primeira metade do XX, as discussões raciais e possíveis hierarquizações entre as “raças” eram recorrentes devido, em parte, aos contatos oriundos do neocolonialismo, bem como às discussões do eugenismo e do higienismo: “não são (...) as variações fenotípicas que se tornaram racializadas, mas sim aquelas que se salientaram na história da expansão colonial europeia na África, na Ásia, no Oriente Médio e na Austrália” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 42).

As levas migratórias do final do século XIX e início do XX, da Europa para a América, por exemplo, e os contatos forçados com os europeus no mesmo período devido ao Imperialismo levaram a uma situação de contrastes etno-culturais. Quando o indivíduo ou um conjunto de indivíduos sai de um lugar para outro, o sentimento de pertença a um grupo pode se fortalecer ou se desfazer, pois as pessoas e o coletivo não estão fechados, *a priori*, em uma identidade (CUCHE, 2002, p. 192).

A etnicidade também possui ligação com a questão da nação; dentro do “Estado-Nação” haveria duas formas de fabricá-la: a partir da língua e a partir da ideia de raça. Para

Poutignat e Streiff-Fenart (2011, p. 51), é a partir desses dois aspectos que, no Estado-Nação, a etnicidade comportaria pessoas com a mesma língua e a mesma raça. Importante destacar que os autores não estão defendendo que a identidade étnica se fabrica a partir da língua e da raça, mas sim fazendo uma análise de como isso foi discutido no “Estado-Nação”. Dentro das aspirações nacionais, essas duas formas foram usadas para justificar pretensões territoriais, por exemplo, ou para fundamentar projetos de emancipação política.

Não se deve esquecer que a Ucrânia como nação independente não existia no final do século XIX, momento em que a primeira leva de indivíduos embarcou rumo ao Brasil, mas já havia movimentos nacionalistas na Galícia. O difícil é mensurar o quanto essas ideias atingiam as massas camponesas e proletárias analfabetas.

No bojo dessa discussão, algumas análises de Eric Hobsbawm precisam ser levadas em consideração. A primeira delas é que apenas no último quarto do século XIX, no Dicionário da Real Academia Espanhola, foi feita a associação entre *estado, nação e língua* (HOBSEBWM, 1990, p. 27). Entre os franceses, após a Revolução e o período napoleônico, não havia uma relação causal entre cidadania e língua, ou melhor, entre ser um indivíduo de uma nação por falar determinada língua. Os especialistas franceses, no que diz respeito às discussões do Estado-Nação e dos nacionalismos, segundo Hobsbawm (1990, p. 32), lutaram contra a língua enquanto critério de nacionalidade francesa.

Conforme a utilização do sufrágio universal avança, a língua se torna cada vez mais uma condição necessária para que os “representantes” do Estado se façam entender. Mas a questão do idioma oficial é essencialmente política, uma vez que “não são os problemas de comunicação, ou mesmo de cultura, que estão no coração do nacionalismo da língua, mas sim os de poder, status político e ideologia” (HOBSEBWM, 1990, p. 134).

A partir do exposto, percebemos que o idioma era fator fundamental no horizonte dos ucranianos postulantes ao *status* de Estado-Nação, pois ele, no final do século XIX, era visto, ainda que sem um consenso geral, como uma “arma” política. A língua era um modo de identificação e diferenciação, do ponto de vista da etnicidade ou da nacionalidade. Os ucranianos, conforme exposto no item anterior, travavam uma luta constante para preservar seu vernáculo diante da opressão linguística imposta por seus dominadores.

Mas quais os critérios para definir se um grupo pode ser considerado étnico ou não? Como estabelecer a etnicidade? Para tentar responder a essas perguntas, ou pelo menos estabelecer alguns parâmetros, seguiremos as proposições de Fredrik Barth (2011, p. 188).

Desde já é oportuno deixar claro que nem Barth, nem os pesquisadores que fundamentam suas pesquisas em seus escritos, trabalham com uma lista fixa e pré-estabelecida de traços que demonstrariam a etnicidade. Os grupos étnicos não se definem todos a partir das mesmas características. Eles se autodelimitam a partir de condições específicas de sua realidade histórica, o que caracteriza o dinamismo das relações que se estabelecem a partir das fronteiras étnicas. Limites que vão variar principalmente em virtude dos contatos que farão com o *outro*.

A identidade étnica é utilizada como forma de estabelecer os limites do grupo e de reforçar sua solidariedade. Nessa concepção, a continuidade dos grupos étnicos não é explicada em termos de manutenção de sua cultura tradicional, mas depende da manutenção dos limites do grupo, da contínua *dicotomização* entre membros e não membros (nós/eles). Os traços culturais que demarcam os limites do grupo podem mudar, e a cultura pode ser objeto de transformações, sem que isso implique o esvaziamento da solidariedade étnica. (LUVIZOTTO, 2009, p. 31).

A primeira dificuldade surge no momento de definir quais aspectos serão utilizados para determinar a etnicidade de um grupo. Os critérios mais usados são: a organização política, a língua, a condição econômica, o etnônimo, a proximidade espacial ou o compartilhamento de um espaço. Porém, esses critérios variam de autor para autor e são modificados de acordo com o grupo étnico estudado (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 58).

No caso dos imigrantes ucranianos em Prudentópolis, alguns desses critérios não se mostram adequados. A independência econômica, por exemplo, não é um aspecto que os possa separar dos “brasileiros”, pois eles não viviam e não vivem em um tipo de economia paralela, não praticavam nenhuma atividade econômica totalmente diferente dos demais. Ao contrário, suas atividades econômicas integravam-se à economia da sociedade anfitriã.

Tampouco suas relações comerciais eram realizadas de forma preferencial com algum mercado estrangeiro que lhes garantisse autonomia frente ao comércio interno. Da mesma forma, a organização política não configura um modo de separá-los no contexto nacional ou mesmo prudentopolitano, pois, excetuando a coesão religiosa, não formaram nenhuma organização política que os reunisse.

A religião, tanto em Barth como em outros pesquisadores, não consta como um dos fatores mais recorrentes para estabelecer a etnicidade de um grupo. Esse aspecto precisa ser considerado no caso dos imigrantes ucranianos e seus descendentes em Prudentópolis, visto

que algo comum entre eles, mesmo morando em diferentes áreas do município, é a religião greco-católica de rito oriental.

A religião para eles é algo que os unifica e distingue de quem não possui a mesma ascendência. A Igreja ucraniana católica é presença garantida também em outros municípios paranaenses em que há imigrantes ucranianos e seus descendentes. Existe, é verdade, a divisão entre os ucranianos que frequentam igrejas greco-católicas de rito oriental e aqueles que frequentam igrejas ortodoxas. Mas ambas se distinguem dos demais cristãos no Brasil, em razão do rito e da língua (TAMANINI, 2017, p. 100).

Por essa razão é importante não desconsiderar a religião como um elo entre eles no município. Em uma recente pesquisa sobre rituais de bênçãos realizados na Igreja Greco-Católica em Prudentópolis, a autora considerou que língua e religião são traços indissociáveis e fundamentais para a identificação étnica dos descendentes de ucranianos no município:

Reafirmando a identidade étnica através da língua ucraniana e do rito bizantino adotado nas cerimônias religiosas, esses sujeitos estabelecem diferenças e particularidades em suas crenças que atuam como elementos de identificação entre os que fazem parte da Igreja Greco Católica Ucraniana e os que estão excluídos dela. Nesse contexto, a religiosidade praticada por esse grupo está alicerçada na diferenciação étnica frente aos demais grupos sociais, bem como, na reafirmação de uma cultura religiosa. (SKAVRONSKI, 2015, p. 110).

Por outro lado, a contiguidade territorial podia ser mais adequada, uma vez que o governo brasileiro formou núcleos coloniais para onde os imigrantes eram destinados. Mesmo não existindo determinação ou cláusula que estipulasse que apenas pessoas de uma determinada nacionalidade ou etnia ocupariam um núcleo colonial, foi comum a formação de colônias povoadas com pessoas de uma mesma origem nacional e/ou étnica.

Mas mesmo sob esse aspecto não é possível “etnicizá-los”, pois, mesmo que os ucranianos estabelecidos em Prudentópolis tenham sido instalados em um núcleo no qual formaram o grupo majoritário, não era uma colônia exclusiva em que só houvesse pessoas da mesma origem. Prudentópolis recebeu principalmente imigrantes de ascendência ucraniana, mas não é possível afirmar que eles tenham formado um núcleo exclusivo, pois poloneses também foram instalados no município. Além disso, a construção e reconstrução de uma identidade étnica não são estáticas e, dentro da dinâmica do processo, pode ocorrer a exposição ou ocultação da etnicidade (VILLAR, 2004, p. 180).



Além disso, pessoas de outras origens já habitavam a região. Por essa razão, a contiguidade territorial não poderá ser usada de forma cabal para definir a etnicidade ucraniana em Prudentópolis, mas nem por isso devemos deixar de considerar a maciça maioria numérica dos ucranianos e, conseqüentemente, a existência de uma coesão oriunda desse contexto. Nesse ponto fica explícita a impossibilidade de fixar *a priori* os critérios de definição étnica: “Barth e seus colaboradores demonstram ser impossível encontrar um conjunto total de traços culturais que permitam a distinção entre um grupo e outro, e que a variação cultural não permite por si própria abranger o traçado dos limites étnicos” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 61).

A impossibilidade de determinar traços estáveis para a definição do grupo étnico ocorre justamente porque, segundo Barth, a etnicidade ocorre no dinamismo do contato cultural e na mobilidade dos grupos. A unidade grupal persiste na medida em que as fronteiras são mantidas, e essas só podem ser constantemente reafirmadas no contato (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 112). Os imigrantes ucranianos e seus descendentes em Prudentópolis conseguem manter suas fronteiras no contato com o “outro”, mas essa delimitação também muda com o tempo. Será na interação e na passagem dos anos que as diferenças surgirão, e poderá aparecer a necessidade - ou não - da vinculação a um conjunto étnico.

Até aqui, o que pudemos estabelecer é que a etnicidade se dá no contato e que será a interação social que possibilitará a manutenção da fronteira; sem isso não há necessidade de limite, pois tudo se torna lugar-comum. O que também fica estabelecido é que cada grupo pode ser identificado a partir de traços diferentes: alguns traços se repetem em casos diversos e outros são específicos.

No caso de Prudentópolis, embora existam outros aspectos como comida, roupas, danças, que podem ser reivindicados para a demarcação das fronteiras, será a partir da língua que tentaremos demonstrar como os ucranianos se identificam enquanto grupo. Vimos que mesmo na terra natal a língua representava para os ucranianos uma possibilidade de distingui-los de russos, poloneses e austríacos, bem como de outros povos submetidos pelos Impérios Russo e Austro-Húngaro. Em terras europeias fatores como contiguidade territorial e organização política poderiam ser, além da língua, uma forma de distinção para os ucranianos. Mas, ao chegarem ao Brasil, essas referências passaram a não existir mais, e um dos traços que permaneceu foi a língua. O grupo étnico, portanto, não se define de forma definitiva: ele é fruto de um processo contínuo.

A contestação do primordialismo pelas teorias interacionistas se deve especialmente ao fato de que, longe de ser uma qualidade inerente à pertença, adquirida uma vez por todas desde o nascimento, a etnicidade é um processo contínuo de dicotomização entre membros e *outsiders*, requerendo ser expressa e validada na interação social. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 111).

No caso empírico aqui estudado, buscou-se analisar a etnicidade construída ao longo do século XX, principalmente no recorte das quatro gerações compreendidas entre a década de 1940 e o início dos anos 2000.

No Brasil esses imigrantes não encontraram a dominação austríaca ou as proibições russas. Porém, a língua continuou sendo um sinal de distinção, pois, salvo rara exceção, apenas os próprios ucranianos falavam-na. Eles aprenderam o idioma nacional a partir das relações sociais e da necessidade, mas também houve certa manutenção da distinção a partir da fala. Mesmo com os contatos com falantes da língua portuguesa, a língua ucraniana não foi abandonada imediatamente/completamente, e ao longo do recorte cronológico 1940-2018 permanências e abandonos conviveram lado a lado.

A vinda de padres da Ucrânia e a construção de igrejas de rito bizantino, em que a língua das celebrações era/é a ucraniana, podem ser consideradas demonstrações da importância do idioma - associado à religião - para a identificação do grupo no Brasil. Outra demonstração de sua relevância foi o empenho na criação de uma imprensa em vernáculo próprio. Esta foi uma importante tática usada pelos ucranianos para a manutenção de sua alteridade linguística e étnica: “Os ucranianos não se descuidaram de manter imprensa própria, como veículo de cultura e *sustento da língua*” (BORUSZENKO, 1969, p. 435. Grifo nosso). No caso prudentopolitano, o jornal *Prácia*, criado em 1912, era integralmente escrito em ucraniano até a década de 1990 (PRADO; ANTUNES, 2016, p. 24). O jornal continua sendo editado no município pelos padres da Ordem de São Basílio Magno (OSBM).

O público a que se destinou o periódico, nos mais de 100 anos de sua circulação, foi quase exclusivamente a comunidade ucraniana. Elita Valquíria Renk (2009, p. 55-56) destaca que os ucranianos editaram número menor de jornais e almanaques que os poloneses, mas a longevidade de alguns periódicos, como o *Prácia* e o *Chliborob* ("O Lavrador") é importante na manutenção da língua. O “Lavrador” foi fundado em 1924 em União da Vitória e posteriormente transferido para Curitiba, continuando em circulação até os dias atuais; salvo textos específicos em português, é necessário compreender o alfabeto cirílico para sua leitura.

A escolha da língua utilizada não foi aleatória:

A escrita nesse idioma dificulta ou impossibilita o entendimento a quem não tiver seu domínio. Desta forma, a leitura está limitada a um pequeno grupo que tem seu entendimento, demonstrando que ainda hoje não há interesse de sua circulação fora dos limites da comunidade étnica. Mesmo nos contatos interétnicos essa língua não foi abandonada ou esquecida, mas sim adquiriu o *status* de elemento de distintividade étnica. (RENK, 2009, p. 56).

A língua trazida da Europa mantém em Prudentópolis, de certa forma, sua função de delimitar o grupo. A relação que o ucraniano estabelece com o português pode ser comparada àquela que ele tinha na terra natal - quando auxiliava na determinação do grupo - com as línguas russa, polonesa e alemã. Em uma perspectiva barthiana: “(...) fica claro que as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam” (BARTH, 2011, p. 188).

De acordo com Barth (2011, p. 195): “Se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão”. É na relação com falantes do português que imigrantes e descendentes podem perceber a necessidade de manutenção de sua própria língua e, assim, conscientemente ou não, a tornam seu principal marco identitário. A presente discussão busca observar a validade dessa hipótese.

Os imigrantes ucranianos e seus descendentes em Prudentópolis interagem e continuam interagindo com pessoas não pertencentes ao seu próprio grupo, e a língua é o critério usado para determinar essa pertença. Em Prudentópolis, descendentes de ucranianos e não descendentes podem residir em áreas próximas ou em comunidades com população mista, podem se alimentar das mesmas comidas da culinária ucraniana, podem adquirir roupas típicas. No entanto, a língua dificilmente será compartilhada e compreendida pelos não membros do grupo.

Ainda é possível ver pessoas se comunicando em ucraniano nas ruas, no transporte coletivo e no comércio em geral. Na atualidade, conforme veremos mais adiante, o uso da língua diminuiu e a língua portuguesa é mais usada em público, mas ainda é comum que membros da comunidade troquem a língua portuguesa pela ucraniana por uma questão de discrição ou simplesmente de maior facilidade de expressão.

### 3 A LÍNGUA UCRANIANA EM FACE DO MONOLINGUISMO, DO BILINGUISMO E DA DIGLOSSIA

#### 3.1 MONOLINGUISMO, BILINGUISMO E A DIGLOSSIA NOS CONTATOS ENTRE UCRANIANO/PORTUGUÊS – PORTUGUÊS/UCRANIANO

As dificuldades de comunicação, bem como as identificações em razão da língua, não são exclusividade de um povo, um período ou um recorte espacial. Na Idade Média, sobretudo no primeiro milênio da era cristã, o latim, o grego e o hebraico eram considerados línguas de cultura, pois com eles a Bíblia, tratados, anais e textos eclesiásticos eram escritos; serviam também para a comunicação oficial dentro de um mesmo reino ou entre diferentes governos (DECROSSE, 1989, p. 20).

Contudo, a utilização do grego ou latim, por exemplo, na documentação oficial, não significava que a população ou mesmo o governante de uma região falasse cotidianamente algum desses idiomas. Havia uma distância entre a fala ordinária e o escrito protocolar. Por isso, a linguagem está intimamente associada à questão do poder (DECROSSE, 1989, p. 19). Falar mais de uma língua ou, melhor, dominar uma língua escrita que possuísse condições de ser usada na comunicação com diferentes instituições e governos era fundamental. Não por acaso, os nacionalismos do século XIX ascenderam no momento em que estas línguas foram substituídas pelas línguas *nacionais*. O surgimento e o sucesso de várias dessas *Nações* no século XIX se deram, em grande medida, a partir do momento em que os vernáculos locais se sobressaíram. A utilização de outros idiomas além do latim em publicações de toda natureza também está em acordo com o avanço da economia capitalista, que busca mercados populares (ANDERSON, 2008, p. 73).

Com o crescimento do uso dos vernáculos, no final da Idade Média, o latim e o grego foram perdendo sua condição de *universalidade* e, à medida que o mundo foi caminhando lentamente para contatos cada vez mais *globais*, a comunicação tornou-se um problema (PASSINI, 1993, p. 19).

Com a intenção de diminuir os entraves de comunicação originados a partir da “torre de Babel”, alguns projetos de criar uma língua universal, ainda que apenas na forma escrita, foram realizados. De certa maneira isso não deixa de ser uma espécie de bilinguismo, assim

como eram “bilíngues” os reis medievais que falavam com seus servos em língua “vulgar” e escreviam em latim ou grego quando se dirigiam a seus pares.

Em face da complexificação das comunicações orais e escritas, no final do século XIX o polonês Lazarus Ludwig Zamenhof criou o Esperanto. Em 1887 Zamenhof editou o primeiro manual com o objetivo de propiciar o aprendizado da língua; com isso, pretendia propagar uma forma escrita compreensível a todos os povos, independente do vernáculo oral (PASSINI, 1993, p. 44).

O Esperanto possui, portanto, mais de 100 anos de existência, existindo clubes, editoras e periódicos que utilizam tal linguagem, que, embora no seu início tenha sido criada para a comunicação escrita, aos poucos passou a ser utilizada na forma oral, sobretudo em congressos nos quais é a língua em que os temas serão discutidos. Porém, o Esperanto é subutilizado, pois, apesar do seu relativo sucesso, não atingiu seus objetivos iniciais, continuando desconhecido para a maior parte da população brasileira, por exemplo.

O Esperanto foi criado com o intuito de facilitar a compreensão e difusão de pesquisas e possibilitar o debate entre governos e instituições sem os inconvenientes das traduções. Além disso, objetivava propiciar o entendimento entre as pessoas, independente de sua nacionalidade. Porém, os esperantistas não levam em consideração os nacionalismos e as identificações a partir da língua (importante ressaltar que é justamente uma comunicação supranacional que os esperantistas buscam). Por isso é que as línguas não servem *apenas* para a comunicação: elas são signos de diferenciação.

No século XIX, período do surgimento e consolidação de diversos nacionalismos e de grandes ondas migratórias para diversas partes do mundo, a língua não era um empecilho intransponível para que as fronteiras nacionais fossem definidas. As pessoas que falavam determinado idioma se identificavam com mais facilidade com aquelas que também o falavam, mas a ideia de uma língua “nacional” falada, ágrafa ou diferente das “línguas de cultura”, não era simples de se efetivar (HOBSBAWM, 1990, p. 69).

Se por um lado a nacionalidade era algo difícil de ser delimitado pela comunicação verbal ou escrita, por outro a cultura e a etnicidade tinham no vernáculo um fator importante. Em contextos de imigração a língua adquire uma relevância especial, uma vez que influencia o sucesso do contato interpessoal no local de destino. Mas o abandono, total ou parcial, da identidade trazida do lugar de origem não é imediato ou desejável na maioria dos casos.

Quando a dificuldade de comunicação surge nesses contextos, o bilinguismo aparece como uma tática possível.

A partir dessa premissa, podemos aventar que as políticas de incentivo ou restrição às línguas também são escolhas conscientes, que objetivam preservá-las ou fazê-las desaparecer. No caso da relação conflituosa entre a Rússia e a Ucrânia, a *russificação* do vernáculo ucraniano é resultado de uma relação de poder.

Mas, a tese do monolinguismo não se sustenta, pois é empiricamente difícil (para não dizer impossível) apontar um país ou região que não possua variações na língua falada ou em que não existam diferenças entre o oral e o escrito. Mesmo a grafia pode apresentar variantes. Dentro de um ambiente em que há diversos códigos linguísticos, pode-se incorrer no erro de buscar o modo "mais correto", em uma tentativa de hierarquização (BAGNO, 2001, p. 16). Mas o plurilinguismo, ou seja, a existência de muitas línguas, ágrafas ou não, utilizadas por grupos maiores ou apenas por poucos indivíduos, em uma região ou um território nacional, não é algo simples. No Brasil, somente na Constituição de 1988 a sociedade brasileira foi reconhecida como plurilíngue (MARTINY; MENONCIN, 2013, p. 302).

Mas, independentemente do reconhecimento da sociedade como plurilíngue, o *fator língua* pode ser reivindicado para sublinhar a identidade de um grupo. O caso do *fait français* é exemplar de como uma identidade pode ter na língua um dos seus traços principais. Essa expressão é usada no Québec, Canadá, para expressar que o francês é que exprime a singularidade cultural e histórica desta província canadense (OLIVEIRA; KULAITIS, 2015, p. 249). Aquele país vive uma peculiaridade interessante, uma vez que o inglês e o francês gozam de representatividade e *status* de língua oficial.

No Québec existe uma política favorável ao *fait français* e o francês é a língua oficial desde o início da década de 1980. As diversas ações políticas, ao longo do século XX e início do XXI, que versaram a respeito da atração de imigrantes levaram sempre em consideração o cuidado com a perenidade do *fait français* e, para isso, a província lutou para controlar sua própria política de imigração.

Embora imigrantes de países não francófonos sejam admitidos, nas últimas décadas, com mais facilidade e em maior número, algumas ações visam integrá-los à cultura quebequense. Entre estas, podemos citar: cursos de francês para quem já se instalou na província, mas não tem como língua materna o francês; parcerias com escolas de língua francesa nos países emissores (as pessoas interessadas em emigrar para o Canadá fariam o

curso e arcariam com seus custos); exigência, via declaração, de que o candidato ao visto permanente conhece os valores da sociedade do Québec (OLIVEIRA; KULAITIS, 2015, p. 259).

Portanto, o Québec vive uma realidade cultural em que o *fait français* tem na língua seu principal denominador comum; embora os quebequenses que falam o francês não reivindicuem seu uso como forma de orgulho nacional ou de vinculação étnica, seguem elaborando estratégias para a perpetuação daquilo que acreditam ser o que exprime sua cultura e sua história. O imigrante que não fala o francês acaba sendo, de uma forma ou outra, obrigado a tornar-se bilíngue ou a diminuir sua incompreensão frente ao francês; na impossibilidade de uma assimilação completa, ele é classificado como pertencente a um grupo cultural ou a uma minoria visível (OLIVEIRA; KULAITIS, 2015). A língua possui implicações que vão muito além das atribuições que vulgarmente lhe damos.

No que se refere aos imigrantes que se instalaram no Brasil ao longo do século XIX e da Primeira República, o aprendizado do português era uma necessidade social e prática; daí a prática do bilinguismo ser uma realidade em diferentes áreas e com grupos de origens distintas. Os alemães, em alguma medida, por exemplo, mantiveram a língua nas colônias formadas - a maior parte ainda no século XIX - nos três estados do Sul (SEYFERTH, 2003, p. 21). A linguagem entre os alemães também é uma questão complicada, pois as pessoas de origem germânica que desembarcaram no Brasil eram oriundas de diferentes regiões, cada qual com um dialeto próprio. Até o início da década de 1870 a Alemanha como país unificado não existia; os alemães que chegaram em terras brasileiras eram prussianos, pomeranos, silesianos, entre outros (NADALIN, 2007a, p. 14).

Os imigrantes alemães, principalmente nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, mas também no Paraná, se alocaram em regiões pioneiras e de difícil contato com centros maiores. Além disso, o governo imperial não realizou maiores esforços para a integração real desse grupo à sociedade luso-brasileira. Por essa razão, eles desenvolveram *sua* organização social à parte, embora evidentemente em contato com a sociedade nacional (SEYFERTH, 2003, p. 38).

Os alemães, assim como outros grupos imigrantes, diante da precariedade, insuficiência ou completa inexistência de escolas públicas, realizaram sua própria política educacional. Assim, esses imigrantes, muito antes das leis de nacionalização do ensino na Era Vargas, já buscavam aprender o português em suas escolas (LUNA, 2000, p. 113). Isso contraria os rumores sobre o “perigo alemão”, termo usado para designar a dificuldade destes

em se integrarem à sociedade brasileira; acusação discutível, uma vez que o governo brasileiro não oferecia aos imigrantes as condições para que tal integração se efetivasse (SEYFERTH, 2003, p. 36).

Em Blumenau – SC, os imigrantes alemães e seus descendentes, desde meados do século XIX, empreendiam esforços para que suas crianças aprendessem em suas escolas o português, já que elas falavam exclusivamente a língua alemã. As dificuldades residiam na falta de professores habilitados que fossem bilíngues (LUNA, 2000, p. 121).

Na cidade de Curitiba, as escolas dirigidas por teuto-brasileiros ou por ordens religiosas de origem alemã, exemplo do Colégio feminino da Divina Providência, dirigido por freiras da ordem homônima, também ministravam aulas de ambas as línguas, havendo casos de turmas formadas por alunas teuto-brasileiras e de turmas apenas com estudantes de origem não alemã (TRINDADE, 2003, p. 225).

Por sua vez, os poloneses, com presença importante no Paraná, experimentaram a liberdade no Brasil: “Rejubilavam-se por terem aqui um sossego ilimitado e poderem girar livremente pela terra de Cabral, servindo-se como bem entendessem da língua que trouxeram consigo” (WACHOWICZ, 2002, p. 23). Mas, da mesma forma que os alemães, eles não receberam a devida atenção e estrutura dos governos imperial e republicano, tanto no âmbito nacional como provincial/estadual. Por essa razão, os poloneses construíram suas escolas étnicas e mantiveram sua língua sem grandes problemas, recorrendo ao bilinguismo nos contatos com a sociedade em geral até meados dos anos 1920. A partir daí as línguas estrangeiras passaram a sofrer restrições e proibições (RENK, 2009).

Dessa forma, percebemos que a tentativa de manutenção da língua trazida da Europa e a consequente tática do bilinguismo não é exclusividade dos ucranianos. Os alemães, no entanto, não sofriam, no Velho Continente, repressão em razão da sua fala. Essa é uma diferença fundamental em relação à etnicidade ucraniana ligada ao idioma, conforme estamos tentando demonstrar. Os poloneses, por sua vez, embora sofressem algum tipo de repressão linguística pelo governo austríaco ou russo, ainda possuíam certa supremacia em relação aos ucranianos (ANDREAZZA, 1996, p. 16).

Por essa razão, a língua, no nosso entendimento, é algo tão importante na construção e reconstrução da etnicidade ucraniana. No item anterior o foco da discussão centrou-se nos traços que ajudam a definir um grupo étnico. De acordo com os teóricos, as características variam de grupo a grupo e mudam de acordo com o tempo e os contatos mantidos com os *não*



*membros*. Nesse contexto, a permanência da língua, ou ao menos a luta para que ela persista, possibilita o uso simultâneo e/ou intercalado dos dois idiomas e, nesse processo, a identidade étnica vai sendo delineada.

Neste texto, o termo *bilinguismo* será utilizado em referência à “aprendizagem de uma segunda língua ou a aquisição simultânea de duas línguas pelas crianças” (DE HEREDIA, 1989, p. 183). Esse tipo de situação foi/é muito comum na história de Prudentópolis: muitas crianças cresceram utilizando ambas as línguas, ucraniana e portuguesa. O aprendizado do português não eliminou a língua eslava e, mesmo dominando o vernáculo nacional de modo adequado, é comum que estes falantes optem pelo ucraniano em diversas situações.

É longa a discussão do que seja uma pessoa bilíngue: primeiramente se atribuía esta condição àquele indivíduo que dominava totalmente dois sistemas linguísticos; posteriormente, o bilíngue, para ser considerado como tal, deveria utilizar alternadamente e de modo satisfatório duas línguas, frisando-se ainda que não poderia haver influência de uma sobre a outra; posteriormente, o indivíduo bilíngue seria aquele que conseguisse utilizar dois idiomas diferentes em graus variáveis, sendo esta uma condição individual (MARTINY; MENONCIN, 2013, p. 306-307).

O bilinguismo a que nos referimos é a capacidade de utilização da língua ucraniana e da língua portuguesa, ainda que alguns descendentes de imigrantes dominem de forma plena o ucraniano e outros não. A prática bilíngue foi adotada por muitas pessoas em Prudentópolis em razão das necessidades cotidianas, em um contexto de crescente utilização do português nos últimos cem anos. A manutenção da língua e o esforço em continuar falando o ucraniano são fortes sinais da sua importância para a delimitação do grupo étnico.

Em terras prudentopolitanas, falar em ucraniano e em português é ainda comum entre pessoas com faixa etária atinente às duas primeiras gerações consideradas neste estudo, uma vez que durante as primeiras décadas do século XX a maior parte das crianças descendentes dos imigrantes aprendia a falar primeiro a língua dos antepassados, para depois aprender a língua vernácula nacional. Muitas vezes o aprendizado do português só ocorria a partir da idade escolar, processo que se acentuou após a nacionalização das escolas étnicas (RENK, 2009, p. 80).

O bilinguismo não é um fenômeno exclusivo de Prudentópolis e da relação entre os dois idiomas objetos de análise aqui. No entanto, no espaço geográfico de pesquisa ele adquire uma conotação especial, uma vez que a insistência no uso do ucraniano está ligada ao

aspecto étnico definidor do grupo. As mútuas interferências linguísticas e as mudanças ao longo do tempo na relação entre o ucraniano/português - português/ucraniano demonstram que a manutenção do idioma eslavo é consciente, o que evidencia, mais uma vez, que a fronteira étnica se dá no contato e não no isolamento.

Marlene Maria Ogliari (1999) analisou a vitalidade da língua ucraniana, minoritária, frente à língua portuguesa majoritária em Prudentópolis no final do século XX. A Linguística dos Contatos Linguísticos (LCL) foi uma das norteadoras de sua pesquisa, uma vez que a linguística não se resume, segundo a autora, ao universo gramatical/formal. A transformação da língua ocorre no contato social, na interação do indivíduo e da família com a sociedade que os cerca. A LCL é interdisciplinar e se apoia em um tripé formado por línguas, usuários e contexto social em que ocorrem os contatos linguísticos (OGLIARI, 1999, p. 35). A vitalidade do ucraniano, segundo ela, se manteve ao longo do século XX em função do número significativo de usuários e do suporte institucional da Igreja Ucraniana, bem como do contexto de formação das comunidades, em que havia certa supremacia numérica de pessoas com ascendência ucraniana.

Ao longo de mais de um século de presença ucraniana no município, o bilinguismo foi uma tática usada pelos descendentes dos pioneiros para a manutenção do seu idioma frente ao crescente avanço do idioma nacional do Brasil sobre a prática cotidiana da língua ucraniana. Com a prática do bilinguismo se conciliava a necessidade do aprendizado da língua nacional com o uso do idioma dos ancestrais.

Para Michel de Certeau (1994, p. 47), a *estratégia* é prerrogativa de instituições, pessoas ou grupos que detêm poder. Por exemplo, durante o governo Vargas, instituições com poder usaram a estratégia da proibição do uso exclusivo de línguas estrangeiras nas escolas. A *tática*, por outro lado, é expediente dos fracos, daqueles que sofrem as consequências das estratégias dos detentores do poder. A partir da tática as pessoas comuns, em seu cotidiano, resistem às imposições. O bilinguismo foi uma forma de obedecer à lei e ao mesmo tempo subverter sua lógica.

A presença do bilinguismo foi fundamental para a manutenção da língua e, conseqüentemente, da identidade étnica de ucranianos e poloneses no Paraná durante o processo de nacionalização de suas escolas durante o Estado Novo (RENK, 2009, p. 100-101). A preocupação do governo brasileiro era, nas décadas de 1920 e 1930, “nacionalizar” a infância (de acordo com o eufemismo da época). Durante o primeiro governo Vargas,

principalmente entre 1937 e 1945, havia uma preocupação com a pouca utilização da língua nacional em regiões com presença significativa de imigrantes europeus.

No Paraná, a língua ucraniana, juntamente com as línguas de outros grupos imigrantes, sofreu com as proibições varguistas; nesse caso a tática foi o bilinguismo, como forma dos alunos continuarem usando o idioma trazido da Europa. Era esse um dos motivos centrais para a sobrevivência das escolas étnicas. A linguagem era o pilar desses estabelecimentos escolares: sem ela não haveria justificativa para sua existência, pois, sem o uso do vernáculo, qualquer escola nacional serviria (RENK, 2009, p. 101). Portanto, a linguagem utilizada nesses locais de ensino fazia parte de uma etno-cultura que atravessou o Atlântico e é parte constituinte da identidade ucraniana (re)construída no Brasil.

Para Pierre Achard (1989, p. 41-42), ao estabelecer as diretrizes do ensino escolar obrigatório, o governo procura fazer do monolinguismo o padrão nas escolas. Isso ocorre porque um sistema público de ensino busca, muitas vezes, a homogeneização. O que as políticas de ensino no Estado Novo objetivavam era justamente essa padronização escolar/linguística. Por sua vez, Bernard Poche (1989, p. 75) afirma que o monolinguismo corresponde ao mito de uma sociedade que fala um idioma sem nenhuma variação. Mas dentro da mesma língua existem as variações regionais, portanto, é recorrente que os sotaques existam em áreas de imigração europeia, ainda mais em regiões onde o bilinguismo é ainda existente.

No contato entre os falantes e os não falantes do ucraniano, as fronteiras vão sendo erguidas e, concomitantemente, retraçadas, possibilitando novos contatos ao longo do tempo. Os grupos vão sendo (re)definidos e também podem surgir as “crises de identidade” (conforme discutido no item 2.2). Portanto, a língua é algo vivo e que transforma e é transformada na relação com o diferente. O bilinguismo ucraniano/português-português/ucraniano traz algumas situações para seus usuários. Uma delas é a mescla de palavras em língua portuguesa em um diálogo em que predomina a língua eslava, principalmente em relação a substantivos próprios e termos cotidianos contemporâneos.

Em Prudentópolis a língua ucraniana perdeu o contato com as transformações pelas quais ela passou na Ucrânia. Por outro lado, em terras paranaenses as mudanças também não deixaram de ocorrer. No Brasil o ucraniano passou a coexistir com o português, e o bilinguismo propiciou o “aportuguesamento” de algumas palavras. A adoção de palavras ucranianas em conversas em português e palavras portuguesas em diálogos no idioma eslavo é comum:

São novas palavras criadas para suprir uma necessidade imediata dos falantes da língua ucraniana, termômetro para medir a forma de interação verbal daquelas pessoas que não deixaram de falar a sua língua de imigração, termos que nasceram do hibridismo das línguas portuguesa e ucraniana. (SIMIONATO, 2012, p. 41).

Para Marcos Bagno (2001, p. 9), mesmo que a gramática não mude, não há inviabilização das inovações do idioma falado. O autor defende que a língua é mais viva, em contraste com a gramática. A partir dessa premissa, mesmo que no município as transformações linguísticas, tanto gramaticais quanto orais, não tenham acompanhado o que ocorreu no Velho Continente, a língua aqui continuou viva porque pessoas a praticaram e praticam.

Temos de fazer um grande esforço para não incorrer no erro milenar dos gramáticos tradicionalistas de estudar a língua como uma coisa morta, sem levar em consideração as pessoas vivas que a falam. (...) Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia. (BAGNO, 2001, p. 9-10).

No município de Prudentópolis as pessoas que falavam a língua ucraniana, no seu progressivo contato com a língua portuguesa ao longo das gerações, proporcionaram transformações e adaptações ao ucraniano. Transformações essas que ocorreram de maneira diferente das ocorridas na Europa, pois aqui seus interlocutores utilizavam a língua portuguesa.

Outra característica é o sotaque (conforme expressão utilizada por uma das pessoas entrevistadas: um modo “apolacado” de se expressar). Essa maneira de sonorizar as palavras é fruto do uso das duas línguas e pode auxiliar na identificação dos descendentes de ucranianos (claro que isso também ocorre com pessoas que falam outros idiomas e o português alternadamente, além dos regionalismos). O uso de palavras ucranianas como “máma” e “táto”, mãe e pai, respectivamente, por exemplo, ajuda a acentuar essa identificação<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> Embora não seja o objetivo deste estudo e nem tenhamos condições de entrar no campo das mudanças estruturais da língua, campo por excelência dos gramáticos e linguistas, quero relatar um fato ocorrido em 2012, quando cursava o Mestrado na Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná – UNICENTRO. Na ocasião, recebemos a visita de um professor da Ucrânia, que ministrou aulas no Programa por uma semana. Em um dos dias foi realizada visita ao Museu do Milênio, localizado na cidade de Prudentópolis, e o referido professor teve

Portanto, a inflexão da voz, resultado do uso concomitante e/ou sequencial do ucraniano e do português, embora não seja exclusividade de quem possui ascendência ucraniana, é, em Prudentópolis, um forte indício de pertencimento etno-cultural. A pronúncia pode ficar tão marcada a ponto de algumas pessoas, principalmente os jovens, não buscarem cultivar a “tradição”, por se sentirem de alguma forma estigmatizados. O fato pode ser atribuído à questão geracional, pois pais e avós nasceram e cresceram em um contexto em que o idioma trazido da Ucrânia era falado tanto em casa como em lugares públicos. Para as pessoas mais velhas era, muitas vezes, mais fácil conversar usando o idioma da terra de origem dos antepassados. Mas é evidente que essa situação da “vergonha” ou do estigma em razão do sotaque não pode ser generalizada em demasia<sup>42</sup>. Da mesma forma que sentir vergonha não é sinônimo de negação da etno-cultura, a identidade étnica, na perspectiva barthiana, pode ser exaltada ou ocultada conforme a necessidade e/ou situação vivida pelo indivíduo (VILLAR, 2004, p. 182).

O bilinguismo também ocorre na religião, um dos principais suportes de manutenção da língua ucraniana, pois o Evangelho, as orações, cantos, homilia e praticamente toda a cerimônia religiosa, excetuando avisos gerais, são falados no idioma eslavo. Mas, mesmo nesse “refúgio”, ele começa a dar espaço ao português. A homilia na Igreja Ucraniana, normalmente, possui duas versões: primeiramente o sacerdote faz uma versão em língua ucraniana e, posteriormente, faz o “sermão” em língua portuguesa.

A Igreja Greco Católica Ucraniana de Rito Bizantino é responsável, em grande medida, pela língua ucraniana permanecer viva em Prudentópolis. No entanto, mesmo esse baluarte, após mais de cem anos da imigração ucraniana para o Brasil, começa a ser invadido pelo bilinguismo e a sofrer a pressão para que as celebrações litúrgicas sejam traduzidas (SKAVRONSKI, 2015, p. 14). Até porque, conforme entrevistas realizadas com alguns sacerdotes (discutidas no quinto capítulo), a função da Instituição em primeiro lugar é a propagação das mensagens do Evangelho de modo inteligível.

No período do Estado Novo, falar as duas línguas era uma tática frente às pressões do governo e/ou diante dos contatos cotidianos com pessoas monolíngues em língua portuguesa.

---

muita dificuldade para compreender os textos de um *Prácia* da primeira metade do século passado. Para compreender o texto foi auxiliado pela responsável pelo museu. Essa dificuldade se deu justamente porque, no município, o jornal ainda era impresso sem as transformações gramaticais que ocorreram na Europa.

<sup>42</sup> Em minha pesquisa de Mestrado obtive algumas informações a esse respeito. Uma das pessoas que entrevistei, professora de língua ucraniana e de ascendência ucraniana, comentou que muitos jovens apresentavam resistência em praticar a língua. Um dos possíveis motivos para esse comportamento estaria ligado à vergonha, sentimento muito ligado ao modo de pronunciar as palavras. Outra entrevista também revelou indícios de vergonha em razão do sotaque (COSTA, 2013, p. 83).

Em 1939, o Decreto nº 1545 proibia que idiomas estrangeiros fossem utilizados em público e mesmo em cerimônias religiosas (GUÉRIOS, 2007, p. 218). Pe. Tarcísio (1938) relembra, reportando-se a narrativas ouvidas de seu pai, que o padre José Roman Martenetz, depois ordenado o primeiro bispo ucraniano no Brasil, precisava dar avisos no final da celebração de modo meio cantado/rezado para que o povo compreendesse, pois não podia falar em português. Ao longo das décadas esse bilinguismo pode ser considerado uma forma de resistência, uma necessidade diante do crescente avanço da língua vernácula sobre o eslavo. No âmbito religioso, o uso da língua portuguesa, ainda que em momentos específicos da celebração litúrgica, como na homilia e nos avisos gerais, é um modo de articular a “tradição” com as novas necessidades e não afastar as gerações mais jovens. Bem como de privilegiar a mensagem cristã.

A tradução da celebração para a língua portuguesa, ou de apenas algumas de suas partes, é uma questão a ser enfrentada pelos dirigentes da Igreja Ucraniana em Prudentópolis, assim como de outras paróquias ucranianas no Brasil. Não existe um consenso sobre o assunto. Os mais jovens não compreendem muito daquilo que é dito pelo sacerdote e respondido pela assembleia (principalmente pelas pessoas mais velhas). Porém, suprir a carência dos mais jovens esbarra na resistência dos fiéis de gerações mais velhas. Exemplo desse debate é encontrado no trabalho de Jacumasso (2009, p. 103). O autor cita o caso de um sacerdote e de um fiel da Igreja Ucraniana da comunidade de Itapará, zona rural do município de Irati, que discordaram a respeito da tradução nas celebrações religiosas na igreja da localidade. O sacerdote salientava o fato das traduções suprirem a falta de compreensão dos jovens, sendo uma forma de não os afastar da igreja. O paroquiano, de uma geração mais antiga, se colocava contrário ao uso da língua portuguesa.

Para Ogliari (1999, p. 29-30), a língua ucraniana utilizada em Prudentópolis pode ser classificada como etnorreligiosa, uma vez que o idioma está intimamente ligado à religião e é mantido em função do seu uso na liturgia. A Igreja Ucraniana, conforme já apontado, é responsável em grande medida pela sobrevivência do idioma trazido pelos primeiros imigrantes no Brasil e, de modo particular, em Prudentópolis. Mas, como também já ressaltado, a língua portuguesa avança sobre esse sustentáculo da língua ucraniana. Dependendo da comunidade e do sacerdote que celebra a missa, o português invade mais ou menos a liturgia.

Citamos alguns exemplos: a “Ave Maria” transmitida pela emissora de rádio Copas Verdes FM de Prudentópolis às 18h é rezada em ucraniano e repetida em português. Uma

versão em português das reflexões feitas pelo sacerdote também é transmitida. Na mesma emissora, às 6h, é transmitida a oração do “Santo Terço”, em que os avisos são em português. Em todos esses domínios litúrgicos o uso alternado do ucraniano e do português aparece com maior ou menor evidência. Outro domínio dos padres ucranianos da Ordem de São Basílio Magno que foi invadido pelo bilinguismo foi o *Prácia*, situação já ressaltada anteriormente. Novamente podemos aventar que a diferença se dá em virtude da geração, pois os mais velhos gostam de participar das missas celebradas no idioma ucraniano, sabem as respostas e o momento correto de dizê-las.

A prática do bilinguismo, portanto, está no limite entre a necessidade e a resistência. No passado mais longínquo, leia-se nas primeiras décadas da chegada dos ucranianos ao Brasil, ele era uma ferramenta utilizada para manter o idioma trazido da terra natal diante da urgência do aprendizado da língua vernácula do país de destino, assim como uma tática usada para enfrentar as restrições do Estado Novo. Ao mesmo tempo em que obedeciam às imposições estado-novistas, mantinham sua identidade étnica.

Por outro lado, em tempos mais recentes, o bilinguismo é uma resistência ao crescente abandono da língua materna. As gerações mais jovens já não aprendem em primeiro lugar a língua ucraniana e não convivem quase exclusivamente com falantes do ucraniano. O bilinguismo de *necessidade* passa a uma condição de *resistência* e também denota contexto de *diglossia*.

Este termo passou a ser usado na discussão acerca da situação linguística na Grécia após sua independência frente ao Império Otomano. Entre os gregos, o conceito era usado para distinguir os usos formais e informais do idioma (LINHARES; ALENCAR, 2016, p. 495). Portanto, a *diglossia* foi usada para distinguir, nos estudos linguísticos, situações em que uma língua falada tinha diferenças com sua norma escrita. Essas discrepâncias podiam ser maiores ou menores, dependendo do caso:

(...) empregava-se um código linguístico em âmbitos formais ao qual se pode chamar “variedade alta” ou “A” (o grego padrão, o árabe padrão, o alemão padrão e o francês padrão) e outros códigos linguísticos em âmbitos informais a cujo conjunto se pode chamar “variedade baixa” ou “B” (o grego vernáculo, o árabe vernáculo, o alemão vernáculo e o crioulo). (LINHARES; ALENCAR, 2016, p. 498-499).

A *diglossia* foi primeiramente pensada para distinguir variantes de uma mesma língua, mas posteriormente foi também utilizada para analisar situações em que idiomas distintos convivem, um deles exercendo posição de maior prestígio.

Ferguson cingira a diglossia ao uso coordenado de dois códigos por uma mesma comunidade quando esses dois códigos são variedades da mesma língua. Fishman defende que a diglossia acontece independentemente dos estatutos dos códigos coordenados, ou seja, ele ampliou a aplicação do conceito. Da perspectiva de Fishman, a sociedade do Paraguai, onde o espanhol desempenha os papéis de uma variedade alta e o guarani, os de uma variedade baixa, é tão diglósica quanto as sociedades dos países árabes. (LINHARES; ALENCAR, 2016, p. 501).

De acordo com os pesquisadores que estudam contatos linguísticos há uma diferença entre o bilinguismo e a *diglossia*. O primeiro é fruto de uma situação individual, enquanto a segunda deriva de um contexto sociocultural:

Isso não quer dizer que o bilinguismo não seja social segundo o entendimento de Fishman. Quer dizer que a diferença entre o bilinguismo e a diglossia está sobretudo no fato de que nesta os usos dos códigos implicados são pautados por diferentes funções sociais. Para Fishman, o bilinguismo e a diglossia podem, pois, ocorrer de forma exclusiva ou podem coocorrer. (LINHARES; ALENCAR, 2016, p. 501).

Seguindo a perspectiva de Fishman, Lopes (2011, p. 128) defende que a *diglossia* não ocorre somente na variação formal e informal de uma mesma língua. Em nosso caso empírico, podemos verificar que as primeiras gerações analisadas viviam em um contexto bilíngue, enquanto as mais jovens passaram para uma situação *diglósica*. Isso porque o ucraniano, mesmo sendo a língua materna de pais e avós, deixou de ser o primeiro idioma aprendido por filhos e netos. Mesmo para indivíduos nascidos nos anos 1990 e 2000 que ainda aprenderam primeiro o ucraniano a situação logo mudou devido ao contexto. A língua portuguesa domina cada vez mais os documentos formais, a maioria dos veículos de comunicação de massa, a escola, etc.

Em uma situação de *diglossia*, de acordo com Lopes (2011, p. 129), a língua materna é sempre a língua com menor prestígio social ou aquela que não é a língua padrão da sociedade em foco. Além disso, a “variante alta” ou de prestígio é adquirida na escola, e não no ambiente doméstico (LINHARES; ALENCAR, 2016, p. 499).



Para Fishman (*apud* MARTINY; MENONCIN, 2013, p. 311), pode-se falar em *diglossia* interna e externa: a primeira ocorre dentro de uma mesma língua; a segunda resulta de interações entre duas línguas completamente distintas. Partindo dos exemplos citados pelas autoras, podemos supor que a *diglossia* interna se dava quando o ucraniano era usado de maneira formal e informal, sobretudo antes da Era Vargas, quando as crianças o tinham como língua materna e podiam usá-lo nas escolas étnicas. A *diglossia* externa passou a ocorrer com a proibição da língua ucraniana nos estabelecimentos escolares mantidos pelos imigrantes e no momento em que a língua portuguesa passou a ser obrigatória em todas as situações formais, ganhando assim prestígio.

Martiny e Menoncin (2013) ponderam que tanto Ferguson como Fishman desconsideram os conflitos e privilegiam a homogeneidade nos contatos entre falantes de distintos códigos linguísticos. Elas defendem que os contatos entre pessoas que utilizam diferentes línguas devem ser analisados sob uma perspectiva assimétrica: “Quando se pensa em diglossia, há a visão de que uma língua é superior e as outras são subordinadas a esta. Mas o que uma teria de melhor ou pior do que a outra?” (MARTINY; MENONCIN, 2013, p. 312). O nosso intuito não é definir que a situação do uso da língua ucraniana pelos descendentes é *diglósica* se isso significar uma hierarquização, ou seja, que a língua portuguesa é superior em qualidade, por exemplo. O intuito é perceber as mudanças acerca do domínio do idioma ucraniano e o aumento do uso do português.

A partir da nacionalização das escolas étnicas houve a substituição das línguas dos imigrantes pela língua portuguesa, o que caracteriza uma situação *diglósica*, se considerarmos que a partir do Estado Novo o português passou a ser obrigatório e exclusivo em um espaço antes aberto ao uso de outros idiomas.

No Brasil, em locais com grande número de imigrantes de uma mesma nacionalidade/etnia, a tendência observada foi a de que, no decorrer dos anos, as pessoas passaram de uma condição monolíngue na língua do país/região de origem para uma situação de bilinguismo e, posteriormente, para um progressivo abandono do idioma da terra natal em favor do português, o que caracteriza um contexto de *diglossia*.

O caso analisado não fugiu completamente a essa tendência. No entanto, os ucranianos não abandonaram completamente sua língua e continuam enxergando-a como fator que define sua etnicidade. Eles, ao longo de mais de 100 anos de presença em solo prudentopolitano, ainda se identificam enquanto grupo por usar a língua falada por seus antepassados, seja a partir do bilinguismo, em diferentes graus, ou mesmo através da *diglossia*.

### 3.2 O CHOQUE ÉTNICO: DESCENDENTES DE UCRANIANOS E O CONTATO COM A LÍNGUA PORTUGUESA

A língua ucraniana, conforme foi demonstrado nos itens anteriores, possui uma história anterior ao período da vinda para o Brasil. Também percebemos que ela, em Prudentópolis, pode ser considerada um fator primordial para a definição da etnicidade. Ao longo de mais de 100 anos de presença ucraniana registrada no município, mesmo com as mudanças geracionais, a língua não foi abandonada e continuou *viva*. Mas o contato entre os falantes da língua eslava e da língua latina se deu de forma invasiva de lado a lado, e o choque étnico/linguístico não ocorreu de forma sempre harmoniosa. A *diferença* e o *outro* eram explicitados no falar cotidiano.

Os primeiros imigrantes ucranianos que desembarcaram nos portos brasileiros pouco ou nenhum contato anterior haviam tido com a língua portuguesa. Por essa razão, a instalação de um número grande de pessoas de uma mesma região em uma mesma colônia se mostrou importante para a manutenção da identidade étnica. No entanto, mesmo gozando dessa condição, os ucranianos em Prudentópolis não estavam isolados de modo que não sofressem as consequências de utilizarem um idioma diferente do oficial do Brasil.

Nos primeiros anos após sua chegada eles mantiveram, ou procuraram manter, o máximo possível de suas tradições e de sua língua. A escola foi uma das táticas usadas para que as crianças nascidas no Brasil não perdessem o contato com o idioma materno. Os ucranianos, de acordo com Renk (2009, p. 20), possuíam cerca de 60 escolas no ano de 1938, ano em que as políticas do Estado Novo decretaram o fim dessa modalidade escolar em favor de escolas monolíngues em português.

Para ilustrar essa questão temos o livro autobiográfico de Basílio Burko (*Vassílio*, em ucraniano). Escritas em língua ucraniana, suas memórias foram redigidas principalmente no ano de 1963 (na obra não há informações sobre o período de escrita, apenas o ano de conclusão). Em 2010 a “História de *Vassílio*” foi traduzida para o português por Doroteu Burko, neto do autor, e publicada com apoio da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. O livro permanece uma fonte praticamente desconhecida/inédita, pois poucos estudos acadêmicos mencionam o texto. Basílio nasceu em 1900 em Prudentópolis e morreu em 1967, poucos anos após concluir sua narrativa. Seus pais saíram da Ucrânia e chegaram ao Brasil em 1896, instalando-se inicialmente numa comunidade chamada Linha Visconde de Guarapuava, no município de Prudentópolis.

Burko ressaltou que em Prudentópolis, nas primeiras décadas do século XX, não havia escolas do Estado que suprissem as necessidades dos imigrantes: “No primeiro ano nossos pais contrataram uma professora chamada Varka Mechkiv (...). Ela nos ensinava a ler em uma cartilha ucraniana” (BURKO, 2010, p. 9). Na ausência de escolas públicas, os imigrantes procuravam instruir seus filhos na língua do país/região de origem na Europa.

Basílio começou a frequentar a escola muito provavelmente em 1909. A data não é exata, mas ele relata que em 1909 a região onde morava foi assolada por uma infestação de gafanhotos e as aulas foram interrompidas. No ano seguinte, 1910, também não houve aulas porque eclodiram os ovos deixados pelos gafanhotos do ano anterior. Somente em 1911 as aulas foram retomadas por um professor que, ao questionar os alunos sobre a “série” escolar, foi informado de que estavam no primeiro ano. Dessa forma, podemos concluir que Basílio iniciou seus estudos em 1909.

De acordo com a narrativa do memorialista, não há indicação de que houve algum choque linguístico. Pelas pistas no texto, suas dificuldades foram minimizadas porque ele frequentou uma escola étnica. Dessa forma, seu contato na escola se deu com crianças com a mesma origem. Importante frisar que Basílio nasceu na virada do século XIX para o XX e estudou no final da primeira e início da segunda década do século XX. Ele pertence à primeira geração de ucranianos nascidos no Brasil. Período, portanto, bem anterior ao Estado Novo e à nacionalização das escolas. No livro também não fica claro quantos foram os anos de estudo. Apenas uma pista indica que ele não deve ter estudado muito tempo: “Quando acabamos este segundo ano de estudos, eu e minha irmã Ana juntamos nossas tralhas e, como soldados, partimos para a colheita de erva-mate” (BURKO, 2010, p. 12).

O autor da “História de Vassílio” não dá ênfase às implicações dos contatos com pessoas de outras origens e que falavam em outro idioma, mas essas adversidades eram uma realidade. Existem diversos relatos feitos por imigrantes acerca das dificuldades encontradas no momento da instalação nos locais destinados a eles no Brasil. Os entraves encontrados pelos primeiros ucranianos foram diversos: terrenos não demarcados, abrigos improvisados, chegada ao Brasil em época inadequada para o plantio de alimentos, falta de sementes e ferramentas, etc.

Diante desse quadro, era comum que algumas pessoas fossem empregadas pelas companhias de imigração ou por agentes estatais para abertura de estradas e demarcação de lotes (ANDREAZZA, 1996, p. 50). O trabalho temporário assalariado em lavouras distantes da colônia era outra forma encontrada pelo imigrante para sustentar a família. Mas a língua

era mais um fator complicador na hora de conseguir o emprego e se comunicar nessa ocupação intermitente (GUÉRIOS, 2007, p. 129).

Portanto, às experiências e descobertas cotidianas que os imigrantes viviam nos primeiros tempos de instalação no Brasil pode-se somar o choque/dificuldade em relação à língua, que acaba surgindo com menor ou maior ênfase. Basílio narra sua viagem até Irati com o objetivo de pegar o trem para Curitiba, para prestar o serviço militar. Nessa viagem, realizada em 1921, ele precisou se hospedar, junto com dois companheiros de viagem que também serviriam o exército, na casa de alguém em Irati, pois o trem que os levaria até Curitiba saiu antes que eles chegassem à estação ferroviária.

A dificuldade da língua poderia ter aparecido nessa ocasião, uma vez que eles não conheciam a cidade de Irati. Mas, ao que tudo indica, todos falavam o português. Os viajantes conseguiram local para passar a noite em um sótão cedido por um comerciante. Não há especificação se a pessoa que cedeu o espaço era ucraniana, apenas que era da região da Galícia (BURKO, 2010, p. 16). Irati, assim como Prudentópolis, recebeu um número significativo de imigrantes de origem eslava. Mas lá a quantidade de poloneses foi maior.

A experiência relatada por Basílio não apresenta conflitos em razão da língua ou estranhamentos em razão de sua origem étnica. No entanto, nem sempre as coisas ocorriam de forma harmoniosa (importante ressaltar que Basílio está narrando sua história muitos anos depois dos fatos ocorridos). As informações da infância são poucas, pois, após poucas páginas, ele já narra sua partida para o exército em 1921. Décadas mais tarde, ir para a escola, por exemplo, poderia significar um momento de choque étnico/linguístico.

No Paraná, sobretudo nas áreas rurais, muitas crianças continuavam chegando à escola falando apenas a língua do grupo étnico do qual descendiam. Em Prudentópolis, não raro, crianças chegavam à idade escolar falando apenas o ucraniano, mesmo após as restrições varguistas e várias décadas após o fim do Estado Novo.

Dona Genoveva, por exemplo, nasceu em 1947, frequentou a escola em meados da década de 1950 e não sabia nem dizer “bom dia!” em língua portuguesa. Ela relatou que, quando chegou à escola, houve muita dificuldade no aprendizado do vernáculo nacional; essa dificuldade era amenizada porque a professora era bilíngue. Caso semelhante ao de Teodosio Tlumaski, nascido em 1946, Sofia Podogurski Hellmann, nascida em 1952, e Isabel Sydorko

Bahry, nascida em 1938 (COSTA, 2013, p. 59)<sup>43</sup>. Mas esse contato cultural não ficou restrito aos primeiros anos da chegada dos imigrantes, aos anos do governo de Getúlio Vargas ou às décadas imediatamente posteriores ao Estado Novo<sup>44</sup>.

Todas as quatro pessoas mencionadas acima nasceram e viveram na zona rural e entraram na escola entre meados da década de 1940 e início da década de 1960. No entanto, entrevistas com moradores(as) de Prudentópolis de gerações mais recentes também trazem informações das experiências do contato com a língua portuguesa apenas a partir da idade escolar.

Claudete, nascida em 1980 e que foi para a escola pela primeira vez em 1987, destacou que na comunidade de Linha Barra Bonita, na zona rural de Prudentópolis, as crianças falavam apenas ucraniano. Ela aprendeu algumas palavras em língua portuguesa apenas quando uma família de não ucranianos foi morar na localidade; quando chegou à escola, falava apenas algumas palavras em português. A língua com a qual conseguia se comunicar de forma fluente era a ucraniana.

Na conversa com Claudete fica demonstrado que mesmo em gerações mais recentes o monolinguismo em língua ucraniana podia ocorrer. Crianças nascidas na década de 1980, como é o caso dela, ainda podiam chegar à idade escolar sem saber se comunicar em português. A dificuldade da entrevistada aumentou com o fato de que sua professora não era bilíngue português/ucraniano, ou seja, não falava o idioma eslavo.

Claudete fez questão de frisar que, entre as poucas lembranças do período, o que lhe vinha à cabeça de forma quase automática era o fato da professora estar sempre perfumada e ser *diferente de nós* (expressão utilizada por ela). A distinção decorria, muito provavelmente, do fato de que a docente era *de fora* da comunidade e não se comunicava na língua ucraniana. Se nesse relato as reminiscências não estão marcadas pelo contato traumático ou por uma experiência dolorosa, elas estão assinaladas pela diferenciação e pela curiosidade com o “outro”.

---

<sup>43</sup> A entrevista de Dona Genoveva Vogivoda foi realizada em 2013 para a pesquisa de Mestrado. Outras duas pessoas entrevistadas na mesma época também ressaltaram que aprenderam a língua portuguesa na escola e que o uso do bilinguismo era fundamental para o aprendizado: Teodosio Tlumaski e Dona Sofia Podogurski Hellmann frequentaram a escola em meados da década de 1950 e final da década de 1950 e início da década de 1960, respectivamente. Dona Isabel Sydorko Bahry, por sua vez, era professora e corroborou as outras entrevistas, relatando a necessidade de ser bilíngue para conseguir trabalhar com os alunos.

<sup>44</sup> Estou considerando como décadas imediatamente posteriores ao Estado Novo as décadas de 1950 e 1960, uma vez que o primeiro governo de Vargas terminou em 1945.

O fato do contato com a língua portuguesa ocorrer pela primeira vez na escola ou se tornar mais frequente no ambiente escolar não foi, portanto, exclusividade das primeiras gerações de descendentes de imigrantes. Tampouco essa situação havia deixado de existir no final dos anos 1980, o que evidencia a primazia da língua ucraniana em Prudentópolis como língua materna. Essa vitalidade linguística, conforme apontado por Ogliari (1999), apesar das mudanças geracionais, inovações tecnológicas e casamentos exogâmicos, atravessou praticamente todo o século XX, mantendo o idioma ucraniano como uma língua viva, ainda que exista evidentemente diminuição do seu uso.

Pode parecer que, ao raiar do século XXI, as possibilidades de monolinguismo ucraniano ou a existência de qualquer estranhamento ou choque devido ao uso exclusivo da língua eslava seriam improváveis. No entanto, Simionato (2012, p. 15) relata que no ano de 2009, em Prudentópolis, havia crianças (dezoito casos registrados) que não falavam a língua portuguesa quando foram matriculadas na primeira série do Ensino Fundamental, sendo necessária a intervenção de uma professora bilíngue para que houvesse entendimento.

Em Prudentópolis existem dezenas de escolas, urbanas e rurais, que recebem crianças que iniciam o processo de alfabetização (séries iniciais até o quinto ano, antiga quarta série). Essas escolas são muito heterogêneas tanto em relação ao número de alunos atendidos quanto ao público socioeconômico e étnico que recebem. Algumas escolas da zona rural continuam com o sistema de salas multisseriadas e são localizadas em áreas de difícil acesso. Simionato (2012) ressalta a existência de crianças monolíngues em língua ucraniana, sem especificar de qual escola. Ela apenas pontua que sua pesquisa de campo se deu em uma escola da zona rural. Nos Apêndices, as tabelas e gráficos podem demonstrar como as regiões rurais do município apresentam porcentagens díspares de descendentes de ucranianos e diferenças importantes no domínio da língua ucraniana.

A ênfase no contato étnico e linguístico dos descendentes de ucranianos no ambiente escolar se justifica na medida em que, nesses espaços, a possibilidade de interação com crianças de diferentes origens é significativa. Com o fim das escolas mantidas exclusivamente pelos grupos imigrantes, as salas de aula passaram a ser o palco dos contatos, traumas, choques, estranhamentos, troca de experiências, aprendizado, *bullying*, etc. Os locais pedagógicos eram, muitas vezes, o espaço em que meninos e meninas tinham contato com o “outro”, uma vez que saíam da companhia dos pais, que podiam falar preferencialmente em ucraniano em casa.

Nesse sentido, podemos dizer que a escola deixa de ser um lugar arquitetado com uma finalidade específica, delimitada, para se tornar um “espaço praticado”, na perspectiva cerotoniana. O autor, conforme já pontuado anteriormente, pontua que os lugares são pré-definidos, uma vez que independem das pessoas que os utilizam; o espaço, ao contrário, é construído pelos atores sociais, que o “moldam” de acordo com seus objetivos e necessidades (CERTEAU, 1994, p. 202).

O ambiente físico fixo, o “lugar escola”, é transformado pelas pessoas que o frequentam e torna-se um espaço de conflito, de aprendizagem, de brigas, de socialização, de estranhamentos. O espaço escolar ultrapassa a simples função outorgada pelo Estado e, nele, as crianças rompem, muitas vezes, a estrita convivência familiar ou religiosa<sup>45</sup> para travar relações sociais além das rotineiras. No ambiente da escola os alunos vivem experiências que não teriam, caso ficassem restritos aos contatos com indivíduos de seu grupo étnico.

A estratégia governamental na Era Vargas era “nacionalizar” a infância (SOUZA, 2011), um eufemismo para referir-se à necessidade das crianças aprenderem o vernáculo nacional e abandonarem progressivamente o idioma trazido pelo grupo imigrante. Dentro dessa perspectiva, a escola era ambiente de supressão das diferenças. Mas esse lugar não se efetiva na realidade: nela, o que ocorre é o espaço sendo praticado pela diferença, e não sua supressão.

Atualmente, a escola, lugar de supressão das línguas étnicas no passado, pode ser considerada um espaço de manutenção do idioma ucraniano em Prudentópolis, ou de uma tentativa de minimizar a diminuição do seu uso. Em colégios estaduais, principalmente da zona rural, ainda existem cursos de “contra turno” de ucraniano. As aulas de Língua Estrangeira nesses cursos geralmente contemplam aquele idioma, que não faz parte da grade curricular obrigatória. Em um colégio em que há aulas de inglês, por exemplo, pode ser oferecido um curso de ucraniano em horário diferente das aulas normais. Dois estabelecimentos escolares do município, o Colégio Estadual Imaculada Conceição e o Colégio Estadual São João Batista, possuem a disciplina de Língua Ucraniana em suas grades curriculares do “Ensino Fundamental Anos Finais” (conjunto de séries/anos que vai do sexto ao nono ano, antiga quinta a oitava série).

---

<sup>45</sup> Lembrando que os descendentes de ucranianos frequentam a *sua* Igreja, que reforça, entre outros aspectos, o uso do idioma eslavo.

As experiências vivenciadas no espaço escolar evidenciam que, ao irem para a escola, os meninos e meninas com ascendência ucraniana tinham a oportunidade de estreitar laços sociais com crianças de origens distintas. A partir da frequência à escola e da constatação de que havia um mundo além daquele doméstico, Claudete (1980) relatou que sentia vergonha quando a mãe falava com ela na língua ucraniana, nas viagens que faziam até a área urbana de Prudentópolis.

Nesse ponto é preciso abrir parênteses, pois o relato nos leva a questionar se a vergonha sentida pela entrevistada não era um motivo para repelir a etnicidade e se recusar a falar o ucraniano. Essa é uma hipótese. Mas não podemos deixar de lembrar que Claudete nasceu em 1980 e viveu a infância e a adolescência em um período em que o contato com pessoas que falavam o português era bem mais comum que em décadas anteriores. Além disso, não aprender a língua ucraniana seria o mesmo que recusar a herança imigrante? Ou seria adotar tal identidade, mas a partir de outros aspectos? Tentaremos responder essas questões nos próximos capítulos, quando for possível uma análise da passagem das gerações.

A partir dos estranhamentos e descobertas na escola era possível estabelecer a fronteira entre o “nós” e o “eles”. No convívio com “outros” (sendo a professora também um *outro*, uma vez que não falava a língua eslava) poderiam ocorrer situações distintas: por um lado, poderia haver um reforço da solidariedade étnica e das práticas identitárias; por outro, constatando-se a diferença, poderia existir a negação da condição étnica e a busca de homogeneização para eliminar a diferença ou, pelo menos, minimizá-la. No caso da entrevistada, o que a distinguia era sua ascendência ucraniana e seu conhecimento e domínio da língua. Claudete aprendeu o ucraniano em primeiro lugar e continua dominando o idioma.

Não é possível mensurar o tamanho dos “traumas”, das dificuldades enfrentadas pelas pessoas, sejam elas das décadas de 1950, 1980 ou da primeira década do século XXI. O máximo que o pesquisador poderá fazer, ainda que de modo imperfeito, será tentar aquilatá-las a partir das entrevistas. As experiências, traumáticas ou não, ocorreram no contato interétnico de forma concreta. As mudanças no modo de viver das pessoas que foram obrigadas a aprender o português também são passíveis de serem constatadas. Mas o íntimo, o psicológico, é algo fugidio e de difícil apreensão. Além disso, as pessoas não reagem necessariamente da mesma forma diante da mesma situação.

A partir da memória dos descendentes dos imigrantes é possível ter acesso às percepções que homens e mulheres possuem acerca de sua história e da maneira como foram os contatos étnicos. Mas, como já salientamos, cada indivíduo é afetado de modo diverso



pelas circunstâncias e rememora seu passado de um jeito particular. Por essa razão, na “História de Vassílio” não há menção a dificuldades significativas em relação ao idioma falado ou ao contato com pessoas não ucranianas. Genoveva (1947), por sua vez, nascida quase cinco décadas depois, deixou claro que era difícil aprender o português; já Claudete (1980) trouxe o estranhamento, mas sem necessariamente atribuir sentimentos negativos ao vivenciado.

O tempo das lembranças não é linear e/ou cronológico: “Diante de tantos apelos do momentâneo, os registros de memória dos ucranianos parecem ser a presença do passado que procura no presente apenas sobreviver” (TAMANINI, 2016, p. 65). Tampouco é possível recordar tudo: as reminiscências são selecionadas de forma inconsciente. Esquecer ou lembrar não é um processo de que o indivíduo possui total controle: às vezes o que se quer recordar se perde e o que não se quer rememorar não sai da mente. Somente em casos patológicos o indivíduo é capaz de lembrar-se de tudo, pois a memória é uma seleção do passado (DOSSE, 2004, p. 97).

Esse filtro do vivido depende também da idade do indivíduo e das relações interpessoais que travou ao longo da vida:

A visão que cada indivíduo tem do mundo depende não só do lugar social que ele ocupa, da forma como ele se insere na sociedade organizada, mas também do referencial que tem do passado, função também do seu amadurecimento psicobiológico e educacional, ou seja, da sua idade. (NADALIN, 2004, p. 81).

Diante das questões levantadas, constatamos que a questão dos choques étnicos, suas interpretações, expectativas, modos de reagir às experiências, maneiras de relatá-las, variam de acordo com a pessoa e a geração à qual ela pertence.

Perder o domínio da língua pode significar para uns o corte do cordão umbilical com a terra dos ancestrais: um procedimento doloroso. Para outros, o contato com a língua portuguesa pode representar uma descoberta, em que o idioma eslavo representa o passado a ser esquecido ou que não tem espaço na “modernidade”. Para outros pode ocorrer um misto de ambas as situações. É necessário considerar o fator geracional.

A *ucraneidade*, expressão utilizada por Tamanini (2017, p. 28) para se referir ao sentimento de pertencimento étnico e religioso e aos modos como os ucranianos se autoidentificam e estabelecem a diferença perante o “outro”, não possui o mesmo significado

e não é explicitada a partir dos mesmos critérios por todas as pessoas e gerações. Dessa forma, cada *ucraneidade* precisa do referencial temporal no qual foi forjada.

## 4 A LÍNGUA NA TRANSIÇÃO E NA RELAÇÃO INTERGERACIONAL

### 4.1 AS GERAÇÕES E O USO/MANUTENÇÃO DA LÍNGUA E DA IDENTIDADE ÉTNICA

Na atualidade é comum a utilização do conceito, ou melhor, da expressão *geração* para designar um grupo de pessoas: Geração X, geração Y, geração Coca-Cola, geração carapintada, geração saúde, etc. São expressões recorrentes e impõem um desafio aos pesquisadores que se utilizam do conceito, pois os critérios de definição de uma geração são múltiplos.

Dessa forma, para o pesquisador que quer sistematizar uma análise e conceituar a geração, a tarefa não é das mais simples, tendo em vista que os termos pós-fixados que adjetivam a expressão *geração* variam bastante. Além disso, muitos dos supostos grupos geracionais são contemporâneos, podendo fazer parte de uma ou mais delimitações diferentes simultaneamente.

Mas, a complexidade do conceito de geração não deve ser a razão para a sua rejeição. Os fenômenos humanos são difíceis de serem quantificados, mensurados, mas isso não impede sua análise a partir da adequação das ferramentas teórico-metodológicas. O arcabouço das discussões geracionais se mostrou adequado para o estudo empírico do uso da língua ucraniana em Prudentópolis.

No município em questão, pessoas de diferentes idades usam a língua ucraniana; algumas mais, outras menos. E essa proporção sofre interferência direta dependendo do grupo etário e do contexto histórico e social ao qual o indivíduo faz parte. Diante desse quadro, a própria discussão a respeito das implicações do uso do conceito de geração como ferramenta metodológica ajuda a pensar nosso objeto empírico.

Apesar das mudanças ao longo das décadas, a língua ucraniana continua sendo utilizada em Prudentópolis mesmo com a distância temporal que separa os descendentes de ucranianos dos imigrantes pioneiros. No entanto esse uso não permaneceu homogêneo no decorrer do tempo, variando de acordo com as mudanças geracionais.

Nesse sentido, a questão pode parecer autoexplicativa. No entanto a geração, embora seja uma ferramenta teórico-metodológica relevante, não se resume a uma sequência temporal linear. Pessoas de diferentes idades, portanto de diferentes gerações, convivem e suas

percepções acerca do mundo *podem* diferir significativamente. A transição geracional não é feita em um corte, não se extingue uma geração para que outra apareça.

Portanto, a geração não é fixa, “o conceito demográfico de geração é relativamente flexível, pois permite que a ela se agreguem não só indivíduos, nascidos – por exemplo – num determinado ano, mas também em determinado período de tempo” (NADALIN, 2019, Inédito). Ou seja, além de podermos agrupar pessoas que casaram no mesmo ano ou que nasceram no mesmo ano, podemos reunir indivíduos cuja data de aniversário se insere em um período maior de tempo.

Imaginemos duas gerações reunidas de forma arbitrária pelo pesquisador: uma com pessoas nascidas entre 1930 e 1949 e outra com nascidos entre 1950 e 1969. Difícil compreender que alguém que nasceu em 1949 possua uma visão de mundo completamente diferente de quem nasceu em 1950 apenas por, supostamente, terem sido reunidas em dois grupos distintos pelo pesquisador. Dito de outra forma, não há um corte absoluto que separe completamente essas duas gerações. Portanto, a discussão não pode ficar restrita ao que separe os indivíduos; o debate precisa considerar justamente o contato entre essas as pessoas nos limites geracionais (COLOGNESE, 2011, p. 140).

Na transição do século XVIII para o século XIX, momento de afirmação da Sociologia, os debates sobre o tema apareceram com força no pensamento comtiano. Para Auguste Comte, a geração era vista como uma questão temporal, marcada pela substituição de um indivíduo pelo outro na vida pública (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 187); outra questão, apontada por Segalen (1993, p. 191), acrescenta que o espaço temporal que separe duas gerações, em algumas definições, seria a diferença de idade entre o pai e os filhos, tempo estimado em 30 anos.

Essa perspectiva era marcada por uma visão de continuidade, uma vez que a cada três décadas, aproximadamente, uma geração dava lugar à outra (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 187). Mas esse entendimento acerca dos limites entre gerações é marcado pelo senso comum, pois considera apenas o aspecto cronológico. Segalen (1993, p. 191) destaca o papel do contexto e das experiências na conformação geracional. Motta (2004, p. 351), por sua vez, ressalta que a geração é percebida nos extremos ou nos pontos de contatos entre membros de grupos diferentes.

Consideremos, como exemplo, uma repartição pública onde há funcionários de diferentes idades e na qual nem todos se afastarão de suas funções ao mesmo tempo. Sob esse

ponto de vista temos, por um lado, a continuidade, pois mesmo que haja nos novos indivíduos um afã de mudanças, essas se apoiarão na estabilidade dos mais velhos. Por outro lado, há a questão da ruptura, uma vez que a cada 30 anos (um ciclo, portanto), há a possibilidade de uma substituição. Mas isso apenas em tese, pois é importante deixar claro que esse tempo é uma convenção, visto que as pessoas não completam ao mesmo tempo o seu ciclo vital.

Independente da convivência entre as pessoas de diferentes idades, o que prevalece é o tempo de vida; assim a geração é trazida para o campo da biologia (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 187). É justamente na convivência dialética entre pessoas de diferentes idades - na relação intergeracional - que percebemos as potencialidades analíticas do conceito de geração, que é dinâmico e, por isso, permite conjugar a definição demográfica (ano de nascimento, por exemplo) com períodos maiores de tempos (NADALIN, 2019, Inédito).

O esforço comtiano objetivava dar cientificidade ao pensamento sociológico e para isso os sociólogos buscavam nas ciências da natureza modelos para seus postulados. Daí a estreita ligação entre a geração e o tempo biológico. Mas essa definição rígida não dava espaço para as experiências comuns de pessoas de diferentes faixas etárias. Assim como não levava em consideração, de maneira mais sistemática, as diferentes relações travadas em contextos diversos por pessoas da mesma idade e de faixa etária distinta, uma vez que o corte temporal era, em última instância, o que prevalecia na perspectiva do tempo biológico.

Por essa razão historiadores e demais pesquisadores, apoiados nas ideias de Dilthey, rejeitaram a definição proposta por Auguste Comte e seus seguidores. Para essa nova linha teórica o tempo era importante, mas não era o que definia de maneira irrefutável a barreira entre as gerações. A subjetividade era algo fundamental para essa nova abordagem. O que prevalece não é o “tempo quantitativo” (os anos), mas sim o “tempo qualitativo” (as experiências): “Em termos mais gerais, para Dilthey as experiências históricas delimitam o pertencimento a uma geração, porque se fundam na existência humana” (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 188).

Essa articulação será fundamental na teoria de Mannheim. O autor alemão descarta a teoria de Comte e não se filia às ideias de Dilthey; ele busca articular a idade (pressuposto comtiano) com a vivência social (pressuposto diltheyniano):

Aunque generalmente se habla del proceso de sucesión generacional, en realidad ésta se produce a partir de un período de coexistencia durante el cual distintas generaciones se superponen en la vida social activa. En la medida que la esperanza de vida de la población se ha ido elevando, es más amplio el número de

generaciones que conviven simultáneamente (contemporáneos), lo que implica una interacción directa que favorece la continuidad. Pero, en la medida que el mundo se transforma más aceleradamente como resultado del progreso científico-técnico y de nuevas dinámicas económicas, sociales, políticas y ecológicas, es más diversa la fisonomía generacional de esos contemporáneos y con más rapidez se hace obsoleto el equipo de conocimientos, habilidades, conductas y hasta valores de las generaciones anteriores, lo que favorece las rupturas. Esto hace más compleja la dinámica generacional en estos tiempos. (DOMÍNGUEZ, 2000, p. 2-3)<sup>46</sup>.

Nesse sentido, vemos que a pluralidade é algo próprio do conceito de geração, já que sua definição/delimitação não se realiza de forma isolada: “As gerações, como as classes sociais, não existem isoladamente, mas em referência mútua, contraposição ou até oposição umas às outras. Uma geração é ou se torna aquilo que o jogo de poder permite na relação com as outras” (MOTTA, 2004, p. 353).

As transformações no conceito de *familia* também ajudam a compreender a dinamicidade que vem a ser entendido como geração (SCOTT, 2010, p. 251-252). O próprio Mannheim, analisando as discussões a respeito do conceito, ressaltou que há um desvio da discussão positivista, quase que exclusivamente realizada no campo da contabilidade e, portanto, meramente quantitativa, para o campo qualitativo na perspectiva das ideias de Dilthey (MANNHEIM, 1993, p. 200). O fato de crianças, jovens e adultos conviverem ao mesmo tempo não garante de forma inequívoca que pensarão/agirão da mesma forma.

A possibilidade de jovens da mesma faixa etária, mas de hemisférios diferentes pensarem da mesma forma e enxergarem o mundo de uma mesma perspectiva é pequeno. O tempo cronológico de nascimento do indivíduo será relevante apenas quando levado em consideração o seu âmbito histórico-social: “Sólo se puede hablar, por lo tanto, de la afinidad de posición de una generación inserta en un mismo período de tiempo cuando, y en la medida en que, se trata de una potencial participación en sucesos y vivencias comunes y vinculados” (MANNHEIM, 1993, p. 216)<sup>47</sup>. Indivíduos da mesma idade que tiveram as mesmas

---

<sup>46</sup> Tradução livre: “Embora o processo de sucessão geracional seja geralmente discutido, na realidade é produzido a partir de um período de coexistência durante o qual diferentes gerações se sobrepõem à vida social ativa. Na medida em que a expectativa de vida da população vem aumentando, o número de gerações vivendo simultaneamente (contemporâneos) é mais amplo, o que implica uma interação direta que favorece a continuidade. Mas, à medida que o mundo se transforma rapidamente como resultado do progresso científico-técnico e das novas dinâmicas econômicas, sociais, políticas e ecológicas, tornam-se mais diversas as características geracionais desses contemporâneos e se faz mais obsoleto o conjunto de conhecimentos, habilidades, comportamentos e até mesmo valores das gerações anteriores, o que favorece rupturas. Isso torna a dinâmica geracional mais complexa nesses tempos (DOMÍNGUEZ, 2000, p. 2-3)”.

<sup>47</sup> Tradução livre: “Só se pode falar, portanto, da afinidade de posição de uma geração inserida em um mesmo período de tempo quando, e na medida em que, se trata de uma potencial participação em sucessos e vivências comuns e vinculadas”.

experiências podem reagir de formas distintas; mas ainda que a reação seja diferente, ela será pautada a partir da vivência e sempre relacionada ao contexto sociocultural.

As gerações possuem uma polissemia difícil de ser equacionada. Inúmeros fatores interferem na relação dos indivíduos com o seu contexto social e com o meio familiar para se chegar a um denominador comum. Por essa razão a importância atribuída à experiência é ressaltada, pois para se compreender a geração é necessário também equacionar os aspectos etário e social (SCOTT, 2010, p. 253).

A geração pode ser entendida a partir de uma delimitação etária (grupo de pessoas da mesma idade); pode também ser pensada de uma forma contextual (pessoas que passaram por um evento que abalou/mudou as bases sociais e/ou políticas); ou ainda poderá ser analisada com um viés familiar/parental (avós, filhos, netos). Todos esses três modos permitem perceber que, de uma forma ou de outra, o aspecto etário e social se entrelaçam, se completam (SCOTT, 2010, p. 267).

A semântica em torno do conceito de geração é variada. Embora muitos aspectos apontem para uma direção comum, cada termo possui especificidades. Alguns autores preferem usar a *coorte* no lugar de geração (MOTTA, 2010, p. 228). Para falar de *coorte* a partir daqui vamos utilizar a seguinte definição:

Em demografia geração é, de modo preciso, o conjunto de pessoas nascidas em determinado período de tempo que é, geralmente, o ano civil (...) adotou-se o termo coorte para designar a classe ou conjunto de indivíduos que apresentam o mesmo fenômeno em dado período de tempo; (...) uma coorte de casamento é o conjunto de pessoas que se casaram em determinado período etc. (DICIONÁRIO DEMOGRÁFICO MULTILINGUE, 1969, p. 18).

Acompanhando o exposto acima vamos usar doravante o termo *coorte* para nos referir ao conjunto de pessoas nascidas em intervalos de tempo determinado. Quando o conceito for usado fará referência ao conjunto de pessoas que nasceram em período de tempo ou intervalo de tempo. Dentro de um mesmo conjunto, seja ligado pelas mesmas experiências ou pela idade, pode existir agrupamentos distintos. Aquilo que Mannheim chamou de unidades geracionais (MOTTA; WELLER, 2010, p. 177).

Nos censos de 1920 e 1940 a população de Prudentópolis que residia na área rural era de 91,4% e 91% respectivamente. Esses números por si só não são uma prova irrefutável de

que todos *liam* o mundo sob a mesma ótica. Mas o contexto social compartilhado ainda continuou guardando características comuns ao longo do século XX.

Porém, embora até 2010 a maioria da população ainda residisse no interior do município, há uma diminuição dos habitantes rurais e um aumento constante dos urbanos em termos percentuais. A partir de 1991 a população rural passa a diminuir não apenas em termos percentuais, mas também no número absoluto de pessoas conforme a tabela 2.

TABELA 2: POPULAÇÃO RURAL E URBANA DE PRUDENTÓPOLIS<sup>48</sup>

Ano	População Urbana	População rural	População total
1920	1.700 (8,56%)	18.150 (91,4%)	19.850 (100%)
1940	2.076 (9%)	20.694 (91%)	22.760 (100%)
1950	2.823 (10,09%)	25.135 (89,90%)	27.958 (100%)
1960	4.721 (15,6%)	25.461 (84,35%)	30.182 (100%)
1970	6.746 (19,22%)	28.343 (80,77%)	35.089 (100%)
1980	-	-	39.706 (100%)
1991	10.259 (24,34%)	31.878 (75,65%)	42.137 (100%)
2000	18.017 (38,89%)	28.306 (61,10%)	46.323 (100%)
2010	22.463 (46,1%)	26.329 (53,9%)	48.792 (100%)
2018	-	-	51.961 (100%)
Média total	8.600 (25,2%)	25.537 (74,8%)	36.475,8 (100%)

Fonte: IBGE; (OGLIARI, 1999: 82).

A partir dos dados da tabela 2 foi possível estabelecer as taxas de crescimento da população urbana no intervalo entre os censos demográficos conforme consta acima. Entre 1991 e 2000 houve um aumento percentual do contingente populacional urbano bastante significativo. Essa guinada coincide com a transição entre a terceira e a quarta geração, mudança que acarreta o aumento de contatos entre o contexto rural e urbano e consequentemente pode fortalecer ou dissolver os laços étnicos.

---

<sup>48</sup>Os dados referentes ao ano de 1920 foram obtidos na Tese de Ogliari (1999: 82). Em 1930 não foi realizado o censo previsto para aquele ano devido ao contexto político da época que inviabilizou o trabalho de recenseamento. Não foi possível estabelecer o número de pessoas da área urbana e rural no censo de 1980. Para o ano de 2018 também não foi possível fazer uma separação entre população rural e urbana, uma vez que se trata apenas de uma estimativa para a população total feita pelo IBGE. A média da população da zona rural, urbana e total foi obtida sem considerar os dados de 1980 e 2018, uma vez que não foi possível determinar o número de habitantes em cada área geográfica.



TABELA 3: TAXA DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO URBANA DE PRUDENTÓPOLIS

	1920- 1940	1940- 1950	1950- 1960	1960- 1970	1970- 1980	1970- 1991	1991- 2000	2000- 2010
Crescimento população urbana	0,44%	1,09%	5,51%	3,62%	-	5,12%	14,55%	7,21%

Fonte: elaborada pelo autor.

Importante enfatizar que o conceito teórico/metodológico de geração, tal qual discutido e defendido aqui, não é pautado por uma dicotomia campo *versus* cidade, por exemplo. Mas, a dinâmica das relações sociais e intergeracionais se alteram à medida que o contexto experienciado muda.

O intuito é enfatizar o ambiente social comum, que propicia vivências também comuns e que, aliado à idade, permite que indivíduos possam ser tratados como da mesma geração. O município permanece com sua economia estruturada basicamente no setor agrícola. Muitos moradores da área urbana são pessoas que passaram grande parte de sua vida laboral nas comunidades rurais e apenas após a aposentadoria se mudaram para o quadro urbano.

Prudentópolis, portanto, possui uma realidade social que permite que pessoas na mesma faixa etária possam ser tratadas como pertencentes à mesma geração (ainda que em um ou outro ponto possa haver algum questionamento). Uma vez preenchido o quesito da idade, o contexto social possibilita que os indivíduos compartilhem as mesmas vivências, aspecto fundamental para a definição da geração segundo a perspectiva de Mannheim (1993). Dessa forma o “quadro” possibilita reforçar o argumento apresentado anteriormente<sup>49</sup>.

O fundamental no nosso estudo empírico é que os descendentes de ucranianos, dentro de cada grupo geracional aqui delimitado, compartilham o meio social, mas, sobretudo, pautam suas vidas a partir de práticas que estão de acordo com o pertencimento étnico-cultural: frequentam a mesma igreja, utilizam a mesma língua, conhecem e preparam receitas de uma culinária própria, entre outros aspectos. Ou seja, orientam suas condutas tendo tradições específicas compartilhadas.

---

<sup>49</sup> Mesmo nos censos mais recentes, censo do ano 2000 e de 2010, a população rural permaneceu maior, apesar do aumento significativo dos moradores da área urbana, 46% de acordo com o censo de 2010 conforme a tabela acima.

Essa especificidade pode ser pensada a partir do exemplo de Lúcia, nascida em 1946 na comunidade de Linha Barra Bonita, que viveu a maior parte de sua vida na área rural e apenas nos últimos anos reside na zona urbana da cidade. Mais de dois terços de sua vida foram dedicados ao trabalho na agricultura e somente após a aposentadoria é que passou a residir na sede do município. Porém, quando passou a residir na parte urbana do município, sua etnicidade não foi colocada em xeque, pois o seu pertencimento étnico não estava condicionado ou restrito à sua residência na zona rural<sup>50</sup>.

Além disso, devido à configuração do município, as pessoas que saem do interior de Prudentópolis conseguem encontrar na zona urbana um ambiente em que a etnicidade pode ser vivenciada. Importante não esquecer que as fronteiras e os critérios para defini-las, bem como a própria identidade, não são fixas e podem se modificar de acordo com o dinamismo dos contatos.

Situação análoga é narrada por Carlos (1985): seus avós, já falecidos, também viveram na área rural a maior parte da vida e nos últimos anos antes do falecimento foram residir na área urbana de Prudentópolis. Essas mudanças das pessoas mais velhas para a parte urbana não constitui uma regra, mas é algo comum em Prudentópolis. Diante desse quadro podemos defender que essas pessoas podem formar sim uma geração, pois a idade e o contexto social compartilhado permite tal premissa. Podemos aventar a possibilidade da formação de “unidades geracionais”, pois há por parte dos indivíduos a adesão a determinados hábitos e o cultivo de valores específicos (MANNHEIM, 1993, p. 223).

Antes de tratar de forma sistemática o material empírico coletado com as entrevistas, é necessário ponderar que a utilização do conceito de geração não visa uma divisão rígida entre os grupos reunidos em *coortes* e tratados como de gerações distintas. O intuito é verificar como a construção, reconstrução e a manutenção da identidade étnica ucraniana se deram no município de Prudentópolis ao longo do tempo (1940 a 2018).

A opção por distinguir os entrevistados em *grupos* geracionais visou tornar o material coletado passível de uma coerência, uma vez que indivíduos nascidos na década de 1940 vivenciaram uma realidade que possui suas especificidades em relação àqueles que nasceram quatro, cinco ou seis décadas depois. Os diversos contextos analisados são complexos, pois

---

<sup>50</sup> A legislação brasileira vigente prevê que a mulher agricultora se aposente após completar 55 anos. Portanto, apenas ao completar essa idade é que dona Lúcia passou a residir na sede urbana de Prudentópolis.

em cada um convivem indivíduos oriundos de gerações diferentes que, na perspectiva de Mannheim, teriam visões de mundo distintas, ou relativamente distintas.

Portanto, independente da faixa etária dos entrevistados, o mais relevante para os tratarmos como um grupo étnico, mesmo com as transformações ocorridas devido à ação do tempo, é que todos os indivíduos que formam o conjunto de entrevistados possuem traços comuns: a ascendência ucraniana; uma cultura pautada na tradição imigrante; religião católica de rito oriental celebrada em língua ucraniana; uma vivência ou contato estreito com o mundo rural; o uso ou ao menos o contato direto com pessoas que usam a língua ucraniana; o sentimento de pertença ao grupo étnico ucraniano (ainda que não usem essa expressão). Enfim, independente da idade dos entrevistados ou da geração à qual pertencem, são as experiências comuns que os fazem possuir uma identidade étnica ucraniana, tendo na língua um fator de identificação.

Além disso, conforme apontou Colognese (2011, p. 140), mais importante do que estabelecer de maneira rígida os critérios de onde começa e onde termina uma geração, é perceber os contatos, choques e rupturas entre as gerações. Em outras palavras, mais revelador do que analisar o núcleo da geração é perceber as transições nas fronteiras geracionais.

#### 4.2 DE 1940 A 1950: A PRIMEIRA COORTE

No final da primeira metade do século XX, Prudentópolis era ainda um vasto sertão. Havia imensas áreas despovoadas ou com uma densidade demográfica muito baixa; longas distâncias eram percorridas em estradas sem nenhum tipo de pavimentação e alguns trechos desses caminhos pouco mais eram que picadas abertas na vegetação. Não apenas as vias que interligavam as comunidades do município eram ruins, mas também as vias de acesso com outras cidades eram precárias e a falta de pontes em diversos trechos obrigava o governo do Estado a pagar balsas que realizavam a travessia (GUÉRIOS, 2007, p. 117).

Os ucranianos que chegaram a Prudentópolis no final do século XIX e início do XX foram instalados em lotes rurais em que a agricultura praticada era realizada com a mão de obra familiar e voltada basicamente, nos primeiros tempos, à subsistência (HAURESKO, 2015). À medida que os pioneiros se adaptaram e se fixaram nas propriedades, a produção e as famílias cresceram, o acesso ao mercado interno e externo ao município se efetivou e os

excedentes passaram a ser comercializados.

Entretanto a configuração rural das comunidades de agricultura familiar, em que o trabalho é feito basicamente pelos membros da família, ainda é realidade na maior parte das comunidades rurais do município. Situação favorecida pelo tipo de imigrante (ucraniano) instalado e o modo como foram distribuídos os lotes de terra: “O grupo de imigrantes, ali estabelecidos, era majoritariamente formado por pessoas que trabalhavam na agricultura (...). Esse grupo foi responsável pela formação de núcleos coesos” (HAURESKO, 2015, p. 14).

A mobilidade espacial é pouco significativa na história de vida das pessoas dessa geração, o que reforça uma coesão enquanto grupo étnico-linguístico, mesmo que esses indivíduos não residam em áreas rurais contíguas de Prudentópolis. A partir do recorte metodológico utilizado, os entrevistados dessa *coorte* podem ser tratados como uma geração, pois são de uma faixa etária muito próxima, convivem no mesmo ambiente socioeconômico e cultural e, principalmente, possuem a origem étnica comum: “Os homens que nasceram num mesmo ambiente social, em datas próximas, sofrem necessariamente, em particular em seu período de formação, influências análogas” (BLOCH, 2002, p. 151).

Uma situação vivenciada por crianças descendentes de ucranianos e, de forma análoga, também por poloneses, alemães, italianos, luso-brasileiros, brasileiros, entre outras, pode ser exemplificada com as leis de nacionalização empreendidas pelo governo getulista. Filhos de imigrantes, que nas décadas de 1930 e 1940 falavam apenas a língua do país ou região de origem na Europa, se depararam com o fechamento de suas escolas étnicas e passaram pelas dificuldades de aprendizado forçado e antecipado do português.

Os jovens no Brasil em idade militar durante os conflitos bélicos mundiais (1914-1918 e 1939-1945) passaram pela expectativa/tensão da iminência de uma convocação, ainda que o país não fosse o mais engajado na guerra. O nascimento em determinado ano fazia do jovem um potencial soldado; nascidos antes ou depois estavam salvaguardados de uma convocação imediata<sup>51</sup>.

A situação descrita acima faz referência apenas ao fator etário. Todavia, os ucranianos possuem uma configuração étnica que os distinguem dos demais indivíduos da mesma idade. Para eles, ir ao campo de batalha e lutar ao lado de um soviético suscitaria sentimentos muito

---

<sup>51</sup> O jornal *Précia*, de Prudentópolis, trouxe em suas edições listas de jovens prudentopolitanos convocados para o exército em razão da Segunda Guerra Mundial. Nem todos os convocados efetivamente iam para os campos de batalha na Europa, mas precisavam se apresentar em locais determinados para a formação e para aguardarem caso fosse necessário o envio de tropas.

diferentes dos de um soldado luso-brasileiro. Portanto, junto ao aspecto geracional é necessário, na abordagem que estamos fazendo, não prescindir do fato de que a identidade possui especificidades e que deve ser pautada de modo diverso em cada grupo.

Prudentópolis não sofreu nenhuma mudança significativa na sua configuração ao longo das décadas de 1940 e 1950. Ou seja, entre 1941 e 1954, período em que todas as pessoas dessa *coorte* nasceram, não houve uma inversão da população rural em relação à população urbana, por exemplo, conforme os censos já citados. Nem a economia agrária recebeu a concorrência das atividades industriais. Da mesma forma, nas duas décadas seguintes, grosso modo, não se alterou o quadro socioeconômico dos agricultores e agricultoras do município.

Único fato que pode ser considerado um ponto fora da curva foi a proibição da publicação do jornal *Prácia* (Trabalho), editado em língua ucraniana, no início da década de 1940 durante o Estado Novo. Esse fato, todavia, não produziu nenhuma mudança estrutural na vida social e econômica da maior parte dos municípios, principalmente de quem vivia nas comunidades rurais. Além disso, algumas dessas localidades localizam-se a aproximadamente 100 quilômetros da sede municipal e o jornal não circulava em todas essas áreas. Evidentemente que a proibição trouxe problemas, produzindo algumas mudanças, mas elas não alteraram o quadro social prudentopolitano.

Os 10 entrevistados dessa *coorte* aprenderam primeiramente a língua que os antepassados trouxeram da Europa. Mesmo nos casos em que um dos pais não era ucraniano, o ambiente social facilitou a supremacia etnolinguística frente aos idiomas de outros grupos imigrantes, como o polonês e o alemão.

Prudentópolis possui uma área de mais de 2.300 km<sup>2</sup> e a maior parte dela é composta por comunidades rurais. A região Norte faz divisa com os municípios de Cândido de Abreu e Turvo e, ao Sul, as divisas são com os municípios de Irati e Inácio Martins. A distância entre um extremo e outro do município, no sentido norte-sul, ultrapassa os 100 quilômetros.

Nas décadas de 1940 e 1950 a população da comunidade de Linha Ligação, no norte de Prudentópolis, era composta majoritariamente de pessoas com ascendência ucraniana. O número elevado de indivíduos com tal origem residentes ali ajudava na configuração do grupo: a língua ucraniana, a religião, a cultura de modo geral, eram conhecidas e compartilhadas pela maioria. No interior da Linha o convívio com pessoas não ucranianas era pequeno, pois havia, segundo os entrevistados, poucas famílias de outras origens.

Além da configuração étnica de Linha Ligação, a distância de cerca de 60 km que a separa da sede municipal ajudava na manutenção do idioma e, conseqüentemente, da identidade étnica a partir deste. As crianças podiam ficar anos sem ir para a sede municipal. Não era raro ocorrer casos de pessoas na região que viveram muitos anos e morreram sem ter aprendido a língua portuguesa (COSTA, 2013, p. 60).

As viagens para a área urbana eram feitas em intervalos grandes de tempo e, muitas vezes, apenas o pai se deslocava para a cidade enquanto a mãe ficava em casa cuidando dos filhos. Há aqui também uma questão de gênero que pode ser considerada, pois enquanto os homens podiam ficar vários dias longe de casa em razão das distâncias entre os lugares das plantações e a casa, cabia às esposas a educação e a transmissão de valores aos filhos: inclusive a língua.

Roseli Boschilia (2010), tratando da presença feminina no espaço fabril curitibano entre 1940 e 1960, destaca que apenas na década de 1940 a mulher passou a ter o direito de sair para trabalhar sem autorização do marido: “Mesmo assim, o exercício de qualquer atividade da mulher fora de casa não era visto com bons olhos por grande parte da sociedade” (BOSCHILIA, 2010, p. 44). Evidentemente que não estamos analisando uma sociedade fabril, mas assim como a sociedade burguesa buscava restringir a atuação das mulheres ao lar, as sociedades rurais também exigiam da mulher maior atenção aos filhos e conseqüentemente aos cuidados da casa.

Voltando à conformação de Linha Ligação, a análise permite o estabelecimento de uma identidade étnica na comparação com Linha Jaciaba, localidade próxima, composta principalmente por poloneses. Nesse contexto, o *outro* é reconhecido com certa facilidade. Os ucranianos trouxeram para o Brasil desacertos em relação aos poloneses, uma rixa originada na Europa que, entre outras coisas, está relacionada à proibição da língua ucraniana na Galícia e certa supremacia da língua polonesa nos territórios dominados pelo Império Austro-Húngaro, conforme discutido no primeiro capítulo. A existência do *outro* vai ajudar a fortalecer os laços étnicos, pois estes necessitam do *diferente* para se fortalecerem (BARTH, 2011, p. 195).

Em Linha Ligação, mesmo nos casos em que ocorria um casamento misto, o que prevalecia era o vernáculo ucraniano. Havia uniões em que um dos cônjuges não era ucraniano, podendo ser de origem alemã ou polonesa. Exemplo disso é José (1946), filho de pai alemão e mãe ucraniana. Ele aprendeu a língua da mãe e a ensinou aos seus próprios

filhos. A mobilidade espacial de José foi praticamente nula, pois nasceu, cresceu e viveu toda sua vida na comunidade em que veio ao mundo.

Mas, devido ao contexto, a fala ucraniana acabava se sobressaindo em relação às demais. Havia situações em que, mesmo a criança falando uma língua diferente, com o passar do tempo terminava aprendendo o idioma trazido da Ucrânia: “Na infância na verdade eu aprendi primeiro o ucraniano. Porque na época todo mundo só falava ucraniano. Mas, depois eu aprendi o polonês, no que eu fui crescendo eu fui aprendendo o polonês porque minha mãe era polonesa” (Sofia, 1952).

No caso de Sofia, o pai era ucraniano e a mãe era de origem polonesa. Mas nossa entrevistada ressaltou que mesmo a mãe sendo polonesa aprendeu em primeiro lugar a língua ucraniana. A mudança geográfica de Sofia foi pequena: ela nasceu em Linha Herval Grande e foi morar em Linha Ligação após o casamento.

A interação entre ucranianos e poloneses em Prudentópolis, embora pudesse trazer à tona algum tipo de problema herdado dos antepassados, não chegou a ser um impedimento insolúvel. Na região norte do município comunidades como Linha Ligação (maioria ucraniana) e Linha Jaciaba (maioria polonesa) interagiam e de algum modo faziam ou poderiam fazer parte de um mesmo mercado matrimonial.

Ainda que os contatos com pessoas de outras etnias não fossem cotidianos e/ou frequentes como hoje, devido à distância entre Ligação e o centro urbano e pela constituição étnica da comunidade, isso não significa que eles eram inexistentes. A “fronteira do grupo” ficava mais visível justamente quando havia interações sociais e nelas o “outro” se delineava. A abstração “o outro” se materializava na conversa cotidiana, no bate papo com vizinhos, na comunicação ordinária.

Em um lugar de difícil acesso, como a região Norte, nas décadas de 1940 e 1950 quem não pertencia à sociedade local ou possuía outra origem poderia ser visto como uma ameaça ou alguém que precisava ser tratado com devido cuidado ou reserva. Compreender a língua dos seus interlocutores era fundamental para os indivíduos: “Digo pros filhos assim: pelo menos ensinem pra eles [netos] entender. Porque nunca é demais, olha eu falo ucraniano,

português e polonês. Ninguém me vende em polonês. Isso porque a mãe ensinou quando eu era criança” (Sofia, 1952)<sup>52</sup>.

Uma questão interessante que surge na fala de Sofia (1952) é que ela não “será vendida em polonês”. Essa mulher, com a experiência que os anos e as vivências lhe trouxeram, percebe a importância e a necessidade prática da língua dos ancestrais, uma vez que ela vive em um contexto de (i)migração e de contatos culturais.

A mesma observação surge na fala de Antônio (1942). Mas, no caso dela, a ênfase está na importância da compreensão da língua ucraniana e da língua portuguesa concomitantemente: “Tem que ser. Tem que saber assim, assim [falar ucraniano e português]. É bom quando quem sabe ucraniano, ninguém vende a gente. Brasileiro não vende a gente, tem que entender senão vende a gente” (Antônia, 1942).

No contexto em que as duas entrevistadas cresceram, o ucraniano era dominante; quando havia conversação com alguém externo ao grupo ou à comunidade, não conhecer a língua do interlocutor poderia trazer algum tipo de incompreensão mútua. Não ser vendido em polonês ou português significa não ser enganado por pessoas que não falam a mesma língua materna.

Devido ao fato dessa geração ter aprendido em primeiro lugar o idioma ucraniano, nos contatos com poloneses ou brasileiros o idioma se tornava uma dificuldade ao pleno entendimento. Os descendentes de imigrantes desconfiavam muitas vezes daquilo que ouviam por não terem pleno domínio do vernáculo nacional. A dúvida/desconfiança dos descendentes de ucranianos em relação às pessoas externas à comunidade é exemplificado pelo medo de ser “vendido(a)” em idioma estranho, em ouvir uma coisa e entender outra e assim ser prejudicado de algum modo.

A fala das duas entrevistadas, Antonia (1942) e Sofia (1952), mostra que o *outro* se refletia, basicamente, na figura de brasileiros (ou indivíduos de fala portuguesa) e, eventualmente, poloneses. Em Linha Ligação o idioma ucraniano era falado pela maioria, portanto, ficava definida, ao menos em parte, a fronteira étnica. O inesperado era alguém não falar em ucraniano na comunidade: “Esses Bahri, uns já falecidos. Esses velhos Tlumaski, eu não sei se eles não sabiam em brasileiro porque nunca escutei falar. Nunca! Só em ucraniano” (Antonia, 1942).

---

<sup>52</sup> José e Sofia são casados. Esse é o único caso em que os dois cônjuges foram entrevistados. Nas demais entrevistas ou a pessoa era viúva ou não houve possibilidade de entrevistar ambas as pessoas.



Todos os entrevistados dessa *coorte* são descendentes de ucranianos, mas, salvo engano, nenhuma delas sublinhou a ascendência e, sim, afirmaram *ser* ucranianos. O que foi afirmado de modo inequívoco é que são ucranianos mesmo nascidos em solo brasileiro: “Nasci no Brasil, mas sou ucraniana” (Antônia, 1942).

Em Antonio Olyntho os imigrantes ucranianos e seus descendentes mantinham uma polarização com as pessoas que não tinham a mesma ascendência, principalmente com os poloneses. Naquela colônia, a fronteira étnica era bastante marcada pela língua, pela religião e pelo sentimento de pertencimento a um grupo, pois mesmo no Brasil eles continuavam vivendo ou tentando viver como se na Ucrânia estivessem (ANDREAZZA, 1996, p. 86).

O sotaque aparece como uma característica comum entre esses homens e mulheres, mesmo após décadas de convívio com a língua portuguesa e o consequente bilinguismo; essa situação é comum em pessoas que, além do português, utilizam alguma outra língua como ucraniana, polonesa ou alemã, por exemplo. Ainda que se note, pelas entrevistas, uma diminuição gradativa do uso do ucraniano, não raro as pessoas dessa geração precisam da ajuda de filhos e netos na compreensão e tradução de palavras em português: “Não vira bem a língua. Às vezes eu quero falar e esqueço como que é. Daí a criança me ajuda em brasileiro” (Antônia, 1942).

Nas décadas de 1940 e 1950 a língua ucraniana era ensinada em primeiro lugar pelos pais e apenas anos mais tarde a língua portuguesa era aprendida. Em consequência disso, as pessoas que ultrapassavam os limites do município acabavam tendo alguma dificuldade em razão do sotaque resultante do uso concomitante do português e do ucraniano. Embora a mobilidade espacial dos prudentopolitanos fosse pequena, ela não era inexistente e quando uma pessoa deixava o município, principalmente se oriunda das comunidades rurais, o modo de pronunciar as palavras, resultado da utilização frequente do idioma eslavo, seguia quem deixava Prudentópolis.

A *ucraneidade*, expressão cunhada por Tamanini (2017, p. 28), acompanhava muitas vezes o indivíduo no novo destino. Emiliano (1954) contou que na juventude teve dificuldades com a língua quando foi morar e trabalhar em São Paulo. Algumas dessas dificuldades não passavam de troça, em razão da maneira de vocalizar certas palavras, e também porque a referência a muitos objetos, alimentos e expressões era na língua eslava. Ele, embora tenha saído de Prudentópolis, de Linha Ligação, comunidade em que nasceu e cresceu, e tenha viajado para fora do estado em razão do trabalho, acabou voltando e constituindo família na localidade natal.

Nas conversas com as diversas pessoas entrevistadas, ficou claro que o idioma ucraniano não era a língua materna apenas dos descendentes em Linha Ligação, mas que nas várias regiões rurais de Prudentópolis essa situação se repetia. Nas entrevistas ficou evidente que o contexto social facilitava a utilização da língua eslava, pois os entrevistados citam diversas pessoas da comunidade com quem podiam dialogar em ucraniano sem a necessidade do conhecimento do português. O número de parentes, consanguíneos e colaterais, que moravam/moram nas localidades e utilizavam o ucraniano demonstra um ambiente social propício à sua manutenção. No dia da entrevista com Rafael (1950), após as conversas preliminares, ao ligar o gravador ele estava preparado para ser entrevistado em ucraniano. Foi preciso explicar que a conversa seria gravada em português<sup>53</sup>.

Em Linha Barra Bonita, comunidade que dista a aproximadamente 25 quilômetros da sede urbana de Prudentópolis, os moradores eram basicamente descendentes de imigrantes ucranianos, assim como em Linha Ligação, sendo quase nula a presença de famílias com outra ascendência. Mais raro ainda era a realização de casamentos de alguém da comunidade, com ascendência ucraniana, com pessoa de *fora* que não tivesse também a mesma origem (atualmente continua sendo uma comunidade composta de maioria de descendentes de ucranianos)<sup>54</sup>.

Neste ambiente, portanto, era menos frequente a celebração de um matrimônio exogâmico ou interétnico, favorecendo assim a perpetuação de famílias compostas por descendentes de ucranianos (mesmo em gerações mais novas os casamentos mistos ainda não são a regra na localidade). E, nesse contexto, as relações de compadrio eram também estabelecidas com os vizinhos, não apenas por residirem próximos, mas por também pertencerem a mesma etnia.

Não havia interdição para a instalação ou circulação de pessoas de outras origens na comunidade, mas devido à configuração populacional de Linha Barra Bonita, a chegada e fixação de pessoas não ucranianas eram mais difíceis de ocorrer. Não era comum a venda de terras e, quando isso ocorria, dava-se preferência para um parente ou vizinho.

---

<sup>53</sup> Rafael (1950) nasceu e viveu a vida toda em Linha Ligação sem nunca se mudar. Sua primeira língua foi o ucraniano e continua utilizando no cotidiano.

<sup>54</sup> Lúcia (1946) nasceu na Linha Barra Bonita, onde viveu até aos 23 anos. Nessa idade, aproximadamente, ela casou e após o matrimônio mudou de residência e de município. Morou em torno de 4 anos em Palmital – PR. Findo esse tempo retornou para Prudentópolis, para Linha Ligação, onde viveu mais de 30 anos até a aposentadoria e a nova mudança para a área urbana da cidade.

Como as pessoas dessa geração registravam uma mobilidade espacial não muito significativa, acabavam permanecendo a maior parte das vezes no local em que nasceram. Por essa razão era comum a não convivência com crianças de outras origens. Na localidade nasceu Olga (1941), e ela afirmou que na infância não conviveu com crianças não ucranianas, pois onde morava não havia vizinhos de outras etnias/nacionalidades.

Nascer, crescer, casar, ter filhos e os criar na mesma comunidade não era algo incomum em Prudentópolis. Do mesmo modo o desconhecimento da língua portuguesa não era raro, pelo menos nos primeiros anos da infância: “Naquela época era tudo em ucraniano, ninguém sabia falar em português” (Sonia, 1949). O roteiro com Sônia não se altera em relação aos demais entrevistados já citados: a primeira língua aprendida foi a ucraniana, o lugar em que passou a infância era basicamente composto por famílias da mesma origem, a mobilidade espacial muito pequena ou quase nula. Portanto, ter o ucraniano como língua materna para posteriormente aprender o português era a regra.

As famílias mudavam pouco o seu local de residência e os jovens casais permaneciam na maior parte dos casos na comunidade de um dos cônjuges e, dessa forma, os lugares que registravam a supremacia numérica de uma etnia conseguia manter tal hegemonia. Havia casos em que o(a) noivo(a) era de uma comunidade vizinha, mas geralmente era também descendente de ucranianos.

Mas, devido às distâncias em relação à sede urbana, bem como a luta diária pela sobrevivência, havia situações que obrigavam alguns deslocamentos em razão do trabalho. Sofia (1952), por exemplo, narrou que seu aprendizado do idioma polonês ocorreu porque seu pai incentivava a esposa, de origem polonesa, a ensinar os filhos.

O genitor da nossa entrevistada, de acordo com ela, orientava a cônjuge a proceder de tal forma porque ele trabalhava muitos dias longe de casa. Se ele, quando passava algum tempo com a família, ensinasse os filhos em ucraniano e a mulher, por sua vez, os ensinasse em polonês, poderia não haver um resultado satisfatório. Novamente a questão do gênero pode ser percebida aqui: a mãe permanece no lar e tem a função de cuidar dos filhos e fazia parte desse cuidado o ensinamento das orações e da língua.

Os terrenos em que eram plantados os alimentos para subsistência, não raramente, se localizavam distantes da residência, o que obrigava os membros masculinos da casa a ficarem ausentes por dias ou semanas. Quando era necessário resolver qualquer problema na área urbana, seja para vender produtos ou comprar artigos não produzidos na unidade familiar, era

o pai quem fazia esse deslocamento. Dessa forma os homens acabavam tendo maior contato com pessoas de outras comunidades e também da zona urbana e, conseqüentemente, com indivíduos de outras origens.

A maior parte dos emigrantes ucranianos que saíram da Europa no final do século XIX e início do século XX era camponesa. No Brasil, devido às dificuldades e necessidades, procuraram reproduzir a vida camponesa de seu país natal. A divisão dos papéis conjugais, atribuições de homens e mulheres, foi mantida na maior parte dos casos nos anos que se seguiram à instalação dos imigrantes (ANDREAZZA, 1996, p. 128).

As mulheres, em razão do seu papel social, levado em conta o período das décadas de 1940 e 1950, tinham uma mobilidade reduzida. Assim, seu contato com não ucranianos era menor e por isso o aprendizado do idioma português poderia ser mais tardio ou irregular. As mulheres acabavam optando mais pelo idioma ucraniano, em comparação com os homens, em função de ficarem mais na comunidade e interagirem menos com pessoas externas ao seu grupo social (OGLIARI, 1999, p. 333).

Isso ficou evidente na conversa com uma entrevistada: “Do começo só o pai que sabia um pouquinho, porque a minha mãe não sabia nada e assim nós não sabia. Mas, como nós fomos crescendo daí foi, foi um tempo, nós aprendemos falar português” (Sonia, 1949). Nessa fala fica nítido que os filhos não conheciam o português porque a mãe não o dominava. Essa divisão das funções masculinas e femininas, observada nas entrevistas, está assentada no modo como a sociedade compreende os papéis de homens e mulheres.

Na perspectiva de Joan Scott (*Apud.* SAMARA, 1997, p. 38), o conceito de gênero é utilizado para superar a distinção entre homem e mulher baseada na diferença anatômica do sexo. Com o conceito de gênero é possível problematizar e rejeitar o determinismo biológico enfatizando a construção sociocultural da relação entre homens e mulheres: “(...) é preciso ressaltar que, apesar das tradições culturais comuns, é impossível traçar um perfil único para a mulher latino-americana (...) é necessário (...) estar atento às ‘diferenças’, tendo, também, sensibilidade para entender as semelhanças” (SAMARA, 1997, p. 45).

Portanto, não se trata de comparar as mulheres que vivem no meio rural com as trabalhadoras do sistema fabril, estudado por Boschilia (2010, p. 43), por exemplo, mas ressaltar que as percepções de gênero influenciam nos papéis atribuídos e esperados de homens e mulheres:

Sendo uma de suas preocupações evitar as oposições binárias fixas e naturalizadas, os estudos de gênero procuram mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas, por meio de símbolos, jogos de significação, cruzamentos de conceitos e relações de poder, conceitos normativos, relações de parentesco, econômicas e políticas (MATOS, 1997, p. 97-98).

Embora o enfoque da pesquisa não seja discutir as diferenças nos papéis de homens e mulheres, conforme os debates de gênero, é preciso não negligenciar essa discussão na análise da transmissão do ucraniano. No ambiente familiar, o idioma tinha espaço para sua perpetuação, pois o número elevado de pessoas com a ascendência e a prática de ensinar primeiro essa fala garantia certa homogeneidade linguística nas comunidades em que a maioria tinha essa origem. As questões de gênero podem aparecer à medida que são as mulheres as principais “professoras” da língua aos filhos, pois além de uma divisão de atribuições de papéis masculinos e femininos nas sociedades agrárias (ANDREAZZA, 1996, p. 128), são as mulheres que mais usam em casa o idioma eslavo (OGLIARI, 1999, p. 333).

As crianças que aprendiam o português na escola pouco o usavam em casa, pois o que prevalecia nesse ambiente era a língua ucraniana, uma vez que esta era mais conhecida e utilizada com maior frequência por todos os membros da família: “[Língua] ucraniana! Mama, tato, primeira coisa que chama é mama e tato” (Angelina, 1943)<sup>55</sup>.

Algumas comunidades possuíam números maiores de indivíduos de outras origens, mas mesmo nessas localidades os ucranianos privilegiavam o convívio com pessoas com a mesma ascendência, pois utilizavam o mesmo código linguístico e dessa forma também se estabelecia uma distinção:

Lourenço: A senhora lembra se haviam outras famílias não ucranianas próximas de sua casa?

Angelina (1943): Não. Ninguém. Lá perto de casa não tinha brasileiros. Tinha aquela... o avô da... da Adriana, aqueles que moravam lá, era só aqueles eram brasileiros que tinha. Era uma família e eles eram em bastante. Mas de brasileiro mesmo era aquela única família. O resto era tudo ucraniano e polaco, polaco tinha bastante.

Angelina (1943) nasceu em casa na comunidade rural de Linha São João, o que era comum na época. Após o casamento passou a morar em Linha Barra Bonita onde reside desde

---

<sup>55</sup> Mama e tato é a pronúncia das palavras que em uma grafia “aportuguesada” quer dizer mãe e pai, respectivamente, para os descendentes de ucranianos.

a década de 1960. Apesar dessa mudança, o contexto socioeconômico e principalmente a configuração étnica do novo meio continuou praticamente inalterado.

Um ponto de inflexão na vida de todos os entrevistados, no que diz respeito ao aprendizado e maior contato com a língua portuguesa, foi o momento da entrada na escola. Praticamente todos dessa geração não sabiam falar em português, ou o sabiam muito pouco, no momento em que ultrapassaram a soleira da porta da sala de aula pela primeira vez. A idade em que isso ocorreu variou conforme o caso, mas de modo geral se deu quando os entrevistados tinham entre sete e oito anos aproximadamente.

O mais esperado seria o ensino da língua eslava na escola, já que o contexto era todo favorável a isto, pois, embora as crianças falassem em ucraniano, não eram alfabetizadas e não conheciam o alfabeto cirílico. Porém a escola apresentava a eles a língua portuguesa; o alfabeto cirílico era, muitas vezes, ensinado apenas nas aulas de catecismo com as freiras da Congregação da Irmãs Servas de Maria Imaculada (ISMI) ou catequistas do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus (ISCSCJ).

A frequência na escola trazia o aprendizado de matérias/temas/assuntos desconhecidos. Mas o primeiro obstáculo era o idioma no qual seriam ensinados todos os novos conhecimentos. Eles seriam tratados em uma língua, se não totalmente desconhecida, não dominada pela quase totalidade das crianças que chegavam ao primeiro escolar. Antes de aprender qualquer noção básica de alguma matéria, o educando teria que aprender primeiro o português.

Para Olga (1941), o contato diário com o idioma português só passou a ocorrer na escola. Somente a partir do momento em que iniciou sua frequência ao estabelecimento escolar é que isso ocorreu: “Quando eu comecei andar pra escola. Pois tinha que falar pra professora que vim pra escola que quero aprender falar em português. Porque eu não sabia. Só em ucraniano. Na escola aprendi” (Olga, 1941).

O que podemos constatar até aqui, juntamente à questão étnico-identitária a partir da língua, é que a escola e a família são espaços praticados. A distinção entre *lugar* e *espaço* feita por Michel de Certeau (1994, p. 202) delimita um campo de análise em que o lugar, ao contrário do espaço, é fixo e pré-determinado e por isso possui uma estabilidade independentemente das ações e vontades dos indivíduos:

Um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade (CERTEAU, 1994, p. 201. Grifo no original).

Com a definição de Michel de Certeau citada acima vemos que a escola e a família, por mais que sejam instituições com determinadas formatações conhecidas em cada sociedade, não são *lugares*. Por mais que as pessoas idealizem o que vem a ser uma família e uma escola, e estas possuam funções específicas, o modo como as pessoas *praticam* esses *lugares* os transformam em *espaços*, ou seja, aquilo que está pré-estabelecido pode ser transformado.

Num exame das práticas do dia-a-dia que articulam essa experiência, a oposição entre “lugar” e “espaço” há de remeter sobretudo, nos relatos, a duas espécies de determinações: uma por objetos que seriam no fim das contas redutíveis ao *estar-aí* de um morto, lei de um “lugar” (da pedra ao cadáver, um corpo inerte parece sempre, no Ocidente, fundar um lugar e dele fazer a figura de um túmulo); outra, por *operações* que, atribuídas a uma pedra, a uma árvore ou a um ser humano, especificam “espaços” pelas ações de *sujeitos* históricos (parece que um movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa a uma história) (CERTEAU, 1994, p. 202-203. Grifos no original).

As relações familiares e escolares, mesmo com hierarquizações e papéis pré-estabelecidos para cada membro, são dinâmicas e podem ser praticadas de modo distinto por cada indivíduo. A escola, na Era Vargas, era um lugar de aprendizado da língua portuguesa, mas as crianças com ascendência de algum dos grupos imigrantes atingidos pelas restrições estado-novistas faziam do estabelecimento um espaço de socializações, de interações étnicas e de bilinguismo, contrariando o ideal monolíngue buscado pelo Estado.

Em outras palavras, o espaço se configura a partir das *ações dos sujeitos* e não é delimitado de fora. Independe das leis varguistas, das normas das escolas mantidas pelo poder público. É no cotidiano que os homens e as mulheres descendentes de ucranianos darão sentido ao mundo que os rodeia e isso pode estar em consonância com o que o poder estabelecido almeja ou não. Uma pedra no calçamento, uma árvore na margem da estrada, uma edificação construída no lugar da antiga escola étnica, tudo isso terá a relevância e os significados que os atores sociais lhes atribuírem.

Na prática desse *espaço* uma questão que não deve ser ignorada é o fato de muitos docentes que atuavam nas escolas, nas décadas de 1940 e 1950, serem moradores da própria comunidade. Nesse contexto há uma superposição concreta das gerações, pois no período em que as crianças passam a frequentar o ambiente elas conviviam com professoras que pertenciam à outra geração. O elo será a ancestralidade ucraniana e o recorte temporal em que discentes e docentes convivem.

No final dos anos 1940 as restrições linguísticas que ocorreram no Estado Novo não existiam mais, mas as escolas étnicas já haviam ficado para trás. Entretanto algumas professoras, por residirem na comunidade e terem a mesma ascendência, conseguiam fazer a ponte entre uma fala monolíngue em ucraniano para uma fala bilíngue ucraniano/português para os alunos.

A identidade nesta geração está em processo de construção, pois a presença do *outro*, no interior das comunidades, não é tão numerosa e constante como será nas gerações posteriores. Além disso, a cultura da qual eram originários, em razão de contatos antes da emigração, conforme defendido por Cuche (2002, p. 176), pode parecer mais evidente na análise. Porém, o contato com o *estranho* já ocorre, ainda que esporadicamente e, após o fim das escolas étnicas, essa interação aumentará significativamente. A escola, ainda que seja frequentada majoritariamente por descendentes de ucranianos, não é exclusividade destes e a língua obrigatória das aulas, bem como todo o material pedagógico, passou a ser a língua portuguesa.

Portanto, com o desmantelamento das escolas étnicas, o português avançou sobre a língua de imigração dos diversos grupos que chegaram ao Paraná na virada do século XIX e início do século XX (RENK, 2009, p. 21). As professoras desempenhavam um importante papel na “nacionalização da infância”, termo muito usado durante a Era Vargas. Emiliano (1954) registrou a importância de a professora morar na comunidade de seus alunos e principalmente possuir a mesma origem: “Maior parte só em ucraniano. Só que a gente já começou falar um pouco português, mas a aula era quase tudo em ucraniano. A tia Isa era minha professora” (Emiliano, 1954).

Isabel (1938), tia e professora de Emiliano (1954), entrevistada em 2013, narrou que no início das suas atividades como professora em Ligação, na década de 1950, a maioria dos alunos que ingressava na escola não sabia o vernáculo nacional. Ela precisava explicar em ucraniano aquilo que o material pedagógico trazia em português para, desse modo, o estudante ter noção do que se tratava (COSTA, 2013, p. 59).



A fala da professora Isabel exemplifica como o *espaço escola* era praticado. Todo o material era impresso em língua portuguesa, o que significa que o governo supunha que todos sabiam o português ou que deveriam saber, mas no cotidiano os docentes agiam conforme as necessidades diárias. As docentes faziam a mediação entre a língua ucraniana e a língua portuguesa.

Dessa forma, aprender o português a partir de 7, 8 ou até 10 anos era corriqueiro para meninos e meninas de Prudentópolis. Antônia (1942) e Cecília (1942) podem ser citadas como exemplos do exposto. Para a primeira, o seu bom desempenho na escola, inclusive na leitura e escrita em ucraniano, se deveu, segundo ela, ao fato da professora também falar ucraniano: “Decerto por causa disso que a gente aprendeu mais porque... era uma Ana Bardal, sobrenome dela. Acho que ela nem sabia muito em português porque só em ucraniano que ela ensinava nós tudo. É por causa disso que eu peguei mais, não só com os pais. Era catequista” (Antônia, 1942)<sup>56</sup>. Ela contou que antes de ir para a escola não sabia uma palavra sequer em português, enquanto Cecília (1942) contou que a mescla das duas línguas só passou a ocorrer após a frequência na escola.

Esse roteiro se repete com todas as 10 pessoas da amostragem, todas revelaram que a partir do momento em que a idade escolar foi atingida e o estabelecimento de ensino passou a ser frequentado houve uma mudança importante.

Como ficava a oralidade dentro do ambiente doméstico após todos os filhos irem para a escola e aprenderem o português? A língua ucraniana era deixada de lado? Ou continuava sendo privilegiada entre os membros da família no ambiente doméstico?

De modo geral, a nova circunstância não alterou, a ponto de descaracterizar completamente, o ambiente sociolinguístico familiar, pois na residência a língua eslava permanecia sendo falada de forma predominante. Ainda que aos poucos houvesse a introdução de palavras em português nos diálogos, os membros mais velhos da família continuavam preferindo o idioma ucraniano, uma vez que conseguiam se expressar melhor na língua materna.

Contudo a questão não se limitava apenas à maior ou menor facilidade na hora de se expressar. Em alguns casos havia uma espécie de exigência para que não se usasse o português quando estavam apenas os *de casa*. Quando Angelina (1943) foi indagada se nas

---

<sup>56</sup> As catequistas à que ela se refere são as integrantes do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus.

conversas familiares o uso do ucraniano era privilegiado, mesmo eles já sabendo o português, a resposta foi clara: “Ucraniano! Mama, Deus o livre! Era pra falar tudo em ucraniano”.

Os integrantes dessa geração não entendiam como repreensão as atitudes como a explicitada por nossa entrevistada. Mas a expressão “Deus o livre!”, dita de forma enfática, demonstra que alguns progenitores eram pouco tolerantes com o uso do português no ambiente doméstico quando apenas os membros da família estavam presentes. Na avaliação da entrevistada a atitude da mãe era muito natural. Por isso não havia, na sua percepção, qualquer tipo de reprimenda.

Os outros entrevistados disseram que não sofreram nenhum tipo de repreensão ou castigo por parte dos pais por usar o português em casa. No entanto, ao responder se para os genitores falar em ucraniano era somente para *facilitar* a comunicação, uma vez que era a língua materna, ou se o descendente *precisava* utilizar a língua eslava, algumas respostas foram incisivas: “Tinha que falar em ucraniano” (Olga, 1943).

Por outro lado, ficou registrado, em diversos momentos das diferentes conversas, que a utilização da língua ucraniana no ambiente familiar estava muito ligada ao fato dos ascendentes, sobretudo os avós, terem dificuldade com a língua portuguesa. Havia casos em que a conversação precisava ser em ucraniano para que pudessem compreender. O *lar*, portanto, era um *espaço* em que o idioma era “protegido” das interferências externas.

Mas, essa opção pelo uso do idioma ucraniano não se restringia aos pais ou avós. Devido ao modo como foram educadas, o predomínio e o convívio com pessoas da mesma origem étnica, o contato tardio das crianças com a língua portuguesa fazia com que as pessoas dessa geração também tivessem essa preferência/facilidade.

Porém, como também citado antes, isso não reduz as memórias a uma mesma lembrança, pois as experiências não são interpretadas por todos da mesma maneira. Os indivíduos, ainda que pertencentes à mesma faixa etária e participantes dos mesmos acontecimentos na mesma comunidade, podem ler o mundo que os cerca de modos diferentes.

Além disso, relembrar e transmitir em palavras as experiências vividas não é algo tão simples. Não é apenas a versão fria de algo que ocorreu no passado. O relato feito no presente é uma seleção de lembranças, triagem algumas vezes inconsciente e outras vezes deliberada, que sofre a mediação do momento atual no ato da rememoração.

Nem sempre o entrevistado deseja dizer tudo que é recordado, ou tem dúvidas se deve dizer. Algumas vezes existem fatos que a pessoa gostaria de esclarecer ao entrevistador, mas a

memória não reteve tal informação. A memória cognitiva, assim como a social, é uma constante seleção e é imperativo não se lembrar de tudo (DOSSE, 2004, p. 151).

Por memória cognitiva estamos nos referindo à capacidade cerebral de reter informações. Algumas vezes o indivíduo pode ser acometido por determinadas doenças e esta é afetada. A respeito disso, Joël Candau (2016) procura demonstrar que, além da questão neurológica, que não é objeto de análise aqui e nem é do livro do referido autor, o relevante é o estudo dos modos como as lembranças são manifestadas na sociedade:

Com exceção de alguns casos patológicos, todo indivíduo é dotado dessa faculdade que decorre de uma organização neurobiológica muito complexa. (...) mais importante que memória enquanto uma faculdade humana é analisar as formas como a mesma se manifesta (variável de acordo com os indivíduos, grupos, sociedades) (CANDAU, 2016, p. 21).

O autor propõe uma taxonomia da memória definindo três modos diferentes de analisá-la, isso numa perspectiva antropológica, conforme o próprio Candau (2016, p. 21) escreveu. A primeira forma ele chamou de “protomemória”: nesse nível prevalecem os saberes e as experiências mais resistentes e mais compartilhadas pelos membros da sociedade.

A “protomemória” se refere a tudo que os indivíduos fazem de modo automatizado sem a necessidade de reflexão a respeito daquilo que se está executando. A partir dela a pessoa reage diante de determinadas situações sem se preocupar com o modo de realizar; é praticamente um instinto e o *habitus* pode se originar nela. Em outras palavras a “protomemória” é uma memória de baixo nível (CANDAU, 2016, p. 21-22).

A segunda forma ou o segundo estágio é a memória de alto nível “que é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento” (CANDAU, 2016, p. 23). A terceira forma o autor chama de “metamemória”, ou seja, nesse patamar os indivíduos não só lembram, mas também fazem a representação daquilo que rememoram e a pessoa tem (auto)conhecimento da sua história e consegue construir uma narrativa de si e de sua trajetória. Nesse sentido, “a metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva” (CANDAU, 2016, p. 23).

Mas, é preciso não negligenciar que Candau (2016) é um crítico do conceito de memória coletiva e a distinção em três níveis foi pensada, sobretudo para a análise de narrativas individuais:

Por consequência, em nível de grupos, apenas a eventual posse de uma memória evocativa ou da metamemória pode ser pretendida. (...) De fato, em sua acepção corrente, a expressão “memória coletiva” é uma *representação*, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo (CANDAU, 2016, p. 24. Grifo no original).

Candau (2016) não desconsidera o papel da sociedade na construção da memória, principalmente da metamemória. Porém ele destaca que quando se fala de um grupo é impossível descrever a totalidade dos membros e tão pouco é possível que as experiências sejam representadas da mesma maneira: “Um grupo pode ter os mesmos marcos memoriais sem que por isso compartilhe as mesmas representações do passado” (CANDAU, 2016, p. 35).

A princípio a impressão que se tem com as colocações do autor é que o conceito de memória está irremediavelmente perdido e inadequado para os estudos acerca das reminiscências de qualquer grupo. No entanto, ele propõe uma forma de analisar as percepções que indivíduos, ou até um grupo, possuem de si e da sua história: distinção entre representações factuais e representações semânticas. As primeiras dizem respeito à existência ou não de certos fatos; já a segunda forma de representação fala do sentido, da interpretação dada aos fatos (CANDAU, 2019, p. 39). Cabe destacar que representação é aqui entendida como “a imagem ou as imagens de uma realidade empírica, cuja existência material pode ser traduzida em estratégias e práticas sociais” (BOSCHILIA, 2010, p. 21).

As memórias (ou, diríamos, as representações semânticas) das pessoas entrevistadas aqui, até esse momento da discussão, não apresentaram divergência mais significativa. Apesar de nem todas viverem na mesma comunidade e algumas dessas localidades rurais distarem dezenas de quilômetros, o quadro permanece coeso.

A memória é algo difícil de ser equacionado porque ela tanto possuiu uma parte individual, praticamente psíquica, como guarda um lado sociológico. Há a menção factual do “fato” bem como a interpretação do “fato”. Impossível determinar de modo inequívoco onde uma começa e outra termina. Todavia o relevante não é fazer essa distinção. O fundamental é ter clara a existência dessas esferas da memória e que a sua complementaridade, e não sua exclusão mútua, é que permite avanços mais significativos (RICOEUR, 2007, p. 134).

Nas lembranças acerca do aprendizado da língua portuguesa, fatores individuais e sociais se misturam. Alguns entrevistados disseram ter encontrado muita dificuldade no aprendizado do português, enquanto outros revelaram mais facilidade. Essa situação tanto podia estar relacionada a uma questão individual, como podia estar diretamente ligada à experiência social: o contato mais precoce e constante com o português ou o contato mais tardio e esporádico.

Nas entrevistas com Rafael (1950), Cecília (1942), Antônia (1942) ou com Lúcia (1946), por exemplo, não houve menção a algum tipo de preconceito em relação a pessoas que não falavam o idioma ucraniano ou que não fossem do grupo étnico; as amizades eram feitas independentemente da origem das pessoas. O único problema, segundo os entrevistados mencionados, era a compreensão mútua, pois na comunicação poderia surgir algum entrave. Entretanto essa situação era tranquilamente superada na medida em que um dos lados aprendia a língua do outro ou que as brincadeiras infantis permitissem uma interação sem a necessidade de verbalização constante.

No entanto, nas conversas com demais pessoas da *coorte*, pôde-se perceber que houve alguns problemas em relação ao *outro*, ainda que não tenha ficado explícito se isso decorria em razão da fala. A delimitação de grupo aparece e esse *outro*, basicamente, pode ser definido como brasileiro ou quem simplesmente falava o português. Mas, em muitos casos, também era o polonês, pois a presença polonesa também é significativa em Prudentópolis.

Na comunidade de Linha Barra Bonita havia uma separação entre as unidades familiares ucranianas e as poucas famílias de brasileiros que lá existiam. A divisão nas comunidades, demarcando áreas com presença exclusiva ucraniana e regiões da mesma localidade em que existia a presença “brasileira”, mostra também a “feitura do espaço” (CERTEAU, 1994, p. 207). Os brasileiros, a referida Linha, trabalhavam em uma serraria que existiu na localidade. A referência da presença de indivíduos de origem diversa na comunidade era o local em que a madeira era serrada. A madeireira não era apenas um lugar, era o *espaço* do contato com o diferente.

As demarcações dos lugares a partir dos relatos, na perspectiva de Michel de Certeau (1994), são atos fundadores. A fundação de um espaço depende dos relatos e onde estes desaparecem aquele deixa de existir (CERTEAU, 1994, p. 209). A narrativa de Sônia (1949) traz a ideia da diferença étnico-linguística. Em uma primeira análise parece que a distinção era meramente em razão da dificuldade de comunicação e uma vez viabilizada o entendimento mútuo não existiria mais problema:

Não se misturava! E nós... eles falavam e nós não sabia o que eles falavam e nós falava e eles não entendiam o que nós falava. Era assim que não se entendia as coisas e a gente tinha tanto medo. Deus oh livre como isso era vergonhoso. Com medo. Não que nem agora, tudo tá tão fácil. Mas antigamente era mais difícil (Sônia, 1949).

Nessa fala a impressão deixada é que, uma vez criadas as condições de entendimento mútuo, as relações sociais seriam mantidas sem maiores problemas. Na maior parte dos casos foi o que ocorreu de fato. Entretanto, nas décadas de 1940 e 1950 a preocupação da coexistência com pessoas do mesmo grupo étnico era grande.

Em alguns casos havia recomendação expressa para que as amizades fossem feitas com pessoas com a mesma ascendência. A preferência podia estar ligada a uma precaução, pois o desconhecido causa medo. Mas de qualquer modo isso demonstra que havia uma noção muito clara sobre quem era de confiança e sobre quem pairava dúvida, com quem era desejável ou não estabelecer relações sociais. Os pais de Sônia (1949), de acordo com ela, recomendavam que as amizades fossem reservadas às pessoas da mesma origem: “Em primeiro lugar tinha que ser tudo ucraniano. Deus oh livre se fosse falar um que falava português” (Sônia, 1949).

O caso se tornava ainda mais complexo quando o assunto era a possibilidade de um namoro com alguém não ucraniano: “Primeira coisa pra namorar, meu Deus! O bicho já pegava. Eles não deixava. Tinha que ser como eles eram, como eles ensinaram nós, tinha que ser tudo assim” (Sônia, 1949). Nessa nossa entrevista fica claro que era interdito um relacionamento com alguém não ucraniano que porventura pudesse levar os jovens ao matrimônio: “Eles não autorizavam quem falava em português. Os pais não aceitavam” (Sônia, 1949).

As festas eram ocasiões importante para os jovens encontrarem alguém com vista a um possível matrimônio. Nesses eventos, nas diferentes regiões do município de Prudentópolis, era comum o trânsito de jovens de uma comunidade para outra com a finalidade de entretenimento e também para “encontrar” um(a) namorado(a).

As moças e rapazes casadouros, com ascendência ucraniana, até poderiam se interessar por alguém com origem diferente nesses eventos, mas os jovens costumavam frequentar festas com certa predominância da sua própria etnia. Essas festividades normalmente ocorriam

vinculadas a uma igreja<sup>57</sup>; se fosse ucraniana, os pais autorizavam com mais facilidade que os filhos frequentassem, sob a premissa de que, se surgisse algum namoro, a probabilidade de isso se dar com um(a) ucraniano(a) era bem maior.

Não havia garantias de que essas festividades eram frequentadas apenas por ucranianos. Mas a probabilidade era maior e, uma vez que nessas festas toda a Linha participava, havia certa vigilância social. Mesmo quando os jovens se deslocavam para uma comunidade vizinha, devido às restrições de transporte, estradas, entre outros aspectos, isso se dava em localidades próximas em que existia parentes e conhecidos que realizavam esse “controle”.

Os pátios das igrejas onde ocorriam diversas atrações, os pavilhões onde se dançava e ocorriam diversas atividades e a festa *em si* eram *espaços praticados*, pois diferentes atores sociais interagiam nesse ambiente: o padre responsável pela capela promotora da festa; os pais dos jovens em idade de núpcias; os jovens; quem trabalhava na organização do evento e quem apenas estava se divertindo. Cada indivíduo ou grupo de indivíduos podia(m) atribuir e apreender diferentes significados a essas interações. Impossível que todos vivenciassem o momento do mesmo modo e tivessem as mesmas expectativas.

A distinção étnica entre ucranianos e poloneses, por exemplo, não era possível de ser feita à distância, com base apenas na observação, visto que os dois grupos são constituídos basicamente por indivíduos de pele branca. Já com relação aos brasileiros e afrodescendentes a distinção *nós/eles* ficava mais nítida a partir de um aspecto externo e identificável à distância: a cor da pele. Num sentido mais *lato*, ela não ocorria apenas por uma questão étnica: atrelada a ela estava o componente racial nos moldes do século XIX, ainda em voga no século XX.

Os entrevistados foram questionados sobre a existência de separação nas festas entre membros e não membros da comunidade ou entre indivíduos da etnia ucraniana e pessoas que não tinham a mesma ascendência. José (1946) rememorou o tempo em que frequentava bailes e demais divertimentos de sua época de mocidade e assegurou que existia uma separação. Esses dias de entretenimentos serviam para a definição e construção de espaços, bem como eram episódios em que os contatos interétnicos podiam ser vislumbrados: “Era [separado].

---

<sup>57</sup> Ainda hoje ocorrem festas no interior e na cidade ligadas a uma igreja, ucraniana ou brasileira. Mas atualmente, muito mais que outrora, é praticamente impossível restringir a participação das pessoas com base em um pertencimento étnico.

Não se entendiam. Aparecesse um brasileiro meio moreno no baile dos ucranianos, atropelavam” (José, 1946).

A cor da pele como elemento de distinção não surge apenas entre os entrevistados da amostragem dessa geração. Porém entre os mais velhos a endogamia era muito mais acentuada, o que pode resultar numa coesão maior e consequentemente em uma separação mais nítida por conta do aspecto da tez.

Lourenço: Com relação a essa mistura das etnias, das raças digamos assim. Era liberado namoro do ucraniano com polonês, do polonês com italiano, italiano com alemão, ucraniano com brasileiro, como que funcionava?

Sofia (1952): Não, não. Antigamente não tinha essa liberação. Antigamente ucraniano não podia casar com brasileiro, de jeito nenhum. Ainda mais se ele fosse um pouco escuro. Porque jamais ia se misturar. Antigamente era assim: se é ucraniano tem que casar com ucraniano. Se é polaco tem que casar com polaco. Não tinha essa mistura. Hoje não, o povo tá mais civilizado, mas antigamente não permitiam essa mistura.

Havia, portanto, uma distinção entre os indivíduos da etnia e os que não faziam parte dela. A cor da pele era um aspecto de distinção visível. Independia da pessoa falar ou interagir com os demais para ser identificado como pertencente ou não ao grupo étnico. A pele era/é algo detectável à distância.

Mas esse tipo de divisão, que inevitavelmente traz em si a questão do preconceito racial, não é algo que se diga de forma tranquila atualmente. Além disso, o(a) entrevistado(a) está se referindo ao passado, onde esse tipo de opinião poderia ser mais comum e por isso socialmente mais tolerável.

Embora estejamos nos reportando a um período posterior à década de 1950, é importante não esquecer que a legislação republicana que norteou a vinda dos primeiros imigrantes ucranianos era extremamente racista. O Decreto Nº 528 de 28 de junho de 1890 abria os portos da República para todos os imigrantes, exceto se estes fossem originários da África ou da Ásia<sup>58</sup>.

Essa postura do governo republicano estava assentada em preconceitos contra populações autóctones dos continentes africanos e asiáticos; o trabalhador morigerado e

---

<sup>58</sup>BRASIL. *Decreto Nº 528 de 28 de junho de 1890*. Disponível em: [http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=528&tipo\\_norma=DEC&data=18900628&link=s](http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=528&tipo_norma=DEC&data=18900628&link=s). Acesso em 14/03/2013.



laborioso era branco no discurso do Estado Brasileiro (ANDREAZZA; NADALIN: 1994, p. 69). Antes mesmo da abolição da escravidão e do fim do Império, amplos setores da sociedade brasileira rejeitavam os asiáticos como alternativa para a mão de obra diante do processo abolicionista (CARVALHO, 1988, p. 72).

No entanto, o diálogo é realizado no presente e esse tipo de posição não se defende com tranquilidade em qualquer lugar e diante de qualquer pessoa. Por essa razão, muito provavelmente, a conversa acaba tomando outro rumo. Nesse novo direcionamento, a língua é destacada como o motivo da separação.

Eu acho que os pais, os avós, os bisavós, eles não permitiam muito essa mistura pra não misturarem as línguas. Por exemplo, um ucraniano casa com um brasileiro, como antigamente falava, mistura a língua e era isso que eles não permitiam. “Ah, ele não sabe a nossa língua. Como você vai casar com ele? Como vai ensinar teus filhos?” Antigamente era assim. Então eu acho que era pra não misturar as línguas. Era tudo separadinho (Sofia, 1952).

Cada vez mais a língua passa a ser um símbolo identitário: saber falar o ucraniano se torna a garantia, ou ao menos a possibilidade, de que tradições trazidas da Europa sobrevivam no Brasil, ainda que com adaptações. A realização de matrimônios entre pessoas que falam a mesma língua, a ucraniana neste caso, reforça os limites e conformidade do grupo. A *ucraneidade* passa em grande medida pela religião que está alicerçada na tradição, tendo no idioma um fator fundamental, pois até hoje a maior parte da liturgia permanece sendo realizada sem tradução para o português.

As informações obtidas com as entrevistadas são mais relevantes quando se considera o número de casamentos mistos na Paróquia São Josafat. Os dados demonstram a endogamia praticada pelos imigrantes ucranianos e seus descendentes em Prudentópolis. Na Paróquia Católica de Rito Oriental os casamentos interétnicos não chegavam a 6% entre 1921 e 1940, e chegou a 10% entre 1941 e 1960 (RAMOS, 2012, p. 146-149).

Enquanto na Paróquia ucraniana os números demonstram uma endogamia muito acentuada, na Paróquia São João Batista, de rito latino, frequentada pelos brasileiros e basicamente por quem não era ucraniano, os casamentos entre noivos de origens diferentes eram de 46,2% e 51,1% respectivamente para os mesmos períodos (RAMOS, 2012, p. 146-149).

A separação étnica ou o preconceito não é um assunto tão simples de ser tratado. Por essa razão as respostas podem ser reticentes ou contraditórias: “Os pais da senhora não se importavam se a senhora namorasse uma pessoa que não fosse descendente de ucranianos?” “Só... se fosse italiano... ou, um outro [imigrante] assim... Não se importavam que tudo são igual (Olga, 1941)”. As reticências na resposta da entrevistada representam pausas em sua fala. A resposta começa revelando que havia sim uma restrição, mas no final acaba negando e afirmando o contrário. A mudança do rumo e do tom do discurso ou a reticência na resposta são justificáveis.

Uma questão importante no trabalho com as fontes orais é ter a sensibilidade de não invadir a privacidade da pessoa entrevistada além do que ela permitiu. Nas conversas preliminares à entrevista propriamente dita, bem como no momento em que o gravador é ligado, é necessário estar atento para os assuntos que porventura possam incomodar o entrevistado. No caso de Olga (1941), ficou nítido que aquele assunto não era confortável, pois a resposta foi pausada e concluída negando o princípio.

A língua ou etnia podia ser um fator na hora de evitar certos noivos e escolher outros, mas a cor da pele era um impedimento real, não apenas para essa geração. Embora generalizações sejam passíveis de críticas, a cor negra era alvo de preconceito de parte dos imigrantes ucranianos, tanto em gerações mais novas com em mais velhas do que a que estamos analisando nesse item. Um dos motivos de tal resistência poderia ser o pouco contato com negros na Europa e tais atitudes decorrerem do desconhecimento.

Um exemplo em que a tez negra era usada como um símbolo de diferença e de modo pejorativo foi registrado por Andreazza (1996, p. 92) em um debate de 1910 entre os jornais “A República” e “*Prapor*” (Estandarte). O primeiro reclamava do modo como o periódico ucraniano se referia aos paranaenses: para os editores de “A República” os redatores do “*Prapor*” haviam chamado os brasileiros de “sem escrúpulos, negros e vagabundos” (ANDREAZZA, 1996, p. 92).

É possível perceber que os adjetivos “sem escrúpulo” e “vagabundos” estão no mesmo patamar que “negros”. Evidentemente que casos assim não eram discutidos toda semana na imprensa paranaense no início do século XX, mas é um exemplo do preconceito oriundo da cor da pele.

Na escolha do consorte os jovens poderiam não observar a etnia, uma vez que são escolhas pessoais em que a subjetividade possui peso determinante. Mas os pais, que em

muitos casos buscavam torcer a escolha dos filhos para um consórcio com alguém da mesma origem, estavam mais atentos à questão etno-culturais. Escolher um cônjuge entre jovens ucranianos seria a garantia da manutenção da identidade e consequentemente da língua, conforme relatou Sofia (1952).

As fontes orais não existem antes que o historiador interfira diretamente, pois elas são produzidas na tentativa de resolução de questões postas pela problemática da pesquisa. Todo “documento”, escrito ou não, será considerado histórico e relevante à medida que forneça respostas e/ou argumentos para as perguntas feitas durante a análise desenvolvida. O cuidado com a fonte oral reside na sua produção simultânea à pesquisa.

Uma coleção de cartas, por exemplo, pode ser alçada à condição de documento histórico no momento em que o historiador a utiliza com o intuito de verificar alguma questão posta pela problemática. Mas, independentes disso, elas já foram produzidas. A fonte oral (a entrevista), por outro lado, será coletada com vista a auxiliar no estudo em desenvolvimento. Não raro “perguntas e respostas não vão, necessariamente, em uma única direção (...) o que o pesquisador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar” (PORTELLI, 2016, p. 10).

No momento da conversa e da gravação da entrevista, aspectos não levados em consideração surgem, pois o passado e o presente se cruzam nas lembranças da pessoa inquirida. Evidentemente que a análise de outros documentos também é feita sob a interferência do presente, pois mesmo os documentos escritos podem ter sido analisados em outras épocas para responder outros questionamentos.

Mas, a entrevista possui a peculiaridade de não se tratar de uma revisitação a um acervo já existente; na maioria das vezes o material empírico é produzido simultaneamente à pesquisa: “Logo, a memória não sobrevive só acumulando dados; ela seleciona, esconde, pulveriza, encoberta, enaltece uns e abandona outros, regida pelos fatos do presente” (TAMANINI, 2017, p. 49). Se por um lado a metodologia da história oral se mostrou adequada para o desenvolvimento da nossa problemática, por outro acabou limitando o raio cronológico dela.

Por esse conjunto de fatores, relacionados à produção das fontes e à transmissão das lembranças, é que a resposta das pessoas entrevistadas sobre a importância da língua ucraniana para os descendentes variou. Quando foi perguntado para Sônia (1949) se para ela um descendente de ucranianos precisa saber o idioma, sua resposta foi curta: “Precisa saber”.

Mas, ela não soube explicar os motivos. E no contexto da conversa, insistir na pergunta seria colocar palavras na boca da entrevistada. A resposta curta e sem explicações ou sem uma exposição das razões de tal opinião pode estar ligada aquilo que Candau (2016, p. 21) definiu como “protomemória”: a entrevistada fala o ucraniano, mas aparentemente faz isso de modo automatizado e sem buscar formular uma narrativa. No entanto, o que supostamente é a mera ação sem reflexão pode ser exatamente o contrário, ou seja, a pessoa rememora e ao se deparar com a lembrança de algo que não sabe se deve dizer, que julga desnecessário falar ou que é doloroso verbalizar a pessoa simplesmente se cala. Portanto, a ausência da fala pode não significar a falta de uma memória ou ser sinônimo de uma metamemória.

Outras conversas foram mais fluídas quando as perguntas foram relacionadas ao que poderia vir a representar o que é ser um ucraniano:

Lourenço: Para a senhora uma pessoa para ser considerada ucraniana precisa saber falar ucraniano?

Olga (1941): Precisa. Eu acho que precisa. Se ela saber falar é bom saber onde vai, falar em ucraino né (...) Precisa. Porque ucraniano [língua] é importante pros ucranianos.

Lourenço: O que significa ser um ucraniano pra senhora?

Olga (1941): Saber falar, aprender desde pequeno né. Pois daí vai ser ucraino, se é ucraino então daí tem que saber falar em ucraino, se considerar ucraino. Acho que é assim.

Mas, mesmo em face de diálogos mais expansivos, que demonstram com mais ênfase que a *ucraneidade* está ligada à língua, a narrativa ou a ausência de uma narrativa estruturada dá a impressão da predominância da “protomemória” (CANDAU, 2016, p. 21). As respostas de Olga (1941) levam a pensar que ela não constrói um discurso a partir de uma “metamemória”, ou seja, ela diz que o idioma é importante, por isso é preciso aprender. Mas, não explicita as razões dessa importância. No entanto, conforme apontado anteriormente, ela pode reter seu discurso diante da incerteza se deve ou não compartilhar o que foi lembrado. O silêncio é, muitas vezes, um sintoma não de uma ausência de memória, mas sim de uma lembrança indizível em determinado momento.

Os entrevistados dessa *coorte* disseram ter ensinado os filhos a falar a língua ucraniana, mas que os netos já sabem pouco. De um modo geral relataram que ficariam contentes se eles soubessem mais do que sabem. Mas, com certa nostalgia e decepção, constataam que os netos não querem aprender. Por essa razão, quando questionados se isso os

fazia menos ucranianos, a resposta foi positiva e clara em algumas conversas: “Acho que menos. Cada vez menos. Porque não aprendem falar. Acho que não querem” (Olga, 1941).

Além da faixa etária, o contexto socioeconômico e cultural ajuda a compreender, na análise comparativa das respostas de Olga (1941) e de Angelina (1943), que ambas pertencem à mesma geração e vivenciam experiências comuns:

Lourenço: Então seus filhos falam ucraniano, mas os netos não?

Angelina (1943): Não. Entendem mas não falam.

Lourenço: O que a senhora pensa do fato dos seus netos não falarem ucraniano?

Angelina (1943): Penso assim, que se a língua ucraniana... se for assim, os netos já não sabem os filhos deles não vão falar, os que vem depois não vão saber falar e vai acabar a língua ucraniana né.

Lourenço: E a senhora sente que isso os faz mais ou menos ucranianos?

Angelina (1943): Menos! Menos.

Lourenço: Por que na opinião da senhora eles são menos ucranianos?

Angelina (1943): Não sei porque, só sei que tudo tá menos. O que você fala já não sabe nada, o que fala não sabe nem isso. Nem rezar nem nada (...) Falar, ler, escrever, rezar, cantar, como eu sei. Tem que ser assim. Eu sou aquela ucraniana que canto por toda parte [Angelina cantou alguns versos em ucraniano].

No entanto essa visão não é unanimidade ou, pelo menos, não da forma como está posta. Há pessoas que não consideram um grande problema os netos não falarem o idioma dos ascendentes. Para Cecília (1942) e Antônia (1942), por exemplo, o fato de as pessoas das gerações mais novas não falarem a língua eslava não as tornam menos ucranianas. Mas, ao mesmo tempo, julgam que seria importante se soubessem. Isso nos permite considerar que, sob uma forma ou outra, a língua é relevante para todos.

Como visto no primeiro capítulo, o uso da língua ucraniana na Europa sempre esteve ameaçado pela intervenção estrangeira e a ameaça variou conforme a época e a região. Poderia vir da Rússia, da Áustria-Hungria ou mesmo da Polônia. Mas no Brasil, após mais de cem anos da chegada dos primeiros imigrantes, essa questão poderia não fazer mais eco e não ser pensada. No entanto, a importância da língua estar vinculada à existência de um país independente surge:

Lourenço: O senhor acha importante manter a língua ucraniana ou acha que é uma coisa que ao longo do tempo vai diminuir e não tem muita importância?

Emiliano (1954): Eu acho que agora tem muito mais importância, mais valor porque a Ucrânia virou país de novo. Antigamente... eu falava que era uma coisa morta e agora que é um país, tem embaixada... hoje tem mais valor.

É possível perceber, pelo trecho acima, como o tempo presente interfere na resposta. *Antigamente*, período em que a Ucrânia integrava a URSS, a língua não teria importância; dominados pela potência russa, os ucranianos tinham relativamente pouca autonomia, inclusive no uso de seu próprio idioma. Contudo, a partir do momento em que o país recuperou sua emancipação política, a positividade de se falar o ucraniano foi reestabelecida. Evidentemente nosso entrevistado pode saber o que se passa hoje na Ucrânia após o fim da União Soviética, no entanto sua experiência não produz uma “memória” do que significa ser ucraniano sob o domínio soviético, pois não viveu sob o jugo russo.

Para Emiliano (1954), além da língua, a comida também aparece como aspecto fundamental para identificar o descendente de ucranianos em Prudentópolis: “Eu acho que a comida e o jeito de falar. Porque a maioria dos ucranianos, polaco, fala meio apolacado. A não ser que saiu fora e já pega outro sotaque. Por exemplo, eu de São Paulo já peguei o sotaque de lá” (Emiliano, 1954).

Nessa resposta à pergunta sobre quais características permitem identificar um ucraniano, a mobilidade espacial possui uma relevância importante. Quem sai de Prudentópolis e perde o sotaque, conforme a resposta dada, perde também parte de sua identidade. A fala de Emiliano pode ser interpretada como uma “metamemória”, conforme definição de Candau (2016, p. 23), pois ele produz uma narrativa estruturada das suas percepções sobre o assunto.

Porém, conforme mapa 4 no primeiro capítulo, ainda hoje o ucraniano sofre uma pressão frente ao russo, pois há regiões ucranianas em que a língua russa é quase absoluta. No mais recente conflito entre a Rússia e a Ucrânia, a Crimeia se declarou independente do governo ucraniano e buscou apoio de Moscou na luta pela autonomia. Entre diferentes justificativas para a região buscar independência política em relação à Kiev e se aproximar politicamente ainda mais dos russos, reside o fato dos habitantes falarem quase que exclusivamente a língua russa na região.

Essa consideração não havia sido mencionada por outra pessoa até aqui e nem tão pouco pelas pessoas das gerações mais novas analisadas à frente. No entanto, essa lembrança não é desprovida de significado, pois a história da imigração ucraniana no Brasil possui

relação com a repressão que os ucranianos sofriam em sua terra natal, repressão que se estendia ao idioma, conforme exposto anteriormente.

A Igreja Ucraniana Católica de Rito Oriental ou Bizantino já havia desempenhado papel importante contra a *russificação* linguística que Ucrânia sofreu no século XX enquanto fez parte da URSS. No Brasil ela também teve/tem um papel fundamental para que os descendentes dos imigrantes continuassem falando o idioma, mas a tarefa de perpetuar a língua ucraniana entre os descendentes dos imigrantes não é exclusividade da Igreja. José (1946) comentou que alguns pais culpam a Igreja e as catequistas pelo fato das crianças desconhecerem o idioma dos antepassados, mas para ele a culpa da diminuição do seu uso é dos genitores que não ensinam os filhos, pois esquecem que a primeira “escola” de língua ucraniana é em casa, na família (José, 1946).

Sofia (1952) também demonstra certo descontentamento e certa nostalgia pelo não ensinamento dos pais:

Ah, Nossa! Nossa língua, como dizer assim. Tá acabando. Porque os jovens hoje, fala com eles em ucraniano eles dizem “o quê que tá falando comigo? Eu não entendo”. “Mas escuta você não é descendente de ucraniano?” “Eu sou, mas não sei nada. Meus pais não me ensinaram”. Então tá morrendo a nossa língua ucraniana, é uma pena porque devia se manter né. Quanto mais línguas saber é melhor (Sofia, 1952).

Família e Igreja, conjuntamente, são responsáveis prioritárias para que o idioma ucraniano permaneça vivo. A língua está intimamente ligada à religião em Prudentópolis, pois a Igreja Ucraniana ainda a usa em sua liturgia no rito bizantino, bem como utiliza os caracteres cirílicos na impressão de textos.

Não por acaso, o local mais mencionado onde se usa o ucraniano, fora da esfera doméstica, é a Igreja, sendo, portanto, importante *espaço* de identificação. No entanto, essa *ucraneidade* pode estar ameaçada, uma vez que o uso cotidiano está em franca diminuição e parte do clero até cogita a tradução dos rituais, pois muitas vezes precisam administrar a situação quando não é mais possível celebrar toda a liturgia em ucraniano (SKAVRONSKI, 2015, p. 111).

A verificação das fontes coletadas e reunidas nessa *coorte* possibilita afirmar mais uma vez que a perspectiva de Mannheim (1993) é adequada ao nosso estudo. As pessoas entrevistadas, com a individualidade que é inerente a cada um, podem ser colocadas sob a

geração de forma apropriada. A próxima *coorte* analisada possui estreita relação com a primeira, mas já permite verificar algumas mudanças. Ainda que sutis.

#### 4.3 DE 1960 A 1970: A SEGUNDA *COORTE*

A amostragem apresentada aqui, assim como a anterior, também é composta por dez pessoas, homens e mulheres, nascidas nas décadas de 1960 e 1970. Portanto, pessoas abaixo dos 60 anos e acima dos 40 anos completos.

A distância temporal e espacial não se apresenta como um abismo intransponível entre a geração analisada nesse item e a do item anterior. A diferença de idade aumenta e diminui conforme a comparação que for feita. A diferença é de 35 anos entre a pessoa mais velha da *coorte* 1 em relação à pessoa mais jovem da *coorte* 2; essa diferença cai para 20 anos quando a comparação é feita com a pessoa mais velha da *coorte* 2.

No outro extremo, é menor que 10 anos a diferença entre o indivíduo mais jovem da *coorte* 1 em comparação com o indivíduo mais velho da *coorte* 2. Mas, mais importante que estabelecer uma barreira entre as duas gerações é perceber seus contatos e a partir deles as mudanças e/ou permanências (COLOGNESE, 2011, p. 140).

A distância ou a proximidade etária das pessoas, nos extremos das *coortes* em que os entrevistados foram reunidos, exemplificam que a geração não é algo estanque. Não se finda uma geração para que outra emergja. Elas se desenvolvem constante e paralelamente também. Portanto, na transição de uma para outra haverá uma maior ou menor contiguidade temporal entre os indivíduos.

A passagem de uma geração para outra não se dá apenas por uma alteração cronológica. A mudança do calendário deve ser acompanhada por uma descontinuidade: “Novamente, o tempo histórico-social e seus ritmos é visto como central para a definição das novas gerações e identidades sociais” (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 191).

A “ruptura” aqui é pouco percebida em alguns aspectos entre a primeira e segunda *coorte*. Algumas questões começam a apontar para uma mudança que não se concretizará com essa geração e sim nas seguintes. Mas as condições para as descontinuidades começam a ser dadas aqui.



O contexto social de nascimento das 10 pessoas é bastante similar: todas nasceram na zona rural e apenas algumas delas, por curto período de tempo, não tiveram o município como seu local de residência. Apenas 3 indivíduos entrevistados dessa geração chegaram a residir em outras cidades e longe de uma “comunidade ucraniana”, mas retornaram para Prudentópolis<sup>59</sup>. Duas pessoas vivem no perímetro urbano<sup>60</sup>.

Doroteia (1969) e Genésio (1970) nasceram em Linha Visconde de Nácar e permanecem até os dias atuais na mesma comunidade rural. Lúcia (1964) e Tadeu (1976) nasceram em Linha XV de Novembro e atualmente moram na Linha Visconde de Guarapuava a poucos quilômetros da localidade natal.

Nicolau (1973) e Joana (1973) moram em Linha Ligação. Ela nasceu na referida comunidade, enquanto Nicolau nasceu na Linha Alto Barra Grande, apenas alguns quilômetros de distância. Fechando essa “imobilidade” das pessoas reunidas nesse grupo temos Filomena (1963) e Teresinha (1961), residentes na comunidade de Linha Barra Bonita, sendo que a segunda nasceu na Linha Gramadinho, comunidade vizinha de onde reside hoje.

Portanto, a mobilidade espacial desses entrevistados, assim como os anteriores, é pequena, quase nula. Isso permite um compartilhamento de experiências dentro de um mesmo grupo etário, assim como entre grupos de idades diferentes, ainda que distem algumas dezenas de quilômetros dentro do município.

Mannheim (1993), em suas discussões a respeito das gerações, não está preocupado com as nuances culturais ou étnicas de grupos específicos; porém é fundamental para o presente trabalho que, além dos fatores defendidos pelo autor para o estabelecimento dos limites das gerações, seja considerada a especificidade do grupo étnico em estudo.

Há valores e hábitos que os descendentes de ucranianos, de diferentes faixas etárias, compartilham como ir à igreja e comer determinados pratos em épocas específicas. A escolha de certos alimentos, a preferência por uns e a rejeição de outros é, também, resultado da cultura. Esses são elementos que podem ser observados tanto nas pessoas nascidas na década de 1940 como entre os nascidos no início do século XXI. Fato que os identifica enquanto possuidores de uma identidade etno-cultural, apesar do tempo que separa o nascimento de uns e outros.

---

<sup>59</sup> Tadeu (1976), Basílio (1973) e Genésio (1970).

<sup>60</sup> Basílio (1973) e Ana (1970) nasceram na área rural, mas antes de atingirem a puberdade passaram a residir na cidade. Ele nasceu na comunidade de Linha São Pedro e ela em Linha Tijuco Preto.

Todas as 10 pessoas desse grupo declararam que a sua primeira língua foi a ucraniana e que apenas na escola o português foi aprendido. No caso de Basílio (1973) o aprendizado do idioma eslavo se deu de forma conjunta com o português. Ana (1970), por sua vez, afirmou primeiro que sua língua materna foi a ucraniana. Porém, logo em seguida ressaltou que o seu contato com o ucraniano era constante, mas que ela não chegou a aprender falar mas compreende.

Tal qual a geração anterior, a escola se tornou o espaço de uma nova realidade linguística, mas o ucraniano continuava comum e predominante. Devido às exigências escolares, uma vez que o português prevalecia na prática pedagógica, os alunos eram obrigados a aprender o vernáculo nacional. Mas entre os alunos, principalmente na hora do recreio e no caminho de casa, o uso intercalado das duas línguas era comum, pois estudantes de diferentes idades possuíam graus diferentes de domínio do novo idioma, além da convivência com crianças não ucranianas<sup>61</sup>. Nessa situação se configura um contexto de *diglossia*, uma vez que o português era obrigatório em questões formais e o ucraniano nas conversas informais (MARTINY; MENONCIN, 2013, p. 311).

O aprendizado da língua portuguesa na escola, mais especificamente na Linha XV de Novembro, era mediado principalmente pelos colegas mais velhos que já frequentavam as aulas há mais tempo. No final da década de 1970 nem todas as escolas com público primordialmente de descendentes de ucranianos tinham um docente com a ascendência ucraniana<sup>62</sup>. Nessa situação o aprendizado do português era ainda mais urgente e também mais penoso, uma vez que não havia uma professora bilíngue.

Mesmo nas linhas em que havia número mais elevado de moradores não ucranianos, caso da Linha XV de Novembro, o contato das crianças com pessoas de fala portuguesa era restrito, pois os pais costumavam priorizar, em suas visitas, os vizinhos de origem ucraniana e/ou parentes. Não havia impedimentos quanto a visitas às famílias não ucranianas, mas como o número destas era reduzido é compreensível o menor contato. Além disso, as crianças tinham menos liberdade de saírem sozinhas ou sem o consentimento dos pais. Isso fazia com que os filhos, até pelo menos a adolescência, convivessem pouco com pessoas fora do círculo

---

<sup>61</sup> Os moradores de Linha Visconde de Nácar nas décadas de 1960-70 eram de origem ucraniana em sua quase totalidade: “Todos falavam ucraniano. Inclusive minha avó morreu com 87 anos e ela não sabia falar português. Ela entendia, mas não sabia falar” (Genésio, 1970).

<sup>62</sup> Lúcia (1964), que morava quando criança na Linha XV de Novembro, demonstrou uma memória bastante viva do aprendizado da língua portuguesa mediado pela escola: “Eu lembro quando eu fui no primeiro ano então foi muito difícil que a professora não sabia ucraniano e nós só falava ucraniano. Então, entre os colegas de sala de aula que a gente foi conversando e conseguimos se entender”.

familiar. Desse modo a interação com indivíduos que falavam outros idiomas era mais esporádico.

O conjunto de entrevistas que formam essa amostragem, assim como a amostra da *coorte* anterior, parece apresentar uma situação contrária daquela defendida por Barth (2011) para a construção da etnicidade. Aparentemente parece haver a ausência do contato com o outro, algo fundamental segundo o autor. Essa impressão é equivocada, pois o contato com os não ucranianos era reduzido (devido à supremacia numérica da etnia ucraniana), mas de modo algum inexistente. E esse processo está em constante transformação, pois a convivência com os brasileiros e outros grupos imigrantes aumenta com o tempo e o sentimento de pertença é resignificado constantemente.

Tal contexto vai fazer com que os jovens, principalmente nas décadas seguintes, utilizem cada vez mais o português em locais públicos, mesmo entre quem sabia o ucraniano (acentuando uma situação *diglôssica*). Negação da identidade étnica? Avaliamos que não. A identidade étnica se dá no contato e é defendida ou negada conforme as vantagens e desvantagens momentâneas. Dessa maneira, utilizar a língua ou omitir seu uso vai variar conforme o local, o momento e os interlocutores (BARTH, 2011).

Na sala de aula vai prevalecer o português e cada vez menos a tática do bilinguismo será usada. Isso porque nem todas as professoras e professores eram ucranianos e/ou dominavam a língua. Entre as crianças o português era entrelaçado com o ucraniano nas brincadeiras do intervalo da aula. Ocorria por vezes a formação dos grupos que sabiam mais ou menos a língua portuguesa, conforme narrou Doroteia (1969).

Na escola na Linha XV de Novembro, conforme relatou Tadeu (1976), os alunos que já sabiam falar português faziam piadas com aqueles que ainda não haviam aprendido. Essas brincadeiras não eram necessariamente de crianças brasileiras contra crianças com ascendência ucraniana. Além disso, muitas rugas de crianças não levaram a nenhum problema maior que fosse retido na memória de nossos entrevistados.

A escola da Linha XV de Novembro não existe mais. Os estudantes daquela comunidade rural atualmente precisam se deslocar para Linha Ponte Nova ou para Linha Jesuíno Marcondes para os estudos iniciais (Ensino Fundamental I). Na Linha Jesuíno Marcondes há o Colégio Estadual Prefeito Antônio Witchemichen, que recebe discentes de diversas regiões. Entre elas podemos citar as Linhas: Visconde de Guarapuava, Visconde de

Nácar, Dezembro, XV de Novembro, Ponte Nova, Brasília, Marcondes Segunda Linha, Ponte Alta, etc.

Em um levantamento feito em 2017 junto aos alunos do referido estabelecimento constatou-se que cerca de 74% de seus estudantes possuem ascendência ucraniana. Ainda que miscigenada, a porcentagem de estudantes que alegaram possuir alguma origem ucraniana é significativa.

Ao longo das décadas, o número de pessoas não ucranianas nas comunidades aumentou. Dessa maneira o contraste com falantes de outras línguas, sobretudo o português, foi ficando cada vez mais perceptível. Se no interior de algumas linhas continuava havendo uma predominância acentuada de famílias ucranianas, os contatos intercomunidades se tornavam inevitáveis e, nessas relações, a interação com pessoas de outras origens ocorria; nesse contexto a identidade ucraniana se fortalecia, demonstrando assim a consonância com a teoria da etnicidade de Barth (2011).

No final dos anos 1970 e início dos anos 1980 começaram a chegar, em Linha Visconde de Nácar<sup>63</sup>, moradores com ascendência de outros grupos imigrantes. Famílias de italianos e alemães se instalaram na comunidade e, de acordo com Doroteia (1969), isso representava na época uma novidade:

Isso pra gente era muito... uma coisa muito diferente. Até nem acreditava que existia além de ucraniano e português outras línguas assim. Antigamente aqui era difícil... quando veio outras línguas como alemão e italiano pra nós assim muito diferente, era mais só ucraniano mesmo. Depois, quando fomos pra escola que começamos a aprender o português, o brasileiro (Doroteia, 1969).

O crescimento do número de famílias de outras origens, como de italianos e de alemães, além de famílias brasileiras, aumentava a possibilidade de estabelecimento de uma fronteira étnica, seguindo a premissa barthiana. No estreitamento do contato com pessoas de diferentes origens era possível estabelecer melhor a diferença. Além disso, na interação é preciso reforçar e/ou renegociar os limites do grupo.

A distância que separa as Linhas Visconde de Nácar, Visconde de Guarapuava, XV de Novembro, Jesuíno Marcondes e a sede urbana de Prudentópolis, varia entre 10 a 25 quilômetros aproximadamente. Por essa razão a possibilidade de docentes não ucranianos

---

<sup>63</sup> A localidade está a menos de 10 quilômetros de Linha XV de Novembro.

trabalharem nas escolas era maior; já nas comunidades mais distantes essa possibilidade era menor, pois a necessidade de residir no local de trabalho devido à distância era maior.

Linha Ligação é um desses casos, pois está localizada a aproximadamente 60 quilômetros de Prudentópolis e, durante a maior parte do século XX, a estrada que conduz à comunidade não recebeu nenhum tipo de pavimentação. Apenas no final do século passado um trecho de cerca de 15 quilômetros foi asfaltado. O restante do percurso continua de terra batida ou com um cascalhamento precário, dificultando o trajeto principalmente em épocas de chuva contínua.

Devido à distância e às condições da via, em Linha Ligação o ensino era ministrado preferencialmente por uma professora da própria comunidade ou pelas catequistas do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus (ISCSCJ) que, evidentemente, além do português dominavam/dominam o ucraniano. O uso tanto do português como do ucraniano era fundamental nesse contexto de contatos étnico-linguísticos:

Lourenço: E quando você aprendeu a falar o português? Você já tinha começado a responder anteriormente, foi quando começou a ir para a escola?

Joana (1973): É. Assim, a gente já conhecia um pouco. Mas, na escola que começou bem o português. Até a professora, com a maioria dos alunos, ela era de origem ucraniana também então ela falava mais ucraniano do que o português pra explicar pra eles entender. Então ela na verdade falava as duas línguas pra poder ensinar né.

Na entrevista com Joana aparece uma informação aparentemente despretensiosa. Mas, que estabelece uma mudança em relação à amostragem da geração anterior: nossa entrevistada já conhecia um pouco de português quando chegou pela primeira vez na escola. No grupo etário anterior não se conhecia praticamente nada da língua portuguesa antes da idade escolar.

Ana (1970) e Basílio (1973) são dois exemplos que destoam, em alguns aspectos, dos demais. Os estudos de Ana (1970) foram, desde o início, em uma escola no perímetro urbano, pois sua família deixou a Linha Tijuco Preto e passou a residir na área urbana quando ela ainda era criança.

Basílio (1973) possui em sua biografia situações um pouco diferentes das demais pessoas da *coorte*. Ele aprendeu de forma quase simultânea as duas línguas: “Foi misturado, porque minha mãe era descendente de italianos e não sabe falar em italiano e não sabe falar em ucraniano. Então, somente sabe falar o português” (Basílio, 1973).

Embora o contato de Ana e Basílio com a língua portuguesa tenha sido muito mais precoce, quando comparados com os demais, vemos que o contexto que propicia a etnicidade nos outros integrantes desta geração também se estende aos dois. A diferença deles, embora significativa, não descaracteriza a amostragem da geração, pois também atribuem ao idioma grande relevância e o contato mais estreito com realidades fora do grupo de origem aumenta a necessidade da reivindicação da etnicidade. Aqui cabe a ponderação de Denys Cucu (2002, p. 176), de que a cultura é normalmente inconsciente, enquanto a identidade é uma tomada de posição.

A experiência de Basílio com a escola, portanto, não foi marcada pelo completo desconhecimento do português. Ele já estava familiarizado, mas o uso cotidiano do ucraniano, o sotaque e outras diferenças dos idiomas, não deixou de trazer algumas dificuldades.

Lourenço: Pra você aprender a língua portuguesa foi difícil esse processo?

Basílio (1973): Não foi difícil porque minha mãe falava em português com nós. Então quando entrei na escola praticamente já estava familiarizado com o português. Mas, mesmo assim as pronúncias a gente tinha dificuldade de pronunciar o português correto devido a essa mistura de línguas que a gente aprendeu desde pequeno e a pronúncia no português praticamente ficava, se tornava difícil principalmente nas palavras “são”. O uso dos dois erres também tinha dificuldade porque no ucraniano não existe os dois erres. Essa foi a dificuldade.

Ao contrário dos demais, que aprenderam prioritariamente com os pais a língua ucraniana, Basílio teve na avó sua “professora” de língua:

Lourenço: Com quem você aprendeu a língua ucraniana?

Basílio (1973): Mais precisamente com minha avó. Minha mãe e meu pai saíam pra trabalhar e quem cuidava de mim quando eu era pequeno era minha vó e ela não sabia falar o português. Tanto é que minha mãe sofreu muito quando casou e foi morar com ela. Porque a mãe não sabia, não entendia o ucraniano e minha vó só falava em ucraniano. Então até minha mãe aprender, meu pai foi explicando pra ela, o que era, traduzindo o que a vó falava né e posteriormente ela passou a entender o ucraniano né, só que não falava. Ai quando minha mãe recebia visitas em casa e a vó estava então a vó sempre só falava em ucraniano e a mãe como entendia ucraniano, só que não falava ucraniano, ela falava em português e minha vó em ucraniano. E pras visitas entender, minha mãe tinha que traduzir e minha vó entendia o português, mas não sabia falar o português.

As gerações não são estanques, ou seja, as pessoas de uma geração mais nova não são imunes às influências daquelas que nasceram mais distante temporalmente. Isso porque

compartilham o mesmo espaço em que as tradições, a cultura e a identidade étnica se reconstróem constantemente.

O pai de Basílio (1973), embora tenha casado com uma mulher não ucraniana, exerceu papel fundamental na *ucraneidade* do filho. Quando deixou parte da educação do menino a cargo da avó paterna, possibilitou que este continuasse em um ambiente propício ao aprendizado do idioma ucraniano. Isso o manteve dentro das tradições ucranianas, tanto que Basílio (1973) frequentou o seminário dos padres basilianos.

Todavia, as questões geracionais não esgotam as razões para a manutenção ou não da língua e da identidade e o contexto familiar pesa muito nesse quesito. As unidades familiares dos descendentes de ucranianos possibilitaram que os ensinamentos fossem transmitidos. Os encontros de parentes em datas festivas ou simplesmente a convivência mais intensa tornam a família um *espaço* em que o cotidiano é praticado e a partir dele as permanências e rupturas ocorrem no modo como as pessoas praticam esse *espaço* (CERTEAU, 1994, p. 202).

Os pais representarem *exemplos* para os filhos é senso comum, mas o *espaço* familiar não se restringe aos genitores e à prole. Além dos pais, também os avós desempenham grande papel na formação da identidade dos netos e, neste caso, no ensinamento da língua que vai permitir o cultivo e a prática da *ucraneidade*. Tanto nas décadas de 1940-1950, primeira *coorte*, como nas décadas de 1960-1970, segunda *coorte*, Prudentópolis pode ser considerado um município exclusivamente agrícola e, nas sociedades agrárias, os avós exercem grande influência sobre os netos: “A cada nova formação do espírito, portanto, dá-se um passo atrás que, por cima da geração [eminentemente] portadora de mudanças, liga os cérebros mais maleáveis aos mais cristalizados” (BLOCH, 2002, p. 64).

Nas sociedades camponesas, os avós desempenhavam trabalho primordial na educação dos netos, uma vez que os pais saíam para trabalhar (BLOCH, 2002, p. 62-63). Mesmo que os genitores já tivessem contato com um mundo além da aldeia, a tradição era mantida por mais tempo. Nem todos os entrevistados dessas duas *coortes* moravam ou moraram com os avós. Mas, a presença e a influência destes sobre os netos são perceptíveis.

Os dois longos trechos transcritos anteriormente da entrevista com Basílio (1973) trazem dois fatores que necessitam de análise. O primeiro é o já referido fato do entrevistado chegar à escola conhecendo a língua portuguesa. O segundo aspecto diz respeito à origem italiana da mãe.

Os casamentos mistos com não descendentes de ucranianos, conforme verificado na primeira *coorte*, não eram inexistentes, e a língua era um entrave importante. Portanto, embora alguns depoimentos falassem da resistência dos “mais velhos” diante da possibilidade de uniões entre jovens de origens distintas, na prática não havia uma barreira intransponível.

Basílio (1973) é um exemplo disso. Fruto da união entre um descendente de ucranianos e uma descendente de italianos, ele conta, a partir de uma memória própria e de memórias relatadas pela mãe, a dificuldade que esta precisou enfrentar quando foi morar na casa da sogra que não falava a língua portuguesa.

O desafio enfrentado pela genitora do entrevistado se deve, em parte ao menos, pelo fato da “família ucraniana” ser um *espaço* praticado em que a *ucraneidade* se efetivava, local em que o uso da língua tinha proeminência. A casa da sogra era um desses *espaços* e por essa razão quem não dominava o código linguístico majoritário naquele ambiente passava por dificuldades. Pelo fato da mãe não ser ucraniana, Basílio (1973) conheceu a língua portuguesa antes da escola, contrariando o que ocorreu na imensa maioria das pessoas dos dois grupos que tiveram no ambiente escolar um momento de ruptura e/ou de mudança.

Os dados das pessoas da primeira *coorte* revelaram que os casamentos nesse conjunto de indivíduos foram realizados na maioria dos casos dentro do mesmo grupo étnico. Apenas dois exemplos destoam: o esposo de Olga (1941) era descendente de poloneses, mas dominava tranquilamente a língua ucraniana; José (1946) e Sofia (1946) eram casados<sup>64</sup> e possuíam ascendência ucraniana miscigenada com alemão e polonês respectivamente, mas se consideravam mais ucranianos.

Os dados referentes à amostragem da segunda geração trazem uma mudança sensível na endogamia/exogamia. Isso pode alterar significativamente a percepção acerca da importância e, principalmente, da possibilidade de manutenção da língua ucraniana. Enquanto na amostragem da primeira geração pesquisada mais de 80% dos casais eram formados por descendentes de ucranianos, na segunda geração essa porcentagem cai para aproximadamente 30%. O que demonstra uma sensível mudança entre uma geração e outra.

---

<sup>64</sup> José (1946) e Sofia (1946) eram marido e mulher, o único casal entrevistado.



TABELA 4: CASAMENTOS INTERÉTNICOS EM PRUDENTÓPOLIS – PR (1900 – 1995)

Décadas	Paróquia São Josafat (TC)	Paróquia São Josafat (CI)	Paróquia São João Batista (TC)	Paróquia São João Batista (CI)
1900-1920	1155	41 (3,5%)	1194	370 (30,9%)
1921-1940	1805	104 (5,7%)	1873	866 (46,2%)
1941-1960	2139	216 (10%)	1868	955 (51,1%)
1961-1980	2526	483 (19,1%)	2440	1426 (58,4%)
1981-1995	2395	648 (27%)	2107	1300 (61,6%)
Total	10182	1698 (16,6%)	9659	4890 (50,2%)

Fonte: Adaptado (RAMOS, 2012). **TC**: Total de Casamentos; **CI**: Casamentos interétnicos.

Não se trata apenas de um jogo de números ou de porcentagens, mas de uma mudança de comportamento ou de contatos interétnicos mais intensos e/ou constantes com pessoas de outras origens. Embora o número de entrevistas das duas gerações analisadas aqui não seja suficiente para estabelecer um rigor percentual maior, podem ser tomados como tendência a partir da sua análise conjunta com a tabela acima.

A partir dos dados da tabela 4 é possível perceber que a endogamia nos casamentos realizados na Paróquia São Josafat, de rito bizantino (ucraniana), permaneceu alta, embora seja progressivo o número de matrimônios mistos. Por sua vez, na Paróquia São João Batista, de rito latino (brasileira), as uniões entre noivos de origens distintas estiveram sempre acima de 30% e ultrapassou 60% no último período. Somados os dados, 19.841 matrimônios foram realizados nas duas paróquias e desse total apenas 6.588 foram entre nubentes etnicamente diferentes, totalizando 33,6% (RAMOS, 2012, p.128).

Com os dados da tabela 3, podemos tecer algumas comparações entre a amostragem da geração anterior com a discutida neste item. De um modo geral os entrevistados da amostragem referente à primeira *coorte* estudada viviam em um ambiente sociocultural homogêneo. Havia poucas famílias não ucranianas nas comunidades e, na época em que nossos colaboradores viveram suas infâncias, alguns entrevistados declararam a total ausência de famílias brasileiras próximas das suas casas. Os contatos com o *outro*, polonês ou brasileiro, ocorriam com quem era externo à comunidade e principalmente no momento dos deslocamentos à área urbana.

O casamento intraétnico entre os filhos dos pioneiros, bem como entre as primeiras gerações, era mais comum. Em um contexto de poucas famílias não ucranianas a endogamia era naturalmente maior. A língua, a religião e a proximidade geográfica propiciava que os noivos tivessem a mesma ascendência.

Essa situação não era exclusividade entre os ucranianos de Prudentópolis. Em Antonio Olyntho algo parecido pode ser registrado entre as primeiras gerações: “Assim, a endogamia pode ser entendida como a expressão do conservadorismo de uma sociedade tradicional, principalmente quando se leva em conta que havia opções étnicas no mercado matrimonial local” (ANDREAZZA, 1966, p. 136).

Mas, o fato de haver casamentos mistos não é sinônimo de dissolução de laços étnicos. De acordo com a teoria barthiana, a identidade étnica é uma atribuição feita por pessoas externas e internas ao grupo, que reconhecem determinado indivíduo como portador de tal condição, bem como uma autoidentificação: “A auto-inclusão e a inclusão por parte dos outros são os elementos fundamentais” (VILLAR, 2004, p. 172).

Para Barth (2011), é possível o indivíduo adotar ou abandonar determinada identidade étnica. Portanto, as uniões realizados com um(a) noivo(a) não ucraniano(a) não inviabiliza a manutenção da etnicidade:

Entre nós mede-se, muitas vezes, a ‘assimilabilidade’ de um grupo étnico pelo grau de miscigenação. Quem não casa com brasileiro é geralmente considerado ‘inassimilável’. Com efeito, pensar assim significa atrelar o carro adiante dos bois. A organização da família e os padrões de sexualidade pertencem, com toda certeza, às esferas íntimas de qualquer criatura humana. É improvável que a assimilação se possa iniciar justamente por esta esfera à qual todas as sociedades aplicam um sistema de controle designado, a um tempo, a evitar desajustamentos internos e penetração externa. Todas as sociedades conhecidas cercam as questões ligadas à aproximação e associação dos sexos, ao matrimônio e à criação dos filhos, com cuidados inúmeros e, não raro, extraordinariamente complicados (WILLEMS, 1980, p. 322-323).

Portanto, da mesma forma que a escolha do noivo possui características de foro íntimo, mas que sofre interferências de instâncias como a família e a sociedade, o sentimento de pertença também é algo pessoal, mas que também recebe influência do ambiente a partir dos contatos.

A noção de privacidade, que levaria a uma escolha individualizada de cônjuge, é algo recente na História do Ocidente, pois até o final da Idade Média praticamente não havia uma separação entre vida pública e privada (ARIÈS, 1991, p. 8-9). Somente a partir dos séculos

XVIII e XIX, com a sociedade burguesa, é que a privacidade/individualidade vai se tornar algo caro e o controle social passa a ser cada vez mais difícil, embora não deixe de existir.

O ponto de chegada é o século XIX. A sociedade se tornou uma vasta população anônima onde as pessoas já não se conhecem. O trabalho, o lazer e o convívio são doravante atividades separadas em compartimentos estanques. O homem procura proteger-se dos olhares dos outros e para isto lança mão de dois recursos: 1) o direito de escolher mais livremente (ou pensar que assim escolhe) sua condição, seu estilo de vida; e 2) o recolhimento junto à família, transformada em refúgio, do espaço privado (ARIÈS, 1991, p. 8).

Nas sociedades menos urbanizadas o controle social sobre a privacidade continuou sendo maior, mesmo no século XX. Por essa razão a endogamia vai ajudar na manutenção de determinados traços característicos do grupo, como a língua, por exemplo. Mas o casamento entre membros da mesma origem não vai garantir de forma absoluta que o casal e os filhos continuarão mantendo a identidade. Isso porque a etnicidade se constrói nas interações e nestas há sempre, de acordo com Barth (2011), a possibilidade da rejeição da identidade étnica caso esta cause algum embaraço.

Essa condição que permite o abandono de uma identidade e a adoção de outra mais vantajosa, presente na teoria barthiana, é alvo de algumas controvérsias. Uma crítica de Diego Villar (2004, p. 181) à teoria da etnicidade de Fredrick Barth reside no fato dos atores barthianos passarem seus dias “escolhendo”, “optando”, “negociando”, “avaliando”, “calculando” “maximizando”, as vantagens e desvantagens de ser ou não membro de um grupo étnico.

Entretanto, uma vez que a identidade se dá no contato, pois é algo consciente e não inconsciente como é a cultura (CUCHE, 2002, p. 176), é difícil defender a tese de uma identidade fixa e imutável, ficando ela aberta sempre às reconfigurações. Portanto, é compreensível que os indivíduos identificados com uma etnia alternem atitudes implícitas e explícitas, ora reivindicando publicamente a sua origem e ora, em determinadas situações, simplesmente não a revelando.

Os indivíduos da amostragem da segunda geração, grosso modo, atingiram a idade para o casamento no período entre 1981-1995, já possuindo contatos mais frequentes com pessoas de outras origens, embora a endogamia ainda fosse elevada. Nesse período chegou a quase 30% as uniões matrimoniais interétnicas, mesmo na Paróquia São Josafat. O que demonstra que a amostra da segunda *coorte*, ainda que pequena, está em consonância com os

dados gerais. O maior número de famílias não ucranianas nas comunidades, assim como o aumento dos casamentos mistos, propiciou o estreitamento das interações sociais.

As questões identitárias, conforme a análise de Bauman (2003, p. 41), surgem nos momentos de incerteza e estas ocorrem principalmente no confronto de experiências e visões de mundo; mas é também nesse momento que a pessoa conscientemente percebe e reconhece “*sou isto e não aquilo*”. No caso dos descendentes de ucranianos de Prudentópolis, havia uma homogeneidade cultural nas primeiras décadas do século XX, conformação que começa a ser “ameaçada” na geração analisada nesse item. A identidade, nesse contexto, passa a ser cada vez mais uma questão a ser considerada.

Entre os nascidos da *coorte* anterior a presença do *outro* era menos frequente, porém não inexistente. Havia em algumas comunidades uma divisão interna: em uma parte da comunidade se concentravam famílias de origem ucraniana e em outra área famílias polonesas e/ou brasileiras. Mas mesmo as Linhas exclusivamente de imigrantes ucranianos não eram ilhas.

Uma mudança que também pode ser verificada é a maior mobilidade das mulheres nascidas nas décadas de 1960 e 1970. Embora ainda prevaleça a atividade agrícola entre os entrevistados, as mulheres já não se restringem ao espaço doméstico e à propriedade rural: Teresinha (1961), Filomena (1963), Lúcia (1964), Ana (1970) e Joana (1973) atualmente trabalham também fora do ambiente doméstico em empregos assalariados. Com exceção de Ana (1970), que cresceu já na área urbana, as demais trabalharam durante muito tempo na roça e ao longo do tempo se empregaram em atividades remuneradas não ligadas ao trabalho agrícola.

É difícil estabelecer em que momento uma identidade cultural, trazida da Europa e muito presente entre os nascidos até a década de 1950, passa a se etnicizar. Também não é possível afirmar que os nascidos na primeira geração analisada possuíam uma identidade cultural enquanto a segunda *coorte* passa a possuir uma identidade étnica. Esse limiar é impreciso, já que os critérios de identificação étnica não possuem uma “validade universal e essencial” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 163). O que podemos afirmar é que ocorre um processo contínuo de construção e que se torna mais claro à medida que novos atores sociais passam a dividir a cena.

Dessa maneira o que podemos ressaltar é que o maior contato com a língua portuguesa, sobretudo a partir da idade escolar, bem como a interação com um número maior

de famílias não ucranianas durante a infância fortaleceram, nas pessoas entrevistadas, o estabelecimento das fronteiras étnicas. Será na tensão e na dinâmica entre as ações individuais e o contexto social que se poderá perceber as rupturas e continuidades (SIMMEL, 2006, p. 59-60).

É necessário sempre lembrar que a cultura reúne traços, na maior parte das vezes, inconscientes, enquanto a identidade precisa de uma vinculação consciente, pois é determinada em face do outro (CUCHE, 2002). Possuir uma identidade étnica ou etno-cultural não significa ter uma cultura completamente distinta, o que é necessário é a vontade de diferenciação:

O que cria a separação, a “fronteira”, é a vontade de se diferenciar e o uso de certos traços culturais como marcadores de sua identidade específica. Grupos muito próximos culturalmente podem se considerar completamente estranhos uns em relação aos outros e até totalmente hostis, opondo-se sobre um elemento isolado do conjunto cultural (CUCHE, 2002, p. 200).

Na primeira geração considerada nessa pesquisa, vimos que existia uma preocupação dos pais a respeito dos casamentos mistos. Os matrimônios dessa geração foram realizados principalmente entre noivos da mesma comunidade ou de comunidades próximas. Essa situação pode demonstrar a limitação no mercado nupcial e ao mesmo tempo mostrar a importância da aceitação social do noivo escolhido (ANDREAZZA, 1996).

Na segunda geração, o mercado matrimonial se ampliou e um possível controle por parte dos genitores diminuiu. Alguns fatores contribuíram para isso: no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 chegou ao município um número significativo de pessoas oriundas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul; a energia elétrica também começou a chegar a locais onde antes não havia e a primeira emissora de rádio local foi criada (GUIL, 2006, p.139).

Desse modo, não era mais possível monitorar *todas* as atividades e contatos dos jovens. Relações interpessoais travadas fora do grupo étnico dão espaço para a tomada de consciência da existência do diferente e, conseqüentemente, da alteridade.

Na segunda *coorte* quatro pessoas declararam<sup>65</sup> que os pais não faziam nenhum tipo de pressão para que o casamento fosse com um noivo da mesma origem. No entanto, dessas quatro pessoas, apenas Ana (1970) casou com alguém que não é ucraniano. O fato dos

---

<sup>65</sup> Lúcia (1964), Teresinha (1961), Filomena (1963) e Ana (1970).

genitores demonstrarem preferência para que os filhos casassem com pessoas de origem ucraniana não significa que isso seria seguido, bem como a não objeção deles não resulta em uniões interétnicas simplesmente por não haver oposição.

Conforme apontado por Willems (1980, p. 322), as sociedades não seguem padrões ou critérios unívocos quando se trata da aproximação de jovens com vista a um casamento. Mas no contexto prudentopolitano em que o “mercado matrimonial” era mais restrito, a escolha mais provável se dava no próprio grupo.

Na contramão, as outras seis pessoas da segunda *coorte* declararam que existia uma preferência dos pais para que a pessoa escolhida para o matrimônio pertencesse ao grupo. Mas apenas uma delas se casou com alguém com a mesma ascendência: somente o marido de Joana (1973) possui origem ucraniana. Quando perguntada sobre alguma preferência e/ou exigência por parte dos pais para que o noivo fosse escolhido dentro da comunidade étnica, a resposta foi positiva. Mas, não podemos deixar de lembrar que ela casou com alguém ucraniano. Portanto, a oposição dos pais a um casamento misto não foi posta à prova.

Que eu me lembro até uma altura tinha pra eles, aquela importância. Mas, depois de um tempo já começaram a não ligar mais, eles já não diziam tanto assim. Mas, no início sim. Que eu me lembro, era pra ser ucraniano, pra ir na mesma igreja, pra se entender, mas depois mudou. Mudou. Eles já não tinham mais esse pensamento (Joana, 1973).

Nos casos em que os entrevistados revelaram a não ingerência dos pais, as uniões permaneceram endogâmicas, ainda que o número da amostra seja pequeno. Nesse caso a aparente neutralidade destes poderia estar ligada ao fato de os acertos matrimoniais estarem dentro do esperado. Como o noivo escolhido estava de acordo com o almejado, ainda que os jovens não estivessem preocupados com isso, não havia necessidade dos pais externarem suas opiniões sobre a importância da união se dar com alguém com a mesma origem. Levando em conta os apontamentos de Willems (1980, p. 323), devemos salientar que embora haja influência familiar nas diversas opções feitas pelos jovens ao longo da vida, no caso da escolha conjugal a interferência paterna/materna não é determinante.

No momento em que as pessoas da segunda geração atingiram idade para um enlace matrimonial<sup>66</sup>, o número de pessoas não ucranianas nas comunidades havia aumentado e isso precisa ser considerado. Para a teoria barthiana, segundo Villar (2004, p. 180), “compreender etnicidade é compreender seu contexto”. Além disso, não podemos desconsiderar a transformação na postura dos pais ao longo dos anos e, à medida que os contatos culturais tornavam-se mais frequentes e duradouros, majorava significativamente o mercado matrimonial (ANDREAZZA, 1996, p. 136).

Na conversa com o gravador ligado os entrevistados lembraram que a cobrança para que os namoros fossem dentro do mesmo grupo étnico existiam. Mas, essas cobranças ou exigências eram muitas vezes veladas e não necessariamente precisavam ser verbalizadas: “Nunca chegaram a falar abertamente, mas creio que... né. Acho que sim” (Nicolau, 1973).

Genésio (1970) também ressaltou a preocupação que as famílias possuíam de que seus filhos se unissem com alguém com a mesma ascendência: “Tinha famílias que gostariam”. No caso específico da família dele, quem externava mais esse desejo era a mãe: “[Minha família] também, principalmente a mãe. Ela fazia força que fosse ucraniana. Que a namorada fosse da mesma descendência” (Genésio, 1970).

Nas relações interpessoais, à medida que os contatos culturais aumentam, fica mais difícil a ingerência direta dos pais na escolha do cônjuge para os filhos. Mas isso não elimina os desejos de parte da família de que um enlace matrimonial se desse com alguém que tivesse a mesma ascendência:

Lourenço: Havia alguma recomendação ou cuidado dos pais para que suas amizades fossem com descendentes de ucranianos?

Basílio (1973): Não necessariamente. Não havia uma escolha assim tipo “você é descendente de ucranianos vai ter que casar com uma descendente de ucranianos também”. Não necessariamente.

Lourenço: Nos relacionamentos da juventude, nos namoros, tinha alguma importância essa questão?

Basílio (1973): De ser ucraniano? Pras pessoas mais antigas, como para os avós, aqueles ucranianos mais tradicionalistas, então eles exigiam que... não necessariamente exigiam, mas uma preferência para que você optasse por *Nachi Lhude* no caso. Por gente nossa<sup>67</sup>.

---

<sup>66</sup> Quem nasceu a partir do início da década de 1960, caso da segunda *coorte*, no início dos anos 1980 já teria alcançado a maioridade.

<sup>67</sup> O termo *Nachi Lhude* em tradução livre é “nossa gente”. Termo usado sempre quando se quer enfatizar que a pessoa pertence ao grupo, que tem ascendência ucraniana ou que é da comunidade.

A fala de Basílio deixa transparecer como a questão é delicada. Não havia uma proibição direta ou uma interdição cabal. Mas sempre que houvesse possibilidade de influência dos mais velhos, pais e avós, o desejo de um matrimônio entre dois descendentes de ucranianos seria buscado<sup>68</sup>.

Havia, por parte dos próprios jovens, certa preocupação com a possibilidade de namorar um não ucraniano. Essa apreensão não nascia do fato de não querer se relacionar ou que não devia se enamorar por uma pessoa com outra cultura. O receio provinha das dificuldades da língua, dos entraves da comunicação.

Para nossos entrevistados, que falavam português desde a idade escolar, a casa ainda prevalecia como *espaço* da língua eslava, o que causava algum embaraço no contato com pessoas monolíngues em português. Mesmo após o aprendizado do vernáculo nacional, os jovens descendentes de ucranianos poderiam continuar com alguma dificuldade em determinadas palavras, além do sotaque. Algumas palavras ou expressões continuavam causando alguma dúvida quanto ao seu significado ou a forma correta de pronúncia.

A gente se preocupava porque até... primeiro namorado foi com Aloísio né que é alemão, a gente ficava preocupada que nem sabia falar direito. Eu nem uma Ave Maria não sabia rezar em brasileiro. Até lembro que uma vez na comunidade ali pediram pra eu puxar uma dezena do Terço brasileiro, pois eu errei na Ave Maria e foi um bom tempo até que eu me encorajei de novo pra recomendar de novo porque eu não sabia rezar uma Ave Maria em brasileiro (Doroteia, 1969).

O número de famílias não ucranianas nesse contexto já havia aumentando com o passar dos anos. Doroteia (1969) revelou que na década de 1980, década em que ela atingiu a adolescência, a língua ainda representava uma dificuldade de comunicação mesmo entre os jovens. À preocupação dela somava-se a preocupação/desejo dos pais que almejavam um enlace com alguém com ascendência ucraniana. Mas a preferência não era impositiva, tanto que ela acabou se casando com um descendente de alemães.

Com o aumento dos contatos interétnicos, o mercado matrimonial se ampliava e os pais acabavam se deparando com a possibilidade real, às vezes irreversível, dos filhos celebrarem um casamento com alguém com outra origem: “O meu pai queria que fosse uma ucraniana. Porém, deu errado. Gostaria que fosse. Agora a minha mãe falava ‘o importante é você tivesse uma pessoa que respeitasse’. Vivesse bem né” (Tadeu, 1976).

---

<sup>68</sup> Basílio, conforme dito anteriormente, não se casou com uma *Nachi Lhude*.



Como já visto, 60% dessa *coorte* celebrou o matrimônio com um cônjuge não ucraniano<sup>69</sup>. O casamento misto dessa geração vai afetar significativamente a manutenção da língua ucraniana. Das 20 pessoas das duas gerações, apenas 2, Basílio (1973) e Ana (1970), não aprenderam em primeiro lugar e de forma exclusiva a língua ucraniana. Isso vai mudar drasticamente na amostragem referente à terceira *coorte*, os nascidos na década de 1980 e meados dos anos 1990.

Os integrantes da amostragem referente à geração dos nascidos nas décadas de 1960 e 1970, na maior parte dos casos, não conseguiram ensinar aos seus filhos o ucraniano: o primeiro idioma que eles ensinaram foi o português. Diferente do que eles viveram na infância, em que o vernáculo eslavo predominava no ambiente doméstico. Alguns dizem terem repassado o básico da língua ucraniana, mas insuficiente para um diálogo exclusivo nesse idioma; dessa forma, o conhecimento que seus filhos possuem do ucraniano é bastante superficial.

Os casamentos mistos dificultam a transmissão da língua. Nas uniões interétnicas a possibilidade do aprendizado pleno do ucraniano para posterior aprendizado do português é praticamente nula. Além disso, mesmo nos casos em que algo é repassado às crianças, não o é de forma satisfatória. Quem aprendeu de forma superficial não terá condições de instruir a geração seguinte:

Laurenço: Você ensinou ucraniano para seus filhos?

Doroteia (1969): Não. Eles cobram da gente isso (risos).

Laurenço: E por que você não ensinou?

Doroteia (1969): Os filhos dizem assim “a mãe é ucraniana e o pai alemão”. Por que não... mas não dá certo, se os dois fossem ucraniano ou os dois alemão, a gente conversava entre a gente, eles participavam e iam entender. Mas, como eu não posso falar com ninguém em ucraniano, só ficar explicando pra eles parece que não... o Aloísio é alemão e também não dava certo daí. Aí virou tudo português.

A dificuldade relatada pelos componentes dessa *coorte* é inflacionada quando o contexto em que eles nasceram e aquele em que tiveram seus próprios filhos são comparados. Nas décadas de 1960 e 1970, período em que nasceram, as comunidades eram quase

---

<sup>69</sup>A amostra pode parecer demasiada pequena para estabelecer uma porcentagem. Mas, quando analisada levando em consideração a tabela a respeito dos matrimônios nas Paróquias São Josafat e São João Batista, fica perceptível que a amostra pode ser considerada como uma tendência.

exclusivamente de descendentes de ucranianos e a língua materna da maioria era aquela trazida pelos imigrantes. Quando estas pessoas começaram a ter seus filhos o contexto havia sofrido algumas mudanças nesse quesito.

Além disso, casamentos mistos passam a ser registrados em maior número. Nesses casos o membro do casal que é ucraniano, seja o pai ou a mãe, até consegue ensinar um pouco da língua, principalmente para os primeiros filhos. Constatou-se, através das pessoas entrevistadas e em outras conversas informais, que o ensino da língua ucraniana era mais sistemático com os filhos mais velhos, enquanto que o ensino aos caçulas era menos aprofundado.

Genésio (1970) é um exemplo dessa situação. Para o filho mais velho alguma coisa foi ensinada, mas muito pouco e superficialmente. Quando questionado os motivos do ensinamento da língua para o filho ser tão limitado a resposta trouxe à tona o fato da esposa não ter ascendência ucraniana: “Porque minha mulher já não é ucraniana daí não é fácil porque eu sozinho como que eu vou falar ucraniano? Se ele não for tipo numa escola, num lugar não tem como ter ensinado”.

Quem nasceu nas décadas de 1960 e 1970 aprendeu o ucraniano, mas nem todos conseguiram transmitir a língua ucraniana para seus filhos. Assim, nem todos os nascidos nas décadas de 1980 e 1990, analisados no quarto capítulo, aprenderam o ucraniano em primeiro lugar e de forma exclusiva, portanto não desenvolveram a plena compreensão e não tiveram ou não terão condições de serem “professores” de língua da geração seguinte. Não raramente o contato com a língua ucraniana passa a ocorrer quase exclusivamente na Igreja, mas lá as orações repetidas, os cantos e todo o ritual “pararam no tempo” e muitas vezes são ininteligíveis para os mais jovens (TAMANINI, 2017, p. 121).

A única pessoa dessa segunda *coorte* que ensinou primeiro ao filho a língua ucraniana de forma exclusiva foi Teresinha (1961). Mas, isso apenas com o primogênito.

Um pouco é complicado porque daí, assim tudo mundo quase fala português né. Até a gente tá se atrapalhando falar em ucraniano porque quase não tá praticando mais, é mais só na missa né. Então que por isso eu ensinei meus filhos falar ucraniano (...) o meu piá primeiro só falava ucraniano. Até muitos falavam, trabalhavam lá com nós, falava que ia ser difícil se comunicar com ele porque ele sabia só ucraniano.

A filha necessitou de cuidados médicos quando criança, por essa razão a mãe fez a opção de ensinar a língua portuguesa para a menina se comunicar com médicos(as) e

enfermeiros(as). Após esse período e com o domínio da língua portuguesa a criança/adolescente não quis mais, segundo a mãe, falar o idioma eslavo.

Podemos perceber como as mudanças acerca do domínio da língua vão acontecendo gradativamente. As pessoas da geração reunidas na primeira *coorte* nasceram em um contexto em que se falava exclusivamente em língua ucraniana e ensinaram o idioma para os filhos. As pessoas reunidas na segunda *coorte*, de um modo geral, ainda tiveram o vernáculo eslavo como língua materna. Mas, já não transmitiram para seus filhos de forma prioritária.

A primeira *coorte*, considerada a endogamia, era mais coesa e/ou fechada dentro do grupo étnico. Situação facilitada em parte pelo número menor de pessoas não ucranianas convivendo nas comunidades, algo que já começa a se alterar na época do nascimento das pessoas da segunda *coorte* e que se acentuou quando atingiram idade escolar e posteriormente para o matrimônio.

Todos os entrevistados das duas gerações analisadas até aqui, de um modo ou de outro, disseram que a Igreja é o local em que a língua ucraniana continua prioritária. Mas, enquanto os entrevistados possuem o domínio da fala, os filhos da segunda geração frequentam a Igreja Ucraniana Católica sem entender tudo o que se diz na missa. Surgem, então, as dificuldades de manutenção e os debates acerca da tradução do ritual (SKAVRONSKI, 2015, p. 111). A homilia é feita em ucraniano e uma versão é realizada em português, porém, todo o ritual continua sem atualização, conforme apontado por Tamanini (2017, p. 121).

Portanto, o ucraniano adquiriu a condição de uma língua etnorreligiosa (OGLIARI, 1999, p. 30). Ou seja, a sua manutenção está atrelada à religião e a *ucraneidade* passa pela frequência à Igreja e pelo uso da língua ucraniana. Nas gerações mais novas, sem querer adiantar demasiadamente o assunto, o uso do ucraniano se restringe muitas vezes à utilização em alguma cerimônia religiosa.

Curitiba é um exemplo do uso mais restrito da língua à esfera religiosa. De acordo com Tamanini (2017: 66), a maior parte dos ucranianos chegou à capital paranaense após a Segunda Guerra Mundial e se instalou, principalmente, nos bairros da Água Verde e Bigorilho. Por se instalarem em uma cidade populosa e com pessoas de diferentes origens, era preciso buscar entender o que os interlocutores diziam. Dessa forma, desde sua chegada, os ucranianos precisaram deixar sua língua materna em segundo plano nas interações públicas e aprender rapidamente o português (TAMANINI, 2017, p. 69).

A capital do estado preserva marcas dos ucranianos, por exemplo, as igrejas Católica Ucraniana de Rito Oriental e Ortodoxa Ucraniana, o Parque Tingui e a Praça da Ucrânia. Mas, esses repositórios de memória são marcados, para o observador externo, muito mais pela materialidade do que pelo idioma ucraniano falado pelos descendentes dos imigrantes. A língua é praticamente imperceptível no burburinho cotidiano da cidade.

A etnicidade é uma constante negociação dos atores sociais face às interações com o *outro* que, no caso da capital do Estado, são inúmeros (BARTH, 2011). A língua acaba ficando mais restrita ao ambiente doméstico e às celebrações nas igrejas católicas e ortodoxas frequentadas pelos ucranianos na capital. A Igreja, à maneira certoniana (CERTEAU, 1994), se torna um espaço praticado em que se busca a manutenção e reinvenção da *ucraneidade* em contraste com uma cidade que muda a todo instante:

Tal qual a cidade que procurava reinventar-se, a manutenção da ucraneidade em locais de acolhida dependia do grau de tolerância entre costumes herdados e os oferecidos. Na empreitada de concessões, verifica-se que a convicção de costumes engessados cedia seu lugar à negociação e o que era comum ao grupo, em nome da sobrevivência, poderia se apagar ou ser colocado em outros graus de importância (TAMANINI, 2017, p. 67).

Em Prudentópolis as mudanças ao longo do século XX ocorreram de forma mais lenta devido ao seu contexto rural, que ainda prevalece no início do século XXI. Além disso, os ucranianos foram instalados em uma região de baixa densidade demográfica e passaram a representar o grupo numericamente hegemônico, um claro contraste com a capital Curitiba. No município, portanto, o contexto era propício à utilização do idioma ucraniano e a preservação de uma cultura ou etno-cultura ucraniana.

A resposta à dupla-pergunta “O que você pensa do fato deles [filhos, netos ou jovens em geral] não falar (ou falar) o ucraniano? Sente que isso os torna mais ou menos ucranianos?”, não foi dada de forma uníssona, pois quem não fala não é necessariamente considerado menos ucraniano. Até porque a origem, seja geográfica, dinástica ou cultural, não determina a identidade étnica; esta vai se dar a partir das interações, portanto, vai variar conforme mudam os interlocutores.

A etnicidade é tecida a partir da reivindicação de determinados aspectos como forma de diferenciação. A língua, no caso de parte dos descendentes de ucranianos em Prudentópolis, é um dos quesitos usados de forma consciente para a distinção. Mas, ela pode

não ser a única característica possível na construção da autoidentificação: haverá pessoas que podem eleger outras como símbolo identitário.

Para Emiliano (1954), entrevistado que compõe a amostragem da primeira geração analisada, a culinária, junto com a fala, seria um elemento identificador do ucraniano. O gosto por certos alimentos, o modo de prepará-los, a maneira e o momento de os consumir são parte de uma identidade cultural ou etno-cultural. As receitas ou simplesmente a variação de ingredientes e modos de combinar os ingredientes também são formas de se diferenciar: “A culinária serviu [no caso dos ucranianos] também para demarcar fronteira étnica” (ANDREAZZA, 1996, p. 185).

Poloneses e ucranianos, por possuírem uma história de conflitos na Europa e por lá viverem em regiões contíguas e disputarem territórios, buscaram/buscam no Brasil se distinguir. Assim como outros fatores (língua, alfabeto e rito religioso, para citar apenas alguns exemplos), a comida também surge como um elemento que pode ser usado para estabelecer essa separação (ANDREAZZA, 1996, p. 185).

Identificar as fronteiras étnicas entre ucranianos e poloneses baseadas na alimentação não é algo tão simples. Teleginski (2016), analisando a culinária polonesa em Irati-PR, detectou que diversos “pratos típicos” da cozinha polonesa possuem correspondentes ou algo muito similar nas receitas dos ucranianos e, não raro, são confundidos (TELEGINSKI, 2016, p. 138-139). Exemplo disso é descrito por Andreazza (1996) a respeito da *kapusta*: “Para as ucranianas, seu *kapusta* é diferente da *kapusta* polonesa pela forma de fazer a ‘mistura’, pois aquele conta com ovo, batatinha, cebola e farinha frita. Ele é mais caprichado que o dos poloneses, porque o molho é mais grosso. O deles é mais ralinho” (ANDREAZZA, 1996, p. 185. Grifo no original).

Costenaro (2013) analisou receitas de “pratos ucranianos” publicadas no jornal *Prácia*. A coluna “Para a dona de casa”, que havia no periódico dirigido pelos padres basilianos, trazia receitas tidas como próprias da culinária ucraniana. Essas receitas, assim como as polonesas analisadas por Teleginski (2016), sofriam adaptações devido à falta de um ou outro ingrediente e algumas versões de pratos, como o *Varéneke*<sup>70</sup> e o *Borsh*<sup>71</sup>, feitos em Prudentópolis eram bem diferentes daqueles feitos na Europa. Em 1964 o periódico trouxe, a

---

<sup>70</sup> O varéneke é o mesmo perohê, um pastel cozido que pode ter no recheio batata, requeijão, feijão, repolho, carne ou a combinação desses ingredientes. A “versão” polonesa é chamada de *piroque* ou *pierogi*. Para quem não é descendente de ucranianos e nem de poloneses trata-se do mesmo prato.

<sup>71</sup> O *Borsh* é uma sopa azeda, preparada normalmente com repolho, carne suína e beterraba.

partir da contribuição de uma leitora residente na Ucrânia, o que seria uma *verdadeira* receita de um *verdadeiro Borsh* (COSTENARO, 2013, p. 100). A coluna “Para a dona de casa” fez parte das publicações entre os anos de 1962 e 1995 sendo escrita exclusivamente em língua ucraniana (COSTENARO, 2013, p. 18)<sup>72</sup>.

Portanto, o público a que se destinou o periódico nos mais de 100 anos de sua circulação foi quase exclusivamente os descendentes de ucranianos. Embora as receitas ao longo do tempo tenham sido adotadas por pessoas independentemente da ascendência, no jornal, devido à língua das publicações, elas eram endereçadas para um destinatário específico.

Vemos assim que a comida, ainda que indiretamente, também possui estreita ligação com a linguagem e esta com a identidade ucraniana. Por isso, de um modo geral, quase todos os entrevistados declararam entender que é importante e que gostariam que os filhos e os jovens mantivessem o idioma. Apenas Nicolau (1976) se mostrou de algum modo conformado e/ou cético em relação à possibilidade de que a língua ucraniana subsista:

Lourenço: Você ensinou a língua ucraniana para seus filhos?

Nicolau: Não.

Lourenço: Por que você não ensinou?

Nicolau: Olha, até pelo... a gente não consegue mais hoje manter essa linha assim, que é difícil mesmo. A língua ela é bastante dificultosa mesmo, ainda mais que eles estão inseridos num mundo já bem globalizado diferente. É escola, é os meios de comunicação. Se torna difícil. Já a esposa não fala ucraniano, pra mim ficou bem difícil e foi se perdendo essas raízes.

No outro extremo há pessoas que pensam ser fundamental para um descendente de ucranianos falar a língua eslava: “Sei lá porquê; porque acho que deveria falar em ucraniano. Agora só falam mais tudo em português. As mães ensinam os pequeninhos né. É tão lindo uma criança falar ucraniano né, assim pequeninho” (Filomena, 1963). Vemos que a entrevistada não definiu o porquê dessa importância o que permite dizer que a sua *memória*, verbalizada no presente, pode estar no nível da protomemória, ou seja, é algo sobre o que não se reflete e aparece como se não fosse fruto de uma construção. Mas também pode ser uma memória de alto nível, mas que por alguma razão a pessoa não quis formular oralmente sua

---

<sup>72</sup> A respeito do jornal *Prácia*, ver também: (PRADO; ANTUNES, 2016).

metamemória (essa questão foi explicitada anteriormente a respeito de alguns trechos de outra entrevista) (CANDAU, 2016, p. 21-23).

Nicolau (1976) e Filomena (1963) apesar de serem da mesma geração apresentaram uma divergência bastante significativa. Mesmo assim, ainda podemos verificar uma homogeneidade dentro do grupo e estabelecer uma diferença em relação à geração anterior.

Na primeira *coorte*, todas as 10 pessoas entrevistadas, sem exceção, enxergam na língua uma característica fundamental do *ser* ucraniano. Alguns chegaram a afirmar que quem não fala a língua ucraniana é menos ucraniano, que é preciso falar para ser considerado como tal. Na realidade os entrevistados, ao afirmarem que é necessário falar a língua eslava, estão dando ênfase para a sua importância como um signo do grupo étnico. Nas respostas das pessoas daquela *coorte*, o *ser* ucraniano, a *ucraneidade*, passa inevitavelmente pela compreensão e capacidade de utilização do idioma.

Na segunda *coorte*, 9 das 10 pessoas, acham importante a manutenção da língua e gostariam que os filhos soubessem, mas reconhecem a dificuldade de realizar esse desejo. Diferente da geração anterior, estes são mais reticentes na resposta sobre se o domínio da língua é sinônimo de ser ucraniano.

As pessoas da segunda *coorte* atribuem à língua uma importância relacionada a questões objetivas e/ou à relevância para o mercado de trabalho. A cultura, a etnia e a tradição aparecem, mas não dominam de forma absoluta, como era na geração anterior, as motivações para o aprendizado.

Exemplo disso há na resposta de Tadeu (1976), quando questionado da razão que o levou a ensinar os filhos, embora eles não tenham aprendido a língua ucraniana em primeiro lugar e o conhecimento que possuem dela seja superficial. A maior utilização se dá quando vão para a Igreja, pois em casa prevalece, de forma quase absoluta, a língua portuguesa: “Uma, pela descendência do seu vô, do meu pai, foi uma descendência lá da Europa. Então é uma coisa importante” (Tadeu, 1976).

Logo em seguida ele desloca a discussão do foco da ascendência/descendência para o mercado de trabalho: “E outra coisa que nem falam o inglês hoje ou o espanhol... na Copa do

Mundo<sup>73</sup> né que teve o pessoal da nossa comunidade que foi pro Rio de Janeiro porque sabiam o ucraniano. Então nessa parte é importante” (Tadeu, 1976).

Joana (1973), por sua vez, se responsabilizou pelo fato dos filhos não aprenderem. Mas, trouxe a questão para o campo dos ganhos cognitivos e culturais em geral, não necessariamente ligado à etnicidade: “Mas, isso eu acho que faz falta saber mais uma língua. Desenvolve mais. Isso foi uma falha até da minha parte. Porque eles desenvolvem mais a criança, sabendo outra língua” (Joana, 1973).

Nas conversas com as pessoas da segunda *coorte* a partir das interações preliminares, com o gravador ligado ou desligado, foi possível perceber certo saudosismo. Elas acreditam que é importante a manutenção da língua ucraniana, mas reconhecem que é difícil competir com os meios de comunicação de massa exclusivamente em língua portuguesa. Por outro lado, fazem questão de dizer que frequentam a Igreja e que nela a maior parte da liturgia continua sendo feita em ucraniano. Porém, uma coisa é a ciência da dificuldade da manutenção do vernáculo. Outra é o apego que as pessoas dessas duas gerações ainda possuem e como se identificam com a língua herdada de seus ancestrais.

Na geração mais velha é mais nítido e recorrente o uso do ucraniano. Antônia (1942), por exemplo, ainda possui dificuldades em certas palavras ou expressões em português, precisando ser ajudada pelas netas. Sofia (1952) faz questão de dizer que é ucraniana e que ainda usa a língua eslava de forma clara. Angelina (1943) se diz uma ucraniana nata, daquelas que falam e cantam em ucraniano. Essa geração domina a linguagem e transmitiu para os filhos.

A geração seguinte, embora tenha aprendido o ucraniano em primeiro lugar não o transmitiu de forma prioritária para os filhos, ainda que o considere relevante para quem é descendente de ucranianos. Tadeu (1976) acha “uma ignorância” o fato de um jovem não querer aprender. Basílio (1973) pretende ensinar o(s) futuro(s) filho(s) para que, caso sejam questionados sobre a descendência, saibam também falar o idioma trazido do Velho Continente. Joana (1973) acha que faltou esforço seu no ensino da língua à filha; Filomena (1963) acha lindo a criança falar o idioma ucraniano.

---

<sup>73</sup> Em 2016, dezenas de prudentopolitanos, descendentes de ucranianos, foram contratados por uma empresa para prestar serviços no Rio de Janeiro nas obras das Olimpíadas, inclusive junto à Delegação Olímpica da Ucrânia. Portanto, essas pessoas descendentes de ucranianos foram para o Rio de Janeiro trabalhar na preparação para as Olimpíadas Rio 2016 e não para a Copa do Mundo.



Portanto, ainda há certa continuidade entre as pessoas da primeira e da segunda *coorte* no aprendizado do ucraniano como primeira língua. A mudança se torna mais sensível quando é feita uma comparação com os nascidos na terceira *coorte* (nascidos nos anos 1980 e meados da década de 1990).

Fazendo um balanço do resultado das entrevistas com os membros das duas gerações, os dados permitem desenhar um quadro mais ou menos coeso. Ninguém entre os 20 entrevistados, aprendeu a língua portuguesa em primeiro lugar e/ou exclusivamente: 18 deles aprenderam primeiramente a língua eslava; dois aprenderam as duas de forma simultânea, mas apenas para um destes indivíduos o português, desde cedo, tinha certa predominância sobre o ucraniano.

As duas amostragens analisadas permitem afirmar que há algumas permanências entre os dois grupos geracionais. As questões comuns às duas gerações, que nos interessam aqui neste momento, são o ensino prioritário da língua ucraniana para as crianças e a residência em comunidades de maioria ou quase exclusividade de descendentes de ucranianos. Mas o fato das linhas, nesses recortes de tempo, serem habitadas quase que exclusivamente por indivíduos da mesma origem, não impedia que contatos com pessoas com outras procedências. O que vai ocorrer é o aumento progressivo desses contatos e o aumento de famílias não ucranianas nas comunidades.

A partir desse contexto de constantes transformações e de estreitamento das interações entre pessoas de origens distintas é que a identidade étnica ucraniana vai se fortalecendo/construindo/reconfigurando, pois não é no isolamento que a etnicidade se desenvolve (BARTH, 2011). Por isso, o fato de existir mais casamentos mistos ou a maior utilização da língua portuguesa não significa o fim da identidade, mas sim uma oportunidade do grupo se autoidentificar e/ou se posicionar diante da nova realidade.

O sentimento de pertença, o estabelecimento de critérios para a inclusão e exclusão do grupo, as situações cotidianas que exigem uma tomada de posição, o reconhecimento do outro e o autorreconhecimento se darão a partir da vivência em sociedade. Será nessa relação face a face que as incertezas trarão a necessidade de adoção ou rejeição de uma identidade (BAUMAN, 2003, p. 41).

## 5 O USO DA LÍNGUA NAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: CONTINUIDADES E RUPTURAS

### 5.1 DE 1980 A MEADOS DOS ANOS 1990: A TERCEIRA *COORTE*

A amostragem da terceira geração também conta com 10 entrevistas, sendo que todas as pessoas dessa *coorte* nasceram no intervalo entre 1980 e 1993. Essa terceira geração apresenta algumas características que a distingue das duas anteriores, mas é importante destacar que essas mudanças já eram anunciadas, ainda que de forma sutil, nas duas gerações precedentes, sobretudo entre os nascidos nas décadas de 1960 e 1970.

Indícios já apontavam que as configurações da geração discutida neste item poderiam apresentar distinções em relação às demais até aqui abordadas. No entanto, não devemos imaginar que ocorreu uma ruptura total e/ou definitiva, pois se há diferenças importantes, também houve permanências, uma vez que pessoas de diferentes faixas etárias convivem. O que ocasiona a transmissão de valores, normas, cultura, língua e da identidade.

Pode-se evidenciar aqui uma perspectiva “linear”, uma vez que temos a impressão que ocorre uma progressiva mudança em relação ao uso ou abandono da língua dos ancestrais; em outros termos, há mudanças no processo de preservação, desconstrução ou reconstrução da identidade e das fronteiras identitárias tendo como indicador a utilização do idioma ucraniano. No entanto, a intenção é/foi privilegiar não a simples transição de uma geração à outra, mas sim enfatizar as relações intergeracionais, ou seja, que em um mesmo contexto pessoas de diferentes faixas etárias convivem e mutuamente se influenciam (BLOCH, 2002, p. 64), ainda que a narrativa possa apresentar certa linearidade em sua condução.

A primeira mudança perceptível entre os nascidos na década de 1980 e início dos anos 1990, em contraste com aqueles analisados anteriormente, é a aquisição da primeira língua. Nesta geração a amostra já aponta para uma mudança considerável nesse quesito. Nas décadas de 1980 e 1990 os casamentos mistos haviam aumentado, pois o mercado matrimonial expandiu devido ao número crescente de não ucranianos nas comunidades. Outro fator relevante foi o aumento da população urbana. Esses fatores ajudam a compreender as transformações na transição entre a segunda e a terceira geração, aqui apresentada.

Cinco pessoas dessa *coorte* tiveram o ucraniano como idioma materno, sendo que uma delas aprendeu o português de forma simultânea ao ucraniano: Márcia (1980), Claudete

(1980), Maria (1986), Cleber (1992) e Anatólia (1993), aprenderam em primeiro lugar o ucraniano. Maria (1986) revelou que a língua materna foi o ucraniano, mas o português foi aprendido quase que paralelamente, sendo o idioma eslavo privilegiado nesse processo. Para os outros cinco entrevistados o português foi aprendido primeiro e de modo exclusivo.

Das pessoas entrevistadas dessa geração que aprenderam em primeiro lugar o português, apenas uma posteriormente conseguiu adquirir e utilizar de forma fluente o ucraniano. Adriane (1986), embora tenha ascendência ucraniana tanto do lado materno como paterno, aprendeu em primeiro lugar o português; quando atingiu idade para frequentar a escola, precisou morar com a avó materna e com ela aprendeu o ucraniano. A avó falava português, mas priorizava, quase que de forma exclusiva, o idioma ucraniano e, dessa maneira, a menina aprendeu a falar a língua eslava de forma fluente.

Os demais, que aprenderam primeiro o português, não conseguiram dominar a língua ucraniana posteriormente e não possuem conhecimento linguístico para dialogar exclusivamente em ucraniano, pois somente compreendem e falam palavras soltas.

Para os entrevistados que tiveram o ucraniano como primeiro idioma, a escola continuou representando um divisor de águas, assim como nas duas gerações precedentes, pois o aprendizado da língua portuguesa passou a ocorrer de modo sistemático também a partir da idade escolar, em média entre 6 e 8 anos. Alguns já tinham irmãos mais velhos que estudavam e estes já sabiam o suficiente do vernáculo nacional para auxiliar os irmãos menores no processo. A maior interação se dava, portanto, a partir da frequência ao estabelecimento de ensino que era um *espaço* de interlocuções e de estabelecimento da diferença. Importante frisar que essas crianças voltavam para casa e conviviam com pais e avós que ainda priorizavam o idioma eslavo.

As comunidades rurais de Linha Visconde de Guarapuava, Linha Esperança e Linha Barra Bonita, por exemplo, onde parte dos entrevistados nasceu e passou a infância, já haviam começado a receber famílias de não ucranianos. Algo mais raro nas falas das pessoas das *coortes* anteriores que nasceram nos mesmos lugares. Nessa geração, mesmo nos casos em que a língua ucraniana foi ensinada em primeiro lugar, o uso concomitante com o português foi maior. Nas gerações anteriores a casa era *espaço* quase que exclusivo do ucraniano, mesmo após o aprendizado do português por todos os membros da família.

Evidentemente que há casos em que o ucraniano continuou prevalecendo por longo período nas conversações domésticas de forma quase absoluta<sup>74</sup>. No entanto, de um modo geral, essa hegemonia da língua eslava cedeu aos poucos espaço para a inserção de palavras ou expressões em português ou mesmo um constante entrelaçamento das duas línguas<sup>75</sup>. Essa introdução de termos em língua portuguesa em um diálogo em ucraniano é perfeitamente compreensível, uma vez que no Brasil o vernáculo ucraniano sofreu um processo de transformação diferente do que ocorreu na Ucrânia.

Claudete (1980) fez um comentário em sua entrevista sobre a percepção que tinha da importância da língua para a *ucraneidade* em Prudentópolis. Na fala da entrevistada surgiu a questão das adaptações devido aos contatos culturais e em razão da distância do que ocorreu na Ucrânia ao longo do século XX em termos de inovações/renovações e alterações linguísticas. Daí resultaria a peculiaridade do ucraniano falado no município:

Eu acho que a língua ucraniana que nós falamos aqui em Prudentópolis é um patrimônio da Humanidade porque eu imagino que não deva existir nos moldes que tem aqui em lugar algum porque a língua evolui. E a língua que nós temos aqui ela deve ter sido aquela que os imigrantes trouxeram e que não evoluiu, mas que... misturou muitos elementos da língua portuguesa ou outras línguas (...). Então muitos termos que utiliza no dia a dia nem deve existir mais na Ucrânia. Até porque lá a língua evoluiu (CLAUDETE, 1980).

A problemática levantada por nossa entrevistada demonstra que o que se fala e o modo como se fala *muda em função do contexto*. No caso dos descendentes de ucranianos em Prudentópolis, à medida que as interações com os falantes de outros idiomas (principalmente do vernáculo nacional) foram ocorrendo e devido ao pouco intercâmbio com a Ucrânia. Houve adaptações na língua: palavras foram criadas pela junção de termos ucranianos e portugueses para suprir as necessidades de comunicação. Essa situação já foi citada no primeiro capítulo com base na tese de Simionato (2012, p. 41), que estudou o processo de alfabetização de crianças descendentes de ucranianos em Prudentópolis.

O que é perceptível na amostragem é a preocupação com a manutenção da língua e um entendimento de que ela é fundamental para a *ucraneidade*, ainda que outros elementos como a culinária e religião, por exemplo, sejam elencados. Porém, com os meios de comunicação de

---

<sup>74</sup> Exemplo disso são as famílias de Márcia (1980) e Anatólia (1993). Mesmo todos os membros da família dominando o português, a língua ucraniana continuava quase que absoluta nos diálogos entre os familiares.

<sup>75</sup> Cleber (1992) e Maria (1986) são exemplos disso.

massa (televisão e rádio) em língua portuguesa, o aumento do número de pessoas não ucranianas nas linhas, os casamentos mistos, entre outros aspectos, a sobrevivência da língua se torna um desafio cada vez maior.

Os nascidos na década de 1980 até meados dos anos 1990 cresceram em um período em que os meios de comunicação são mais acessíveis e mais comuns e isso acaba interferindo no modo de vivenciar a identidade: “A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. (...) pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou *levar ao surgimento de novas posições* de identidade” (WOODWARD, 2014, p. 21. Grifo nosso). As mudanças culturais, portanto, não acabam com uma identidade étnica, elas propiciam demarcações novas.

Nesse sentido, em tempos de incerteza, conforme salientou Bauman (2003, p. 41), as questões identitárias são objeto de análise mais detida, ou seja, diante da possibilidade do desaparecimento da língua pode surgir o sentimento de pertencimento e a tomada de posições em defesa da manutenção desta. Esse contexto e essas relações intergeracionais ensinam a possibilidade de pensar na “Lei de Hansen”, ou seja, que em determinado momento, que pode ser na terceira geração, mas que pode ser posterior também, ocorra a retomada de um sentimento de pertencimento ou reconfiguração (GREEN, 2008, p. 29).

Além disso, seguindo as premissas barthianas da identidade étnica, o aumento gradativo das interações com pessoas que desconhecem a língua ucraniana fará com que os descendentes no município passem a utilizar o idioma ucraniano como parte de uma cultura mais ampla e de maneira mais refletida, como uma forma de se afirmar quem *se é* e qual origem possuem. Embora já não existam as mesmas condições de transmitir aquilo que aprenderam com os pais e avós no passado, enxergam no uso do idioma no presente não apenas a transmissão de uma cultura ou uma tradição naturalmente herdada, mas um símbolo de pertencimento.

Os integrantes dessa *coorte* afirmaram em diversos momentos que seus pais e avós faziam uso da língua ucraniana de uma forma inconsciente sem, portanto, produzir uma “metamemória” a respeito do uso idioma (CANDAU, 2016, p. 23), pois era a língua com a qual tinham maior contato e com a qual pensavam o mundo. Essa atitude corrobora a ideia da cultura como algo inconsciente, conforme apontou Cuche (2002).

Por outro lado, esses mesmos entrevistados destacam que seus pais e avós, em presença de vizinhos brasileiros, por exemplo, automaticamente se comunicavam em

português, voltando a falar em ucraniano quando estavam apenas os membros da família. Isso, portanto, era um uso calculado em face de não membros do grupo. Nesse momento já se adentra nos domínios barthianos da identidade, pois se opta conscientemente pelo modo como se apresentar e se portar diante de quem não tem a mesma ascendência.

Os entrevistados trazem em suas falas percepções claras a respeito da sociedade prudentopolitana em transição, uma vez que apontam para a diminuição do uso do ucraniano em público, bem como a necessidade de que algo seja feito para a língua não deixar de ser praticada devido à sua relevância para a identidade ucraniana. Não podemos afirmar de modo absoluto que inexistia nas gerações anteriores o sentimento de etnicidade, mas é crível dizer que prevalecia uma “protomemória” sobre a identidade étnica (CANDAU, 2016, p. 23).

Além disso, conforme já citado, aprenderam em primeiro lugar a língua portuguesa e observaram que o idioma ucraniano era usado muitas vezes para assuntos que não deviam ser compreendidos por todos ou quando queriam demonstrar sua ascendência. Hallyssom (1982) destacou, por exemplo, que sua mãe, na roda de chimarrão com as vizinhas, fazia questão de usar o ucraniano mesmo não tendo dificuldade com o português e sendo casada com alguém que não era descendente e que não dominava o idioma eslavo.

De acordo com nosso entrevistado, a mãe e seus tios se viam na obrigação de manter a língua; se não obtiveram sucesso em transmitir esse conhecimento aos filhos, pelo menos entre os irmãos a tradição deveria ser mantida: “Eles se criaram nesse meio ucraniano mais tradicional e era quase uma obrigação preservar essa língua, preservar essa forma que se fala em relação ao ucraniano” (Hallyssom, 1982).

O entrevistado citado aprendeu em primeiro lugar a língua portuguesa e sempre residiu na área urbana, em um contexto de choques culturais maiores em relação à zona rural. Ele acabou tendo contato e sabendo alguma coisa em língua ucraniana nas atividades relacionadas com a religião, pois o aprendizado das orações e a frequência à Igreja Ucraniana Católica de Rito Bizantino. Questionado sobre a importância do idioma para a identidade ucraniana, Hallyssom (1982) foi enfático:

Importantíssimo Lourenço. Eu mesmo me arrependo muito de não ter aproveitado a oportunidade de ter alguém dentro da minha casa que falava e conhecia a língua e hoje eu não ter total domínio. Não tenho domínio dessa língua. Então acredito que seja importante pela questão da manutenção da raça, da etnia, da cultura e todos os princípios que traz pra nós, religiosidade e conhecimentos gerais (Hallyssom, 1982).

Mas saber a importância não é sinônimo de tomada de posição ou esforço para aprender e cultivar o idioma ou qualquer outra característica etno-cultural ucraniana. Solange (1986), por exemplo, costuma frequentar tanto a igreja São Josafat (ucraniana) quanto as igrejas Matriz São João Batista e Santuário Nossa Senhora das Graças (brasileiras). Quando acompanhada da filha e do marido, vai às celebrações em português; quando vai sozinha, prefere as missas em que todo o ritual é sem tradução, mesmo não dominando de forma fluente o ucraniano.

Luana (1991) também frequenta a igreja ucraniana, sabe algumas orações, mas não domina o idioma eslavo. Para uma parcela de descendentes de ucranianos das gerações mais jovens, ir à Igreja e assistir a liturgia celebrada de modo quase totalmente incompreensível se tornou um hábito cultural do qual não se reflete e que não se produz uma narrativa sobre (CUCHE, 2002, p. 176; CANDAU, 2016, p. 21-23).

Importante frisar que a identidade, por se formar de modo relacional, conforme apontou Cuche (2002, p. 182), não prescinde da cultura. É justamente a partir dos elementos culturais, trazidos pelos imigrantes, que vai ser possível estabelecer uma diferença e se construir uma identidade. Portanto, a discussão identitária está sempre atrelada a uma discussão cultural. A preservação da identidade e a manutenção de fronteiras étnicas só são possíveis quando o conjunto etno-cultural é considerado nas interações sociais “definindo o termo *cultura* em um sentido razoavelmente amplo de forma a incluir atitudes, mentalidades e valores e suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações” (BURKE, 2003, p. 16-17. Grifo no original).

Outro cuidado importante é não partir do pressuposto que a identidade, étnica ou cultural, é única. Na medida em que ela se constrói em um contexto de relações, que tanto podem ser conflituosas ou amistosas, é maleável e sempre passível de revisão dependendo do contexto: “A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre várias identidades possíveis” (WOODWARD, 2014, p. 19).

Aparece nas falas das pessoas da amostragem, de duas ao menos, a questão da vergonha do uso da língua, o que poderia significar rejeição e negação da identidade étnica. Maria (1986), ao falar a respeito da diminuição do uso do idioma pelos jovens, comentou que a vergonha, entre diversos fatores, poderia ser uma razão para a falta de interesse e/ou empenho em aprender/utilizar o ucraniano, pois o sotaque da pessoa bilíngue, conforme discutido já discutido, é bastante característico. Claudete (1980) também ressaltou que na infância, antes de aprender o português, se sentia desconfortável ao ir para a área urbana e

perceber que todos falavam uma língua desconhecida e por não conseguir se comunicar plenamente.

O que é narrado pelas pessoas a esse respeito também pode ser pensado como fruto do contexto *diglótico* da língua ucraniana em relação à língua portuguesa: o idioma ucraniano ficando restrito a ambientes privados (basicamente ambientes domésticos ou locais específicos como a Igreja), e a língua portuguesa sendo privilegiada em locais e assuntos públicos (escola, emissoras de rádio, documentos, etc.). Lembrando que “público” e “privado” são conceitos que mudam conforme a época e a sociedade (ARIÈS, 1991, p. 9).

Para as gerações discutidas no capítulo precedente, essa distinção era um pouco mais difícil de ser feita, pois tanto na residência como na comunidade (na casa dos vizinhos, na igreja, nos armazéns de secos e molhados existentes em algumas localidades) o idioma ucraniano era usado tranquilamente<sup>76</sup>. Já para as pessoas mais jovens o uso “privado” se restringe, muitas vezes, aos ambientes domésticos e com familiares, e o “público” se limita às celebrações na igreja.

Nesse ponto também podemos recorrer mais uma vez aos pressupostos barthianos para discutir essa situação, pois a identidade étnica está, também, ligada às vantagens e desvantagens que esta possa acarretar (VILLAR, 2004, p. 181). Dessa maneira, a *ucraneidade*, a partir da fala, também está sujeita a esse tipo de situação. Contudo, isso não significa uma negação completa e irreversível, pois, dependendo do ambiente, público ou privado, a identidade étnica pode ser exposta ou escondida.

O mesmo indivíduo que, após uma determinada circunstância, tenha se sentido impelido a esconder sua pertença étnica devido ao contexto desfavorável, poderá expor, em um ambiente propício, seus vínculos com o grupo. Para a teoria barthiana isso não é um problema, uma vez que a etnicidade se forma e se transforma nessas interações e poderá ganhar contornos diferentes conforme os interlocutores.

As situações de vergonha ao se falar em ucraniano, elencadas a partir das entrevistas de Claudete (1980) e Maria (1986), demonstram claramente a percepção da diferença a partir da oralidade. As ocasiões em que as entrevistadas sentiram desconforto em função do ucraniano (pelo não entendimento do português em um caso e pelo sotaque no outro),

---

<sup>76</sup> Armazéns de secos e molhados são comuns na zona rural de Prudentópolis, bem como de outros municípios e mesmo outras regiões do país. Sendo “secos” os produtos não comestíveis e “molhados” os alimentos e bebidas (KOSS, 2013, p. 23).



ocorreram em ambientes desfavoráveis, portanto, em ambientes em que *omitir* a identidade é algo compreensível.

No entanto, ao se depararem com um espaço favorável, ou seja, em que mais pessoas usam o idioma abertamente, a *ucraneidade* pode aflorar novamente. Além disso, a etnicidade costuma se manifestar quando há condições seguras (NADALIN, 2019, Inédito). Portanto, há casos em que a rejeição é algo que ocorre na infância e na adolescência, mas passada essa fase de transformações mais abruptas e de formação da personalidade, o sentimento de pertença pode aparecer. Os entrevistados desta *coorte* que não falam o ucraniano fluentemente e apenas sabem palavras soltas expressaram certo desapontamento consigo mesmos por não terem aprendido quando mais jovens.

Havia nas comunidades a hegemonia da língua ucraniana nas décadas de nascimento, infância e juventude das duas gerações analisadas no capítulo 3. Por essa razão, segundo Claudete (1980) e Márcia (1980), os pais e avós poderiam até não ter a percepção clara de que ao usar o ucraniano estavam se distinguindo etnicamente. O que faz com que as reminiscências daquelas gerações estejam no campo da “protomemória” (CANDAU, 2016, p. 21-23). Mas, conforme a fala das duas entrevistadas, o idioma era sempre usado no ambiente doméstico e evitado em face de estranhos que o desconheciam. Portanto, os pais e avós tinham ciência de que a língua eslava os fazia pertencer a um grupo.

A amostragem dos nascidos na década de 1980 e meados da década de 1990 revela que há nesta geração uma visão mais clara da perda da língua e de como esta diminuição do uso afeta a identidade étnica. As gerações anteriores sabiam quem era o *outro* e viviam em um contexto onde o comum era dialogar em ucraniano com praticamente todas as faixas etárias de pessoas descendentes. Na geração analisada aqui há um uso muito mais comedido, mas por isso mesmo muito mais refletido e consciente do seu significado. Mas, é cada vez mais difícil pensarmos em apenas uma identidade única entres os descendentes de ucranianos, bem como dizer com clareza quais são os fatores que marcam as fronteiras étnicas (SILVA, 2014, p. 87).

Uma questão que aparece nesta geração, mais explicitamente que nas anteriores, é a referência e/ou reconhecimento da existência do preconceito contra quem não era ucraniano e, principalmente, tinha a pele mais morena. Embora essa situação não fosse diretamente ligada à língua, acabava tendo implicações com o idioma também.

No período da infância que Adriane (1986) morou com os avós maternos, estes davam ampla preferência à língua ucraniana e a avó ficava contrariada quando a neta usava o

português. Quando Adriane (1986) falava em português era repreendida e chamada de “negrinha”. Para a avó, pessoas negras não falavam o ucraniano e, como Adriane não era negra, deveria falar a língua dos ancestrais. Nossa entrevistada disse que sabia que quando a *Bába* (avó) a chamava dessa forma era por ter conversado em português.

Também vemos que os integrantes reunidos nesta *coorte*, com base em uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006), narram também situações que eles não vivenciaram, mas que ouviram falar, que lhes foram narradas. Assim, amparado na memória coletiva da família e do grupo étnico, é que Carlos (1985) fez relato sobre a intolerância e/ou preconceito com a cor da pele, sobretudo quando a questão envolvia a possibilidade de núpcias com alguém mais “escurinho” (expressão usada pelo entrevistado).

Luana (1991) não sofreu qualquer tipo de interferência e/ou recebeu recomendações para se relacionar com rapazes que fossem descendentes de ucranianos. Mas, também amparada na memória familiar, destacou que “os mais antigos” tinham preocupação mais acentuada em relação a isso e que a tia sofreu resistência da família, principalmente do pai (avô de Luana), por se relacionar com alguém que não era ucraniano. Situação muito parecida foi narrada por Adriane (1986), ao contar que sua irmã namorou um rapaz negro que não foi bem aceito, principalmente pela mãe de nossa entrevistada.

Márcia (1980) não fez menção à questão da cor da tez, mas destacou que havia a exigência para que o noivo também fosse descendente de ucranianos, pois para os pais era fundamental que a escolha do cônjuge se desse dentro do grupo ucraniano: “Até por sinal o primeiro casamento foi... só ocorreu porque era uma pessoa descendente de ucranianos. Eles permitiram eu ter me casado tão jovem, nova, por ser uma pessoa de boa família” (Márcia, 1980)<sup>77</sup>.

A restrição à escolha de um namorado ou uma namorada que não fosse da mesma origem ou que tivesse a pele negra também apareceu na fala de Claudete (1980). A resistência de parte da família ao saber de seu relacionamento com uma pessoa negra foi grande. A oposição era tão significativa e aberta que Claudete sofreu até agressão por conta disso<sup>78</sup>.

Portanto, o que constatamos nas entrevistas com as pessoas dessa geração é uma percepção mais aguda de como as relações intergeracionais afetam a configuração da

---

<sup>77</sup> O adjetivo “boa família” está fazendo referência, sobretudo, ao fato da família do noivo ser também de origem ucraniana e frequentar círculos sociais comuns, como a Igreja.

<sup>78</sup> Claudete (1980) teve seu rosto cuspidor por um dos irmãos quando este soube do namoro dela com um rapaz negro.

identidade e as fronteiras étnicas. Da mesma forma é perceptível, frente à diminuição do uso do ucraniano, que o idioma é algo que distingue quem possui essa ascendência, além da questão etno-cultural que a fala obviamente representa.

## 5.2 FINAL DA DÉCADA DE 1990 AO INÍCIO DOS ANOS 2000: A QUARTA *COORTE*

A quarta geração aprofunda as diferenças em relação ao uso e domínio da língua ucraniana no município. A *coorte* aqui é formada pelo mesmo número de entrevistas das anteriores, sendo metade da área urbana e metade da zona rural. São jovens nascidos a partir da segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000 e, em razão da diferença etária, apresentam diferenças significativas em relação aos entrevistados das outras gerações.

Foi possível perceber nessa *coorte* um acentuado processo de diminuição do uso da língua ucraniana. Esses jovens relataram um contato bastante frequente com o ucraniano, em razão do convívio com familiares mais velhos que ainda o utilizam para a comunicação, porém sua compreensão do que ouvem e sua capacidade de verbalizar o que pensam em ucraniano é muito reduzida.

Dos cinco entrevistados da área rural temos a seguinte situação: Selene (2000), por exemplo, conviveu sempre com a avó que fala fluentemente a língua ucraniana e como aprendeu as duas línguas de forma simultânea possui um bom grau de compreensão do que ouve. Entretanto, com o passar do tempo, a língua portuguesa foi se sobressaindo e a entrevistada já não possui a mesma desenvoltura na hora de verbalizar as palavras em língua ucraniana; a frequência à escola e o acesso aos meios e comunicação em língua portuguesa acentuaram a *diglossia*. Edimar (1998), por sua vez, aprendeu em primeiro lugar o português, mas em razão do convívio com familiares e pessoas da comunidade, consegue entender e se expressar razoavelmente na língua dos ancestrais<sup>79</sup>.

Em contrapartida, Adriano (2001), Anderson (2000) e Daniela (2000), compreendem pouco do que ouvem em ucraniano. A compreensão que possuem não é palavra por palavra e eles deduzem o tema dialogado por palavras-chave e pelo contexto da conversa. E, se o

---

<sup>79</sup> Edimar (1998) tem o sobrenome de origem alemã, mas o pai não domina a língua alemã e, devido ao contexto familiar, o ucraniano se sobrepôs completamente ao alemão.

entendimento é reduzido, a condição de falar é menor ainda. O que sabem são palavras soltas, mesmo convivendo com pessoas mais velhas que frequentemente utilizam o idioma.

Já os cinco jovens que sempre residiram na cidade, Jeferson (2000), Luiz Miguel (2001), Isabela (2001), Lucas (2001) e Jonas (2001), além de terem o português como língua materna, têm um contexto familiar que propicia pouco contato com o ucraniano. Tanto que a compreensão que possuem do vernáculo eslavo é praticamente nula, salvo algum vocábulo solto e desconexo de qualquer diálogo. Mas, independente de terem nascido na cidade ou no interior, o que todos os 10 entrevistados da amostragem declararam saber na língua ucraniana são as orações, que na maior parte das vezes são decoradas sem que se saiba o significado das palavras repetidas.

Conforme dito antes, o contato com a língua ucraniana se dá basicamente, e em alguns casos exclusivamente, na igreja, tanto pela frequência à catequese como nas celebrações dominicais<sup>80</sup>. Mas, de um modo geral, todos disseram achar importante a manutenção da língua ucraniana e que ela identifica os descendentes de ucranianos em Prudentópolis. No entanto, nenhum participa de qualquer organização, clube ou qualquer movimento em defesa da língua ucraniana ou que promova o aumento do uso do vernáculo eslavo. Dessa maneira, como já explicitado acima, são pequenas as possibilidades de que sejam propagadores do idioma.

A última geração analisada é marcada por uma aprendizagem quase absoluta do português, mas há casos em que o ucraniano é ensinado em primeiro lugar, principalmente nas comunidades rurais. Simionato (2012), em sua pesquisa de doutoramento, estudou o processo de alfabetização no município de Prudentópolis, com ênfase nas escolas localizadas nas áreas rurais. Em 2009, das 750 crianças que ingressaram no primeiro ano escolar, nas 59 escolas rurais pesquisadas, 18 (2,4%) falavam apenas a língua ucraniana (SIMIONATO, 2012, p. 265). No referido ano, entre os 2213 alunos de primeira até a quinta série, havia 643 (29,05%) que sabiam, de acordo com a autora, ambas as línguas (portuguesa e ucraniana), mas já sem um domínio equivalente dos dois idiomas.

Muitas crianças residentes nas áreas rurais possuem uma boa compreensão e verbalização do ucraniano na infância, período em que ainda possuem pouco contato com o mundo não doméstico e são cuidadas muitas vezes pelos avós. Essa situação é comum em

---

<sup>80</sup> Alguns, principalmente dos residentes na área urbana, disseram que a frequência na igreja é baixa.

comunidades do interior e fundamental para o funcionamento de sociedades de agricultura familiar (BLOCH, 2002, p. 64).

À medida que a idade escolar chega e o leque de interações sociais é ampliado, a língua ucraniana vai perdendo força. É o caso de Selene (2000), que era bilíngue na infância, mas que, aos poucos, foi perdendo sua capacidade de utilizar os dois idiomas de forma satisfatória, e o português acabou superando a utilização da língua etno-cultural. Contudo, o fato de no ano de 2009 crianças em idade escolar ainda não falar em língua portuguesa, conforme apurou Simionato (2012, p. 265), demonstra que a vitalidade do ucraniano apontada por Ogliari (1999, p. 22) resiste ao avanço do português.

As duas gerações analisadas neste capítulo podem formar dois grupos em função da língua materna e do nascimento/residência na área urbana ou rural<sup>81</sup>: o maior domínio do idioma ucraniano aparece entre os nascidos nas comunidades rurais. Dentre estes, quatro aprenderam o português apenas após a entrada na escola.

Mas, ainda nesse grupo, há uma sensível diminuição do domínio do vernáculo dos ancestrais, pois aprenderam em primeiro lugar, muitas vezes, o português. Mesmo quando a língua eslava é prioridade na infância, a língua portuguesa passa a ocupar espaço muito mais cedo que nas gerações analisadas no capítulo anterior. Conforme especificado anteriormente, todos os 9 entrevistados que nasceram na área urbana tiveram o português como idioma principal, todos possuem um baixo domínio do ucraniano e, basicamente, o que de fato sabem são orações e seu contato primordial com o ucraniano é a Igreja.

### 5.3 O CONVÍVIO ENTRE DIFERENTES GERAÇÕES EM UM MESMO ESPAÇO E MESMO RECORTE DE TEMPO: TEMPORALIDADES TRANSVERSAIS

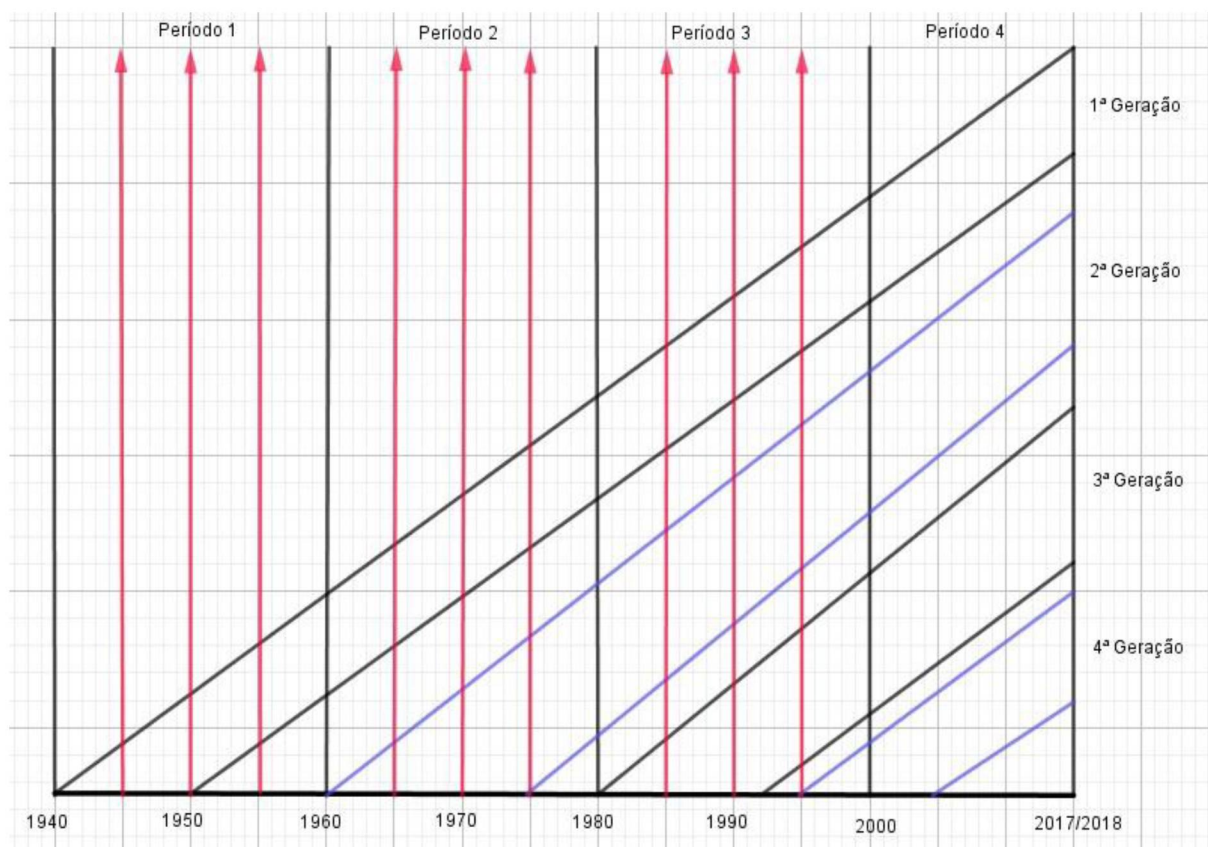
As considerações feitas nos dois primeiros itens do presente capítulo (terceira e quarta geração) são importantes para que possamos fazer um contraponto ao capítulo 3 (primeira e segunda geração), ainda que algumas características permaneçam quando a análise é realizada. A partir disso surge, na nossa avaliação, a necessidade de considerar as

---

<sup>81</sup> **Nascidos na área rural:** Márcia (1980), Claudete (1980), Adriane (1986), Maria (1986), Cleber (1992), Anatólia (1993), Edimar (1998), Selene (2000), Anderson (2000), Daniela (2000) e Adriano (2001). **Nascidos na área urbana:** Hallyssom (1982), Carlos (1985), Solange (1986), Luana (1991), Jeferson (2000), Luiz Miguel (2001), Isabela (2001), Lucas (2001) e Jonas (2001).

temporalidades transversais, ou seja, períodos de tempo em que as pessoas das quatro gerações analisadas, independente da faixa etária, conviveram e vivenciaram a sociedade prudentopolitana.

IMAGEM 1: DIAGRAMA DA  
HISTÓRIA DE PRUDENTÓPOLIS EM QUATRO PERÍODOS (1940-2018)



Fonte: elaborado pelo autor.

Na imagem acima (diagrama) há uma divisão em quatro períodos, começando em 1940, década de nascimento dos sujeitos mais velhos, e terminando nos anos de 2017-2018, quando as entrevistas foram realizadas.

A partir do diagrama percebemos que o primeiro período, de 1940 a 1960, foi vivenciado basicamente pela primeira geração estudada, bem como pessoas mais velhas de gerações anteriores (os pais e avós dos entrevistados). Nesse contexto, a economia de Prudentópolis era essencialmente agrária e as comunidades eram constituídas por um predomínio de famílias de uma mesma origem.

As localidades com hegemonia de ucranianos possuíam poucas famílias brasileiras e/ou polonesas; da mesma forma, as comunidades de maioria polonesa registravam pequena presença ucraniana. A concentração de indivíduos da mesma origem em uma região se deu em função do modo como as colônias foram criadas e povoadas no final do século XIX e início do século XX.

Linhas como Visconde de Guarapuava, Visconde Nácar, XV de Novembro, Barra Bonita, Esperança, Ligação, Alto Barra Grande, Pimental e Capanema, comunidades em que parte de nossos entrevistados nasceram, são de maioria ucraniana. Com a mesma configuração podemos citar também: Eduardo Chaves, Sete de Setembro, Rio Preto, Ivaí, Nova Galícia, Gramadinho, Barra Vermelha, etc. Linhas de maioria polonesa: Jaciaba, São Francisquinho, Lajeado Raso, Vitorino, todas no Norte de Prudentópolis, mais distantes do centro urbano municipal.

No entanto, o predomínio de pessoas com determinada ascendência não significa que nessas linhas espalhadas pelo município não havia interações, pois nenhuma era autossuficiente. Junto às atividades agrícolas, a partir da década de 1940, houve em Prudentópolis uma intensificação da atividade madeireira, com o crescimento do número de serrarias que cortavam e serravam a madeira, principalmente o pinheiro e a imbuia (GUIL et al; 2006, p. 33).

Podemos aventar que houve, a partir dessa época, um crescimento econômico ou maior prosperidade material no município, acompanhado de um aumento populacional importante. Conforme dados da tabela 2, a população total de Prudentópolis de 1940 até 1970 cresceu de 22.760 para 35.089 habitantes, um incremento populacional de 54,16% em 30 anos, um acréscimo médio de pouco mais de 18% a cada década<sup>82</sup>.

A abundância de madeira atraiu pessoas de outras regiões para o município. A família Agibert, por exemplo, da qual saíram vários prefeitos, era oriunda de São Paulo. A família Ditzel, de origem alemã, também com forte atuação política, era ligada ao setor madeireiro. Essa atividade, além de atrair pessoas de fora, aumentava a circulação de indivíduos pelo interior e o intercâmbio com outras regiões paranaenses (GUIL et al; 2006, p. 25).

---

<sup>82</sup> A população continuou crescendo, mas o ritmo foi menor, pois o número de habitantes aumentou cerca de 32,02% nas três décadas seguintes, pouco mais de 10% a cada 10 anos (passou de 35.089, em 1970, para 46.323 habitantes, em 2000).

A importância da madeira para a economia de Prudentópolis também se refletiu na política, pois vários prefeitos do município estavam diretamente ligados a essa atividade econômica. Nas décadas de 1940 e 1950 Newton Agibert e Afonso Ditzel estiveram à frente do executivo municipal, ambos ligados ao setor madeireiro. No início da década de 1960, Antonio Witchemichen, e no final da década de 1960 e início dos anos 1970, Gilberto Agibert, ambos donos de serraria, ocuparam a cadeira de prefeito. Na década de 1980 e início dos anos 2000, por dois mandatos, Gilberto Agibert Filho esteve à frente da Prefeitura. Ainda nos anos 1990, Markiano Antonio, dono de serraria, administrou o município (GUIL et al; 2006, p. 25).

Atualmente as serrarias estão instaladas às margens do perímetro urbano, algumas foram circundadas pelos bairros citadinos. Contudo, em décadas anteriores, elas não se limitavam à proximidade com a urbe, estavam localizadas próximas à matéria-prima. A entrevistada Sônia (1949) revelou que na comunidade de Linha Barra Bonita, quando ela era criança (basicamente na década de 1950), existiam pelo menos duas serrarias. Uma pertencia à família Ternovski, de origem ucraniana. A outra serraria, a do “Velho Schafranski”, conforme denominação da entrevistada, ao que tudo indica, era propriedade de poloneses, pois o sobrenome do proprietário sugere tal origem.

Na referida Linha, no trabalho no corte das árvores, segundo Sônia (1949), havia alguns trabalhadores brasileiros, algo incomum na comunidade, e diante dessa nova situação poderia ocorrer a percepção do “outro”. A Linha Barra Bonita, assim como comunidades em seu entorno, possuía tanta madeira que possibilitou a construção de serrarias, conforme ressaltou nossa entrevistada. Na mesma época, além da madeira, a comunidade passou a explorar a extração e o cultivo da erva-mate, o que propiciou que muitos imigrantes e descendentes instalados ali melhorassem de vida (ZAROSKI, 2001, p. 29)

Sônia (1949), comentando sobre a separação em relação aos brasileiros que trabalhavam na empresa madeireira perto da sua casa, recordou as dificuldades de comunicação em razão da incompreensão mútua da língua: “Não se misturava! (...) eles falavam e nós não sabia o que eles falavam e nós falava e eles não entendiam o que nós falava. Era assim que não se entendia as coisas e a gente tinha tanto medo” (Sônia, 1949).

Um dado interessante revelado na entrevista é que a serraria próxima à sua residência, em que havia trabalhadores brasileiros, era de propriedade de um polonês (do “Velho Schafranski”) e não de um proprietário ucraniano. Por essa razão, podemos cogitar o fato dos empregados não serem apenas de origem ucraniana, maioria na comunidade, mas também



brasileiros e poloneses. Os empregados, uma parte ao menos, moravam junto à empresa e, muito provavelmente, ocupavam moradias cedidas pela serraria.

A partir da conversa com Sônia (1949) e da leitura do livro de Guil (2006) sobre o Centenário de emancipação política de Prudentópolis, foi possível perceber que, embora a economia prudentopolitana esteja estruturada na agricultura, os imigrantes (ucranianos, poloneses, alemães, entre outros), bem como luso-brasileiros, desenvolveram diversas outras atividades econômicas nos mais de 100 anos desde que a cidade se emancipou de Guarapuava.

A primeira metade da década de 1940, período do Estado Novo e também da Segunda Guerra Mundial, foi marcada por algumas situações que afetaram a história prudentopolitana. Uma delas foi a suspensão das atividades do jornal *Prácia* (Trabalho) no início dos anos 1940 em razão dos desdobramentos da guerra que se intensificava<sup>83</sup>.

A restrição às línguas estrangeiras durante o governo Vargas, principalmente entre 1937 a 1945, não se restringiu à proibição destas nas escolas<sup>84</sup>. A interdição se estendeu ao uso em público e determinou que as celebrações litúrgicas fossem feitas na língua nacional. Para os ucranianos que, embora católicos, seguiam um rito religioso oriental em que a língua era parte constitutiva do próprio rito, o artigo 16º do Decreto 1.545/1939 representava um grande problema (SOUZA, 2011, p. 41).

Os habitantes de Prudentópolis, descendentes de ucranianos que praticamente não falavam o português na década de 1940, conforme demonstrado nas entrevistas, passaram, segundo Guérios (2007, p. 218), a realizar a desobediência civil. Em Prudentópolis, com os ucranianos e poloneses, assim como outros imigrantes em outras cidades do Estado e do país, a “desobediência civil” se deu também pela falta de fiscalização mais efetiva, em razão das dimensões continentais do país, bem como pela falta de estrutura do Estado Brasileiro para executar tal vistoria. Ela também ocorreu porque acatar ao pé da letra o Decreto presidencial era impossível, uma vez que muitos prudentopolitanos não dominavam de modo satisfatório a língua portuguesa.

---

<sup>83</sup> O periódico era/é editado pelos padres ucranianos da Ordem de São Basílio Magno (OSBM); a importância e atuação do jornal ucraniano-brasileiro *Prácia* será mais explorada no capítulo 5.

<sup>84</sup> Importante destacar que as disciplinas de línguas não eram afetadas. O que o governo de Getúlio Vargas determinou é que a língua portuguesa fosse a língua em que as aulas seriam ministradas.

Os alemães também sofreram com a política de restrição linguística durante o governo getulista. Em Curitiba houve uma “exacerbação das paixões nacionais propiciadas pelo período Vargas, sobretudo durante o Estado Novo” (NADALIN, 2007a, p. 15). Mas mesmo antes do governo Vargas, no intervalo entre as duas grandes guerras, a tensão para a comunidade de origem germânica havia sido grande, tanto pela língua como pela religião na denominação “Comunidade Evangélica Alemã”.

A coação estado-novista à vida da paróquia luterana de origem germânica foi grande, pois a partir de 1938 as atas paroquiais são escritas em português e os documentos de 1932 a 1938 desapareceram (NADALIN, 2007a, p. 14-17). Contudo os problemas enfrentados pelos alemães não começaram e nem se restringiram ao intervalo de tempo em que Vargas ocupou o Palácio do Catete; antes da Primeira Guerra já havia ideias que circulavam dando conta de um “perigo alemão” e de interesses expansionistas germânicos na América (NADALIN, 2012, p. 73).

Portanto, os ucranianos não eram os únicos a passar por interdições linguísticas. A mão do Estado foi sentida com maior força em instituições com estrutura física fixa, caso das escolas e redações de jornais, por exemplo, uma vez que nos locais públicos, como mercados e ruas, era difícil uma fiscalização mais rígida. A pressão sobre os meios de comunicação resultou no fechamento de jornais como o *Précia* no início da década de 1940.

As escolas no município, dirigidas principalmente por Congregações religiosas, especialmente das Irmãs Servas de Maria Imaculada, tiveram sua autonomia pedagógica e linguística afetada, bem como sofreram alterações em suas atuações. Na Linha Tijuco Preto, durante o Estado Novo, sobretudo no início dos anos 1940, as Irmãs ministravam aulas de ucraniano às escondidas, após o horário de funcionamento da escola, pois tais aulas eram vetadas pelo governo (ZAWADZKI, 1998, p. 28).

Mas, de modo geral, no primeiro período representado no diagrama (décadas de 1940 a 1960), ainda que houvesse alguns obstáculos quanto à prática do idioma eslavo pelos descendentes de ucranianos no município, não houve uma ruptura. Esta não ocorreu por um conjunto de fatores interligados: 1) porque mesmo durante a repressão varguista o Estado não ofereceu, por exemplo, um sistema de ensino que substituísse de forma plena os métodos de ensino nem os professores de origem imigrante; 2) o Estado Brasileiro não possuía aparato para realizar uma fiscalização rígida; 3) nas comunidades rurais, localidades que até o momento presente são de difícil acesso, sobretudo em dias chuvosos, a vida cotidiana não sofreu abalos, permitindo que os pais ensinassem, em primeiro lugar, a língua ucraniana aos

filhos (SIMIONATO, 2012, p. 15); 4) a cultura imigrante trazida pelos ucranianos tinha condições de se manter, ainda que obviamente passasse por adaptações.

Portanto, as medidas estado-novistas não afetaram de modo direto a vida das pessoas entrevistadas e, aparentemente, nem de seus contemporâneos, pois elas ocorreram em período anterior ao nascimento dos indivíduos dessa geração e, além disso, a implantação dessas ações enfrentou as dificuldades pontuadas acima.

Mas isso não impediu a referência, ainda que indireta, a esse conjunto de políticas do governo getulista. Sofia (1952), ao relembrar o período em que estudava, ressaltou a liberdade em falar ucraniano, mesmo com as aulas sendo em português: “Era tudo ucraniano. Na época não era proibido né podia falar e até hoje não é graças a Deus. Porque existem as aulas ucranianas” (Sofia, 1952).

Dessa forma, as proibições do Decreto 1.545/1939 não influenciaram de forma direta a vida das pessoas entrevistadas que compõem as quatro gerações. Quando a maioria delas nasceu, o decreto já não tinha mais efeito, pois em 1946 uma nova Constituição havia entrado em vigor. As consequências da legislação, porém, não se restringiram ao seu período de vigência; sua interferência no uso da língua ucraniana em Prudentópolis se dará de forma mais lenta, mas progressivamente.

A consequência mais importante foi o desmantelamento das escolas étnicas. Nas comunidades rurais, conforme dito acima, as pessoas continuaram falando o idioma trazido da Ucrânia. No entanto, ao chegar à idade escolar, as crianças passaram a ter obrigatoriamente que falar o português.

Mesmo com professoras bilíngues ucraniano/português, conforme lembrado por Sofia (1952) e Emiliano (1954), todo material pedagógico era em português. Ainda assim, a legislação referente à chamada “nacionalização da infância”, conforme o eufemismo da época varguista, não obteve um sucesso imediato e nem atingiu todos os grupos de origem imigrante de maneira igual. Mas, muito mais eficaz que os efeitos contemporâneos à vigência do decreto, foram as transformações na escola a partir de então.

Nesse primeiro intervalo de tempo a que se refere o diagrama, apesar da chegada do rádio ao país ter ocorrido ainda na década de 1920 e a televisão já ter estreado no Brasil no início dos anos 1950, nas regiões rurais essas inovações ainda não eram comuns. O ritmo do tempo era outro, a natureza ainda ditava o modo da vida dos prudentopolitanos (ZAROSKI, 2001, p. 29).

Em relação à sucessão temporal é sempre bom não perder de vista a não linearidade do tempo social: “Nem cronológico, nem linear, nem único: hoje se reconhece que o tempo vivido envolve uma multiplicidade de temporalidades desdobradas em cadências dissonantes” (ANDREAZZA, 1996, p. 1). Portanto, embora extremamente invasivas, as medidas de nacionalização da Era Vargas não romperam de modo definitivo com o estilo de vida dos munícipes com ascendência ucraniana.

Esse primeiro período, que corresponde basicamente ao tempo cronológico de nascimento e da infância das pessoas entrevistadas que compuseram a primeira *coorte* e algumas da segunda *coorte*, ainda era bastante favorável à manutenção do idioma. Não apenas propício: considerando o número de descendentes e a hegemonia da língua, *pensar* em *ucraniano* era natural.

Antônia (1942), por exemplo, na entrevista em 2017, comentou que fala fluentemente as duas línguas, portuguesa e ucraniana, mas para verbalizar determinadas palavras, expressões e/ou ideias em português necessita da ajuda das netas. Ela, muitas vezes, não encontra os vocábulos em português para o que quer dizer, precisa do auxílio dos mais jovens para *traduzir* seus *pensamentos*.

O segundo período proposto vai de 1960 até 1980 e é perpassado basicamente pelas duas primeiras gerações analisadas (1940-1950 e 1960-1970). Prudentópolis, nessa época, principalmente na década de 1970, passou a receber gaúchos e catarinenses que vinham se instalar no município. Muitas dessas famílias migraram para outras áreas do Paraná, sobretudo para a região Oeste do Estado, e posteriormente, em novos deslocamentos, chegaram às regiões sudeste e centro-sul do Paraná e muitas famílias acabaram chegando e se instalando em Prudentópolis (GUIL, 2015, p. 35).

Em 1981 foi fundado em Prudentópolis o Centro de Tradições Gaúchas Rincão da Amizade (CTG). A criação do CTG foi possível porque chegaram ao município dezenas de famílias rio-grandenses (mais de 100 famílias). A influência das pessoas originárias do Rio Grande do Sul não é desprezível. Na fundação do CTG, 13 prudentopolitanos natos se somaram a 11 rio-grandenses para dar início às atividades do Centro de Tradições Gaúchas. Os gaúchos chegaram à procura de terras mais baratas e, basicamente, se atribui a eles a implantação da cultura da soja e da agricultura mecanizada, algo praticamente desconhecido em Prudentópolis no início dos anos 1970 (GUIL, et al, 2006, p. 127-128).

A maior parte desses migrantes tinha ascendência italiana e alemã, pois os estados de onde migraram, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, possuíam um grande contingente de pessoas com essas origens. A migração que ocupou o Sudoeste e o Oeste do Paraná resultou de um longo processo de deslocamentos internos em que muitas famílias teuto-brasileiras e ítalo-brasileiras saíram do Rio Grande, atravessaram o oeste catarinense, vindo a se instalar em terras paranaenses (NADALIN, 2001, p. 80).

Doroteia (1969), nascida nesse período, ressaltou a chegada de famílias de origem alemã e italiana à comunidade de Linha Visconde de Nácar. As famílias alemãs que se estabeleceram na localidade migraram principalmente do oeste paranaense; algumas vieram após as desapropriações das terras que seriam cobertas pelas águas em razão da construção da barragem da hidrelétrica Binacional de Itaipu.

A chegada dessas pessoas aumentou a complexidade das interações etno-culturais e linguísticas, pois além dos poloneses e dos brasileiros, novos grupos de origem imigrante passaram a fazer parte da composição social prudentopolitana. Mas, no que diz respeito à prática do idioma ucraniano, a pressão do português será cada vez maior, pois esses migrantes falavam/falam, basicamente, a língua portuguesa. Ainda que alguns pudessem falar o alemão e/ou italiano.

Esse fluxo de pessoas, que não tinham origem ucraniana e, portanto, não falavam a língua eslava, vai favorecer o aumento significativo dos casamentos interétnicos (conforme destacado no terceiro capítulo), uma vez ampliado o “mercado matrimonial”, bem como intensificará as interações culturais. O novo contexto vai propiciar que as fronteiras étnicas sejam retraçadas.

Convém novamente destacar que a fronteira, perspectiva barthiana, é porosa e dinâmica, podendo ser alterada a qualquer momento. Ela também é estabelecida de maneira sempre relacional, tanto individualmente como de modo coletivo: “a etnicidade constrói-se a partir de cada experiência individual associada aos contatos culturais não só de natureza interétnica, mas, de modo igual, relacionados à troca de experiências desenvolvidas com os contatos que as diversas comunidades mantinham entre si” (NADALIN, 2012, p. 75). O autor fala da construção da etnicidade na comunidade de origem germânica em Curitiba, mas tal perspectiva também pode ser pensada para outros grupos de origem imigrante.

A partir do momento em que novos atores sociais entram em cena, as fronteiras identitárias passam por revisões. Doroteia (1969), por exemplo, se casou com um descendente

de alemães, membro de uma família que chegou à Linha Visconde de Nacar na década de 1980 e, por entendimento mútuo, optaram em não ensinar aos filhos nem o idioma ucraniano e nem a língua alemã. No caso deles, o liame étnico não foi totalmente abolido, pois cada um continuou a conviver com seus parentes consanguíneos, os quais mantiveram sua cultura e identidade. Mas a nova família constituída, casal e seus filhos, já não pautaram seus pertencimentos exatamente pelos mesmos critérios dos avós.

Interessante que até a década de 1970, segundo Zaroski (2001, p. 30), as crianças ucranianas só aprendiam português quando entravam para a escola. Esse marco divisor, estabelecido pelo autor, coincide com a chegada ao município de rio-grandenses e catarinenses. Porém é importante ressaltar que nas entrevistas realizadas obtivemos testemunho de pessoas nascidas em períodos bem posteriores, meados dos anos 1990, que ainda iam ter contato com o português basicamente na escola<sup>85</sup>.

Embora possamos traçar distinções entre os períodos, isso demonstra como as temporalidades sociais não seguem uma linearidade e se interpenetram e se excluem também. Essa complexidade pode se caracterizar dentro de uma articulação a partir da ideia das durações braudelianas, mas, além das três dimensões propostas pelo autor francês, há uma quarta duração, proposta por Nadalin, em que as gerações se articulam. Ou, por outra forma, em um mesmo intervalo de tempo indivíduos de gerações distintas convivem e cada um, de acordo com sua faixa etária, vive uma fase de seu ciclo vital o que, consequentemente, faz com que as visões de mundo não sejam as mesmas (NADALIN, 2007a, p. 12-15).

O terceiro período arbitrado em nosso diagrama, 1980 a 2000, será um contexto de transformações mais rápidas e de contatos mais frequentes entre descendentes de ucranianos e pessoas com outras origens étnicas e/ou nacionais. Nesse terceiro recorte temporal, grosso modo, as quatro gerações convivem e se influenciam mutuamente. Mas o resultado desse processo ainda não se completou para que uma avaliação seja feita. Nesse contexto a *diglossia* pode ser percebida mais claramente (LOPES, 2011; LINHARES; ALENCAR, 2016).

Nessa encruzilhada de temporalidades, nesse limiar de mundos que se chocam, surge em Prudentópolis, na década de 1980, a primeira emissora de rádio. Embora a Rádio Esperança (AM) exista no papel desde 1976, a sua primeira transmissão ocorreu apenas em

---

<sup>85</sup> Lembrar novamente de Simionato (2012) que, em seu estudo de doutoramento, localizou crianças nascidas na primeira década do século XXI que ainda chegaram à escola sem saber o português.

março de 1983. A emissora, de propriedade de um rio-grandense, será um mecanismo importante de introdução diária de língua portuguesa tanto nas casas dos prudentopolitanos como nos municípios circunvizinhos.

No final dos anos 1980 uma emissora de rádio FM foi fundada em Prudentópolis e, embora esta fosse mais vinculada aos interesses da comunidade descendente de ucranianos, sua programação, desde o início, também foi majoritariamente em língua portuguesa. A rádio Copas Verdes (FM) foi fundada em 1989 e no início funcionava em uma sala anexa ao Museu do Milênio. A rádio possui vários sócios, a maior parte deles, se não todos, possuem ascendência ucraniana. Além disso, a Paróquia São Josafat (ucraniana) é proprietária de uma das cotas da emissora (GUIL, 2006, p. 139).

Para Claudete (1980), a televisão e o rádio foram dois instrumentos importantes na introdução do português nas casas das famílias com ascendência tanto ucraniana como polonesa, mesmo esses meios de comunicação não sendo, no passado, tão acessíveis como hoje.

Portanto, a partir dos anos 1980 os contatos com o idioma português se tornaram cada vez mais inevitáveis. Nesse ambiente, as fronteiras podem ser mais visíveis, ou também mais fáceis de serem ultrapassadas, bem como podem também necessitar de melhores demarcações e/ou redefinições para que subsistam (BARTH, 2011). É basicamente neste contexto que está inserida a terceira geração e nos desdobramentos desse ambiente nasceram praticamente todas as pessoas da amostragem referente à quarta geração.

Se há transformações que, direta ou indiretamente, interferem no uso da língua ucraniana, favorecendo o avanço da língua portuguesa, há também no mesmo recorte temporal algumas ações da comunidade ucraniana de afirmação de sua *ucraneidade*. Em 1986 foi feito o lançamento da pedra fundamental do monumento em homenagem ao poeta ucraniano Tarás Chevtchenko. No final de 1989 foi inaugurado o monumento, uma estátua de bronze feita na Alemanha e trazida para o Brasil e colocada na praça (GUIL, 2006, p. 139).

A Praça Ucrânia, nome oficial do local, passou a ser conhecida popularmente, a partir de então, como Praça Tarás Chevtchenko em função da estátua. Essa nomeação dada ao local, e o modo como as pessoas a reconhecem, está em perfeita sintonia com aquilo que Certeau (1994, p. 206-207) diz a respeito da prática dos espaços. O lugar é estático, mas ao ser praticado é transformado em um *espaço* que não se restringe mais ao que originalmente foi pensado. Idealizadores e arquitetos/engenheiros que projetaram o lugar, a partir do instante de

sua inauguração, não detêm mais o monopólio do espaço e este terá os sentidos que seus frequentadores lhes darão.

Sob a Praça Ucrânia foi edificado um amplo salão e nele realizado, concomitantemente à inauguração do monumento de Tarás Chevtchenko, uma exposição com objetos/utensílios utilizados pelos imigrantes no Brasil. Em 1995, na mesma edificação, foi inaugurado o Museu do Milênio. O museu, embora inaugurado na metade da década de 1990, começou a ser idealizado vários anos antes e buscou homenagear os mil anos da conversão dos ucranianos ao cristianismo (fato ocorrido em 988 e que em 1988 completou seu primeiro milênio). A periodização aparece na fachada do museu conforme imagem abaixo.

IMAGEM 2: FACHADA DO MUSEU DO MILÊNIO – PRUDENTÓPOLIS-PR



Fonte: Fotografia do autor.

A inauguração do museu em 1995 não foi feita de modo aleatório. A data foi escolhida em razão do centenário da imigração ucraniana para o Brasil. Portanto, no período de 1980 a 2000 houve diversas ações da comunidade ucraniana buscando demonstrar sua vinculação étnica e cultural, sempre tendo na articulação desses atos pessoas ligadas à Igreja Católica Ucraniana de Rito Oriental. Assim, no contexto perpassado por todas as pessoas entrevistadas ao longo da pesquisa, paralelamente à “invasão” de muitos “outros”, há também a edificação, física e simbólica, de elementos que demarcam a *ucraneidade* no município.

No final dos anos 1980 um grupo de danças folclóricas ucranianas ganhou projeção: o Grupo Folclórico Ucraniano Brasileiro *Vesselka* (Arco Íris):

O grupo é considerado uma associação civil, de caráter cultural, de duração indeterminada, sem fins lucrativos, sob responsabilidade da Paróquia São Josafat,



porém é uma associação civil decretada de utilidade pública federal constituída por um estatuto que a normativa desde a data de 15 de março de 1989<sup>86</sup>.

O “Grupo de Danças *Vesselka*” foi fundado pelo padre Efraim Krevey (OSBM) em 1958<sup>87</sup> e durante as primeiras décadas parte das preocupações era a preservação da língua ucraniana. Juntamente às aulas de dança, as crianças eram ensinadas a ler e escrever com o alfabeto cirílico. Atualmente o requisito para participar não é saber ler ou escrever em língua ucraniana, nem ao menos ser descendente de ucranianos: para o ingresso no grupo o requisito básico é a aptidão para a dança (MACHULA; VOLSKI, 2015, p. 212-210)<sup>88</sup>. O maior destaque do grupo também é fruto dos novos meios de comunicação e da participação em eventos fora do município.

Outro grupo cultural criado pelos descendentes dos imigrantes ucranianos em Prudentópolis, e que ganhou visibilidade nos últimos anos, embora tenha surgido na década de 1950, é a Irmandade dos Cossacos (homens livres). Criado em 1954 a função de seus membros é a vigília de uma representação do Santo Sudário na Sexta-feira da Paixão e no Sábado de Aleluia, véspera da Páscoa, de acordo com o calendário litúrgico católico (CORRENT, 2017, p. 287). O Santo Sudário, ou Sudário de Turim, é considerado uma relíquia cristã; trata-se de um tecido de linho que teria sido usado para envolver Jesus crucificado, no qual teria ficado marcada a imagem do corpo de Cristo. A peça original fica guardada na Catedral de Turim desde o século XIV e dificilmente é exibida em público.

Desde 1954, de forma ininterrupta, os “guardas” em Prudentópolis fazem sua ronda nos dois dias que antecedem o domingo de Páscoa. Mas esse grupo ficou “desconhecido” para boa parte dos prudentopolitanos até 2008, quando uma Irmandade com estatuto foi criada:

Fundada em 20 de março de 2008, a Irmandade dos Cossacos de Prudentópolis é a primeira e única no Brasil com documentação legal, estatuto, terreno e diretoria

<sup>86</sup> Disponível em: <http://vesselka.com.br/hist.htm>. Acesso em 19-07-2018.

<sup>87</sup> Efraim Krevey foi ordenado Bispo pelo Papa Paulo VI em 1972 (TAMANINI, 2017, p. 41).

<sup>88</sup> O texto das autoras traz informações importantes a respeito do “Grupo Folclórico Ucraniano Brasileiro Vesselka”. Porém, importante destacar alguns dados bastante discutíveis e incorretos no texto. Um deles diz respeito à chegada de 20 mil famílias de ucranianos no século XIX (MACHULA; VOLSKI, 2015, p. 204). Número que não possui nenhuma referência em fontes e estudos anteriores. Importante destacar que de acordo com dados do IBGE, na Tabela 2, apenas em 1940 a população do município ultrapassou 20.000 indivíduos. Outra informação errônea faz referência à chegada de muitos imigrantes ucranianos em Prudentópolis em 1876 (MACHULA; VOLSKI, 2015: 206). Levando em conta uma historiografia dedicada ao estudo da imigração ucraniana para o Brasil como Boruszenko (1969), Andreazza (1996) e Guérios (2007), entre outros, sabemos que a chegada dos primeiros imigrantes ucranianos não se deu antes da década de 1890.

própria. Uma de suas principais finalidades é a participação na tradicional guarda de Sexta-Feira Santa e no Sábado de Aleluia, com a vigia do Santo Sudário, na qual é obrigatória a participação de todos os membros (CORRENT, 2017, p. 288).

Esse grupo está intimamente ligado à Instituição religiosa, que é um dos sustentáculos da língua ucraniana no município. Importante ressaltar que na Ucrânia os cossacos não faziam a guarda simbólica ou real da relíquia cristã. Essa prática é uma especificidade da Irmandade em Prudentópolis. Na Europa eles estavam muito mais ligados a questões militares, defesa do território e disputas étnicas com os diversos povos do Leste Europeu. O termo “cossaco” é utilizado por diversos grupos populacionais na Europa Oriental, sobretudo ucranianos e russos (CORRENT, 2017, p. 276).

Esses símbolos visíveis, e também os de ordem subjetiva, são fundamentais para que as identidades sejam percebidas, tanto pelo observador externo como por quem é integrante do grupo. Retomando os pressupostos barthianos, quanto mais frequentes as interações com quem é diferente e as pressões para que estas existam, maiores são as possibilidades de que sejam traçadas as tênues linhas que separam os membros e os não membros: “(...) as identidades étnicas só se mobilizam com referência a uma alteridade, e a etnicidade implica sempre a organização de agrupamentos dicotômicos Nós/Eles” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 152).

A língua ucraniana, independente da geração, possui justamente na Igreja um referencial de sustentação e afirmação. No que diz respeito ao idioma especificamente, há um debate, ainda não resolvido, a respeito das traduções dos rituais; esta é uma necessidade que se apresenta à medida que é cada vez menor o número de pessoas que compreendem toda a liturgia sem a tradução (SKAVRONSKI, 2015, p. 111).

Mas, nesse contexto em que as gerações coexistem, cada uma tendo um referencial do que representa *ser* ucraniano e cada geração lendo o mundo a partir de suas experiências individuais e coletivas. O papel da Igreja na luta pela manutenção da língua é fundamental. Os esforços dos membros do clero, como também de parte da comunidade ucraniana, buscam reafirmar a *ucraneidade* através do levantamento de símbolos visíveis, como o Museu e a estátua do poeta, bem como de outras manifestações culturais, como a Irmandade dos Cossacos e o grupo de danças *Vesselka*.

O debate entre a tradução ou a manutenção do ritual em ucraniano se dá justamente nesse ambiente em que as gerações coexistem. A resistência da tradução não se restringe

às dificuldades de entendimento para os mais jovens. Ela também ocorre porque a língua ucraniana os identifica, ainda que não haja um entendimento unívoco sobre o tema: “(...) a questão de saber o que significa ser membro do grupo nunca se torna objeto de consenso, e que as definições de pertença estão sempre sujeitas à contestações e à redefinição por parte de segmentos diferentes do grupo” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 159).

Portanto, o fato de algumas pessoas das gerações mais novas não terem pleno domínio da fala não impede que esta continue representando um signo de identificação. Na mudança de contexto, consequência das interações com não ucranianos, bem como entre descendentes de ucranianos de diferentes faixas etárias, haverá sempre a possibilidade de redefinições dos critérios definidores, bem como o acréscimo de outros que poderiam não ser considerados até então: “A possibilidade de manipular sua própria identidade étnica e de escolher ou não realçá-la é certamente desigual segundo os contextos nos quais as interações se situam (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 167)”. Daí que a etnicidade e seus liames estão sempre em movimento.

No período entre 1980 e 2000 houve também um crescimento importante do número de escolas estaduais no município, que tornaram as relações intergeracionais ainda mais dinâmicas. Nas unidades de ensino mantidas pelo governo municipal, localizadas nas comunidades rurais, havia um ambiente que favorecia a manutenção do vernáculo ucraniano, devido ao fato de muitos de seus docentes residirem na própria Linha e possuírem ascendência ucraniana utilizando, assim, o bilinguismo como tática frequente.

Entretanto, com o estabelecimento de várias escolas estaduais no final da década de 1980 e início da década de 1990, começa a haver maior circulação de pessoas (crianças e adolescentes, principalmente) entre as Linhas. Os colégios estaduais são mais nucleados, ou seja, recebem alunos de várias escolas municipais. Esse fato já aumenta as chances de contato dos estudantes com pessoas não pertencentes ao grupo étnico, não apenas de comunidades diferentes.

Com o aumento da oferta de serviços públicos, sobretudo na área educacional, houve no recorte temporal de 1980 a 2000 a formação de um ambiente propício ao avanço do português. Os mais velhos que, nesse contexto, passavam a conviver com filhos e netos que saíam de casa e passavam uma parte do dia em um local em que o vernáculo nacional era soberano.

O Colégio Estadual Bispo Dom José Martenetz<sup>89</sup>, localizado na comunidade rural de Linha Tijuco Preto, homenageia em seu título o primeiro bispo ucraniano ordenado no Brasil; sua primeira diretora foi uma freira, irmã Lídia Zawadzki (ISMI). O Colégio Estadual Padre José Orestes Preima<sup>90</sup>, em Linha Esperança, faz referência a um sacerdote basiliano em seu título, e sua primeira gestora foi a servidora municipal e freira Filomena Procheira (conhecida como irmã Zita).

O Colégio Estadual Padre Cristóforo Myskiv<sup>91</sup>, localizado no perímetro urbano, também faz referência a um padre da Ordem Basiliana e sua primeira gestão foi realizada pela catequista Ana Dzioba. O Colégio Estadual Imaculada Conceição<sup>92</sup>, em Linha Ligação, recebeu o mesmo nome da padroeira da Igreja ucraniana da comunidade e suas primeiras diretoras foram catequistas do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus. O Colégio Estadual Prefeito Antônio Witchemichen<sup>93</sup>, estabelecido em Linha Jesuíno Marcondes, não homenageia nenhuma freira ou padre ucraniano, mas no início foi coordenado pela freira Sofia Ternouski.

Embora estreitamente ligadas à comunidade ucraniana e tendo em suas primeiras gestões pessoas ligadas ao clero e, conseqüentemente, às causas do grupo etno-cultural, a oferta de aulas nesses colégios estaduais vai impactar no uso cotidiano das línguas portuguesa e ucraniana. Nesse processo haverá um amplo favorecimento do português, pois, excetuando a disciplina de Língua Estrangeira Moderna, as demais matérias eram/são exclusivamente no vernáculo nacional.

Os nomes homenageados e as pessoas que ocuparam a cadeira da direção em todos esses colégios nos primeiros anos de seu funcionamento mostram como a presença ucraniana era significativa. Portanto, a existência da língua ucraniana como disciplina não é algo

---

<sup>89</sup> COLÉGIO ESTADUAL BISPO DOM JOSÉ MARTENETZ. **Projeto Político Pedagógico**. Disponível em: <http://www.pdttdomjose.seed.pr.gov.br/modules/laaise/>. Acesso em 31-05-2018. Autorizado a funcionar em 1989 e reconhecido em 1994.

<sup>90</sup> COLÉGIO ESTADUAL PADRE JOSÉ ORESTES PREIMA. **Projeto Político Pedagógico**. Disponível em: <http://www.pdtjoseorestes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=14>. Acesso em 31-05-2018. Autorizado a funcionar em 1989 e reconhecido em 1994.

<sup>91</sup> COLÉGIO ESTADUAL PADRE CRISTÓFORO MYSKIV. **Projeto Político Pedagógico**. Disponível em: <http://www.pdtcristoforo.seed.pr.gov.br/modules/noticias/>. Acesso em 31-05-2018. Autorizado a funcionar em 1989 e reconhecido em 1994.

<sup>92</sup> COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO IMACULADA CONCEIÇÃO. **Projeto Político Pedagógico**. Disponível em: <http://www.pdtimaculada.seed.pr.gov.br/modules/laaise/>. Acesso em 31-05-2018. Autorizado a funcionar em 1991 e reconhecido em 1995.

<sup>93</sup> COLÉGIO ESTADUAL PREFEITO ANTÔNIO WITCHEMICHEN. **Projeto Político Pedagógico**. Disponível em: <http://www.pdtantonio.seed.pr.gov.br/modules/noticias/>. Acesso em 31-05-2018. Autorizado a funcionar em 1987 e reconhecido em 1992.

acidental. Nas quintas e sextas séries (atuais sexto e sétimo anos), os alunos tinham aulas de língua ucraniana. Nas sétimas e oitavas séries (atuais oitavo e nono anos), eles tinham aulas de língua inglesa. Isso ocorria com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 9394/96 – LDB, que permitia que a comunidade escolar optasse pela disciplina de língua estrangeira.

O fato das freiras e catequistas fazerem parte da gestão desses colégios pode explicar a presença da disciplina de língua ucraniana na grade curricular, mesmo que ocupando apenas 50% da carga horária destinada à língua estrangeira moderna, pois, conforme visto acima, o que ocorria em Prudentópolis era uma divisão da carga horária. Essa prática passou a ser proibida a partir de 2005 (COSTA, 2016, p. 55) e, a partir de então, o estabelecimento escolar deveria optar por apenas uma disciplina de língua estrangeira moderna na etapa entre o sexto e o nono ano (PARANÁ, 2005). A partir disso apenas o Colégio Estadual Imaculada Conceição, localizado em Linha Ligação, optou por manter a língua ucraniana na grade curricular do estabelecimento (COSTA, 2018, p. 298). Atualmente o Colégio Estadual São João Batista, localizado em Linha Herval Sede, também possui a disciplina em sua grade curricular. Mas, o referido estabelecimento foi criado posteriormente ao processo que resultou no final da divisão da carga horária da referida disciplina.

Além de pressões externas que advogavam a importância da língua inglesa para o sistema educacional, a partir de 2005 acordos com o Mercosul visavam incentivar a ofertada da disciplina de língua espanhola, mesmo que em caráter não obrigatório (PARANÁ, 2008, p. 49). Diante disso a defesa da disciplina de língua ucraniana passa também pela defesa da cultura e/ou da etnicidade. Mas, mesmo tendo ficado apenas dois estabelecimentos em Prudentópolis com as aulas do idioma eslavo, é importante ressaltar que durante toda a década de 1990 e início dos anos 2000 vários colégios tinham a referida disciplina.

Evidentemente as grades curriculares estavam respaldadas na LDB, a qual estabelecia autonomia à comunidade escolar na escolha do idioma ofertado na disciplina de língua estrangeira moderna. Atualmente a comunidade continua com a prerrogativa da escolha, mas sem a divisão da carga horária entre duas línguas numa mesma etapa conforme ocorria até 2005.

A criação de todos esses colégios estaduais no município está dentro dos desdobramentos resultantes da Constituição vigente, que tornou a frequência na escola obrigatória: “Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento

da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2018, p. 160).

A partir da aprovação da nova Constituição, as dúvidas anteriores em relação à obrigatoriedade da educação escolar foram sanadas. A Constituição de 1967 colocava toda a responsabilidade da educação escolar a cargo da família e, embora estabelecesse que o ensino obrigatório devesse ocorrer dos 7 aos 14 anos, na prática isso não se efetivava. Isso porque a obrigatoriedade se restringia à existência de estabelecimentos oficiais (SAVELI; TENREIRO, 2011, p. 8646). Com a Constituição Cidadã ficou explícito que, junto à responsabilidade da família, somava-se o dever do Estado no cumprimento da determinação da frequência das crianças aos estabelecimentos de ensino.

Em Prudentópolis a efetivação dessa nova política educacional, que obrigou a maior parte das crianças a frequentar a escola, alterou o uso diário do ucraniano, mesmo no ambiente doméstico, e interferiu na aquisição da primeira língua dos nascidos a partir de então, como se verificou na quarta geração (com devidas exceções, conforme já assinalado).

Portanto, a conjugação da ampliação do número de colégios estaduais e a obrigatoriedade da frequência das crianças e adolescentes (com aulas todas em português), com o acesso crescente à programação radiofônica e sua difusão (toda em português), assim como da televisão (também toda em português), produziram um contexto de pressão sobre a língua ucraniana.

Na década de 1980 houve um importante aumento no número de famílias residentes na zona rural com acesso à energia elétrica (GUIL et al, 2006, p. 134). Para Claudete (1980) a chegada da eletricidade, permitindo o acesso contínuo à programação das rádios sem o inconveniente da falta de pilhas, facilitou muito o uso do idioma nacional na sua casa. Antes disso o ucraniano era quase exclusivo, mas à medida que estas “modernidades” chegaram à comunidade de Linha Barra Bonita a situação foi se alterando.

As pessoas mais velhas continuam falando o ucraniano e tendo maior facilidade de expressar aquilo que pensam no idioma eslavo, mas os mais jovens, aqueles que já nasceram expostos às transformações citadas acima, passaram a ter contato diário com o vernáculo nacional. Mesmo quando estão em casa, muitos passaram a também usá-lo, pois os meios de comunicação, cada vez mais presentes nos ambientes domésticos, não reproduzem

praticamente nada em ucraniano<sup>94</sup>. Mas, isso não quer dizer que a língua perdeu a sua relevância enquanto fator que ajuda na definição das fronteiras identitárias.

A tessitura de discursos, bem como a construção de lugares de memória, como aventaria Le Goff (2003), passam a ser feitos com vista a reforçar os liames étnicos em face da mobilidade e da ameaça da dissolução destes. Nesse recorte temporal em que há cruzamentos de *móveis*, como diria Michel de Certeau, a prática dos espaços se torna uma tática:

Existe *espaço* sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. (...) Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio” (CERTEAU, 1994, p. 202. Grifo no original).

Justamente por ser um local em que há o cruzamento de *móveis*, sem a estabilidade do lugar, pode haver a necessidade da reconfiguração da identidade: “Que uma identidade étnica seja sempre de um certo modo criada ou inventada, não implica por isso que seja inautêntica ou que os atores que a reivindicam possam ser taxados de má fé” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 165).

O último recorte representado no digrama, correspondente ao período de 2000 até 2017-2018, compreende um contexto em que os meios de comunicação, massivamente difundidos em língua portuguesa, estão presentes na vida de todas as pessoas independentemente da geração (embora, claro, cada indivíduo possa dedicar atenção ao rádio e à televisão de modo singular e deixar se influenciar de modo particular).

A escola também se tornou uma realidade comum às crianças, com ascendência ucraniana ou não, que frequentam as aulas em escolas e colégios onde o português é absolutamente hegemônico, típico caso de *diglossia* (MARTINY; MENONCIN, 2013). Quando os estudantes voltam para casa, os diálogos com pais e avós se dão na mesma língua utilizada na escola com professores e colegas.

---

<sup>94</sup> Nas emissoras de rádio local ainda há alguma programação em língua ucraniana, mas esta é muito restrita e basicamente voltada para questões religiosas: missa dominical a partir das 10:00h, Oração da Ave Maria as 18:00h, Terço as 06:00h.

Antônia (1942) contou que consegue falar melhor em ucraniano, mas devido ao convívio diário com as netas que vão para a escola e que já não dominam mais a língua eslava, as conversas acontecem em português. Nesse exemplo, que se estende para outras entrevistas com pessoas da mesma faixa etária que Antônia, fica claro como o contexto influencia na utilização e manutenção das fronteiras étnicas.

As considerações acima mostram como são dinâmicas as percepções e o modo como os indivíduos reagem em face das transformações que ocorrem em seu meio social e no tempo vivido. O que é comum entre eles é a utilização da língua na Igreja e o reconhecimento de que o ucraniano é algo que identifica os descendentes no município, embora os mais jovens já reconheçam que não possuem condições de transmitir o idioma trazido pelos antepassados e os mais velhos percebam que o desafio de manter o ucraniano é gigante.

Entretanto é importante não perder de vista que o idioma, nas gerações discutidas nesse capítulo, soa muito mais como um elemento de uma cultura mais ampla, demonstrando que a identidade não é fixa e que os elementos que eram importantes para sua definição em dado momento podem não ser mais em períodos posteriores.



## 6 IMPRENSA E RELIGIÃO: PILARES DA LÍNGUA UCRANIANA

### 6.1 A IMPRENSA UCRANIANA E A MANUTENÇÃO DA LÍNGUA EM PRUDENTÓPOLIS

*Como é estúpido ver filhos e filhas (...) que se envergonham de falar a língua de seus progenitores e de seus avós. Mais estúpido ainda é ver pais que desestimulam os filhos a falar sua língua de origem (STROBEL, 2015, p. 122).*

O texto da epígrafe foi escrito por Gustav Hermann Strobel, um imigrante alemão que redigiu a sua história e a da sua família, que partiu da Alemanha rumo à América quando ele ainda era uma criança. Preocupado em legar aos seus a saga familiar, o autor se colocou frontalmente contrário à postura do abandono da língua do local de origem. A própria grafia do texto, escrito originalmente em alemão e só posteriormente traduzido, pode ser considerada uma ode à etnicidade e à língua alemã. Gustav, mesmo muitos anos após a chegada da família a terras brasileiras, mostra que rememorar e, concomitantemente, colocar no papel o pensamento, continuou sendo mais fácil na língua materna, por isso a escolha do alemão na hora de redigir suas reminiscências.

Para este imigrante, bem como para muitos de seus conterrâneos, mesmo anos depois de residência estabelecida no país, a língua de origem, tanto falada quanto escrita, continuava sendo relevante. Em razão da importância dada ao idioma trazido da terra natal, diferentes grupos de imigrantes se esforçaram em fundar e manter no Brasil seus jornais e revistas. Muitos periódicos continuaram sendo publicados, por exemplo, em língua alemã, italiana ou polonesa, mesmo após o grupo imigrante estar devidamente radicado no país e o português já não representar um entrave à comunicação.

Os ucranianos podem ser incluídos entre estes grupos; para isso, entre outras táticas, lançaram mão também da edição de periódicos. Seus jornais e revistas permanecem ativos até o presente e continuam sendo usados para a manutenção de sua alteridade identitária e linguística (BORUSZENKO, 1995).

Na Ucrânia, a *intelligentsia*<sup>95</sup> vislumbrou nos jornais uma ferramenta importante na busca da independência política. Os periódicos surgiam em meio à luta por emancipação; junto a isso, ainda que de forma colateral, o idioma impresso também era enaltecido<sup>96</sup>.

A *intelligentsia* ucraniana acreditava que a luta pela independência só teria êxito se houvesse o esclarecimento da população. Porém, além de lutar contra o domínio de potências estrangeiras e dos potentados galicianos, a *intelligentsia* teria grandes dificuldades, em razão do analfabetismo endêmico na região (ANDREAZZA, 1996, p. 26).

A imprensa teria nesse processo um papel fundamental, mas também uma dificuldade acentuada. Nessa tarefa, a *Prosvita* (Iluminação) não apenas incentivava a leitura como efetivamente acabava fazendo o trabalho de alfabetização da população camponesa (ANDREAZZA, 1996, p. 27). Portanto, a tática de utilizar periódicos para inflamar a população e instaurar o desejo de independência só funcionaria se o conhecimento estivesse escrito em um idioma que o povo conhecesse:

Para atingir esse objetivo, alguns membros da *intelligentsia* rutena criaram a Sociedade *Prosvita* na cidade de *Lviv*, na Galícia, em 1868. O objetivo da *Prosvita*, que está explícito em seu nome, era impulsionar a “iluminação” do povo ucraniano através do acesso ao conhecimento (...). Até 1876, a instituição já havia publicado vários livros populares, cartilhas e manuais para serem distribuídos gratuitamente entre os camponeses. (GUÉRIOS, 2007, p. 194).

A partir dos “Clubes de Leitura”, muitos sob a influência direta da *Prosvita*, havia um esforço para que os analfabetos também pudessem usufruir dos periódicos e passassem a compartilhar suas ideias nacionalistas. Para tanto, a leitura coletiva em voz alta era uma tática conhecida: mesmo a maioria iletrada dos camponeses da Galícia acabava sendo contemplada, e o conteúdo impresso atingia um número bem maior do que o de leitores propriamente ditos.

Na França do Antigo Regime, para fazermos uma comparação, ler era um ato social e não solitário, como será posteriormente com o advento da privacidade (ARIÈS, 1991, p. 8-10); dessa forma, o número de “consumidores” dos textos, livros e jornais era multiplicado (CHARTIER, 2003). Portanto, o fato da maioria dos galicianos ucranianos serem analfabetos não tira a relevância do papel dos Clubes de Leitura e dos jornais lá editados.

---

<sup>95</sup>Guérios (2007, p. 109) diz que o termo *intelligentsia*, de origem eslava, era/é usado para fazer referência a pessoas ligadas à “Cultura”, como pensadores, artistas e cientistas.

<sup>96</sup>No capítulo 1 já foi ressaltada a proibição de escrever em ucraniano imposta ao poeta Tarás Chevtchenko.

Mas, para que a *Prosvita* tivesse êxito em seu projeto, o apoio dos padres greco-católicos foi fundamental. Não esqueçamos que na Ucrânia os “notáveis” mais letrados eram os sacerdotes e que estes possuíam grande influência entre a população em geral, principalmente entre os camponeses (HIMKA, 1988, p. 117). No entanto, parte dos membros da *intelligentsia* aos poucos adotou um discurso anticlerical, fazendo com que ocorresse um rompimento com a Igreja: “Em 1899, a ruptura entre o clero e os membros da Sociedade *Prosvita* foi explicitada pelo Metropolita de Lviv em uma de suas circulares, na qual ele criticava as *tchetálmi*” (GUÉRIOS, 2007, p. 195)<sup>97</sup>.

O clero ucraniano era ambíguo em relação aos problemas políticos sob o domínio do Império Austro-Húngaro, tanto na questão da servidão como no movimento nacional. No caso da servidão, havia sacerdotes abertamente engajados na causa camponesa, assim como havia aqueles que não se envolviam ou eram até contrários aos interesses do campesinato (HIMKA, 1988, p. 117).

Pela posição de prestígio que os padres possuíam e pela mais alta “graduação” entre os notáveis, eles também podiam ser identificados com quem explorava os camponeses: “Apesar da grande contribuição do clero católico grego para o progresso do movimento nacional rural, suas relações com os camponeses eram mais tensas do que aquelas de qualquer outro estrato de notáveis” (HIMKA, 1988, p. 133)<sup>98</sup>. No que diz respeito aos ideais nacionalistas, a atuação do clero também era ambígua. Essa ambiguidade era usada por adversários do movimento nacional, que aproveitavam o descontentamento das comunas com as taxas cobradas pelos sacerdotes para a celebração de sacramentos, para lançar dúvidas quanto à atuação do clero na causa emancipacionista (HIMKA, 1988, p. 134).

As primeiras levas de ucranianos que aportaram no Brasil, ao que tudo indica, vieram antes dos Clubes de Leitura se difundirem na Ucrânia (GUÉRIOS, 2007, p. 196-197). Mas isso não impediu que representantes da *intelligentsia* trouxessem consigo ideias debatidas por membros da *Prosvita*. Posteriormente, alguns de seus membros chegaram ao país como imigrantes, engajando-se nos debates contra a indistinção com que ucranianos e poloneses eram tratados pela imprensa brasileira (ANDREAZZA, 1996, p. 85).

---

<sup>97</sup> *Tchetálmi* eram os clubes de leitura.

<sup>98</sup> Tradução livre do original: “In spite of the large contribution the Greek Catholic clergy made to the progress of the rural national movement, its relations with the peasantry were more strained than those of any other notable stratum”.

No Paraná, que recebeu grande número de indivíduos oriundos da Ucrânia, a *Prosvita* fundou seus próprios jornais, com objetivos similares aos buscados na Ucrânia: propiciar o “esclarecimento” aos seus compatriotas. O primeiro jornal ucraniano em território brasileiro pertencia à Sociedade:

Em 1907, era publicado o **Zoriá** (“Estrela”), o primeiro jornal publicado em Curitiba, bissemanal, com tiragem inicial de 500 exemplares. Era de propriedade da Sociedade *Prosvita* (...) Infelizmente, três anos depois, não conseguindo superar sérias dificuldades, o periódico viu-se obrigado a encerrar suas atividades. (BORUSZENKO, 1995, p. 23. Grifo no original.).

As ações da *Prosvita*, portanto, estão registradas na história da imprensa ucraniana-brasileira; mas, assim como na Europa, houve desacertos entre seus membros e a Igreja. O objetivo da Sociedade de esclarecer os camponeses de algum modo entrou em conflito com os ensinamentos eclesiásticos, pois os Clubes de Leitura passavam a rivalizar com os ensinamentos feitos no púlpito. O *Zoriá* no início de suas atividades teria recebido ajuda pecuniária dos sacerdotes, mas, assim que seus redatores se viram em melhores condições, passaram a criticar a postura da Igreja. Sua atitude crítica custou caro, pois, sem aporte financeiro e sem apoio, o periódico acabou fechando suas portas (PRADO, 2018, p. 84).

Em 1910, logo após o fechamento do *Zoriá*, foi criado em Curitiba outro periódico com o nome *Prápor* (Estandarte). Segundo Prado (2018, p. 84), ele teria recebido da Metrópolia (Arquidiocese) de Curitiba ajuda para adquirir as máquinas utilizadas para sua impressão. No entanto, segundo Tamanini (2017, p. 41), a Eparquia (Diocese) de São João Batista só foi criada em 1971 pelo Papa Paulo VI; até aquela data, a Igreja Ucraniana esteve submetida à autoridade de bispos latinos. Portanto, não existia Metrópolia ou Eparquia Ucraniana em Curitiba em 1910.

Após diversos problemas, a sede do *Prápor* foi transferida para Prudentópolis. Sua duração foi curta: fundado em 1910, encerrou suas atividades em 1911 (BORUSZENKO, 1995, p. 24). Este primeiro jornal ucraniano editado em Prudentópolis tinha caráter estritamente religioso. Seus redatores entraram em conflito com a *Prosvita* e esta conseguiu espaço no jornal *A República*, editado na capital, para publicar matérias que tinham frequentemente como alvos os padres basilianos e a própria Igreja Ucraniana.

Após os insucessos do *Prápor*, outros dois jornais passaram a ser editados no município: o *Micionar* (Missionário), a partir de 1911, e o *Prácia* (Trabalho), em 1912,

ambos ligados à Igreja: o primeiro de caráter religioso e o segundo de orientação político-social, mas também atrelado aos preceitos do clero ucraniano católico (BORUSZENKO, 1995, p. 24). Vencidos os percalços dos primeiros anos e as disputas com a *intelligentsia*, os padres conseguiram se sobressair junto aos imigrantes e seus descendentes como os detentores da autoridade, com direito ao *discurso*.

A disputa entre a Igreja Ucraniana Católica de Rito Oriental e a Sociedade *Prosvita*, a partir de uma perspectiva foucaultiana, nos remete aos jogos de poder e às tentativas, de ambos os lados, de se colocarem como porta-vozes dos camponeses e imigrantes, tanto na Ucrânia como no Brasil (FOUCAULT, 2009, p. 17). A querela entre o clero e a *intelligentsia* irá confirmar a importância e a influência que a Igreja tinha na vida dos ucranianos na Europa e a relevância que teve/tem no Brasil. A *Prosvita*, sem a mesma estrutura e sem a legitimação que a Igreja tinha junto aos imigrantes e seus descendentes, “perdeu” o debate. Sem a competição de periódicos laicos, reafirmava-se a legitimidade do discurso clerical como aquele que poderia auxiliar os imigrantes no longo processo de adaptação e desenvolvimento nas novas terras.

À frente dos periódicos e da instituição com o “monopólio do discurso”, padres e freiras, assim como, posteriormente, as catequistas (ISCSCJ), tiveram condições de exercer papel fundamental na construção da *ucraneidade* em Prudentópolis. Fornecerão, em grande medida, as condições para que a língua permaneça viva em pleno século XXI. Isso será possível porque a “vontade de verdade” ou, simplesmente, a pretensão de estabelecer o que é verdade, está ancorada em um suporte institucional.

Em 1937 havia 2500 assinaturas do jornal *Prácia* (COSTENARO, 2013, p. 44). Nem todos os assinantes eram residentes no município, mas, de qualquer modo, esse dado nos permite afirmar que o montante de indivíduos que o recebiam era significativo. Em 1923 havia 935 assinantes no Brasil e 52 fora do país; em 2012, centenário do jornal, este era enviado para 953 endereços brasileiros e 47 no exterior. O *Prácia* continua sendo mandado para países da Europa e América, com destaque para Argentina e Canadá (COSTENARO, 2013, p. 44).

Os jornais, assim como os livros, são impressos levando-se em conta o público-alvo, ainda que na prática a expectativa em relação aos leitores possa não se efetivar. O autor de livros, ficcionais ou não, pretende transmitir determinadas ideias, valores, críticas e assim por diante. De maneira análoga, os editores dos jornais, neste caso os padres da Ordem de São Basílio Magno, escreviam para um público específico visando transmitir a sua visão de

mundo acerca da religião e do Evangelho e, de maneira colateral, acabavam ajudando na construção de uma *ucraneidade* não necessariamente unívoca.

O alcance dos jornais ia além dos leitores propriamente ditos, pois a leitura coletiva e/ou o fato de um membro da família saber ler garantia que a mensagem chegasse a um número bem superior de pessoas. Na Ucrânia, os “clubes de leitura” do século XIX compensavam, ao menos em parte, o baixo número de indivíduos alfabetizados, pois a leitura em voz alta ajudava na disseminação dos assuntos impressos. Algo parecido ocorria em diversas partes da Europa: “Ela [a leitura] era frequentemente feita em grupo e em voz alta” (DARNTON, 1990, p. 127)<sup>99</sup>.

A relevância dos periódicos *Prácia* e *Micionar* é grande, na avaliação do Pe. Tarcísio, redator do primeiro desde 1991. Para o sacerdote, esses jornais contribuíram de forma significativa para a manutenção do ucraniano em Prudentópolis. Mas Pe. Tarcísio também reconhece que há grande dificuldade para que o idioma subsista, pois, se há pessoas que gostam da língua e querem que o *Prácia* continue sendo impresso em ucraniano, outras já não conseguem compreendê-lo se não houver a tradução. Por essa razão, destaca, é publicada atualmente a edição bilíngue.

Pe. Antônio também atribui ao *Prácia* um papel relevante para o fato da língua ainda ser falada no município e por outros aspectos culturais ucranianos continuarem presentes:

Falar da *Prácia* como padre naturalmente podia dizer... podia ser suspeito falar de um ponto... porque a *Prácia* é nosso, basílica. Porém, eu não vejo outro veículo tão forte quanto a *Prácia* foi, talvez hoje devido aos meios eletrônicos à essa comunicação que nós temos hoje talvez não se olhe com tanto valor como se via antes. Em termos culturalmente ele manteve, preservou muito das notícias de pessoas, pessoas que recebiam notícias, por exemplo, da Ucrânia. A comunicação era muito leitura (...) Então vemos que a *Prácia* foi um dos... foi e é ainda um dos grandes veículos de comunicação entre o povo ucraniano. Porque é uma identidade que mantém as pessoas ligadas com a cultura.

O *Prácia*, como podemos perceber neste trecho da fala do Pe. Antônio, também sofre com a diminuição dos leitores, daí as edições bilíngues, conforme salientado pelo Pe. Tarcísio. Mas foi a partir de suas páginas, durante o período em que não havia

---

<sup>99</sup>A intenção aqui não é analisar o modo como as pessoas liam e leem o *Prácia* ou qualquer outro jornal ucraniano-brasileiro. O intuito é perceber como a imprensa ucraniana em Prudentópolis, ligada à Paróquia São Josafat, ajudou/ajuda no estabelecimento da fronteira étnica, e como a língua é uma característica identitária.

eletricidade/rádio/televisão/internet, que os prudentopolitanos, bem como assinantes de outros lugares, ficavam sabendo de coisas da Ucrânia.

O jornal era voltado para a comunidade de origem ucraniana por uma dupla razão: pela língua em que era escrito e por seu conteúdo, que dizia respeito ou suscitava interesse apenas, salvo exceção, a quem possuía ascendência ucraniana: “O *Prácia* se revela um elemento unificador com pretensões políticas, educacionais, bem como fortalecedor da relação de pertencimento dos imigrantes e seus descendentes à etnia ucraniana” (COSTENARO, 2016, p. 30).

Importante não esquecer que o *Prácia*, assim como o *Micionar*, é editado por membros da Igreja Ucraniana. Portanto, sua função e objetivo não podem ser pensados de modo desvinculado ao trabalho de evangelização. Essa especificidade religiosa é ressaltada pelo Pe. Adalton, que também aponta a relevância dessas publicações para a manutenção dos laços etnorreligiosos e a preservação da língua:

Os jornais ou periódicos ucranianos editados em Prudentópolis, eles têm, antes de mais nada, o objetivo de *garantir uma formação religiosa primeiramente*. A formação espiritual dos católicos ucranianos, não só de Prudentópolis, mas também de todos os fiéis da nossa Igreja que estão espalhados aí por outros estados de São Paulo e Santa Catarina. Quando você fala em manutenção da identidade ucraniana eu creio também que você pense na identidade religiosa. Que nós sabemos que os ucranianos são um povo bastante fervoroso e nesse sentido os periódicos nasceram e se mantiveram até hoje como um alimento espiritual do nosso povo. Eles eram escritos até algumas décadas exclusivamente em ucraniano né, até porque era praticamente o único material acessível ao nosso povo na sua própria língua. *Então eu acredito que o papel desses dois jornais (Prácia e o Micionar) foi o de manter unido tanto a língua quanto a religiosidade juntas* (grifo nosso).

Podemos perceber, a partir da fala do Pe. Adalton, que religiosidade, língua e imprensa fazem parte de uma mesma equação, ainda que a existência de cada uma dessas esferas não dependa de forma irremediável das outras. Tanto Pe. Antônio como Pe. Adalton atribuem ao *Prácia* a função de elo entre os descendentes dos imigrantes e a Ucrânia.

O fato de o *Prácia* ser propriedade da Igreja também ajuda a explicar sua longevidade e vitalidade. Os padres possuem poder simbólico sobre os fiéis e, no caso dos ucranianos, isso é bastante evidente. O contraste pode ser estabelecido com as publicações da *intelligentsia* ucraniana, principalmente aquela ligada à *Prosvita*. Conforme apontado no início deste capítulo, os jornais desta vertente não lograram êxito no Brasil, ao contrário dos de cunho

religioso. A Ordem Basiliiana, além de dispor de maior poder econômico, possuía poder simbólico sobre a comunidade de imigrantes e descendentes:

A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que atuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital econômico – nas suas diferentes espécies – o capital cultural e o capital social e também o simbólico, geralmente chamado de prestígio, reputação, fama, etc. (BOURDIEU, 2009, p. 134).

A posição simbólica dos editores do *Prácia* os fortalecia diante dos potenciais leitores, daí a aceitação do jornal pela comunidade. Conforme Foucault (2009) escreveu, nem todos os indivíduos possuem condições de exercer o discurso; mas os redatores, por pertencerem a uma Ordem religiosa, alcançavam o direito de estabelecer as “verdades”, tendo seu discurso reconhecido e legitimado pela Instituição (BOURDIEU, 2008, p. 57). O que possibilitou ao periódico desempenhar um triplo papel: disseminar o catecismo católico; auxiliar na manutenção da língua e da cultura; e ajudar na manutenção da identidade étnica.

Portanto, a tríade Igreja-Imprensa-Língua, não necessariamente nessa ordem, funciona perfeitamente bem no caso da imprensa basiliiana em Prudentópolis. Evidente que, conforme salientaram Pe. Tarcísio e Pe. Adalton, a primeira função destes jornais era difundir a mensagem do Evangelho e noticiar assuntos paroquiais. Com o aumento do número de fiéis, a Instituição poderia se ver compelida a publicar em língua portuguesa, pois um dos objetivos pastorais, se não o maior, é divulgar os ensinamentos bíblicos. No caso de Prudentópolis, a Igreja Ucrâniana podia se concentrar em seu rito e em sua língua, pois havia/há uma paróquia latina que atendia/atende os não descendentes de ucranianos e quem porventura não aprendesse a língua eslava. Nesse contexto, a Instituição pôde, até a década de 1990, imprimir seus materiais exclusivamente com os caracteres cirílicos.

Os padres basilianos, embora sejam os responsáveis diretos pela maior parte das publicações em língua ucraniana no município, não são os únicos membros da Igreja Ucrâniana Católica a vislumbrar nessas publicações um papel de salvaguarda da língua. As Irmãs Servas de Maria Imaculada (ISMI) e as catequistas do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus (ISCSCJ) também enxergam no *Prácia* um sustentáculo para a língua ucraniana.



As freiras Teodosia e Inês<sup>100</sup> foram sucintas e afirmaram apenas que a partir das páginas do *Prácia* e do *Micionar* é possível ao descendente de imigrantes manter contato com a língua trazida da terra natal. As catequistas Verônica e Marta, igualmente de forma breve, ressaltaram que os dois periódicos são importantes para a sobrevivência da língua e para a manutenção da identidade. A catequista Nádia fundamentou mais sua percepção a respeito do tema:

Os jornais *Prácia* e *Micionar* editados durante muito tempo em ucraniano, justificam-se pela presença maciça da etnia ucraniana no Paraná e pela necessidade de oferecer a estes imigrantes oportunidades para poderem saber as notícias gerais e também as de seu país de origem do qual tinham muita saudade. No novo modo de vida, eram assistidos pela igreja católica e associações tendo acesso aos únicos impressos na língua ucraniana, preservaram suas tradições, dentro da terra que os acolheu e lhes serviu de nova pátria.

A Igreja e suas publicações possuem, por um lado, um papel eminentemente religioso, mas, por outro lado, há o elo com a Ucrânia e a manutenção da língua. Isso demonstra que os periódicos são uma tática de manutenção da identidade, pois buscam ligar os descendentes às notícias da terra dos antepassados, ao mesmo tempo em que mantêm vivo o sentimento de pertencimento.

Um dos entrevistados, Emiliano (1954), apresentou vários exemplares do *Prácia*. Ele os recebia da irmã, catequista, que durante muitos anos trabalhou na tipografia dos padres basilianos auxiliando na edição do periódico. Ele disse que gostava de ler as matérias principalmente porque havia algumas notícias da Ucrânia e também porque era uma forma de exercitar a leitura.

É importante lembrar a complexidade dessa “comunidade ucraniana” em Prudentópolis. Fala-se dessa categoria, mas é difícil estabelecer a materialidade da mesma, onde começa e onde termina; quem são seus integrantes e assim por diante. A fronteira é algo fugidio, difícil de ser estabelecido.

A fronteira simbólica é uma noção vaga, mas importante e refere-se ao mundo cultural, religioso e ético-moral do grupo. Os contornos da fronteira simbólica são imprecisos, incertos e indefinidos e se constituem em espaço de tensões e conflitos voltados tanto para o interior quanto para o exterior do grupo. A fronteira simbólica é o lugar onde se vive as tradições culturais e religiosas, onde se procura reconstruir,

---

<sup>100</sup> Nome fictício a pedido da Irmã.

preservar e dar continuidade à memória histórica da comunidade. (HANICZ, 2011, p. 2).

Nesse ponto lembramos de Benedict Anderson (2008, p. 56-57), que argumenta que as comunidades, muitas vezes, senão na maioria dos casos, são imaginadas justamente por serem formadas por uma massa de indivíduos difíceis de serem identificados e descritos (SIMMEL, 2006, p. 59). Contudo, possuem pontos comuns: um desses aspectos, no caso da “comunidade ucraniana” do município, pode ser justamente o idioma.

A língua foi um fator decisivo na organização do movimento nacionalista ucraniano e na formação de uma consciência nacional (ANDERSON, 2008, p. 116). Na análise do autor, a revolução propiciada pela imprensa, após a invenção da tipografia móvel, e o uso cada vez mais frequente das línguas vernáculas nos materiais impressos consolidou uma nova era do nacionalismo e das nações, tidas também como “comunidades imaginadas”. A importância e o poder da imprensa, publicando em língua inteligível ao povo, foram tão relevantes que era imperativo ao czarismo e ao governo de Viena que o vernáculo ucraniano fosse sufocado, conforme discutido nos primeiros capítulos.

Portanto, a vinculação entre língua vernácula e imprensa é algo a ser considerado na formação de uma comunidade ou na definição de uma identidade etno-cultural; isso ajuda a compreender a longevidade do *Prácia* e do *Micionar*. A criação e manutenção de periódicos em língua falada pelo povo é, dessa forma, uma importante tática de grupos que buscam afirmação cultural, identitária ou mesmo religiosa: “Antes da época do prelo, Roma vencia facilmente todas as guerras contra a heresia na Europa Ocidental porque sempre dispôs de linhas de comunicação interna melhores do que as dos adversários” (ANDERSON, 2008, p. 74).

## 6.2 LÍNGUA UCRANIANA E RELIGIÃO: A ATUAÇÃO DOS PADRES UCRANIANOS A RESPEITO DO USO DA LÍNGUA E SUA IMPORTÂNCIA NA MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE

A partir de entrevistas com três sacerdotes ucranianos, neste item será analisada a visão dos padres a respeito da preservação da língua ucraniana em Prudentópolis. Serão levadas em conta também as informações obtidas com as demais pessoas entrevistadas, comentadas nos capítulos precedentes.

A história dos ucranianos que vieram para o Brasil está intimamente marcada pela presença da Igreja, pois, logo após a chegada das primeiras famílias, alguns imigrantes enviaram cartas para a Ucrânia solicitando a vinda de sacerdotes:

Em 1895, líderes (Teodoro Pototzkyj, Gregório Kulhchenskyi e Gregório Montchak) de Rio Claro e Mallet escreveram ao cardeal Silvestre Symbratovyth, Arcebispo de Lviv, pedindo sacerdotes. O mesmo fizeram em 1896 os imigrantes de Prudentópolis e em 1910 os de Dorizon ao novo metropolita André Cheptytskyi. (MARINHUK, s/d, p. 3).

Os primeiros padres ucranianos chegaram ao Brasil em 1896, mas eram Diocesanos, uma Ordem que permitia o matrimônio dos padres: “Ao perceber a grande tensão que se criava com o clero latino em relação à vinda de clérigos casados, os imigrantes, ansiosos por viver a sua religiosidade e pretendendo rezar no seu próprio rito, começaram a se mobilizar na busca de sacerdotes celibatários” (MARINHUK, s/d, p. 4). Em 1897 chegou a Curitiba o padre Silvestre Kizema, o primeiro sacerdote da Ordem de São Basílio Magno (OSBM) a vir para o Brasil, no mesmo ano se dirigiu para Prudentópolis (SKAVRONSKI, 2015, p. 29).

No município os padres dessa Ordem estão presentes há mais de 120 anos, e a Paróquia São Josafat já ultrapassou um século de existência: “O decreto da criação da paróquia deu-se no ano de 1904, assinado por Dom José Camargo, arcebispo de Curitiba” (METROPOLIA, a, s/d). Atualmente a Paróquia contabiliza cerca de 7000 famílias e possui 37 igrejas espalhadas por todo o município, conforme dados obtidos junto ao *site* da Metropolia (Arquidiocese) de Curitiba. Uma característica importante da Igreja Ucraniana, além de seu rito e da língua, é sua arquitetura. A construção, que apresenta cúpulas em estilo bizantino, é estruturada em forma de cruz. Além disso, não se utilizam estátuas e sim ícones, imagens pintadas (ANDREAZZA, 1996, p. 87). O altar onde é feita a consagração do pão e do vinho normalmente fica atrás de uma parede com diversos ícones, separada da assembleia e de acesso restrito (TAMANINI, 2017, p. 118).

Conforme vimos ao longo dos capítulos precedentes, a língua ucraniana permanece em grande medida com uma condição etnorreligiosa (OGLIARI, 1999, p. 30). As celebrações são os momentos em que todos os entrevistados, independentemente da idade, continuam usando o idioma. Portanto, a Igreja - tanto a Instituição como suas edificações - pode ser considerada um espaço praticado, na perspectiva certonianiana, em que a tradição linguística é preservada. O *espaço*, ao contrário do *lugar*, não é fixo e imutável, e se transforma conforme as pessoas o

vivenciam (CERTEAU, 1994). Daí que as celebrações possam ser transformadas em agentes de construção identitária. O espaço, além do seu aspecto sacralizado, pode ser praticado de modo a ser onde a língua, unida ao religioso, encontra ambiente favorável à sua perpetuação.

Os primeiros sacerdotes que vieram da Ucrânia, assim como a imensa maioria dos ucranianos que chegaram no final do século XIX, não falavam português. Portanto, havia um campo propício para que os padres basilianos desempenhassem seu papel de liderança frente aos compatriotas. Na perspectiva defendida por Bourdieu (2008, p. 93), em que o indivíduo tem seu discurso autorizado quando pertencente a uma instituição, a Igreja dava a legitimidade necessária ao trabalho dos sacerdotes. Esse amparo institucional foi fundamental nos primeiros tempos, e não apenas em Prudentópolis. Em Antônio Olyntho, o padre João Michalczuk usava sua posição para impor regras à comunidade, inclusive em assuntos privados (ANDREAZZA, 1996, p. 97).

Mas, mesmo fazendo parte da Igreja e recebendo desta a legitimação para suas palavras e ações, a autoridade do padre Michalczuk não era total e inquestionável. Seu autoritarismo, muito provavelmente proveniente de sua formação militar, foi em diversos momentos questionado. Muitos paroquianos de Antônio Olyntho, conforme o quadro pintado por Andreazza (1996, p. 125), só o toleravam justamente por se tratar de um religioso, por pertencer à Instituição Igreja e esta lhe dar suporte.

Na avaliação do Pe. Tarcísio, a Igreja possui um papel fundamental na preservação da língua:

Eu acho que aqui em Prudentópolis a língua ucraniana se conservou graças à Igreja porque as celebrações eram feitas em ucraniano e os primeiros que vieram da Ucrânia eles do começo não sabiam português (...) podemos dizer que a Igreja teve muita influência. Que todas as celebrações, inclusive até pouco tempo as prédicas, sermões eram feitas em ucraniano. Agora não né.

Pe. Tarcísio nasceu em 1938, portanto, passou a infância em um período em que falar a língua ucraniana em primeiro lugar era comum. Mesmo não tendo nascido em Prudentópolis, sua comunidade natal, na área rural do município de Guarapuava, era propícia ao uso do ucraniano. Ele compartilhou que desde menino achava interessante a atividade sacerdotal, devido ao contato com os padres ucranianos nas celebrações realizadas na capela frequentada pela família. Após formação no extinto Seminário São José, em Prudentópolis, no seminário basiliano, em Curitiba, e no Instituto Oriental, em Roma, ele iniciou sua vida

sacerdotal numa época em que toda a liturgia podia ser feita em língua ucraniana, inclusive a homilia, o famoso sermão, que toda a assembleia compreendia e respondia da maneira adequada. Mas, após mais de 50 anos como padre, ele constata que hoje já é complicada, quase impossível, uma celebração 100% na língua trazida da Ucrânia.

Lourenço: Os padres OSBM além do trabalho pastoral eles têm esse trabalho de manutenção da língua?

Pe. Tarcísio: Eles faziam até agora, mas hoje os jovens já não se importam muito porque sabe que isso não adianta, nós somos um pinga, podemos dizer, de vinho no meio do mar, dissolve. Sempre a sociedade maior ela absorve as menores. Os jovens já não, mas esses mais antigos eles gostam ainda de conservar.

O sacerdote presenciou as mudanças em relação ao uso da língua e a (re)construção da identidade ucraniana nos últimos 50 anos (no mínimo) e vivenciou a transição explicitada nos capítulos 3 e 4. Ele nasceu, cresceu e realizou sua preparação para o sacerdócio em um ambiente em que o ucraniano era majoritário e, posteriormente, viu o bilinguismo tornar-se uma realidade necessária. Na sequência, o bilinguismo aos poucos foi substituído por um estado de *diglossia*, ou seja, a língua ucraniana passou a segundo plano nas tratativas cotidianas, em favor da língua portuguesa. Essa mudança chegou a um ponto em que o ucraniano, na visão do padre, passou a ser difícil de preservar, devido ao desinteresse dos jovens. De acordo com Pe. Tarcísio, essa inflexão se acentuou no início dos anos 1990, o que coincide com a transição da terceira para a quarta geração, discutidas no capítulo 4.

Em discursos como o do Pe. Tarcísio surgem sempre expressões como “antigamente era diferente”, “no tempo dos mais velhos era de tal maneira”, e assim por diante. Nesse contexto de mudanças constantes, nem todos os atores sociais acompanham tais clivagens, e a adaptação é algo complexo (CERTEAU, 1998, p. 117). Esse tipo de discurso é perfeitamente compreensível, pois o relato e as lembranças do passado são produzidos e influenciados pelo momento presente. Como justificativa ao menos parcial para a diminuição do uso da língua ucraniana, Pe. Tarcísio salienta o domínio russo sobre a Ucrânia. Em sua visão, o fato da Rússia impor durante décadas aos ucranianos o uso da língua russa fazia com que quem estava no estrangeiro não se interessasse pelo ucraniano. O questionamento era “Aprender pra quê?”, uma vez que os russos dominavam politicamente a terra de seus ancestrais.

A esse respeito temos a já citada fala de Emiliano (1954), que julgou ser a língua ucraniana mais importante na atualidade do que no passado, pois “hoje” a Ucrânia é um país

independente, enquanto no passado era subordinada a potências estrangeiras. No século XX, mais precisamente, a subordinação se dava em relação à URSS. Vemos que no momento da fala tanto de Pe. Tarcísio como de Emiliano o presente interfere na percepção do passado, tanto que ambos falam da dominação russa após a Revolução Russa de 1917 e, principalmente, após a formação da URSS, em 1922.

Mas o contexto do qual era originária a maior parte dos imigrantes ucranianos que se instalaram em Prudentópolis era a Rússia czarista do século XIX. Portanto, nas lembranças o presente pode dar o tom das opiniões e impressões sobre a importância da perpetuação da língua: “A Ucrânia passou por momentos difíceis era um país muito humilhado pela Rússia. Passou anos e anos sob o poder da Rússia então o povo, teve um tempo que tinha vergonha de ser ucraniano. Agora, depois da independência apareceu gente que se interessa” (Pe. Tarcísio).

A narrativa do religioso deixa transparecer que a construção da identidade etno-cultural ucraniana passa necessariamente pelo uso da língua. O contato não precisa ser necessariamente conflituoso, mas no caso de russos e ucranianos, por exemplo, as aproximações não são nem um pouco amistosas, tanto no período czarista como na época soviética e mesmo atualmente (ADAM, 2008, p. 83). Quanto ao Brasil, o sacerdote também lembra que, durante a Era Vargas, o padre José Martenetz, depois ordenado o primeiro bispo ucraniano no país, precisava dar os avisos no final da missa de modo cantado/rezado para que o povo pudesse compreender, pois era proibido o uso do ucraniano:

Eu era pequeno. Eu me lembro. Mas, me lembro, lembro que perseguiam. Até meu pai foi perseguido, era proibido de segurar qualquer jornal, qualquer livro ucraniano (...). Tinha o Bispo Martenetz, eu me lembro ele não era bispo ainda, era sacerdote, queria fazer avisos e o povo do interior não compreendia nada em português naquela época. Então ele parava no meio da igreja e fazia nome do Pai e como se fosse rezando ele “olha minha gente na próxima semana a missa vai ser tal e tal dia...” e dava os avisos rezando. Chegou ao absurdo mesmo. Era bem complicado e teve até gente que apanhou (Pe. Tarcísio).

Para o Pe. Antônio, a língua ucraniana em Prudentópolis não teria razão de continuar sendo utilizada sem o viés religioso:

Lourenço: Na sua avaliação qual a importância da Igreja pra preservação da língua ucraniana em Prudentópolis?

Pe. Antônio: Eu acho que é fundamental que é a partir desse contato com a Igreja que as pessoas... vamos pensar assim: que a motivação e a preservação da língua. Se tirar o quesito religião não sei para que teria necessidade de uma língua ucraniana aqui. Tirando talvez o religioso se esvazia a cultura, tirando a cultura da religião também sofre um déficit muito grande. Tá tudo junto as coisas. Inseparáveis.

Outro sacerdote entrevistado também ressaltou a estreita ligação entre a religião e a língua, mas essa influência da Igreja não se restringiu, na avaliação dele, apenas aos atos litúrgicos propriamente ditos. O catolicismo seguido pelos descendentes de ucranianos em Prudentópolis é praticamente indissociável do idioma, e este foi praticado além do espaço sagrado.

Quanto à língua ucraniana e a Igreja, eu creio que elas estejam aqui no Brasil, na nossa realidade bastante interligadas. Isso os livros, a História comprovam e também é minha percepção pessoal. A língua ucraniana foi mantida devido a essa ligação com a parte religiosa digamos assim. Pelo fato das divinas liturgias serem em ucraniano e também todos os livros litúrgicos, durante muito tempo os materiais de catequese serem em ucraniano fizeram com que... assim colaboraram para que as famílias mantivessem a língua ucraniana na casa, na conversação. Não só a parte da celebração, da liturgia, da catequese, mas a conversação na casa, na família foi muito mantida devido também a este fator e deste fenômeno. (Pe. Adalton).

Pe. Adalton em sua fala usa um tom que poderíamos classificar de “nacionalista” e/ou que defende uma identidade dos imigrantes ucranianos e seus descendentes:

Os padres Basilianos vieram para o Brasil no ano de 1897 e essa nossa Ordem tem um caráter missionário né. Naquela época os padres que vieram pro Brasil eles vieram para atender e acompanhar esses imigrantes, então eles foram um apoio para os compatriotas vindos da Ucrânia e eles eram praticamente umas das poucas forças de pessoas instruídas que entendia a mentalidade a língua, os costumes do povo. Então desde o começo o objetivo era dar suporte religioso e cuidar para que também o povo não se perdesse, para que não se perdesse a cultura e com ela também a língua.

No novo ambiente, diante das possibilidades de contatos culturais, os ucranianos se depararam com uma situação totalmente inédita, mas em nosso contexto a presença da Igreja foi mantida ao longo dos mais de 100 anos de presença ucraniana no município. Nessas circunstâncias, em que novos interlocutores entraram em cena, as fronteiras identitárias precisaram ser (re)definidas e os sacerdotes, conforme narrativa do Pe. Adalton, se outorgaram o papel de garantir que características de identificação importantes, como a língua, se mantivessem como um sinal de distinção: “Uma cultura por si só não produz uma

identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações” (CUCHE, 2002, p. 182). O uso do idioma, no caso dos descendentes de ucranianos, é um procedimento de identificação e distinção dentro de um conjunto de aspectos de uma cultura mais ampla.

A postura dos padres em face dos imigrantes e descendentes ajudou a ratificar sua posição de autoridade sobre os fiéis e, como consequência, sua condição de ditar condutas.

Esses padres que vieram da Europa eles eram assim bastante rigorosos nisso né. Raramente eles falavam em português entre eles e cuidavam muito para que se mantivesse a língua. Hoje a realidade é um pouco diferente né, nós não temos mais padres trabalhando aqui no Brasil que sejam ucranianos. (Pe. Adalton).

Na entrevista com Sônia (1949) há referência explícita à autoridade que os padres exerciam na vida dos imigrantes e seus descendentes em Prudentópolis:

Lourenço: E o padre? Ele conversava em que língua?

Sônia: Tudo ucraniano.

Lourenço: E ele falava português?

Sônia: Eu não sei. Aqui tinha o velho Zinko. Mas Deus o livre se fosse dizer bom dia pra ele. Mas Deus o livre! Isso não se falava com ele. Os padre antigo eram assim, eles era todo ucráino, tudo era em ucráino e não tinha outra língua não.

A “opinião” dos sacerdotes é algo considerado pelos descendentes dos imigrantes. Sofia (1952) destacou que os padres conversam em língua portuguesa quando fazem visitas às famílias em datas especiais ou por alguma eventual necessidade. Mas, quando é sabido pelo religioso que na casa visitada as pessoas sabem falar o ucraniano, o sacerdote costuma dialogar em tal língua e fazer elogios à família pela manutenção desta e dos costumes. O que é relevante reter da informação de Sofia é a satisfação com que ela se referiu aos elogios dos padres.

Cecília (1942), embasada em relatos ouvidos dos pais e outras pessoas mais velhas, lembrou que *antigamente* os padres não gostavam que moças ucranianas casassem com brasileiros ou poloneses. No caso dos poloneses a contrariedade estava, muito provavelmente, relacionada aos atritos entre os dois grupos no Velho Continente. Já o motivo da oposição aos brasileiros não fica claro, mas uma possibilidade que pode ser aventada está relacionada à cor



da pele: Carlos (1985), Claudete (1980) e Adriane (1986), por exemplo, falam claramente que os mais *antigos*, em referência aos imigrantes e primeiras gerações nascidas no Brasil, não incentivavam tais uniões e por vezes declaravam abertamente tal posição.

Novamente, assim como na fala de Sofia, o que é interessante pontuar nesse trecho da entrevista de Cecília é a menção à presença e/ou tentativa de interferência na vida das pessoas. A catequista Nádia enfatizou a visão sacralizada que as famílias ucranianas, sobretudo do interior, têm dos padres: “As famílias do interior de Prudentópolis são bastante tradicionais que preservam os costumes e tradições ucranianas e para elas, a voz do padre é a voz de Deus”.

Isso reforça a tese, defendida neste item, da importância da Ordem de São Basílio Magno para a manutenção da língua e, conseqüentemente, da identidade étnica ucraniana em Prudentópolis. Mas, mesmo com a atuação da Igreja, o uso da língua diminuiu ao longo do século XX e início do XXI. Os padres reconhecem, com certa naturalidade ou resignação, as dificuldades em relação à manutenção da língua na vida cotidiana e mesmo nas celebrações: “O declínio da língua é um fenômeno muito natural. É um fato que a língua em um país estrangeiro ela vai deixar de existir cedo ou tarde. Já o fato dela ter se mantido até hoje é bastante surpreendente” (Pe. Adalton).

Para o Pe. Antônio, “a função da língua era em função do religioso. Porque quando nós vemos a religião e a cultura elas estão entrelaçadas. Então quando você não tem a religião não tem um *para quê*. Eu acho que a língua tinha uma função *para quê*”. Na avaliação do padre basiliano, a língua tinha uma função muito específica: o exercício da religiosidade. Mas essa questão religiosa abarca uma dimensão cultural ampla; dentro da própria Igreja há debates para tentar resgatar a tradição bizantina, sendo que o idioma é parte constitutiva do rito oriental (HANICZ, 2013, p. 1-4).

Não por acaso, praticamente todas as pessoas entrevistadas, independente de sua geração, declararam que é a Igreja o local em que utilizam o ucraniano. A Igreja se torna um espaço, na perspectiva de Certeau (1994), na medida em que é *praticado* pelas pessoas, pois o *espaço igreja* não se restringe às delimitações físicas do templo. Para o autor, o espaço não precisa ser físico ou delimitado, ele precisa ser *praticado*, ou seja, as características/funções/finalidades de um local são dadas pelas pessoas que o frequentam. Os modos como as pessoas vivenciam o que ocorre dentro da edificação, bem como as atividades relacionadas à religião, ainda que em outros locais, fazem da instituição um *espaço* com

significados múltiplos. Para algumas pessoas é exclusivamente local da religião, para outras pode ser também local de manutenção da língua, tradição, identidade...

O *espaço*, justamente por não ser imóvel, sofre alterações à medida que os indivíduos o praticam. Em Curitiba, conforme Tamanini (2017, p. 104), a liturgia é cada vez menos compreensível para as gerações mais jovens. Em Prudentópolis parte das celebrações já são traduzidas, sendo a homilia o momento em que mais é utilizada a língua portuguesa. Se a missa é composta por partes fixas, rezadas pelo sacerdote e respondidas pela assembleia de maneira muito parecida em quase todas as celebrações<sup>101</sup>, o sermão muda, pois mudam as leituras e o Evangelho. A homilia é uma interpretação que o sacerdote faz levando em conta não somente o texto da Bíblia, mas a comunidade em que está realizando a celebração, acontecimentos que são utilizados como exemplos, etc. Todos precisam compreender bem o que o sacerdote diz e, por esse motivo, no decorrer das décadas as homilias exclusivamente em ucraniano foram sendo substituídas por sermões em português.

Pe. Antônio conta que, em dez anos como padre, foram poucas as homilias feitas por ele em língua ucraniana; lembra que ouviu um sermão totalmente em ucraniano quando tinha cerca de dez anos de idade (ele nasceu em 1979). Essa informação vai de encontro ao que foi mencionado anteriormente a respeito da inflexão registrada na transição entre a terceira e a quarta geração, quanto ao domínio do ucraniano: ele nasceu no limite entre as duas gerações. O sermão em português é necessário, segundo ele, porque é preciso se fazer entender:

Lourenço: Qual a sua posição, traduz ou não traduz?

Pe. Antônio: Traduz! Há uma necessidade de compreensão. Hoje tem cada vez mais uma necessidade de um ver para crer de um entender para crer. Embora o verdadeiro sentido da transcendência não é muito isso. Mas isso é uma discussão mais metafísica.

Mas Pe. Antônio fez questão de enfatizar que toda tradução é infiel e que, na sua avaliação, a liturgia perde muito quando é feita em português, pois há palavras que literalmente são intraduzíveis. Deve-se levar em consideração, porém, que a língua vernácula é viva e também se transforma ao longo do tempo e das interações (BAGNO, 2001, p. 10).

As mudanças que a língua sofre, em face desses contatos, podem ser vistas como uma perda de identidade ou, pelo menos, uma reconfiguração desta:

---

<sup>101</sup> Pelo menos dentro das divisões do Ano Litúrgico: Tempo Comum, Pascal, Advento, etc.

Mas até aquilo já vem misturado se fala... existe uma parte do jornal da *Prácia*, inclusive o Pe. Tarcísio que faz que é o tal do *Iujo Chelo* é um negócio do jornal bem interessante que é uma mistura do ucraniano com o português é um espaço humorístico, mas que traz muito tom da realidade dos nossos interiores. Então essa mistura faz com que vai se perdendo aos poucos. (Pe. Antônio).

Podemos tecer uma relação entre o *Iujo Chelo*, que compõe uma parte das publicações atuais do *Prácia*, e a fala de Claudete (1980), mencionada no capítulo 4, a respeito da percepção que ela tem da língua ucraniana usada em Prudentópolis. Para nossa entrevistada, o ucraniano falado no município é um patrimônio da humanidade, pois não há igual em outros lugares; a língua evoluiu/transformou-se e, em Prudentópolis, esta mudança foi distinta de outras partes do mundo. A entrevistada atribui essa situação peculiar ao fato deste ucraniano não ter passado pelas inovações/atualizações que ocorreram na Ucrânia. Dessa forma foi possível o surgimento do *Iujo Chelo*, citado pelo Pe. Antônio.

Embora possamos usar uma metáfora e dizer que os desenvolvimentos linguísticos na Ucrânia e no Brasil são faces de uma mesma moeda, eles ocorrem de modo distinto. Na Europa as mudanças/aperfeiçoamentos/alterações ocorrem dentro de um contexto em que a língua ucraniana, mesmo com as pressões soviéticas e russas, é majoritária em parte da Ucrânia; dessa forma, lá ocorre uma transformação linguística em consonância com as mudanças da cultura em geral. No Brasil, mais especificamente em Prudentópolis, o ucraniano tem o *status* de língua estrangeira e é limitado por fronteiras étnicas.

A tradução não é apenas um desafio por conta do vocabulário, da inexistência de termos adequados na língua para a qual se traduz. A questão não é meramente gramatical, pois as pessoas “pensam” e verbalizam sentimentos na língua materna. Antônia (1942), por exemplo, disse conseguir se comunicar melhor em língua ucraniana, pois consegue verbalizar melhor aquilo que pensou.

Essa questão do “pensar” melhor na língua materna não vale apenas para os ucranianos, evidentemente; foi mencionado na Introdução o caso de um imigrante alemão que viajou até outra região para confessar-se em língua alemã (STROBEL, 2015, p. 115-116). Não se pode esquecer o contexto em que as memórias de Gustav Strobel foram escritas ou o período a que elas se referem. No caso lembrado pelo memorialista, havia em Curitiba uma minoria católica alemã frente a uma maioria luterana, sendo que o luteranismo não possui em sua doutrina a confissão a um sacerdote. Na capital paranaense há divisão quanto à religião

também entre os descendentes de ucranianos: uma parte professa o cristianismo católico, mas de rito bizantino, e outra o cristianismo ortodoxo; embora possuam a mesma origem étnica, rivalizam quanto à identificação religiosa (TAMANINI, 2017, p. 35). No caso de Prudentópolis, em que a maioria das pessoas das comunidades eram/são católicas, não era/é incomum pessoas se deslocarem de uma comunidade para outra para participar da liturgia, em razão do rito (bizantino ou latino). Há localidades que têm igreja brasileira e não ucraniana, então os descendentes de ucranianos deslocam-se de acordo, mesmo ambas as igrejas seguindo as diretrizes de Roma.

Embora a tradução da missa, ou pelo menos de parte dela, já seja feita, existe uma pressão, ainda que muitas vezes implícita, para que ela seja ampliada (SKAVRONSKI, 2015), tendo em vista que as gerações mais jovens não conseguem compreender muitos pontos das celebrações. Em Curitiba, tanto a igreja ucraniana católica quanto a ortodoxa enfrentam dificuldades, em razão da língua não ser acessível aos fiéis de todas as gerações (TAMANINI, 2017, p. 121). A Igreja ucraniana continua, em Prudentópolis pelo menos, mesclando a necessidade da adequação aos novos tempos com a manutenção da tradição:

A língua ela expressa a mentalidade de um povo. Então ela é importante nesse sentido que ela expressa aquilo que está dentro do coração, dentro da alma, ela verbaliza os pensamentos e a maneira de pensar de um povo. Então num sentido mais puro, mais original ela é importante (...) Aquele velho ditado, *toda tradução é uma traição*. Quando a gente traduz as coisas, a gente perde muito. Então é nesse sentido, eu acho assim que a língua é importante pra quem tem um pouco de conhecimento é muito mais bonito, muito mais proveitoso celebrar, ler, rezar essas orações específicas do nosso rito na língua ucraniana. (Pe. Adalton. Grifo nosso).

Pe. Adalton se refere ao adágio italiano *traduttore, traditore*, ou seja, que o tradutor é um traidor; mas o próprio conceito de tradução não é unívoco: “O próprio termo *tradução* é polissêmico e pode significar (a) o produto (ou seja, o texto traduzido); (b) o processo do ato tradutório; (c) o ofício (a atividade de traduzir); ou (d) a disciplina (o estudo interdisciplinar e/ou autônomo)” (SOUZA, 1998, p. 51). Mas, mais importante que fazer as distinções dessas acepções é ponderar que comumente se fala da existência das chamadas traduções *literais* e *livres*, as primeiras centradas na *forma* e as segundas no *sentido* da mensagem (SOUZA, 1998, p. 52).

O ditado italiano *traduttore, traditore* se refere em grande medida à ideia de que o tradutor não é fiel ao que o autor “original” escreveu, e se apregoa que a fidelidade ou equivalência deve ser buscada nesse tipo de trabalho (FARIA, 2010). Mas o problema da

ideia de *fidelidade* ou *equivalência* é que, no ato da transliteração de um texto de uma língua para outra, o trabalho nunca é exato:

Em relação à “equivalência”, portanto, ao se falar em tradução, é muito mais seguro utilizar outro termo, reportando a semelhança, similaridade, adequação do texto de chegada em relação ao texto de partida. Assim evita-se principalmente o conceito matemático daquela expressão, a qual deixa implícita a ideia de tradução como algo que é preciso, exato, simétrico e, portanto, passível de um juízo de valor pretensioso e prescritivo, sem levar em conta as inúmeras variáveis e a complexidade que compõem o processo tradutório. (FARIA, 2010, p. 92).

Os especialistas nesta temática também ressaltam as discussões acerca da possibilidade ou não de um texto ser *original* em sentido estrito, pois “o próprio autor de um texto ‘traí’ a si mesmo, e o que se chama de ‘original’ está irremediavelmente preso no âmbito das ideias formuladas ainda em pensamento” (FARIA, 2010, p. 93). Daí que a ideia da *originalidade* precise levar em conta que a língua não é um veículo perfeito, e que não consegue expressar com exatidão tudo que se pensa e sente (FARIA, 2010. P. 93).

Os padres Antônio, Adalton e Tarcísio ressaltaram esse enfrentamento: a importância da língua para a boa celebração do rito, sua relevância para a identidade e, ao mesmo tempo, a necessidade da tradução onde não é possível rezar em ucraniano. De acordo com a catequista Nádia, “quando o padre já não usa o idioma ucraniano no Evangelho e homilias, ele está colaborando para que as crianças e jovens não falem mais sua língua de origem. Os padres deveriam incentivar seus paroquianos a preservarem o idioma em primeiro lugar dando exemplo”. Essa fala da catequista pode ser interpretada a partir daquilo que Bourdieu (2008, p. 93) escreve sobre o papel das Instituições que autorizam/legitimam discursos e atuações dos indivíduos.

Por outro lado, justamente por ser amparado pela Instituição, o padre tem responsabilidade sobre seus paroquianos e, de certo modo, tem sua conduta “vigiada” por estes. Nádia, que já atuou em diversas comunidades do interior de Prudentópolis, comentou que, para que o trabalho das catequistas tenha maior efetividade, é fundamental a atuação do sacerdote local. Ela diz isso baseada em atividade desenvolvida na zona rural em que, auxiliada por outra catequista, fez trabalho em que a “catequese, leitura e escrita, cantos, teatros, [eram] somente em ucraniano”. Porém, o padre local passou repentinamente, segundo ela, a ler o Evangelho e a fazer a homilia apenas em português. Esse fato gerou contrariedade

e incompreensões na comunidade: “Após a missa, algumas *babunhas*<sup>102</sup> vinham desabafar conosco que não gostam e não entendem a fala do padre e gostariam que a *prática*<sup>103</sup> fosse em ucraniano”.

O que podemos concluir a partir da experiência da catequista, bem como do relato ouvido por ela de algumas senhoras e compartilhado conosco, é que a comunidade, pelo menos em parte, continua enxergando na Igreja e na figura do padre não apenas a questão religiosa, mas também o pertencimento étnico. A Instituição e o sacerdote ainda são vistos como responsáveis pela sobrevivência de costumes e pela não dissolução de fronteiras, e a língua faz parte desse pertencimento. Diante da liderança exercida pelos sacerdotes e do uso exclusivo da língua ucraniana nas celebrações durante tantas décadas, as traduções soam estranhas para algumas pessoas. Soam como se uma parte da identidade estivesse sendo perdida ou modificada e, nesses momentos, surgem os debates identitários (BAUMAN, 2003, p. 40-41).

A partir das entrevistas com os sacerdotes ficou claro que, na visão deles, a língua é importante para a cultura e a identidade. Mas eles também deixaram explícito que, entre manter a língua ucraniana e fazer com que a mensagem do Evangelho seja compreendida, a segunda opção será priorizada. À medida que a sociedade se laiciza ou conforme as pessoas passam a sofrer menos influência da Igreja, estariam a língua ucraniana e a identidade étnica perdidas em Prudentópolis?

Essa pergunta é difícil de ser respondida, pois não é próprio do ofício do historiador tecer previsões para o futuro. No recorte temporal da nossa análise (1940-2018) e mesmo nas décadas anteriores é relevante o papel da Igreja na construção da *ucraneidade*. Mas com as entrevistas foi possível perceber que a fronteira com o outro foi, sim, construída pela diferença no idioma, e não apenas por conta da religião. As comunidades distantes, em que o sacerdote não estava presente todos os domingos celebrando a liturgia, continuaram falando a língua dos antepassados. O que ocorreu em Prudentópolis é que, ao longo do tempo, a Igreja passou a exercer cada vez mais uma função de salvaguarda do idioma.

---

<sup>102</sup> *Babunhas* (ou *Bábas*) são mulheres idosas, normalmente mães e avós que, por costume e idade, usam lenço na cabeça.

<sup>103</sup> Homilia ou sermão.

### 6.3 A ATUAÇÃO DAS FREIRAS E CATEQUISTAS UCRANIANAS ACERCA DA LÍNGUA E SUA IMPORTÂNCIA NA MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE

No momento da chegada das freiras da Congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada (ISMI), o ucraniano era sem dúvida utilizado pela facilidade de comunicação; mas, ao longo do tempo, continuar a usar o idioma não é apenas uma questão de escolha ou apenas resultado da passagem “natural” do tempo. No caso das catequistas do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus (ISCSCJ), sua instituição foi criada em um contexto de proibição da língua, mas não da religião; portanto, a opção pela língua pode ser fruto das interações de cada contexto. E, nesse ambiente, a identidade pode ser reforçada ou redefinida, os critérios podem ser mantidos ou alterados.

A Congregação surgiu na Ucrânia em 1892 e suas primeiras religiosas chegaram ao Brasil em 1911 (METROPOLIA.b, s/d). Em Prudentópolis, sua presença junto aos imigrantes ucranianos e seus descendentes foi fundamental, e não apenas nos aspectos religioso e pastoral. Sua ação foi relevante também na área educacional, pois era comum, nas comunidades em que chegavam, assumirem ou fundarem escolas (ZAWADZKI, 1998, p. 28). As duas freiras entrevistadas, Ir<sup>a</sup> Teodósia e Ir<sup>a</sup> Inês, são professoras e atuam na rede pública. Em Prudentópolis há uma escola privada dirigida pela Congregação, mas sem necessariamente ter um caráter confessional.

Foram as freiras que realizaram grande parte da catequização nas áreas rurais do município entre 1911 e a década de 1940. Em um período em que a única língua falada pelos ucranianos e descendentes era aquela trazida da Europa, elas se esforçavam no trabalho de tradutoras do português para o ucraniano e do ucraniano para o português, conforme a necessidade (Ir<sup>a</sup> Teodósia).

O Instituto foi criado em Prudentópolis, em 1940, pelo Pe. Cristóforo Miskiw; desde então, as catequistas atuam no trabalho pastoral<sup>104</sup>. Elas também trabalham como docentes de diferentes disciplinas, conforme sua formação, tanto em colégios particulares como na rede pública. Podem ter outras profissões, mas a maioria é da área educacional (o Instituto pode receber apoio da Igreja, mas o sustento das catequistas vem de seus próprios salários). Entre

---

<sup>104</sup> Embora fundado em Prudentópolis e tendo o maior número de suas integrantes no município, as casas do Instituto não se limitaram ao local de fundação. No Brasil existem casas em Ponta Grossa, Curitiba e Ivaiporã. Na Argentina há uma casa em Oberá, província de Misiones, e no Paraguai uma em Encarnación. Além disso, algumas catequistas trabalham nos EUA (METROPOLIA.c. s/d).

seus objetivos podemos citar: “Preservação e propagação da *identidade* e espiritualidade do rito oriental ucraniano-bizantino, *da língua*, dos valores espirituais, religiosos, morais, éticos, culturais e sociais herdados dos ancestrais ucranianos” (METROPOLIAc. s/d. Grifo nosso).

Podemos perceber que o objetivo do Instituto é a preservação de uma cultura - ou de uma etno-cultura - que foi trazida da Europa. Mas, conforme já apontado, a cultura por si só não produz uma identidade: a etnicidade se dará na medida em que interações forem travadas entre indivíduos de diferentes culturas. A identidade étnica é dinâmica e, mesmo que a língua perca força como característica de distinção, isso não necessariamente significa que a etnicidade se perdeu: ela simplesmente está se transformando.

Com a chegada de Vargas ao poder, em 1930, houve um recrudescimento das políticas restritivas às línguas de diferentes grupos de origem imigrante. No Paraná, desde a década de 1920 já havia ações governamentais para fiscalizar as escolas nas colônias de imigrantes; mas foi principalmente com a instalação do Estado Novo, em 1937, que o Estado brasileiro passou a efetivamente fazer esforços para que leis antigas fossem cumpridas e a implementar nova legislação sobre o tema (RENK, 2009, p. 59). No final da década de 1930, após o início do conflito bélico mundial e depois do alinhamento brasileiro às forças contrárias à Alemanha, o cenário se complicou bastante. O contexto, que já era desfavorável aos grupos que falavam idiomas diferentes do vernáculo nacional, ficou ainda mais difícil. Nesse contexto é que o Pe. Cristóforo Myskiw fundou o Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus:

A partir daí o padre resolveu fundar uma associação de jovens professoras que pudessem ir ao interior, dar aulas, ensinar a catequese, *a língua e a cultura ucraniana sem chamar a atenção das autoridades* para crianças e jovens, assim, *o Instituto das catequistas cresce e tem o dever de preservar a língua ucraniana onde quer que estejam os membros consagrados.* (Cat. Verônica. Grifo nosso.).

Ao longo de quase 80 anos da existência do Instituto houve transformações na sociedade prudentopolitana, e a proibição e perseguição em razão do uso da língua deixaram de existir. Mas o interessante é que, em um ambiente hostil, houve uma reação à ameaça ao ucraniano. Contra a estratégia da proibição, expediente do forte, portanto, do Estado brasileiro, os imigrantes ucranianos utilizavam táticas, expediente dos mais fracos, e uma dessas táticas foi formar moças para o trabalho junto às famílias: “Eram poucos os padres e não conseguiam atender a população, assim como as irmãs Servas de Maria Imaculada, eram em poucas e suas normas e o uso do hábito impunham-lhes alguns limites” (Cat. Nádia). As



integrantes do Instituto, conforme lembra Nádia, podiam desempenhar seu papel sem chamar a atenção, e esse foi o seu grande trunfo.

Legitimadas pela Igreja e reconhecidas pela comunidade ucraniana, as catequistas puderam desempenhar seu papel, em parte, pelo fato de não se distinguirem das pessoas pela roupa e por se integrarem às comunidades onde passaram a atuar. Além do trabalho religioso, a manutenção da língua era um ponto central para elas: “A partir de sua fundação até a presente data as catequistas cultivam o idioma ucraniano, alfabetizam seus catequisandos e jovens onde trabalham e muitas vezes desabafam entre si sobre a dificuldade em manter o idioma ucraniano” (Cat. Nádia).

As catequistas foram lembradas por vários entrevistados, principalmente da primeira e da segunda geração consideradas na pesquisa. Antônio (1942) ressaltou que o que aprendeu de leitura e escrita foi graças às aulas com as catequistas, tanto na escola como no catecismo. Sofia (1952), filha de mãe polonesa, atribui parte do seu aprendizado do ucraniano às catequistas.

Dentro do clero ucraniano, sobretudo entre os padres entrevistados, o Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus é visto como uma instituição fundamental na manutenção da língua e da identidade: “Eu fui catequisado por uma catequista, eu aprendi o ucraniano com as catequistas. Então as comunidades que elas atendem, diga-se de passagem, são as comunidades que mais mantêm a nossa língua ucraniana” (Pe. Antônio). Não por acaso, em Linha Ligação, onde há uma casa das catequistas, existe um colégio estadual, bem como em Linha Herval Sede, em que a língua ucraniana faz parte da grade curricular, resultado do trabalho delas na comunidade, como lembrado pelo Pe. Antônio. Evidente que a existência da disciplina de Língua Ucraniana não garante que os estudantes aprendam, mas demonstra o esforço em minimizar ou retardar ao máximo o processo de abandono do ucraniano pelas gerações mais novas.

Pe. Adalton vai além em seu comentário: para ele, o Instituto está até mais capacitado para o enfrentamento das mudanças que acarretam a diminuição do uso do idioma. Essa condição pode ser atribuída ao modo de vida das catequistas, pois, residindo no meio da comunidade, não tomam parte apenas das atividades pastorais:

Então eu me arriscaria dizer que elas são mais conversadoras da questão da língua e dos costumes que talvez os padres e as irmãs. Porque elas têm isso no seu DNA digamos assim, elas têm nas Constituições delas isso como um princípio, elas têm

que divulgar a cultura, manter quanto mais a cultura ucraniana, a dança, a arte, o bordado, a culinária e também dentro disso a língua ucraniana. (Pe. Adalton).

Podemos somar à análise do Pe. Adalton a questão já mencionada por Nádia, quando esta relatou o episódio em que, à revelia do trabalho das catequistas, as missas em determinada comunidade passaram a ter o Evangelho e a homilia falados em português. Algo que não desagradou apenas às pessoas mais velhas, mas também à própria catequista, já que o Instituto estava se esforçando para que a língua continuasse sendo utilizada.

Conforme o Pe. Adalton, o Instituto nasceu com o intuito pastoral, mas também foi criado como tática de manutenção da identidade ucraniana em face da ameaça do rompimento dos liames identitários e da perda das características da religiosidade típica, em razão do rito e do idioma. Havia o risco da perda de parâmetros; a esse respeito, a catequista Marta fundamenta sua fala, em livro sobre o fundador do Instituto<sup>105</sup>:

As mesmas já foram fundadas com o intuito de catequisar e preservar a cultura. Pois, conforme temos descrito no livro “Cristoforo O Portador de Cristo”, página 38, livro que fala da instituição e da vida das catequistas, onde Pe. Cristoforo afirma: mesmo os padres ajudando nos trabalhos as pastorais estavam deficientes. Os jovens afastavam-se das igrejas, as crianças cresciam sem conhecer sua cultura, o rito e a língua de seus pais. Preocupado com esta realidade o Pe. Cristoforo funda as catequistas, as quais até hoje, além do trabalho profissional dedicam seu tempo para trabalhos pastorais e culturais. (Cat. Marta).

Marta chama a atenção para o momento da fundação do Instituto e as preocupações de seu fundador. Ao analisarmos o livro mencionado, verificamos que, desde a fundação, nos primeiros relatórios enviados à Cúria Geral da Ordem Basiliana em Roma, a questão identitária e a preocupação com a manutenção da língua eram objetivos fundamentais do trabalho das catequistas:

Finalidade: 1) perfeição cristã de seus membros; 2) apostolado; 3) preservação do rito ucraniano-católico e da etnia ucraniana.

Exercem o apostolado através da catequese junto às igrejas, escolas e casas particulares (...)

Empenham-se em preservar o rito e a consciência de sua origem no seu meio interno e também no meio externo através do ensino da língua e do canto. (CRISTÓFORO, 2003, p. 48).

---

<sup>105</sup> **CRISTÓFORO O portador de Cristo**: esboço biográfico do fundador do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus. Prudentópolis, 2003.

O trecho acima, extraído do esboço biográfico do Pe. Cristóforo, mostra, indo de encontro ao dito pelo Pe. Adalton, que está no DNA das catequistas a preservação da língua, e que o objetivo da criação do Instituto ia além da questão religiosa. O Instituto não só objetivava preservar o rito como defendia a cultura ucraniana como um todo. Isto pode estar relacionado à ideia de uma *cultura imigrante*, ou seja, não apenas uma cultura europeia transportada para o Brasil, mas a prática dessa cultura em contato com o cenário encontrado em terras paranaenses (ANDREAZZA; NADALIN, 1994, p. 62). A informação enviada à Cúria demonstra como a identidade estava estreitamente atrelada à língua; lembremos que a proibição de Vargas ao uso das línguas estrangeiras teria sido um dos motivos que levaram o Pe. Cristóforo a idealizar tal empreendimento.

No esboço biográfico do fundador do Instituto está pontuado que as catequistas devem “preservar o rito e a *consciência de sua origem* no seu meio interno e também no meio externo *através do ensino da língua e do canto*” (CRISTÓFORO, 2003, p. 48. Grifo nosso.). Novamente, a ênfase está na questão identitária, pois as catequistas deveriam se conscientizar da sua origem para poder despertar essa consciência na comunidade, e isso se daria a partir do ensino do idioma. Portanto, as integrantes do Instituto Secular das Catequistas desempenharam um papel religioso importante junto aos moradores das diversas localidades de Prudentópolis, e este trabalho espiritual foi sempre indissociável da linguagem e do seu ensino, pois o ensino do catecismo se deu, ao longo de mais de 70 anos, majoritariamente em ucraniano.

Atualmente as catequistas possuem o direito ao discurso, ou seja, detêm condições de exercê-lo e estabelecer “verdades”, conforme disse Foucault (2009, p. 17). Mas esse direito à fala não foi exercido desde sempre; no início as catequistas, por não usarem hábito e serem uma organização totalmente distinta do que era conhecido até então, foram alvo da desconfiança da comunidade (CRISTÓFORO, 2003, p. 8). Com o passar do tempo e com o apoio institucional da Ordem Basiliiana, o Instituto adquiriu *status* próprio, a ponto de as catequistas, na perspectiva de Bourdieu (2009, p. 134), terem seu discurso reconhecido, porque a instituição da qual fazem parte é reconhecida pela comunidade.

Mas, mesmo gozando das prerrogativas institucionais, as transformações sociais ao longo dos anos interferem no êxito de seu trabalho, sobretudo no que diz respeito à preservação da língua. As catequistas entrevistadas reconhecem que é cada vez mais difícil manter o idioma; as respostas também convergem quando questionadas sobre o ucraniano ser

um fator fundamental na identidade dos descendentes de imigrantes em Prudentópolis. A resposta de Marta está em acordo com as opiniões das outras duas catequistas consultadas:

Lourenço: Para você a língua é um fator que define a identidade ucraniana? Por quê?  
 Cat. Marta: Sim, uma vez que a identidade está em tudo que o ser humano acredita, sejam os símbolos, ritos, cultura. Tudo isso, de certa forma está permeado pela sua língua mãe que define a identidade de um povo.

Mas, assim como ainda existem crianças que, no início do século XXI, aprenderam primeiramente o ucraniano (SIMIONATO, 2012, p. 15), demonstrando a vitalidade do idioma, conforme ressaltou Ogliari (1999, p. 22), o catecismo ensinado pelas catequistas sempre que possível o privilegia, conforme informações da entrevista com Cleber (1992): “A minha [catequese] foi completa em língua ucraniana. Aí depois que eu saí da catequese foi mudando e agora a catequese já não é mais ucraniana completo”. O entrevistado frequentou o catecismo no final da década de 1990, período em que o aprendizado do português em primeiro lugar era a regra. No entanto, as catequistas ainda conseguiam dar aulas na língua eslava, atestando a continuidade na busca de objetivos traçados ainda na década de 1940, quando Pe. Cristóforo idealizou o Instituto.

O que nos interessa aqui é a atuação do clero no Brasil, especialmente em Prudentópolis, no que diz respeito à manutenção do ucraniano e, a partir deste, da identidade étnica ou etno-cultural ucraniana. No recorte espacial da pesquisa, a atuação de catequistas, padres basilianos e freiras se mostrou indissociável do idioma; à medida que este é mais ou menos dominado, há a necessidade de repensar a própria identidade ucraniana em Prudentópolis, bem como suas fronteiras étnicas.

Analisando as falas dos membros do clero que atuam no município, é possível perceber que há certa predominância de uma identidade etno-cultural, pois, de acordo com Cuche (2002, p. 176-182), a cultura é mais inconsciente, enquanto a identidade é mais uma escolha em contraste com o diferente. Essa situação é vislumbrada nas falas dos padres e em documentos como o esboço biográfico do padre Cristóforo. Outra questão importante que surge a partir da fala dos religiosos é a ideia de que, sem a Igreja e seus rituais, não haveria o porquê da manutenção do idioma. Isso nos leva a questionar: se a Igreja traduzir todos os seus rituais, acabará a identidade étnica em Prudentópolis?

O fato das pessoas deixarem de falar em língua ucraniana não necessariamente marca o fim de uma identidade étnica ou etno-cultural, pois, conforme pressupostos da teoria

barthiana, a etnicidade é uma construção. Como a identidade se dá em situações relacionais, como observou Cuche (2002, p. 182), ocorre não um abandono ou perda: o que acontece é a mudança/transformação/substituição dos fatores antes ressaltados. A diminuição do número de falantes do idioma eslavo é verificável nas entrevistas, o que nos leva a afirmar não o fim das fronteiras, mas a sua mobilidade.

É impossível prever ou afirmar o “fim da identidade étnica” caso a liturgia seja totalmente traduzida, além disso não ser de nossa competência. Mas, diante das mudanças registradas ao longo das gerações, sobretudo na transição entre a terceira e a quarta geração, há certa tendência de que, para a delimitação da fronteira étnica, logo seja necessário que outros elementos sejam utilizados e/ou reforçados, e que a língua não seja mais preponderante.

Os entrevistados da primeira e segunda geração<sup>106</sup> não usavam apenas o ucraniano porque era mais fácil ou porque a maioria das pessoas da comunidade tinha ascendência ucraniana; utilizavam-no porque ele fazia parte de um arcabouço cultural trazido e ressignificado com os contatos com culturas distintas. Mesmo após o aprendizado do português na escola e o aumento das interações com falantes da língua portuguesa, ainda havia um predomínio do idioma eslavo. Em diferentes entrevistas foi registrado que na interlocução com pessoas que não descendiam de ucranianos se falava em português, mas no ambiente doméstico ou em situações em que apenas havia pessoas ucranianas o idioma usado era o eslavo.

À medida que o aumento do número de indivíduos de outras origens nas diversas comunidades rurais e na sede urbana passou a propiciar contatos maiores, os ucranianos continuaram optando por resistir à entrada da língua portuguesa em seus lares e em conversas privadas, o que caracteriza a construção de uma diferença étnica no recorte espacial desta pesquisa. Conforme o idioma eslavo foi perdendo espaço para o português, resultando em uma situação de *diglossia*, o uso da língua trazida da Ucrânia passou a ser cada vez mais uma opção, e não apenas “resultado” do contexto de uma maioria de descendentes.

No recorte temporal analisado, embora a Igreja e a liturgia tenham sido fundamentais, não se pode afirmar de modo incontestado que, sem elas, a identidade étnica não poderia ter se construído e que as fronteiras identitárias a partir da língua teriam inexistido ou deixado de

---

<sup>106</sup> Primeira e segunda geração considerada nesse estudo.

existir. O que podemos afirmar é que, ao longo do século XX, a identidade ucraniana teve no idioma um de seus fatores de distinção, e que a Igreja contribuiu para isso.

Como em todo processo social, é impossível prever seus desdobramentos, ainda que possa ser apontada alguma tendência. Além disso, conforme dito anteriormente, não é função do historiador fazer previsão, não faz parte do seu ofício. As diferentes gerações que convivem sofrem influências mútuas, e o que é possível perceber é que a língua ucraniana paulatinamente vai sendo falada por menos pessoas, e as que a falam a usam menos porque diminui o número de interlocutores. Essa é uma situação verificada empiricamente pelas entrevistas. Mas não é possível afirmar que a identidade está acabada. Apenas podemos reforçar o caráter móvel das fronteiras étnicas e a constante construção e reconstrução identitária. Se no futuro próximo a situação se modificar, a História contará...

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preservação da identidade, embora não seja sinônimo de manutenção da cultura, ocorre em um contexto de contatos entre pessoas de diferentes origens. Quando indivíduos de procedência imigrante buscam conservar aspectos identitários, estão automaticamente contribuindo para a perpetuação de elementos que eram compartilhados individual e coletivamente no local originário e ressignificados no lugar de destino. A partir do instante em que o recém-chegado se depara com um ambiente novo, tem início um processo de ajustes que pode culminar em distintos resultados. Entre outros: a) pode ocorrer uma integração ao país de chegada, mas sem o abandono daquilo que foi trazido; b) assimilação, com a adoção de costumes do país de destino, ao preço do esquecimento das origens; c) a formação de uma identidade e de uma cultura com características diferentes da sociedade receptora, mas sem ser apenas a reprodução da herança cultural da região ou país originário.

Os ucranianos trouxeram da Europa uma cultura com alguns aspectos que podem ser destacados, caso da língua, culinária, vestuário, religiosidade, etc. Após sua fixação nas áreas rurais do atual município de Prudentópolis, a cultura trazida do Velho Continente passou por um processo de adaptação. Embora os imigrantes instalados no final do século XIX e início do XX buscassem preservar o que foi trazido da Ucrânia, em solo prudentopolitano ocorreram adaptações e ressignificações. Podemos dizer que houve a formação de uma “cultura imigrante”, ou seja, a partir do contato entre a cultura trazida e o contexto em que se instalaram se formou um arcabouço cultural diferenciado (NADALIN, 2007a, p. 14; ANDREAZZA; NADALIN, 1994, p. 62).

Dentro do contexto dessa “cultura imigrante”, o grupo *pode* reivindicar uma identidade e estabelecer uma fronteira étnica. Do final do século XIX até início dos anos 1940, marco inicial do nosso recorte cronológico, os ucranianos e seus descendentes continuaram usando a língua como fator importante de distinção em relação aos demais grupos de origem imigrante e à sociedade anfitriã. Mas, embora houvesse certa unidade nas localidades rurais nas quais se instalaram, uma vez que o número de imigrantes ucranianos era bem superior, o contato com sujeitos de diferentes origens tanto geográficas como culturais não foi inexistente. Nessas interações é que se caracteriza a fronteira étnica e se constrói a própria etnicidade.

Nos primeiros anos de vida no Brasil o uso do ucraniano prevaleceu por várias razões: a) acentuada endogamia; b) algumas Linhas eram quase exclusivamente povoadas por

ucranianos; c) não havia escolas obrigatórias em português; d) o idioma da liturgia era o ucraniano; e) a distância e a precariedade das estradas que ligavam os núcleos coloniais a centros urbanos minimizavam a necessidade do aprendizado imediato do português. Portanto, nas décadas iniciais houve certa continuidade do modo de vida desses camponeses oriundos da Galícia. No momento em que os filhos dos pioneiros, principalmente, passaram a ter maior contato com não ucranianos, em que as escolas étnicas foram desmanteladas e o vernáculo nacional foi gradativamente ganhando espaço, mas mesmo assim optavam em falar o ucraniano após o aprendizado da língua portuguesa é que a etnicidade aparece. Nesses momentos é que a língua se tornava um símbolo identitário.

A metodologia da História Oral e as implicações decorrentes da distinção dos entrevistados em quatro grupos geracionais, além das entrevistas com membros do clero, possibilitaram vislumbrar que um elemento etno-cultural, como o idioma, no Brasil se tornou um fator de distinção e de delimitação de uma fronteira étnica. Os imigrantes e seus descendentes, à medida que estabeleciam relações com pessoas que não falavam seu idioma, não apenas se davam conta da diferença como agiam de modo a preservá-la. Tal situação pôde ser percebida na medida em que o vernáculo eslavo era priorizado em conversas em ambiente doméstico, na Igreja e na comunidade de um modo geral. O português era utilizado basicamente com quem não tinha a mesma origem e fora da esfera doméstica e local. As gerações mais jovens passaram a não mais aprender a língua ucraniana em primeiro lugar, mas em determinados ambientes, como a Igreja, e com determinadas pessoas (avós e outros indivíduos mais velhos), o idioma continuou sendo usado e priorizado.

Da mesma forma que práticas e características mudam no transcorrer do tempo, as fronteiras étnicas também se alteram, justamente porque são resultado de interações. O que a diminuição do uso do vernáculo ucraniano pode revelar é a constante substituição dos fatores/elementos norteadores do pertencimento, tanto da autoidentificação como da identificação externa. Tal variação acontece justamente por decorrer de relações interculturais e também intergeracionais, o que acarreta o constante redesenho dos limites. A partir disso, percebemos que as fronteiras étnicas são porosas e, por isso mesmo, penetráveis, podendo os indivíduos serem tanto admitidos quanto excluídos do conjunto (BARTH, 2011).

À medida que diferentes gerações convivem em um mesmo período de tempo, ocorrem influências mútuas. No caso do vernáculo ucraniano, as gerações mais velhas puderam influenciar as mais jovens de modo a preservar o idioma e mantê-lo como majoritário pelo menos até a década de 1970. No lado oposto, os mais novos também



passaram a levar para dentro de casa e para o interior das comunidades cada vez mais a língua portuguesa, sobretudo a partir do momento em que as escolas em vernáculo nacional passaram a atingir um maior número de crianças e adolescentes.

As entrevistas ajudam a perceber o que ocorreu e ocorre em Prudentópolis no que diz respeito à prática da língua. Além disso, o uso do ucraniano por sujeitos de faixas etárias distintas demonstra como o processo não é linear. O fato de crianças ainda aprenderem em primeiro lugar a língua eslava, ainda que atualmente isso seja exceção, demonstra que não houve uma assimilação completa. Ocorreram modificações/adaptações, seja numa perspectiva de curta ou de longa duração (GREEN, 2008, p. 34).

Todavia, as informações obtidas com as entrevistas permitem desenhar um quadro de franca diminuição da utilização do idioma, quando se faz uma comparação entre as duas gerações mais velhas e as duas mais jovens. Essa conjuntura também configura um cenário de incertezas a respeito do uso e mesmo da sobrevivência do idioma no município. Os mais velhos e a Igreja tentam fazer um trabalho de sustentação da língua, mas, devido aos meios de comunicação de massa, à escola, aos casamentos mistos, entre outros fatores, existe cada vez menos espaço para o ucraniano.

O contraste geracional permitiu também perceber que, à medida que o tempo passa e os contatos com não-ucranianos se estreitam, há uma mudança de perspectiva. Os mais velhos são mais resistentes às inovações, enquanto os jovens tendem, ainda que provisoriamente, a se afastar ou mesmo a esconder sua identidade étnica em contextos desfavoráveis.

Cada geração possui suas especificidades/necessidades, pois, dependendo da idade, as pessoas estão mais dispostas a arriscar-se a sair da comunidade ou mais propensas a defender a tradição. Portanto, dependendo da faixa etária, homens e mulheres podem deixar transparecer mais ou menos sua etnicidade. Por isso é tão difícil determinar que a identidade étnica é a mesma para os descendentes de ucranianos nascidos entre 1940-1950 (primeira geração) e para os nascidos após meados dos anos 1990 (quarta geração); ou, ainda, que o critério que determina a fronteira étnica para uma geração seja o mesmo para outro grupo etário.

Mesmo o critério de atribuição de importância ou o fator reivindicado para distinção podendo variar, conforme a geração considerada, podemos dizer que entre os descendentes de ucranianos em Prudentópolis existe um denominador comum. O idioma foi apontado por praticamente todas as pessoas entrevistadas como uma característica relevante, e seu uso

como uma maneira de identificação. Sem esquecer, no entanto, que o domínio efetivo da língua é muito desigual de acordo com o entrevistado, considerando a geração à qual pertence, local de habitação (rural ou urbano), grau de escolaridade, etc. O papel da escola no aprendizado do português foi considerado, mas a interferência e/ou consequência de mais ou menos anos na escola acabou não sendo analisada. A relação entre o nível educacional e o maior ou menor domínio do idioma ucraniano requer nova pesquisa, com mais fontes e atenção específica.

A língua faz parte, juntamente com práticas religiosas, alimentação, músicas, danças, entre outros atributos, de uma cultura ou etno-cultura. Podemos afirmar que, no caso aqui estudado, a etnicidade a partir da língua se manifesta à medida que o idioma é mantido em materiais impressos, sobretudo periódicos editados pela Igreja; na prática da religião, quando a liturgia é realizada em vernáculo eslavo; em conversas em ucraniano diante de não falantes, com o intuito de manter certo sigilo ou intimidade, entre outros aspectos. Essa manifestação da identidade étnica a partir da linguagem se dá na medida em que se opta conscientemente por sua utilização, reforçando mais uma vez que a cultura é inconsciente, enquanto a identidade se dá a partir de vinculações e oposições (CUCHE, 2002, p. 176).

Mas, ao longo dos capítulos desta tese, após a análise das entrevistas, seria um erro pensar que a identidade étnica ucraniana permaneceu inalterada; mesmo no interior de um grupo geracional, a hipótese de algo íntegro ou que permaneceu sem mudanças seria de difícil sustentação. As discussões acerca do tema da identidade apontam muitas vezes para uma fragmentação identitária não apenas para o século XX, embora naquele período isso possa ser verificado de modo mais acurado (HALL, 2014, p. 103). O autor também ressalta que a identidade é construída dentro do discurso e não fora dele, ou seja, as identidades variam em função de jogos de poder (HALL, 2014, p. 109). No entanto, também não se pode cair em um relativismo extremo, ou seja, na ideia de que não existe qualquer unidade passível de ser analisada enquanto tal. No caso empírico deste estudo, não partimos do pressuposto de uma fragmentação identitária, mas de uma constante reconstrução da etnicidade. Os elementos usados para a definição podem sim se fragmentar e/ou serem substituídos ao longo do período.

A língua ainda representa um elo, e esse elemento de identificação está estreitamente ligado à questão religiosa. Não por acaso, a Igreja aparece como responsável, em grande medida, pelo fato de o idioma ainda ser utilizado no município, bem como em outros lugares em que existem descendentes (TAMANINI, 2017, p. 121; JACUMASSO, 2009, p. 103;

ANDREAZZA, 1996, p. 97). Porém, a Instituição enfrenta seus próprios dilemas, pois seu objetivo em última instância não é a manutenção da língua e muito menos da identidade étnica, mas sim a propagação do Evangelho; quando ela for obrigada a escolher entre manter o vernáculo e se fazer entender pela maioria, a última opção deverá ser seguida.

Portanto, a língua ucraniana em Prudentópolis vem sofrendo alterações significativas na frequência com que é utilizada, no número de seus falantes e nas situações em que é utilizada. A preservação de uma identidade, de uma *ucraneidade*, ainda passa pelo idioma, pois, se palavras são difíceis de traduzir, é mais difícil ainda a “tradução” de elementos culturais ou etno-culturais intrinsecamente ligados à língua que nomeia e dá sentido e significado às coisas, aos sentimentos, às lembranças.

Quanto às fronteiras étnicas, estas não dependem de um conjunto de elementos para sua determinação; mesmo que sejam estabelecidos alguns critérios para identificar um grupo específico, isso não resolve a questão definitivamente. Para Barth (2011, p. 188), as fronteiras não deixam de existir quando indivíduos as cruzam; elas são porosas, flexíveis e mudam constantemente em razão das interações e das necessidades do grupo. Em razão dos contatos, a língua pode ser reafirmada como uma característica étnica ou pode ser substituída (sem esquecer que dificilmente apenas um elemento é suficiente para o estabelecimento dos limites). No recorte temporal e espacial desta tese, o ucraniano ainda cumpre esse papel. Impossível precisar até quando.

No término de uma pesquisa e após a finalização da escrita de uma tese é possível responder algumas perguntas postas no início, mas muitas outras surgem. Devido ao recorte temporal, à metodologia, ao quadro teórico, às fontes e principalmente por conta do que foi proposto inicialmente, não se consegue dar conta do leque aberto no desenrolar das investigações. Por isso, as considerações finais são uma tentativa de um balanço dos resultados. Não se trata de eufemismo ou mera retórica dizer que as conclusões são provisórias e circunscritas somente ao proposto neste estudo. As dúvidas não sanadas precisarão de novas inquições e, quiçá, de novos pesquisadores.

## FONTES ORAIS

As entrevistas estão listadas de forma crescente pelo ano de nascimento do(a) colaborador(a) da pesquisa.

Tarcísio (1938). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 17 de agosto de 2018.

Olga (1941). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 25 de maio de 2017.

Antônia (1942). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 20 de janeiro de 2017.

Cecília (1942). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 20 de janeiro de 2017.

Angelina (1943). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 25 de maio de 2017.

José (1946). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 20 de janeiro de 2017.

Lúcia (1946). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 20 de janeiro de 2017.

Sônia (1949). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 25 de maio de 2017.

Rafael (1950). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 20 de janeiro de 2017.

Sofia (1952). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 20 de janeiro de 2017.

Teodósia (1952). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 23 de agosto de 2018.

Emiliano (1954). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 20 de janeiro de 2017.

Terezinha (1961). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 18 de outubro de 2017.

Verônica (1963). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 05 de setembro de 2018.

Filomena (1963). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 18 de outubro de 2017.

Lúcia (1964). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 14 de outubro de 2017.

Doroteia (1969). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 06 de agosto de 2017.

Genésio (1970). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 07 de julho de 2017.

Ana (1970). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 05 de agosto de 2017.

Nicolau (1973). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 03 de outubro de 2017.

Basílio (1973). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 18 de outubro de 2017.

Joana (1973). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 03 de outubro de 2017.

Tadeu (1976). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 06 de agosto de 2017.

Antônio (1979). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 18 de agosto de 2018.

Claudete (1980). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 25 de maio de 2017.

Márcia (1980). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 31 de outubro de 2017.

Hallysson (1982). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 15 de dezembro de 2017.

Carlos (1985). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 23 de maio de 2017.

Marta (1986). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 05 de setembro de 2018.

Adriane (1986). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 23 de maio de 2017.

Maria (1986). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 18 de outubro de 2017.

Solange (1986). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 18 de dezembro de 2017.

Luana (1991). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 22 de dezembro de 2017.

Cleber (1992). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 14 de dezembro de 2017.

Anatolia (1993). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 08 de setembro de 2017.

Edimar (1998). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 19 de dezembro de 2017.

Selene (2000). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 19 de dezembro de 2017.

Anderson (2000). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 19 de dezembro de 2017.

Jeferson (2000). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 09 de março de 2018.

Daniela (2000). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 19 de dezembro de 2017.

Luiz Miguel (2001). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 09 de março de 2018.

Isabela (2001). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 09 de março de 2018.

Lucas (2001). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 09 de março de 2018.

Jonas (2001). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 09 de março de 2018.

Adriano (2001). **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 19 de dezembro de 2017.

Irmã Inês<sup>107</sup>. **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 31 de agosto de 2018.

Nádia<sup>108</sup>. **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 31 de agosto de 2018.

Adalton<sup>109</sup>. **Entrevista** concedida a Lourenço Resende da Costa em 14 de setembro de 2018.

#### DEMAIS FONTES (IMPRESSAS E ON-LINE)

**ALFABETO CIRÍLICO.** Disponível em: <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2001166>  
Acesso em 12-05-2017.

**BRASIL. Decreto Nº 528 de 28 de junho de 1890.** Disponível em: [http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=528&tipo\\_norma=DEC&data=18900628&link=s](http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=528&tipo_norma=DEC&data=18900628&link=s). Acesso em 14/03/2013.

**BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil [recurso eletrônico].** Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação, 2018. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>. Acesso em 16/07/2018.

**COLÉGIO ESTADUAL BISPO DOM JOSÉ MARTENETZ. Projeto Político Pedagógico.** Disponível em: <http://www.pdttdomjose.seed.pr.gov.br/modules/laiae/>. Acesso em 31/05/2018.

**COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO IMACULADA CONCEIÇÃO. Projeto Político Pedagógico.** Disponível em: <http://www.pdtimaculada.seed.pr.gov.br/modules/laiae/>. Acesso em 31/05/2018.

---

<sup>107</sup> Nome fictício a pedido da entrevistada. Não declarou data de nascimento.

<sup>108</sup> Não declarou a data de nascimento.

<sup>109</sup> Não declarou a data de nascimento.

COLÉGIO ESTADUAL PADRE CRISTÓFORO MYSKIV. **Projeto Político Pedagógico.** Disponível em: <http://www.pdtcristoforo.seed.pr.gov.br/modules/noticias/>. Acesso em 31/05/2018.

COLÉGIO ESTADUAL PADRE JOSÉ ORESTES PREIMA. **Projeto Político Pedagógico.** Disponível em: <http://www.pdtjoseorestes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=14>. Acesso em 31/05/2018.

COLÉGIO ESTADUAL PREFEITO ANTÔNIO WITCHEMICHEN. **Projeto Político Pedagógico.** Disponível em: <http://www.pdtantonio.seed.pr.gov.br/modules/noticias/>. Acesso em 31/05/2018.

**CRISTÓFORO O portador de Cristo.** Esboço biográfico do fundador do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus. Prudentópolis, 2003.

**GRUPO FOLCLÓRICO UCRANIANO BRASILEIRO VESSELKA.** Disponível em: <http://vesselka.com.br/hist.htm>. Acesso em 19/07/2018.

**DICIONÁRIO DEMOGRÁFICO MULTILÍNGUE.** Fundação IBGE, 1969. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv14136.pdf>. Acesso em 01/06/2019.

FERREIRA, Jurandyr Pires (Orgs). **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros: Volume XXXI.** Rio de Janeiro: IBGE, 1959. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295\\_31.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_31.pdf). Acesso em 01/06/2019.

GUIL, Chico; FERNANDES, Josué Corrêa; FARAH, Audrey. **Prudentópolis 100 anos.** Prudentópolis: Editora Artheiros, 2006.

GUIL, Luiz Francisco. **As Linhas de Prudentópolis.** Curitiba: Arte Editora, 2015.

IBGE: **Censo demográfico: 1950.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=767>. Acesso em 18/06/2019.

IBGE: **Censo demográfico: 1960.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=768>. Acesso em 18/06/2019.



IBGE: **Censo demográfico: 1970.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=769>. Acesso em 18/06/2019.

IBGE: **Censo demográfico: 1980.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=771>. Acesso em 18/06/2019.

IBGE: **Censo demográfico: 1991.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=777>. Acesso em 18/06/2019.

IBGE: **Censo demográfico: 2000.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=787>. Acesso em 18/06/2019.

IBGE: **Censo demográfico: 2010.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=796>. Acesso em 18/06/2019.

**LÍNGUA UCRANIANA SOB DOMÍNIO RUSSO:** Disponível em: <http://www.101languages.net/ukrainian/history.html>. Acesso em 04/05/2017.

**MAPA DA UCRÂNIA E SEUS LIMITES (2010).** Disponível em: <http://www.aereo.jor.br/wp-content/uploads/2014/03/mapa-ucrania.jpg>. Acesso: 08-02-2018.

**MAPA DO IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO (1910):** Disponível em: [https://www.google.com/search?rlz=1C1CHBD\\_pt-PTBR782BR782&biw=1366&bih=657&tbm=isch&sa=1&ei=LSkNXcLzKfnO5OUPxomv8AM&q=mapa+da+imp%C3%A9rio+austro-h%C3%BAngsaro+no+s%C3%A9culo+XIX&oq=mapa+da+imp%C3%A9rio+austro-h%C3%BAngsaro+no+s%C3%A9culo+XIX&gs\\_l=img.3...121105.129179..129503...0.0..0.147.2358.18j6.....0....1..gws-wiz-img.d6wI7I\\_cJN0#imgsrc=6i2dctGn3Dh7wM](https://www.google.com/search?rlz=1C1CHBD_pt-PTBR782BR782&biw=1366&bih=657&tbm=isch&sa=1&ei=LSkNXcLzKfnO5OUPxomv8AM&q=mapa+da+imp%C3%A9rio+austro-h%C3%BAngsaro+no+s%C3%A9culo+XIX&oq=mapa+da+imp%C3%A9rio+austro-h%C3%BAngsaro+no+s%C3%A9culo+XIX&gs_l=img.3...121105.129179..129503...0.0..0.147.2358.18j6.....0....1..gws-wiz-img.d6wI7I_cJN0#imgsrc=6i2dctGn3Dh7wM). Acesso em: 21-06-2019.

**MAPA DO USO DA LÍNGUA RUSSA NAS MACRORREGIÕES DA UCRÂNIA (2003).** Disponível em: <http://sesiondecontrol.com/actualidad/internacional/rusia/la-lengua-en-ucrania-y-rusia/> Acesso em: 08/02/2018.

MARINHUKI, Pe. Mário. **Metropolia São João Batista do Rito Ucrâniano Católico.** Disponível em: <https://metropolia.org.br/wp-content/uploads/2015/03/3.7.6-Metropolia-Historia.pdf>. Acesso em 26/07/2018.

**METROPOLIA CATÓLICA UCRANIANA SÃO JOÃO BATISTA.** Paróquia São Josafat. Disponível em: <https://metropolia.org.br/eparquia/prudentopolis-sao-josafat/>. Acesso em 26/07/2018a.

**METROPOLIA CATÓLICA UCRANIANA SÃO JOÃO BATISTA.** Irmãs Servas de Maria Imaculada. Disponível em: <https://metropolia.org.br/vida-consagrada/irmas-servas-de-maria-imaculada/>. Acesso em 26/07/2018b.

**METROPOLIA CATÓLICA UCRANIANA SÃO JOÃO BATISTA.** Instituto Secular das Catequistas do S.C.J. Disponível em: <https://metropolia.org.br/vida-consagrada/instituto-secular-das-catequistas-s-c-j/>. Acesso em 26/07/2018c.

**ORIGEM DA LÍNGUA UCRANIANA.** Disponível em: [https://ukrainskamova.com/publ/zagalni\\_dani/istorija\\_ukrajinskoji\\_movi/3](https://ukrainskamova.com/publ/zagalni_dani/istorija_ukrajinskoji_movi/3) . Acesso em 10/04/2017.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação Superintendência da Educação. **INSTRUÇÃO Nº 04/2005** - SEED/SUED. 2005. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/instrucoes/instrucao042005.pdf>. Acesso em 10/03/2013.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes curriculares da Educação Básica: Língua Estrangeira Moderna.** Curitiba: SEED, 2008.

**SINOPSE PRELIMINAR DO CENSO DEMOGRÁFICO:** PARANÁ. VIII Recenseamento Geral 1970. Fundação IBGE: Rio de Janeiro, 1971. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/311/cd\\_1970\\_sinopse\\_preliminar\\_pr.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/311/cd_1970_sinopse_preliminar_pr.pdf) . Acesso em 14/06/2019.

## REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. Um ideal monolíngue. In: VERMES, Geneviève; BOUTET, Josiane (Orgs). **Multilinguismo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

ADAM, Gabriel Pessin. **As relações entre Rússia, Ucrânia e Balarus e o papel que nelas exercem os recursos energéticos**. Porto Alegre, 2008. 273 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). **Usos & abusos da história oral**. 8º Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. [Trad. Denise Bottman]. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias**: estudo de um grupo imigrante ucraniano 1895-1995. Curitiba, 1996. 412 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

ANDREAZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio Odilon. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante. In: **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. Campinas, 11. 1994.

ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: CHARTIER, Roger (ORG). **História da vida privada 3**: da Renascença ao século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 16.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. De peregrino a turista, o una breve historia de la identidad. In: HALL, Stuart. DU GAY, Paul. **Cuestiones de identidad cultural**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BOSCHILIA, Roseli T. **Entre fitas, bolachas e caixas de fósforo: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960)**. Curitiba, PR: Artes & Textos, 2010.

BORUSZENKO, Oksana. A imigração ucraniana no Paraná. In: **Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História: Colonização e migração**. São Paulo, 1969.

BORUSZENKO, Oksana. Os ucranianos. 2ª ed. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 22. N. 108. Out, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 2008.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

BURKO, Valdomiro N. **A imigração ucraniana no Brasil**. 2. ed. Curitiba: Universidade Internacional de Estudos Sociais “Pro Deo”, Roma, 1963. Monografia de Especialização.

BURKO, Vassílio. **História de Vassílio**. Trad. Doroteu Burko. Curitiba: Imprensa Oficial, 2010.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CARVALHO, José Murilo de. **Teatro de sombras: a política imperial**. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Vértice/IUPERJ, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **Leitura e leitores na França do Antigo Regime**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003.

COLOGNESE, Silvio Antonio. Gerações, fronteiras e italianidade no Sul do Brasil. In: **Revista Tempo da Ciência** (18) 36, 2º semestre 2011, p. 137-152.

COSTENARO, Eliane Crestiane Lupepsa. **Para a dona de casa: comida e identidade entre descendentes de ucranianos em Prudentópolis, PR, 1963-1976**. Irati, 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati – PR, 2013.

COSTENARO, Eliane Crestiane Lupepsa. Comida e identidade entre descendentes de ucranianos em Prudentópolis. In: PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair; COSTA, Lourenço Resende da (Orgs). **Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná**. São Leopoldo: OIKOS, 2016.

CORRENT, Nikolas. A Irmandade dos Cossacos: Os rituais pascais em Prudentópolis (PR). In: **Revista Tempo, Espaço e Linguagem -TEL**, Irati, V. 8, nº 2, p. 272-294, jul/dez, 2017.

COSTA, Lourenço Resende da. **Manifestações de Poder e Identidade em torno da língua ucraniana em Prudentópolis**. Irati, 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati - PR, 2013.

COSTA, Lourenço Resende da. O papel da escola e da Igreja na preservação da língua ucraniana em Prudentópolis. In: PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair; COSTA, Lourenço Resende da (Orgs). **Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná**. São Leopoldo: OIKOS, 2016.

COSTA, Lourenço Resende da. Identidade e Cultura: O Uso da Língua Ucraniana em Prudentópolis – PR. In: COSTA, Lourenço Resende da; SILVA, José Junio da; KOSS, Lucimara (Orgs). **Fragmentos de identidade e cultura**. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2018.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2ª ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. [Trad. Denise Bottmann]. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DAVIES, Norman. Galícia: O Reino dos Nus e dos Famintos (1773-1918). In: DAVIES, Norman. **Reinos desaparecidos: história de uma Europa quase esquecida**. Lisboa: Edições 70, 2018.

DECROSSE, Anne. Um mito histórico, a língua materna. In: VERMES, Geneviève; BOUTET, Josiane (Orgs). **Multilinguismo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

DE HEREDIA, Christine. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In: VERMES, Geneviève; BOUTET, Josiane (Orgs). **Multilinguismo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **Historia oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DOMÍNGUEZ, Maria Isabel. Generaciones y mentalidades: ¿existe una conciencia generacional entre los jovenes cubanos? In: Cuba. Construyendo futuro. M. Monereo; M. Riera y J. Valdés (Comp.). **El Viejo Topo**, España, 2000.

DOSSE, François. **História e ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

FARIA, Johnwill Costa. A tradução entre a cruz e a espada: fidelidade versus traição. In: **REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG**, Inhumas – GO. V. 2. Nº 1, março 2010.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 185-204, 2010.

FERRO, Marc. **A história vigiada**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANÇA, Alana Benini Luiz de. **Relações Ucrânia e Rússia pós URSS: Identidade e energia. Florianópolis**. Florianópolis, 2014. 55 f. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

GREEN, Nancy L. Tempo e estudo da assimilação. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, Nº 25, 2º semestre. p. 23-47, 2008.

GROSSBERG, Lawrence. Identidad y estudios culturales: ¿no hay nada más que eso?. In: HALL, Stuart. DU GAY, Paul. **Cuestiones de identidad cultural**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná**. Rio de Janeiro, 2007. 299 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.

HALL, Stuart. Introducción: ¿quién necesita “identidad”? In: HALL, Stuart. DU GAY, Paul. **Cuestiones de identidad cultural**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HANICZ, Teodoro. Religiosidade, identidade e fronteiras fluídas: algumas considerações sobre os descendentes de ucranianos no Brasil e os desafios contemporâneos. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011.

HANICZ, Teodoro. Ucranianos greco-católicos no Paraná hibridismo, rito, religiosidade e outras misturas. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013.

HAURESKO, Cecilia et ali. **Paisagens de Prudentópolis: patrimônio natural, cultural e religioso no interior do Paraná**. Guarapuava: UNICENTRO, 2015.

HIMKA, John-Paul. **Galician villagers and the ukrainian national movement in the 19<sup>th</sup> century**. Edmonton: The Canadian Institute of Ukrainian Studies, 1988.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JACUMASSO, Tadinei Daniel. **Diversidade linguística, cultural e políticas linguísticas: estudo de uma comunidade ucraniana de Irati/PR**. Cascavel, 2009, 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2009.

KOSS, Lucimara. **Comércio & Sociedade: as múltiplas funções dos armazéns de Ivay/PR na primeira metade do século XX**. Curitiba, 2013. 210 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.



LINHARES, Afonso Miguel; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Repensando o conceito de diglossia à luz de Michel de Certeau. In: **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 492-518, 2016.

LOPES, Francisco João. O bilinguismo e a problemática da diglossia no processo de Letramento: o caso de Cabo Verde e suas diásporas. In: **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**. 21 (1), 2011, p. 123-136.

LUNA, José Marcelo Freitas de. **O Português na escola Alemã de Blumenau**: da formação à extinção de uma prática – Ensinávamos e aprendíamos a Língua do Brasil. Itajaí/Blumenau: Ed. Da Univali; Ed Furb, 2000.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. Etnicidade e identidade étnica. In: Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: **Cultura Acadêmica**, 2009. 93 p. SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

MACHULA, Daline; VOLSKI, Verônica. Dança, tradição e cultura: resgate histórico de um grupo de dança folclórica ucraniana. **Revista Repertório**, Salvador, nº. 25, 2015. pp. 203-216.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. [tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera], REIS – **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, nº. 62, abr/jun 1993, pp. 193-242.

MARTINY, Franciele Maria; MENONCIN, Camila. O estudo do bilinguismo e da diglossia para uma perspectiva linguística educativa. In: **Web-Revista SOCIODIALETO**. UEMS – Campo Grande, v. 4, nº 11, nov. 2013.

MATOS, Maria Izilda S. de. Outras histórias: mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: MATOS, Izilda S. de. SOLER, Maria Angélica. (Orgs). **Gênero em debate**: trajetória e perspectiva na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

MOTTA, Alda Britto da. Gênero, idades e gerações (Introdução). In: **Cadernos CRH**, Salvador, v.7, n.42, p.349-355, set/dez. 2004.

MOTTA, Alda Britto da; WELLER, Wivian. Apresentação: A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 175-184, 2010.

MOTTA, Alda Britto da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 225-250, 2010.



NADALIN, Sergio Odilon. **História e demografia: elementos para um diálogo**. Campinas: Abep, 2004.

NADALIN, Sergio Odilon. Paraná: **Ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED, 2001.

NADALIN, Sergio Odilon. A respeito de uma demografia histórica de contatos culturais. In: **Cadernos de História**, Belo Horizonte, V. 9, nº 11, p. 11-31, 2007a.

NADALIN, Sergio Odilon. João, Hans, Johann, Johannes: dialética dos nomes de batismo numa comunidade imigrante. In: **História Unisinos**, São Leopoldo, V. 11, nº 1, p. 14-27, 2007b.

NADALIN, Sergio Odilon. A constituição das identidades nacionais nos territórios de imigração: os imigrantes germânicos e seus descendentes em Curitiba (Brasil) na virada do século XX. **Revista Del CESLA**, nº 15, 2012, pp. 55-79. Uniwersytet Warszawski, Varsóvia Polônia.

NADALIN, Sergio Odilon. **Imigração, fronteiras étnicas e sociabilidades: Questões teóricas [por uma história da comunidade evangélica luterana em Curitiba, 1866-1939]**. 2019. Inédito.

OGLIARI, Marlene Maria. **As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro**. Florianópolis, 1999. 536 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

OLIVEIRA, Márcio de; KULAITIS, Fernando. Imigrantes brasileiros no Québec: entre integração e mobilidade. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, Ano 17, n. 39 mai/ago, p. 248-275, 2015.

PASSINI, José. **Bilinguismo: utopia ou antibabel**. Juiz de Fora/Campinas: EDUFJF; Pontes, 1993.

POCHE, Bernard. A construção social da língua In: VERMES, Geneviève; BOUTET, Josiane (Orgs). **Multilinguismo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. [Trad. Ricardo Santhiago]. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

POUIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair: A imprensa ucraniana no Brasil – do *Zoriá* ao *Prácia*: permanências e discontinuidades da cultura em Prudentópolis. In: PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair; COSTA, Lourenço Resende da (Orgs). **Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná**. São Leopoldo: OIKOS, 2016.

PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933):** repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018.

RAMOS, Odinei Fabiano. **Experiências da colonização eslava no Centro-Sul do Paraná (Prudentópolis 1895-1995)**. Franca, 2012. 219 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2012.

RAMOS, Odinei Fabiano. **Ucranianos, poloneses e “brasileiros”: fronteiras étnicas e identitárias em Prudentópolis/PR**. São Leopoldo: Unisinos, 2006. (Dissertação de Mestrado).

RENK, Valquíria Elita. **Aprendi falar português na escola! O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná**. Curitiba, 2009. 243 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SAMARA, Eni de Mesquita. O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina. In: MATOS, Izilda S. de. SOLER, Maria Angélica. (Orgs). **Gênero em debate: trajetória e perspectiva na historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **História da Alimentação no Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

SAVELI, Esméria de Lourdes; TENREIRO, Maria Odete Vieira. Escolarização obrigatória no Brasil: aspectos históricos e constitucionais. **X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 07 a 10 de novembro de 2011.

SCOTT, Parry. Gerações e famílias: Polissemia, mudanças históricas e mobilidade. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 251-284, 2010.

SEGALEN, Martine. **Sociologie de la famille**. Paris: Armand Colin, 1993.

SEYFERTH, Giralda. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In: FIORE, Neide Almeida; et al (ORG). **Etnia e educação: a escola alemã no Brasil e estudos congêneres**. Florianópolis/Tubarão: Ed. Da UFSC/Editora Unisul, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 15ª. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SIMIONATO, Marta Maria. **O processo de alfabetização e a diáspora da língua materna na escola: um estudo em contexto de imigração ucraniana no sul do Brasil**. Florianópolis, 2012. 291 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SKAVRONSKI, Maria Inêz Antonio. **Rezar e Benzer: rituais sagrados e identidade étnica em Prudentópolis – PR (1990-2014)**. Ponta Grossa, 2015. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

SKAVRONSKI, Maria Inêz Antonio. Entre crer e ser: rituais de bênçãos e identidade étnica dos descendentes de ucranianos em Prudentópolis. In: PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair; COSTA, Lourenço Resende da (Orgs). **Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná**. São Leopoldo: OIKOS, 2016.

SOUZA, José Pinheiro. Teorias da Tradução: uma visão integrada. In: **Revista de Letras**. Nº 20, V. ½. Jan-Dez, 1998.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **As línguas estrangeiras no contexto da história da educação brasileira: a construção de identidades**. Disponível em: <http://www.sergiofreire.com.br/HIL.pdf>. Acesso em 09-07-2011.

STROBEL, Gustav Hermann. Relatos de um pioneiro da imigração alemã no Brasil. In: NADALIN, Sergio Odilon (Org). **Memórias de Gustav Hermann Strobel. Relatos de um pioneiro da imigração alemã no Brasil**. 2ª ed. Curitiba: Instituto Memória, 2015.

TAMANINI, Paulo Augusto. As reminiscências da diáspora ucraniana na cidade de Papanduva (SC): um passado relembrado. **Revista Confluências Culturais**, Joinville, v. 5, n. 1, p. 57-68, 2016.

TAMANINI, Paulo Augusto. **A prece ucraniana na pressa da cidade: as renegociações das práticas religiosas ucranianas nos espaços da cidade de Curitiba a partir de 1960.** Curitiba: CRV, 2017.

TELEGINSKI, Neli Maria. **Sensibilidades na cozinha: a transmissão das tradições alimentares entre descendentes de imigrantes poloneses no Centro-Sul do Paraná, século XX.** Curitiba, 2016. 355 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Uma escola teuto-brasileira em Curitiba: o Colégio da Divina Providência. In: FIORE, Neide Almeida; et al (ORG). **Etnia e educação: a escola alemã no Brasil e estudos congêneres.** Florianópolis/Tubarão: Ed. Da UFSC/Editora Unisul, 2003.

VILLAR, Diego. Uma abordagem crítica do conceito de “etnicidade” na obra de Fredrik Barth. **Revista Mana**, N° 10 (1), p. 165-192, 2004.

ZAROSKI, Nelson Gilmar. **A utilização do tempo pelos imigrantes ucranianos de Prudentópolis 1940-1960.** Curitiba: S/D, 2001. (Monografia de História da UFPR).

ZAWADZKI, Lídia. **O dialeto ucraniano na colônia Tijuco Preto.** Irati/PR: UNICENTRO, 1998. (Monografia de Especialização).

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **As escolas da colonização polonesa no Brasil.** Curitiba: Champagnat, 2002.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; INL: 1980.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

## APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Nome, idade, local de nascimento (zona rural, cidade, outro município)?
2. Descendente de ucranianos? Sempre morou na zona rural? Quanto tempo faz que mora na cidade?
3. Entre os ancestrais, quem era ucraniano (pais, avós paternos, maternos... etc)?
4. Qual a sua primeira língua? Ucraniana ou portuguesa?
5. Seus irmãos e primos-irmãos também falavam ucraniano? Era a primeira língua deles?
6. Com quem aprendeu a língua ucraniana? (pais, avós... depende da idade).
7. Por que aprendeu ucraniano? Todos da família falavam ucraniano?
8. Eles falavam português? Eles tinham dificuldade em falar em português?
9. Nas reuniões de famílias, aniversários, casamentos, sepultamentos, etc. Como era a prática da língua?
10. Quando aprendeu português? Como foi esse processo?
11. Como era a escola? Falava-se que língua nela? (Qual era o idioma praticado – primordialmente – na escola?)
12. Depois que aprendeu o português: você em casa, com os mais velhos, usava o português ou o ucraniano? E na “família”?
13. Seus pais e avós em casa tinham preferência no uso do ucraniano para falar com você? E os tios, primos, outros parentes?
14. Você conseguia conversar melhor em português ou em ucraniano com seus pais, avós?
15. Seus pais ou avós te repreendiam (ou castigavam/puniam) se em casa conversasse em português?
16. Para seus pais e avós o uso do ucraniano era apenas para facilitar a comunicação ou para eles ucraniano tinha que falar ucraniano?
17. Para você um descendente de ucraniano precisa falar ucraniano para ser considerado um ucraniano? Ou falar ucraniano já não é tão importante?
18. Além da casa, em que outros lugares você usava mais o ucraniano?
19. Suas amigas da infância, aquelas que você trocava visitas, eram amigas(as) descendentes de ucranianos também? Vocês conversavam em que língua? Por que uma e não outra?
20. Havia alguma recomendação, cuidado dos pais, para que suas amigas fossem com descendentes de ucranianos?

21. Nos seus relacionamentos da juventude: nos namoros essa questão tinha alguma importância?
22. Você lembra se haviam outras famílias não ucranianas próximas da sua casa?
23. Você brincava com as crianças dos vizinhos não ucranianos?
24. Como eram suas relações com as crianças vizinhas?
25. Em que língua conversavam? A língua causava algum problema?
26. Seu esposo(a) é (era) descendente de ucranianos? Vocês conversavam (namoravam) em ucraniano ou português? Havia alguma dificuldade na comunicação em razão do idioma?
27. Na catequese, igreja era tudo em língua ucraniana? No pátio antes da celebração e depois da celebração da missa conversava-se em português? O padre conversava em que língua? Ucraniana? Mas ele falava português?
28. Você ensinou a língua ucraniana seus filhos (netos)? Por quê?
29. O que você pensa do fato deles não falar (ou falar) o ucraniano? Sente que isso os torna mais ou menos ucranianos em sua opinião?

## APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA 2 (MEMBROS DO CLERO)

1. Nome completo?
2. Data de nascimento (dia, mês e ano)?
3. Nasceu em qual município? Passou a infância na zona urbana ou rural? Qual comunidade (caso seja no interior)?
4. Ambos os pais são descendentes de ucranianos?
5. Sua primeira língua foi ucraniana ou portuguesa? Se ucraniana quando aprendeu a falar o português?
6. Como e quando surgiu o desejo/oportunidade de seguir a vida religiosa?
7. Onde realizou seus estudos de formação?
8. Sempre trabalhou em Prudentópolis? Se não, quais outros lugares?
9. Quantos anos de vida consagrada?
10. Na sua avaliação qual a importância da Igreja para preservação da língua ucraniana em Prudentópolis? Por quê?
11. Papel Função dos Padres da Ordem de São Basílio Magno na manutenção da língua ucraniana?
12. Qual importância você atribui aos jornais editados pela Igreja em Prudentópolis para a manutenção da língua e da identidade? Especialmente o Jornal *Prácia* e o Missionar.
13. Papel das catequistas do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus na manutenção da língua ucraniana?
14. Papel das freiras da Congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada na manutenção da língua ucraniana?
15. Escolas de Línguas?
16. Grupos Folclóricos?
17. Posso afirmar que sem a atuação dos padres, freiras e catequistas a língua ucraniana teria desaparecido e/ou seria bem menos utilizada no município? Por quê?
18. O clero tem discutido a diminuição do uso da língua ucraniana?
19. Qual a posição do clero em relação à possibilidade de tradução dos rituais diante da diminuição da compreensão da língua pelas gerações mais novas? Existe esse debate?
20. Quais seriam as razões para o declínio do uso do ucraniano?
21. Qual sua avaliação sobre o uso da língua ao longo dos anos de trabalho pastoral?
22. Para você a língua é um fator que define a identidade ucraniana? Por quê?

**APÊNDICE 3 - FORMULÁRIO: COLETA DE DADOS ACERCA DA COMPOSIÇÃO  
ÉTNICA E USO DA LÍNGUA UCRANIANA ENTRE OS ALUNOS DOS COLÉGIOS  
ESTADUAIS DE PRUDENTÓPOLIS E SEUS GENITORES**

NOME COMPLETO: \_\_\_\_\_ SÉRIE: \_\_\_\_\_

COLÉGIO \_\_\_\_\_.

DATA DE NASC: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_. DATA DA CONSULTA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

MUNICÍPIO DE NASC: \_\_\_\_\_.

LOCAL DE NASC: \_\_\_\_\_.

RESIDÊNCIA ATUAL: \_\_\_\_\_.

Ascendência étnica de seus pais:

Pai:

- ☐ Ucraniana
- ☐ Polonesa
- ☐ Polonesa e ucraniana
- ☐ Polonesa e brasileira
- ☐ Ucraniana e brasileira
- ☐ Brasileira
- ☐ Outra

Mãe:

- ☐ Ucraniana
- ☐ Polonesa
- ☐ Polonesa e ucraniana
- ☐ Polonesa e brasileira
- ☐ Ucraniana e brasileira
- ☐ Brasileira
- ☐ Outra

Caso você tenha respondido possuir descendência **UCRANIANA**, qual o seu domínio em relação à língua?

<input type="checkbox"/> fala e escreve	<input type="checkbox"/> entende, mas não fala e nem escreve
<input type="checkbox"/> apenas fala	<input type="checkbox"/> não fala, não escreve e entende muito pouco

Qual o domínio da língua <b>ucraniana</b> seu <b>PAI</b> possui?	Qual o domínio da língua <b>ucraniana</b> sua <b>MÃE</b> possui?
<input type="checkbox"/> fala e escreve	<input type="checkbox"/> fala e escreve
<input type="checkbox"/> apenas fala	<input type="checkbox"/> apenas fala



<input type="checkbox"/> entende, mas não fala e nem escreve	<input type="checkbox"/> entende, mas não fala e nem escreve
<input type="checkbox"/> não fala, não escreve e entende muito pouco	<input type="checkbox"/> não fala, não escreve e entende muito pouco

Qual o domínio da língua <b>polonesa</b> seu <b>PAI</b> possui?	Qual o domínio da língua <b>polonesa</b> sua <b>MÃE</b> possui?
<input type="checkbox"/> fala e escreve	<input type="checkbox"/> fala e escreve
<input type="checkbox"/> apenas fala	<input type="checkbox"/> apenas fala
<input type="checkbox"/> entende, mas não fala e nem escreve	<input type="checkbox"/> entende, mas não fala e nem escreve
<input type="checkbox"/> não fala, não escreve e entende muito pouco	<input type="checkbox"/> não fala, não escreve e entende muito pouco

Seus pais nasceram em Prudentópolis?

**Seu pai:**

☐ Sim

Linha\_\_\_\_\_.

☐ Não

Município:\_\_\_\_\_.

**Sua mãe:**

☐ Sim

Linha\_\_\_\_\_.

☐ Não

Município:\_\_\_\_\_.

**APÊNDICE 4 - AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Entrevista Nº: \_\_\_\_\_

**DECLARAÇÃO DE ENTREVISTA**

Eu.....,nascido(a)  
em....., portador (a) da cédula de identidade  
Nº....., declaro que cedo de forma espontânea e gratuita esta  
entrevista para fins de pesquisa acadêmica para Lourenço Resende da Costa, portador da  
cédula de identidade Nº 91370808, aluno do Curso de Doutorado em História da  
Universidade Federal do Paraná - UFPR, e autorizo que meus relatos sejam parcial ou  
totalmente utilizados em produção escrita. Afirmo também estar ciente de que a presente  
entrevista será gravada em CD e que o mesmo ficará sob a posse do entrevistador por tempo  
indeterminado.

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Assinatura do entrevistador

Lourenço Resende da Costa

Prudentópolis \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_.

**APÊNDICE 5 – TABELA: PALAVRAS ADAPTADAS PARA A LÍNGUA  
UCRANIANA EM PRUDENTÓPOLIS**

Nominativo	Forma usada pelos ucranianos em Prudentópolis	Grafia ucraniano – pronúncia
Bolinha	Bolíńka	М'ячик - mnhiatchek
Fogão	Fogón	Піч - pitch
Potreiro	Potrêra	Пасовисько - pasoveshko
Moinho manual ou Mó	Jórna	Жорна - jorna
Carroça	karocca	Візок - vizok
No barranco	Ná barantczi	На березі – na berezi
Capim	Kapií	Трава - trava
Roçar	Foiçuvatê	Косити - kosete
Balé	Balét	Балет - balet
shampoo <sup>110</sup>	Xampu	Шампу shampu
Sapatão	Sapatonê	Чириви́ки - tchereveke
Sala	Salha	Зала - zala
Roça	Rócê	Поля - polhia
Banana	Banano	Банан – banan
Na geladeira	Vgeladero	В холодильнику - vxolodelhneko
Lá	tamka	Там - tam
Aqui	tutka	Тут – tut
Muito grande	Bem vélêke	Дуже велики – duje véleke

**Fonte:** Tabela elaborada pelo autor com auxílio dos professores de Língua Ucraniana Josafat Koltun e Marta Belo.

<sup>110</sup> Palavra que não têm origem portuguesa, mas foi incorporado à língua portuguesa e foi também incorporada à língua ucraniana no Brasil e pode ser ouvida em Prudentópolis.

**APÊNDICE 6 – TABELA: USO DA LÍNGUA UCRANIANA E ASCENDÊNCIA  
UCRANIANA DOS ALUNOS DOS COLÉGIOS ESTADUAIS DE PRUDENTÓPOLIS**

	TOTAL DE ALUNOS	1*	2*	3*	4*	5*
C.E Prefeito Antônio Witchemichen	50	2	2	4	28	14
C.E do Campo Cristo Rei	34	4	13	8	7	2
C.E Capitão Domingos Vieira Lopes	40	1	1	5	27	6
C.E Imaculada Conceição	79	8	4	6	36	25
C.E Padre José Orestes Preima	96	23	41	12	20	0
C.E Bispo Dom José Martenetz	38	2	4	6	15	11
C.E Papanduva de Cima	51	0	3	0	22	26
Colégios da zona urbana <sup>111</sup>	210	10	20	16	108	56
<b>TOTAL</b>	<b>598</b>	<b>50</b>	<b>88</b>	<b>57</b>	<b>263</b>	<b>140</b>

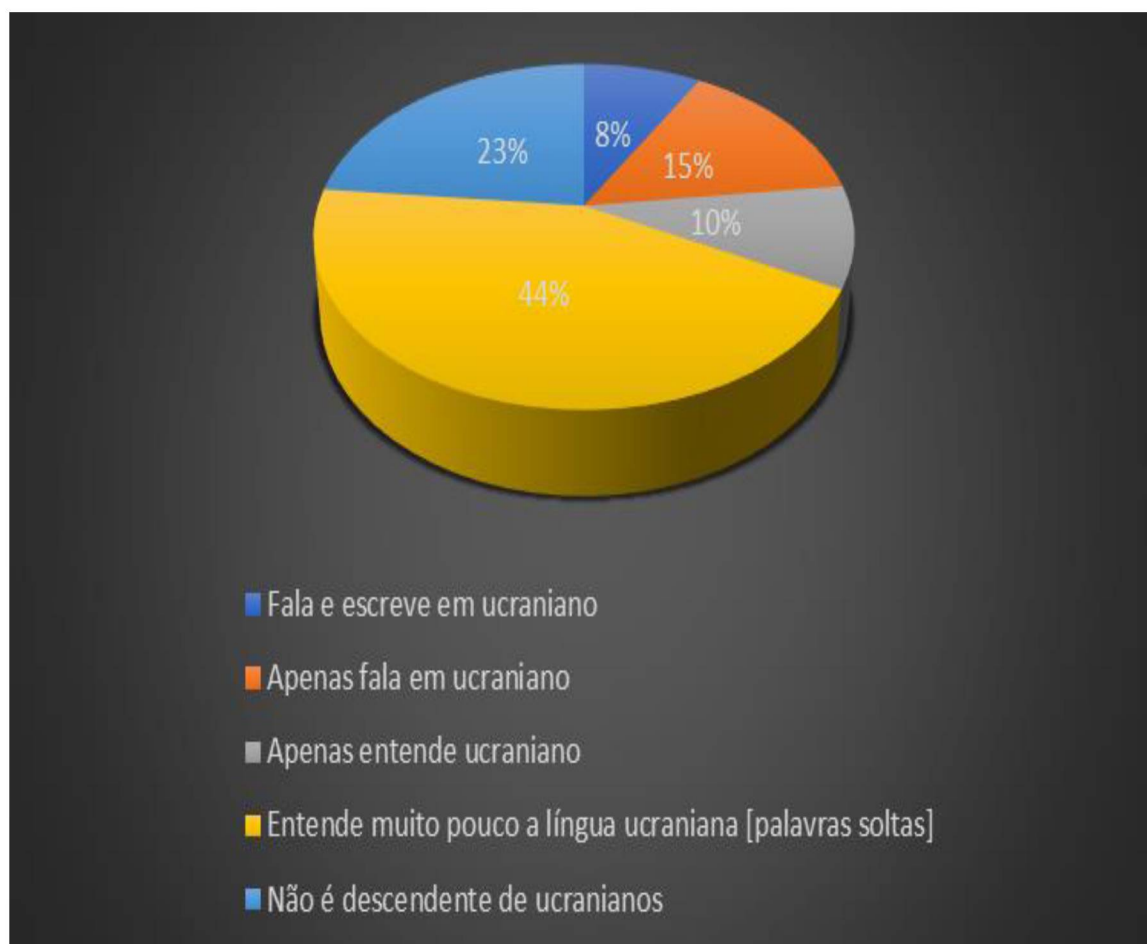
Fonte: Elaborada pelo autor.

LEGENDA: \*1: fala e escreve em ucraniano; \*2: Apenas fala em ucraniano; \*3: Apenas entende ucraniano; \*4: Entende muito pouco a língua ucraniana [palavras soltas]; \*5: nenhuma das alternativas anteriores, não é descendente de ucranianos

---

<sup>111</sup> Os colégios da zona urbana são públicos, assim como aqueles das áreas rurais. Devido a metodologia utilizada na coleta de dados os colégios do perímetro urbano consultados foram os que possuem Ensino Médio: Colégios estaduais Barão de Capanema, Vila Nova e Padre Cristoforo Miskiv.

**APÊNDICE 7 - GRÁFICO: USO DA LÍNGUA UCRANIANA E ASCENDÊNCIA UCRANIANA DOS ALUNOS DOS COLÉGIOS ESTADUAIS DE PRUDENTÓPOLIS**



Fonte: Elaborado pelo autor.

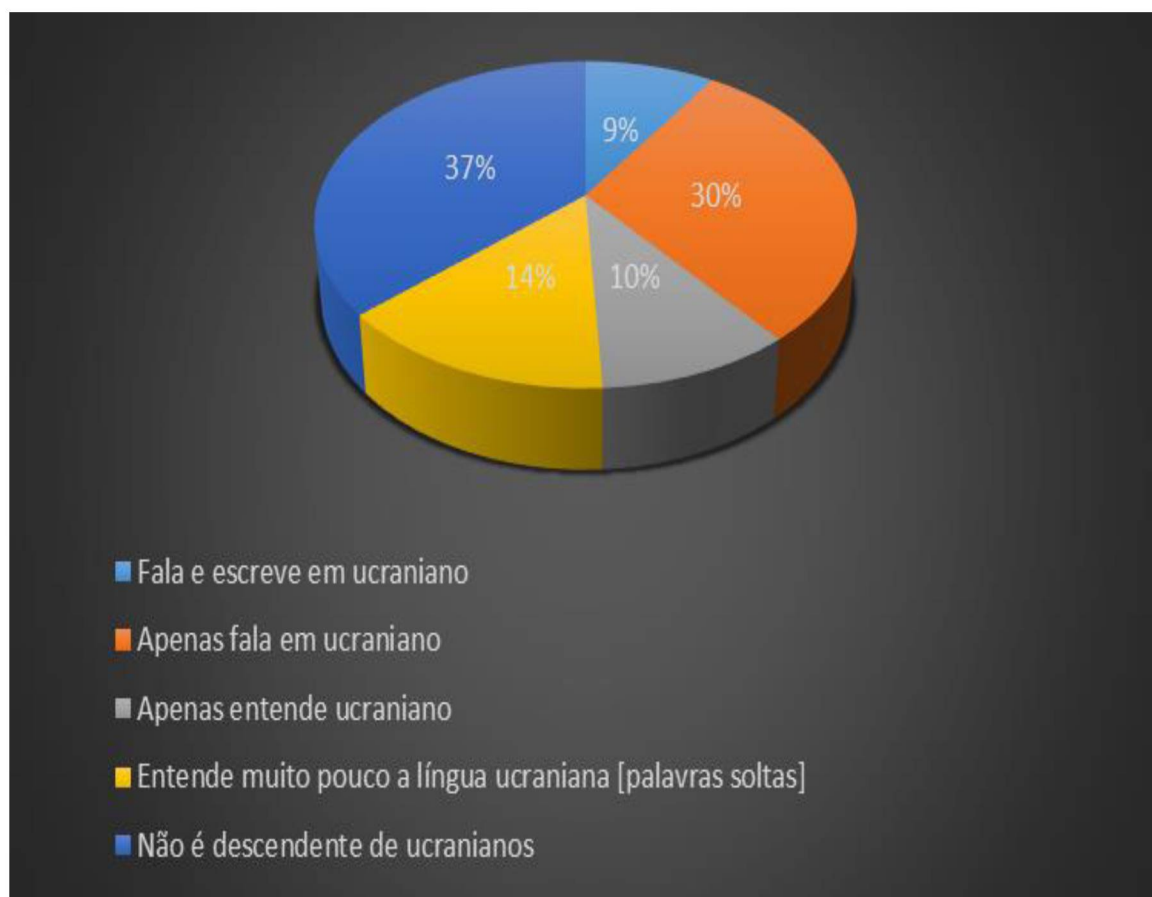
**APÊNDICE 8 - TABELA: USO DA LÍNGUA UCRANIANA E ASCENDÊNCIA  
UCRANIANA DOS PAIS DOS ALUNOS DOS COLÉGIOS ESTADUAIS DE  
PRUDENTÓPOLIS**

	<b>Pai</b>	<b>*1</b>	<b>*2</b>	<b>*3</b>	<b>*4</b>	<b>*5</b>	<b>Mãe</b>	<b>*1</b>	<b>*2</b>	<b>*3</b>	<b>*4</b>	<b>*5</b>
C.E. Prefeito Antônio Witchemichen	<b>50</b>	6	7	6	12	19	<b>50</b>	6	5	9	9	21
C.E. do Campo Cristo Rei	<b>34</b>	5	20	3	1	5	<b>34</b>	8	14	3	3	6
C.E. Capitão Domingos Vieira Lopes	<b>40</b>	3	11	5	6	15	<b>40</b>	6	8	11	8	7
C.E. Imaculada Conceição	<b>79</b>	4	16	12	14	33	<b>79</b>	8	16	7	17	31
C.E. Padre José Orestes Preima	<b>96</b>	9	67	8	7	5	<b>96</b>	25	57	4	4	6
C.E. Bispo Dom José Martenetz	<b>38</b>	5	12	3	6	12	<b>38</b>	2	11	4	7	14
C.E. Papanduva de cima	<b>51</b>	1	5	4	10	31	<b>51</b>	1	7	2	14	27
Colégios da zona urbana	<b>210</b>	22	42	18	29	99	<b>210</b>	26	44	25	40	75
<b>TOTAL</b>	<b>598</b>	55	180	59	85	219	<b>598</b>	82	162	65	102	187

Fonte: Elaborada pelo autor

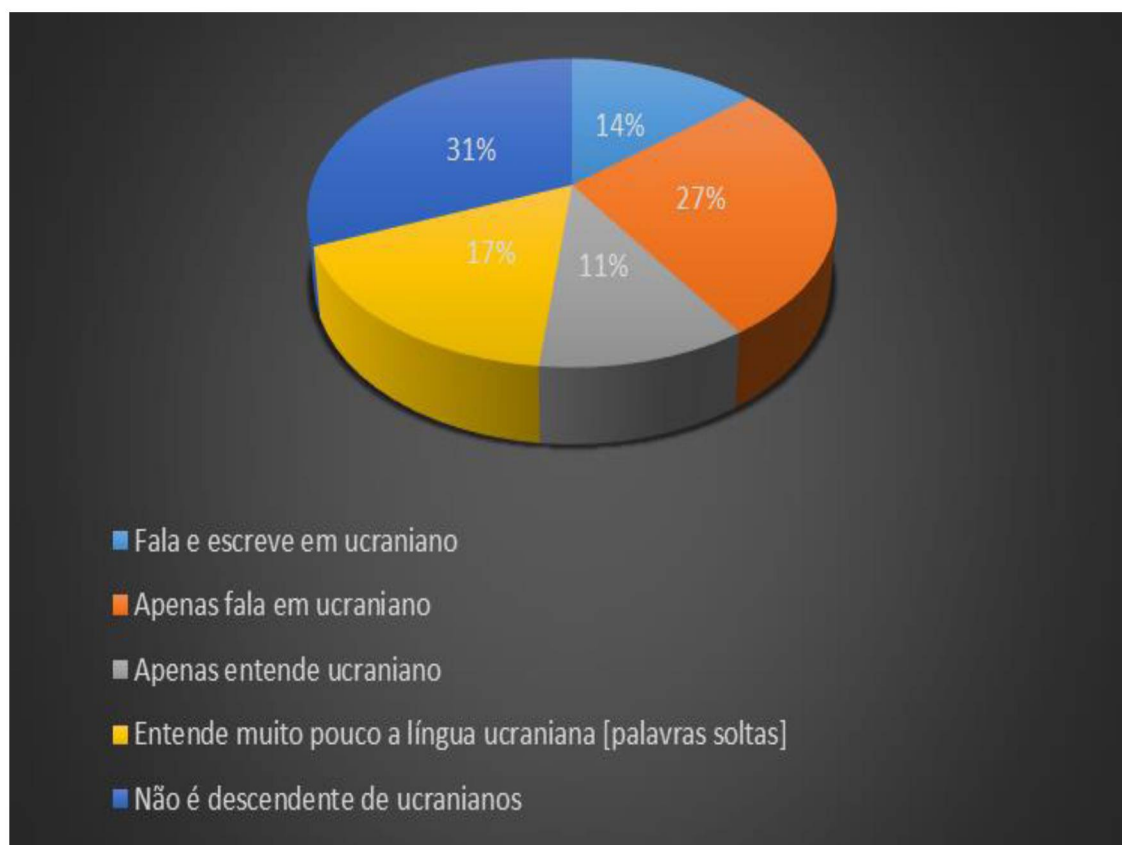
LEGENDA: \*1: fala e escreve em ucraniano; \*2: Apenas fala em ucraniano; \*3: Apenas entende ucraniano; \*4: Entende muito pouco a língua ucraniana [palavras soltas]; \*5: nenhuma das alternativas anteriores, não é descendente de ucranianos.

**APÊNDICE 9 - GRÁFICO: USO DA LÍNGUA UCRANIANA E ASCENDÊNCIA UCRANIANA DOS PAIS DOS ALUNOS DOS COLÉGIOS ESTADUAIS DE PRUDENTÓPOLIS**



Fonte: Elaborado pelo autor.

**APÊNDICE 10 - GRÁFICO: USO DA LÍNGUA UCRANIANA E ASCENDÊNCIA UCRANIANA DAS MÃES DOS ALUNOS DOS COLÉGIOS ESTADUAIS DE PRUDENTÓPOLIS**



Fonte: Elaborado pelo autor.



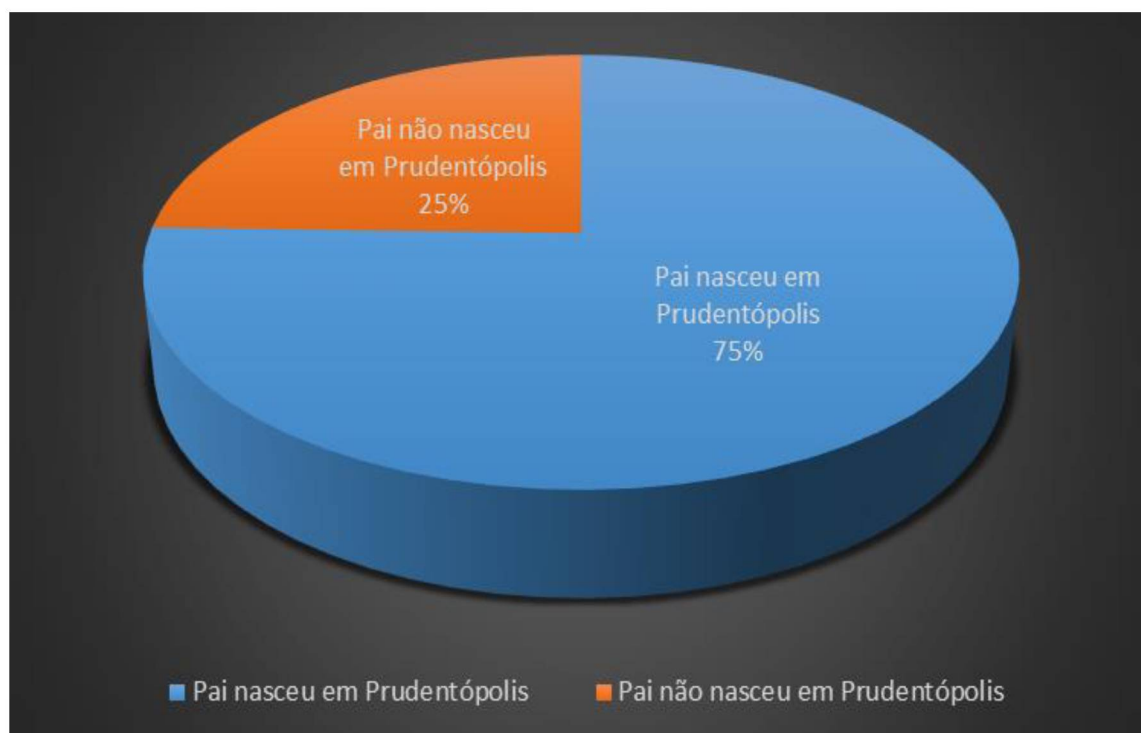
**APÊNDICE 11 - TABELA: PAIS DOS ALUNOS DOS COLÉGIOS ESTADUAIS  
DE PRUDENTÓPOLIS QUE NASCERAM NO MUNICÍPIO**

	P-P	P-ÑP	M-P	M-ÑP	TC
C.E. Padre José Orestes Preima	86	10	91	5	96
C.E. Imaculada Conceição	68	11	75	4	79
C.E. Prefeito Antônio Witchemichen	40	10	29	21	50
C.E. do Campo Cristo Rei	31	3	29	5	34
C.E. Capitão Domingos Vieira Lopes	31	9	34	6	40
C.E. Bispo Dom José Martenetz	29	9	30	8	38
C.E. Papanduva de Cima	33	18	39	12	51
Colégios da zona urbana	133	77	164	46	210
<b>TOTAL</b>	<b>451</b>	<b>147</b>	<b>491</b>	<b>107</b>	<b>598</b>

Fonte: Elaborada pelo autor.

LEGENDA: (P-P: pai nasceu em Prudentópolis); (P-ÑP: pai não nasceu em Prudentópolis); (M-P: mãe nasceu em Prudentópolis); (M-ÑP: mãe não nasceu em Prudentópolis); (T-C: total de casais consultados).

**APÊNDICE 12 - GRÁFICO: PORCENTAGEM DE PAIS DOS ALUNOS  
CONSULTADOS QUE NASCERAM EM PRUDENTÓPOLIS E EM OUTROS  
MUNICÍPIOS**



Fonte: Elaborado pelo autor.

**APÊNDICE 13 - GRÁFICO: PORCENTAGEM DE MÃES DOS ALUNOS  
CONSULTADOS QUE NASCERAM EM PRUDENTÓPOLIS E EM OUTROS  
MUNICÍPIOS**

